

NICHOLE CHASE

série royal

# De Repente



Pandora

# DADOS DE COPYRIGHT

## Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

## Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [xlivros.com](http://xlivros.com) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

***Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.***

SÉRIE  ROYAL

# De Repente

LIVRO UM

TRADUÇÃO  
Paula Rezende

N I C H O L E   C H A S E



Copyright © Nichole Chase, 2013  
Todos os direitos reservados  
Copyright © 2015 by Editora Pandorga  
Título original: Suddenly Royal

**Direção Editorial**  
Sílvia Vasconcelos  
**Assistente Editorial**  
Thaluana Meira  
**Tradução**  
Paula Rezende  
**Preparação**  
Sandra Schamas  
**Diagramação**  
Gabriella Regina  
**Composição de capa**  
Gabriella Regina  
**Revisão**  
Alline Salles (AS Edições)  
**Diagramação digital**  
Claudio Braghini Junior

TEXTO DE ACORDO COM AS NORMAS DO NOVO ACORDO ORTOGRÁFICO DA LÍNGUA PORTUGUESA  
(DECRETO LEGISLATIVO Nº 54, DE 1995)

**DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)**  
**(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

---

Chase, Nichole  
De repente, livro um / Nichole Chase ; tradução Paula Rezende.  
– São Paulo : Pandorga Editora e Produtora, 2015. (Série Royal)

Título original: Suddenly Royal  
ISBN 978-85-8442-052-0

I. Romance norte-americano I. Título. II. Série.

13.04/007-2015 CDD-813

CDD-813

---

**Índices para catálogo sistemático:**

I. Romances : Literatura norte-americana 813

2015  
IMPRESSO NO BRASIL  
PRINTED IN BRAZIL  
DIREITOS CEDIDOS PARA ESTA EDIÇÃO À  
EDITORA PANDORGA  
AVENIDA SÃO CAMILO, 899  
CEP 06709-150 - GRANJA VIANA - COTIA - SP  
TEL. (11) 4612-6404

**WWW.EDITORAPANDORGA.COM.BR**

Para Daniele, Ben, Andrew e Lily.



# Um

*Beneméritos da realeza causam  
alvoroço no campus*

— COLLEGE DAILY

**Dizer que meu dia** não estava indo bem era o mesmo que dizer que a Revolução Francesa havia sido um pouco turbulenta para Maria Antonieta. Meu carro falhou durante todo o caminho até a escola. Só metade dos alunos da minha primeira aula compareceram, e não consegui achar as provas que eu havia passado a semana toda corrigindo. Meu dia estava se transformando em uma tragédia. Quando o horário do almoço se aproximou, eu já estava mais do que pronta para um descanso. Peguei um sanduíche e comi a caminho da biblioteca. O servidor do nosso prédio não estava funcionando e eu precisava fazer uma pesquisa.

Foi então que encontrei todas aquelas pessoas. Parecia que todo o corpo estudantil estava reunido no meio da escola para um grande evento. Uma multidão de calouros dando risada abria caminho entre as pessoas, e um deles me deu uma cotovelada, fazendo com que eu derrubasse o caderno que estava carregando. As fraternidades e irmandades haviam pintado cartazes e pendurado nas árvores para receber alguém. Fiz uma careta quando notei que um deles, na verdade, era uma folha que não parecia estar muito limpa. Olhei para os cartazes, depois para a multidão e percebi que nunca

conseguiria alcançar as escadas que levavam à biblioteca. Em pé, no meio dos degraus, havia um grupo de pessoas, mas meus olhos se concentraram em um homem alto e loiro. Eu não conseguia tirar os olhos dele. Ele estava brincando com uma garota que piscava e enrolava uma mecha de cabelo no dedo.

Tentei entender o porquê de todos estarem tão animados, mas nada daquilo fazia sentido. Os doadores vinham o tempo todo até a faculdade, e a maioria dos alunos nunca percebia a presença deles. O homem em pé, no degrau, era bastante atraente e podia muito bem ser um astro do cinema, e só podia ser o motivo para toda aquela algazarra.

— Você está vendo, Sam? O príncipe? — Uma das garotas da minha primeira aula segurou meu braço.

— Príncipe? É, estou vendo. Um príncipe? Um príncipe de verdade, com coroa e trono?

Então era por isso que todas aquelas pessoas estavam em pé na neve. Um doador da realeza traria todos para fora. Um astro do cinema era uma coisa, mas um príncipe? Não se via todo dia. Eu me perguntei por que um membro da realeza faria uma doação para nossa escola, mas ficar em pé no frio assistindo um cara paquerar não estava nos meus planos. Eu tinha só um tempinho antes de precisar ir para o centro de pesquisas, e ainda tinha muita coisa para fazer.

— Ele é maravilhoso... — soltou a menina enquanto suas amigas produziam sons concordando com ela.

— É, parece que é. — Revirei os olhos.

— Até mesmo você precisa admitir que ele é sexy. — Ela riu de mim. — Que diabos isso significava? Eu não era cega. Claro que eu havia notado que ele era sexy. Mas por que aquilo era uma coisa boa para mim? Eu nunca mais o veria novamente. Ele era um príncipe!

Virando para trás, olhei para a entrada lateral e vi que ela estava bloqueada pelos policiais. Rangendo os dentes, andei pela neve em direção à entrada dos fundos. Levou uma eternidade para eu chegar lá, pois precisei desviar de milhares de pessoas. Quase tropecei em um fio e o repórter gritou comigo. Enviei a ele meu melhor olhar de “vá à merda”, mas ele não se intimidou. Quando cheguei aos degraus da entrada do fundo, estava a ponto de matar alguém.

Havia um grupo de policiais em pé na frente da porta, mas não me importei com eles. Subi a escada e fui direto em direção à entrada.

— A senhora não pode entrar aí.

— Por que não? Pago a mensalidade para poder usar a biblioteca.

— A biblioteca está fechada. Deve reabrir em uma hora, aproximadamente.

— Estarei ocupada daqui uma hora — olhei para ele com cara de cachorrinho triste —, eu só preciso usar a internet e procurar alguns livros. Por favor? Vou ser boazinha. Um de vocês pode vir comigo.

— Sinto muito.

Respirei fundo, o ar gelado ardia em meus pulmões, e virei-me na direção do estacionamento. Fui direto para minha caminhonete, liguei-o e me dirigi ao centro. O universo havia conspirado e por isso eu não conseguiria fazer o que precisava, então resolvi me concentrar na outra parte do meu trabalho.

Trabalhar com pássaros iluminava meu humor. Depois de conferir as gaiolas para ter certeza de que não havia problema algum comecei a pesar e a medir os pássaros. Quando chegou a vez de Dover, uma coruja que havia sido atropelada por um carro, murmurei baixinho. Ela havia perdido um olho, e por isso ficava nervosa quando as pessoas se aproximavam da gaiola.

— Oi, querida. É hora da comida. — Abri a porta da gaiola e cheguei perto devagar. Soltei a corda que a prendia no poleiro e dei



uma boa examinada nela.

Depois de levá-la para o escritório, pesei-a com o cuidado de observar a quantia exata em nossos registros, antes de dar comida a ela.

— Coma. Você sabe que quer comer. — Levantei o rato até seu bico, mas ela se virou. — Ah, vamos lá, Dover. É um rato gostosinho. Seu preferido.

Ela arrepiou as penas e suspirou. Dover era linda, mas dar comida a ela era um processo bastante frustrante. Levantei o rato até seu bico de novo, certificando-me de que ela estava vendo a comida com o olho bom. Delicadamente, como se estivesse me fazendo um favor, ela deu uma pequena bicada.

— Isso mesmo — cantarolei. — Coma.

Devagar ela levantou a garra e segurou o rato. Suspirei aliviada. Ela precisava comer para ganhar peso. Era assim também que administrávamos os medicamentos nela. Dover era um pássaro esperto e eu suspeitava de que ela soubesse que estávamos colocando algo a mais na comida.

Depois que ela terminou de comer, anotei algumas medidas e levei-a de volta para a gaiola, a qual conferi rapidamente e então limpei a sujeira. Verifiquei todos nossos livros de registros para ter certeza de que nada tinha sido esquecido, fiz algumas anotações sobre nosso gavião asa-de-telha que tinha uma asa machucada, e fechei a loja.

Já me sentia bem melhor no momento em que estava pronta para ir embora. Os aborrecimentos de antes não pareciam um grande problema e eu estava ansiosa para ir para casa. Depois de checar com atenção os medicamentos e a comida para o dia seguinte, apaguei as luzes e caminhei em direção à porta. Peguei as chaves para trancar o portão enquanto me aproximava da entrada. Ninguém mais chegaria ali até a manhã seguinte.

— Samantha Rousseau?

Olhei para o homem em pé do lado de fora do portão do centro de estudos. Calças escuras combinavam com um blazer preto e uma gravata clássica. As únicas coisas notáveis nele eram os caros óculos de sol, apoiados no nariz, e o pequeno aparelho escondido no ouvido, com um cordão em espiral que descia até o colarinho da camisa.

— Sim? — Terminei de trancar o portão e levantei-me. Ele não era um homem muito alto, parecia ter a idade de meu pai, mas irradiava poder. E como tenho a tendência em ter problemas com autoridade, não gostei dele de cara. Na verdade, ele não havia dado motivo algum para não gostar dele, mas as pessoas que se achavam melhores do que você ou que sabiam mais do que você me davam nos nervos.

— Você é Samantha Rousseau? — perguntou ele de novo. Ele não se apresentou nem tentou parecer simpático. Não ofereceu sua mão para que eu apertasse.

— Quem quer saber? — Pendurei a mochila no ombro enquanto me dirigia à minha velha caminhonete. O cara autoritário veio bem atrás de mim, fazendo meu pescoço se arrepiar ainda mais.

— Se você é Samantha, preciso falar com você em particular.

Joguei a mochila na parte de trás da caminhonete e virei-me para olhar para ele. Não me preocupei em esconder a irritação estampada no rosto quando percebi o quanto ele estava perto de mim.

— Bom, se eu for Samantha, você está com sorte. Não tem mais ninguém por aqui. — Virei a cabeça para o estacionamento vazio.

Nós éramos as duas únicas pessoas ali. Sua expressão gelada pareceu se acalorar um pouco e ele mexeu o rosto no que quase parecia ser um sorriso.

— Senhorita Rousseau, eu gostaria de pedir para que me acompanhe. Tem alguém que gostaria de falar com você.

— Ah, tá. Isso não vai acontecer, Sr. Nervosinho. Olha, se está aqui por causa das contas dos medicamentos do meu pai, fiz o pagamento hoje. Se ele pudesse pagar alguma coisa a mais, ele pagaria, mas como ele não pode trabalhar, duvido que isso aconteça logo. — Abri a porta da caminhonete e comecei a subir. Uma mão encostou no meu ombro e eu reagi sem pensar. Segurei os dedos dele e torci, Depois virei e, com o outro braço, tentei imobilizá-lo. Infelizmente, parecia que ele esperava por esse movimento e reagiu sem problemas. Tirando a mão de mim, desviou-se do meu golpe e afastou-se.

— Quem você pensa que é? — disse eu tirando o cabelo dos olhos.

Olhei para ele. O fato de seu sorriso estranho ter aumentado me deixou ainda mais irritada.

— Muito bem, Senhorita Rousseau. Você quase me atingiu.

O cara autoritário balançou a cabeça para mim. Cerrei os punhos ao meu lado para não atacá-lo. Que antipático...

— Aqui está meu cartão. Meu nome é Duvall. Minha patroa ficaria muito feliz se você pudesse nos encontrar para jantar hoje à noite. Ela está hospedada no Parallel e reservou mesa para vocês jantarem juntas às oito e meia no restaurante do hotel. — Olhei para seu cartão e de novo para seu rosto. Que diabos seria aquilo? O Parallel era o melhor hotel da cidade. Olhei de novo para seu cartão e notei o brasão estranho na parte de cima. Um pequeno pássaro descansava em um galho em volta de um escudo azul. Quem era esse carinha estranho que usava um aparelho no ouvido?

— Quem é a sua patroa?

— A Duquesa Rose Sverelle de Dollange.

Olhei para ele por um momento para ver se ele estava brincando. Não, seu rosto ainda estava sério. Pisquei devagar e olhei de novo para o cartão antes de olhar para o seu rosto.

— Acho que você está falando com a Samantha errada. Não tem porquê uma duquesa estar procurando por mim. — Subi até o assento do motorista e ele fechou a porta depois que coloquei a perna para dentro, tentando dar um sorriso. O sorriso ficava estranho no rosto dele, como se não estivesse acostumado a fazer aquilo com frequência. Abaixei o vidro e tentei devolver o cartão a ele, mas ele sacudiu a mão sinalizando que eu deveria guardá-lo.

— Você é Samantha Rousseau, bióloga de animais selvagens, especialista em aves de rapina? Estudante de pós-graduação, filha de Martha Rousseau?

— Ah, sou, mas... — Sacudi a cabeça quando ele se aproximou um pouco mais da janela.

— Faço meu trabalho muito bem, Senhorita Rousseau. Mandaram-me encontrar Samantha Rousseau, e eu encontrei. A duquesa tem seus motivos.

Ele encolheu os ombros.

— É claro que a falcoaria é um esporte muito importante em nosso país. Talvez tenha alguma coisa a ver com isso.

— E que país é esse? — Olhei de novo para o cartão, como se pudesse encontrar alguma resposta ali.

— Lilaria.

Ele se afastou do carro e balançou a cabeça para mim. Olhei para ele confusa. Por fim, joguei o cartão no banco do passageiro e coloquei a chave na ignição.

— Tudo bem, Duvall. Talvez eu vá ao jantar, mas sou uma pessoa bastante ocupada. Preciso olhar minha agenda primeiro. — E então engatei a marcha à ré na caminhonete e me afastei.

— Claro.

Ele balançou a cabeça para mim quando mudei a marcha e saí do estacionamento. Pela maneira como sorriu para mim, tive certeza de que ele sabia que eu estava mentindo sobre estar ocupada.

Eu o observei entrar em seu carro preto, notando, pela primeira vez, as bandeirinhas no capô. O que será que uma duquesa queria comigo? Como é que fui descoberta por uma pessoa da realeza? Apertei o botão do rádio e encostei no banco do motorista. Minha cabeça estava procurando motivos para que alguém de um país que eu mal sabia que existia quisesse falar comigo. Talvez ela estivesse interessada no centro de pesquisas. Mas por que viria atrás de mim? Não faria mais sentido se ela entrasse em contato com o Dr. Geller? Ele era o responsável em lidar com as doações ou com qualquer outro tipo de envolvimento da parte dela. Ele não estava na cidade e talvez tivesse se esquecido de me dizer que essa senhora viria até aqui.

A caminhonete falhou quando mudei o rumo e entrei na rampa de acesso à rodovia. O relógio no painel marcava quase cinco e meia. O Dr. Geller ainda devia estar no campo, portanto não adiantava ligar para ele para descobrir o que estava acontecendo. Eu teria que improvisar. Suspirei e acelerei a caminhonete. Não tinha muito tempo para me trocar e voltar para a cidade.

Não que eu tivesse outra coisa para fazer, e talvez ela quisesse ajudar o centro de pesquisas. A equipe estava se virando para usar apenas metade dos suprimentos necessários para reabilitar as aves de rapina machucadas e em tratamento. As gaiolas eram muito menores do que precisavam ser e os medicamentos eram caros. Sempre cortamos coisas do orçamento para podermos comprar mais medicamentos ou equipamento de treinamento.

Ao me aproximar da pequena casa que dividia com Jess, suspirei e parei no meio-fio. Seu namorado estava parado na minha vaga de novo, não que aquilo tivesse alguma importância, já que eu sairia

logo. Tirei a chave da ignição, pulei para fora da caminhonete e peguei minha mochila. Quando abri a porta da frente, o cheiro de chile chegou até o meu nariz e eu gemi. O cheiro era delicioso. Soltei a mochila e tirei as botas antes de entrar na cozinha.

Bert usava um avental florido e mexia o chile com uma grande colher de pau, enquanto Jess estava sentada no balcão ao lado dele. Ele levantou a colher para ela experimentar e ela riu quando um pouco da comida caiu em suas pernas. A pequena TV estava ligada em um canal que parecia de notícias, o que me surpreendeu. Jess gostava de assistir a todos os programas pré-jogos. Quando me viu, ela sorriu e acenou para mim.

— Fizemos chile! Pronta para o jogo?

— Eu me esqueci do jogo. — Olhei por cima do ombro de Bert para o chile e meu estômago roncou. — Tenho compromisso.

— Sam! — gemeu Jess. — O que pode ser mais importante do que esse jogo? É o jogo mais importante do ano.

— Todo jogo é o mais importante do ano para você. — Revirei os olhos e olhei de volta para a TV. — O que vocês estão assistindo?

— Não estamos — sussurrou Bert. Mas era tarde demais.

— Um príncipe e uma duquesa idiotas estão na cidade e todos os canais de TV estão se comportando como se isso fosse algo muito importante.

Jess olhou para a televisão.

— Não que eles sejam de um país importante ou qualquer coisa assim. Ou seja, estou perdendo as estatísticas dos outros jogos!

— Ah...

Olhei de volta para a TV, com interesse. Lá nos degraus do novo museu da universidade estava o cara bonito e uma mulher mais velha e majestosa. Ela usava tesouras douradas para cortar uma fita vermelha e acenava para as pessoas a sua volta. O príncipe conversava com uma loira perto da porta da frente. Definitivamente,

ele não era um príncipe desleixado. Não, nem um pouco desleixado. Cabelos loiros curtos, pernas compridas e ombros largos. Mesmo sem as credenciais de realeza, provavelmente ele teria chamado a atenção de todas as mulheres. E, pelo seu sorriso arrogante, era óbvio que ele sabia disso. Eu realmente desejei que ele não estivesse no jantar. Principalmente porque não queria ficar olhando para ele com cara de boba. Já estava nervosa por encontrar uma pessoa da realeza.

— Então?

A voz de Jess cortou meus pensamentos e tirei os olhos da tela.

— O que foi?

— Perguntei que compromisso é esse — gemeu Jess —, pare de ficar olhando para o Príncipe Gostosinho e preste atenção.

— Príncipe Gostosinho?

Bert tirou o avental e franziu a testa para Jess. Tentei não rir.

— Era assim que as meninas o estavam chamando. É irritante, mas fiquei com isso na cabeça. — Jess pulou do banquinho e passou os braços em volta do pescoço de Bert. Ela não era uma garota baixa, mas parecia bem mais baixinha ao lado do namorado. Tentei sair dali para evitar a troca de carinhos entre eles, mas ela não estava pronta para me deixar escapar. Ela se virou para trás e franziu a testa para mim.

— Você não respondeu!

— Vou jantar com a querida tia velha do Príncipe Gostosinho.

Sorri ao ver sua expressão chocada e fui para o meu quarto.

Eu estava olhando as roupas no meu guarda-roupa quando a porta do quarto se abriu. Jess estava olhando para mim como se eu fosse louca, e por isso apenas dei de ombros.

— Você está falando sério.

— Sim. Preciso estar no Parallel em menos de três horas.

— Ah, meu Deus. Você vai jantar com a duquesa? O Príncipe Gostosinho também vai estar lá?

Seus olhos estavam arregalados e eu franzi a testa. Seria muito melhor se alguém como Jess fosse a esse jantar. Ela era maravilhosa e as pessoas sempre gostavam dela de imediato. Eu, por outro lado, raramente conseguia me vestir bem e não conseguia me lembrar da última vez em que pintara as unhas. Para que pintar as unhas se elas estariam cheias de sujeira em algumas horas?

— Não sei sobre o Príncipe Gostosinho.

Sacudi a cabeça. Eu precisava descobrir seu nome para não correr o risco de referir-me a ele dessa maneira acidentalmente.

— Por quê?

Ela sentou na minha cama e ficou me observando enquanto eu tirava meus poucos vestidos do armário. Segurei um vestido de verão bem colorido e ela sacudiu a cabeça.

— Não sei. Um cara apareceu no meu trabalho e disse que a duquesa queria jantar comigo. Acho que o Dr. Geller se esqueceu de me avisar que ela viria. — Olhei para os vestidos que estava segurando e guardei o azul. Preto, provavelmente, era a opção mais segura. Assim, se eu derramasse alguma coisa em mim, não ficaria tão óbvio.

— Um cara disse que ela queria jantar com você. Por que acha que isso tem alguma coisa a ver com o Dr. Geller? — Jess cruzou as pernas e percebi que ela não sairia dali. — Isso parece bastante suspeito. Você tem certeza de que ele é quem diz que é?

Jess era sempre muito prática.

— Acho que sim. E se não for, então vou ter perdido apenas uma noite. — Encolhi os ombros. — Por que outra razão uma duquesa iria querer falar comigo? E ela estava na universidade mais cedo. Talvez seja uma doadora ou algo assim.

Coloquei o vestido na cama e comecei a pensar nas joias.



— Não faço a menor ideia de como falar com ela. Tipo, vou chamá-la de duquesa? Minha Senhora? Sua Alteza? Não cresci aprendendo essas coisas. Não nasci na Inglaterra.

— A internet é nossa amiga! — Jess pegou meu laptop na mesa de cabeceira e abriu-o. Digitou algumas palavras e então olhou para mim.

— Eles são de Lilaria, não é? Aqui estão dizendo que gostam bastante de pássaros, então acho que isso faz sentido.

— Tudo bem. E a realeza? — Eu me virei para o armário novamente, percebendo que não tinha casaco apropriado para a ocasião.

— Só o de sempre. Chama-se um príncipe de Sua Alteza Real. — Jess apertou os olhos enquanto lia. — Chame a duquesa de duquesa do que ela for. Mas aqui diz que você deve adotar o tipo de formalidade deles.

— Então, não devo chamá-los de Mano e Moça da Realeza?

— Acho que acertou em cheio. — Jess fechou o computador. — Você ficará bem. Apenas seja a pessoa charmosa que sei que você sabe ser.

Nota para mim mesma: não coma com as mãos nem arrote na cara deles.

— Entendi. — Sorri para Jess e ela riu.

— Vamos guardar um pouco de chile para você.

Jess levantou-se e olhou para mim.

— Me mande uma mensagem de texto quando chegar lá e me avise se isso é de verdade.

— Claro.

Sorri para ela enquanto ia para o banheiro. Era hora de me tornar apresentável. Graças a Deus, eu tinha tempo para tomar banho.



# Dois

## *A realeza em trapos*

— THE CHICAGO GAZETTE

Minha caminhonete parecia dar seu último suspiro quando cheguei ao hotel. Peguei um trânsito terrível, por isso não tive tempo de estacionar aquela coisa e evitar o constrangimento de entregá-la ao manobrista. Resmungando baixinho, tentei jogar um pouco do lixo que estava no banco para debaixo do assento antes que o manobrista abrisse a porta. Olhei para cima e sorri para o jovem.

— Sinto muito, deixei o Bentley para lavar.

— Parece que a senhora fez uma boa troca, madame. Este carro é um clássico.

Ele levantou a mão e ajudou-me a descer do carro. Sorri agradecida porque eu tinha deixado Jess me convencer a usar salto alto naquela noite. Ele me entregou o ticket e dei as chaves a ele.

Tentei não encolher quando a caminhonete fez um barulho antes de ser levada. A recepcionista me observava pela porta de vidro, então respirei fundo e mantive a cabeça erguida, rezando mentalmente para não cair de bunda no chão por causa daqueles malditos sapatos. O porteiro abriu a porta para mim, mas até mesmo ele me olhou com desdém ao me observar.

A ideia do chile já me parecia uma opção bem melhor. Pelo menos que a comida fosse decente. E que não fosse tão cara. Eu havia acabado de pagar 300 dólares ao hospital para cobrir as despesas mensais do meu pai. Uma maneira simpática de descrever minha situação era dizer que eu estava raspando o fundo do tacho. Sorri para a recepcionista, esperando que minha educação aliviasse um pouco o vexame da caminhonete.

— Oi. Vim encontrar a Duquesa Sverelle para jantar.

— Ela está esperando por você?

A voz da loira doeu em meus ouvidos. Era aguda e anasalada. Por que eles haviam escolhido uma voz daquelas para causar a primeira impressão nas pessoas? Existem inúmeras loiras com corpo de modelo que adorariam ter um emprego como esse. Ela apertou os olhos e me olhou com nojo.

— Acho que sim, afinal foi ela quem me convidou.

A operação simpatia havia chegado ao fim.

— Hã-hã. E qual é o seu nome? — A mulher olhou para a lista à sua frente com tanta seriedade que dava para pensar que aquela era uma lista com o nome de pessoas esperando por um transplante de coração.

— Samantha Rousseau.

Eu a observei enquanto ela procurava o nome na lista e então olhava de novo para mim.

— Sou da universidade.

— Entendi. Só um momento.

Ela saiu. Seu cabelo balançava atrás dela como se estivesse andando em um túnel de vento pronta para uma sessão de fotos e fiquei imaginando como ela conseguia fazer aquilo.

A loira voltou um pouco depois, acompanhada por um homem com um olhar entediado. Ele era alto, magro e mais velho, e me lembrava Alfred dos filmes do *Batman*. Mas sem o menor humor ou

a inteligência dele. Ele passou os olhos pelo meu casaco de inverno e fez cara de nojo. Ele morava ali, não morava? Como podia achar estranho usar um casaco de inverno?

— Senhorita... — Ele olhou para mim esperando que eu dissesse meu nome.

— Rousseau. Samantha Rousseau.

— Senhorita Rousseau, seu nome não está na lista.

— Tenho certeza de que é apenas um engano. — Apertei os olhos para o homem. — Talvez você pudesse confirmar com a duquesa.

— Tenho certeza de que a duquesa teria me informado se ela estivesse esperando mais alguém para o jantar. — Ele sorriu para mim e eu precisei respirar fundo antes de responder.

— Bem, como vocês parecem ser tão próximos da duquesa, ela deve ter se esquecido de avisar. — Eu me inclinei para frente. — Escute, estou só tentando cumprir um compromisso aqui. Você não pode perguntar se ela está esperando por mim?

— É contra nossa política incomodar os hóspedes durante o jantar.

— Você só pode estar brincando comigo. — Tirei o cabelo dos olhos e olhei para o mini Alfred. — Vá perguntar a ela.

— Senhorita Rousseau, este é um restaurante de respeito. Sugiro que vá embora e não provoque um escândalo. Chamarei a segurança se for necessário.

— Sugiro que você vá perguntar à duquesa se ela está esperando por mim, ou então vá em frente e chame a segurança, e pode esperar que vou armar um escândalo. E então, quando ela vir você me levando para fora do restaurante, poderá explicar a ela por que me mandou embora.

— Eu vou até lá. Só desta vez. — Ele me olhou por um bom tempo antes de suspirar bem fundo. — Se eu descobrir que você não foi convidada para o jantar, então voltarei com os seguranças.

— E poderá se desculpar quando voltar com o rabo entre as pernas.

A Operação P da Vida estava entrando em ação. Eu tinha bastante dificuldade em ficar de boca fechada quando chegava naquele estado. O homem fungou de novo e tive vontade de oferecer a ele um lenço, mas, ao invés disso, mordeu a bochecha.

— Veremos.

Ele saiu do pequeno pódio e a recepcionista loira tomou seu lugar. Ela me ignorou como se eu não estivesse ali, e por mim estava tudo bem. Eu me aproximei um pouco mais e olhei para a folha que estava na frente dela. No momento em que ela cobriu a folha com o braço, vi meu nome escrito no papel.

— Ah, isso já foi longe demais. — Eu me virei e segui rapidamente o velho homem até uma mesa no centro da sala. Aqueles imbecis estavam tentando me deixar lá fora porque achavam que aquele ali não era o meu lugar? Só por causa do meu carro ou das minhas roupas?

Meu andar furioso me levou rapidamente até a mesa ao lado da qual Alfred estava. Eu alcancei-o a tempo de ouvir suas últimas palavras.

— Ela tem uma aparência bastante duvidosa.

— A mulher “de aparência bastante duvidosa” está bem ao seu lado. Seu imbecil. — Olhei para a cabeça dele, mal percebendo as pessoas à mesa, até elas se levantarem.

— Ouvi dizer que o Parallel, e acredito que isso inclui o restaurante, estava acostumado a receber dignitários e realeza. — A voz da mulher era calma e fria. — Seu tom é embaraçoso, não importa quem você tenha pensado que Lady Rousseau era.

Olhei para a mulher e fiquei me perguntando se a duquesa estava perdendo a cabeça. Talvez fosse correto chamar as pessoas de Lady e Sir no país deles. Sua boca se contraiu em diversão enquanto

observava o homem humilhado e percebi que ela estava ensinando a ele uma lição. Talvez ela fosse minha heroína.

— Sinto muito, eu não fazia ideia...

O aspirante a Alfred despejava desculpas e precisei juntar toda minha força de vontade para não revirar os olhos.

— Não, não peça desculpas a mim. Peça desculpas a Lady Rousseau. — Seus olhos brilharam quando ela olhou para mim.

— Peço desculpas, Senhorita... Quero dizer, Lady Rousseau.

Abaixei a cabeça um pouco.

— Desculpas aceitas. Talvez você não deva se precipitar ao julgar alguém da próxima vez.

— Sim, Senhora. Posso ficar com o seu casaco?

Encolhi os ombros para tirar o casaco e foi então que senti os olhos dele em mim. Olhando para cima, percebi que o Príncipe Gostosinho estava sim, presente no jantar. Jess e as alunas estavam enganadas. Ele não era gostosinho, ele era delicioso, uma ceia a ser saboreada. Cabelos loiros-escuros, um pouquinho compridos demais, e olhos tão azuis que davam a impressão de se estar olhando para o coração de uma geleira. Esculpido como a estátua de Davi, e os contornos de seu terno realçavam cada músculo delicioso. Linhas de expressão em volta da boca e dos olhos o traziam para o reino da humanidade e lhe proporcionavam personalidade. Seus olhos percorriam meu rosto e desciam vagarosamente pelo meu corpo, o calor tomou conta da minha pele. Quando entreguei o casaco ao *maître*, me senti nua. Havia algo em seus olhos azuis brilhantes que faziam com que me sentisse exposta.

— Obrigada, Alfred.

Sussurrei as palavras, sentindo-me completamente desarmada pelo olhar que acabara de receber. O homem saiu sem dizer uma palavra, e eu desejei sinceramente que ele não fizesse nada de ruim com meu casaco.

— Alfred?

A boca do príncipe sorriu de um lado, revelando uma covinha, e eu me perguntei se uma covinha poderia matar uma pessoa. Era bem possível que eu estivesse tendo um ataque cardíaco naquele exato momento.

— É esse o nome dele?

— Ah, você sabe. Ele se parece um pouco com o mordomo do Batman, mas sem o senso de humor.

Estremeci. Eu estava falando com um príncipe, um príncipe de verdade, e minha primeira interação com ele era descrever um personagem de uma história em quadrinhos. Pelo menos eu não era uma babona que ficava só olhando para a cara dele.

— Eu me lembro vagamente de alguma coisa sobre Batman e seu mordomo.

Os olhos do príncipe brilharam maliciosamente. Senti minha boca se virar um pouco, aliviada por ele ter entendido meu inoportuno senso de humor.

— Acho que ele é mais parecido com o Jarvis — disse com a voz lenta e incômoda.

— Samantha, é um prazer conhecê-la.

A duquesa estendeu a mão para mim e, por um momento, entrei em pânico sem saber se eu deveria fazer uma reverência ou apertar sua mão. Então decidi que, já que ela estava nos Estados Unidos, então eu iria apertar sua mão. Seus dedos estavam secos e quentes e seu aperto de mão era surpreendentemente apertado.

— Eu sou Rose.

— É um prazer conhecê-la.

Jesus. Eu deveria ter lido aquele artigo. Não fazia a menor ideia do que falar ou de como agir.

— Este é meu sobrinho, Alex.

Eu me virei na direção da mão esticada para mim e torci para que as palmas da minha mão não estivessem suadas.

— É uma honra conhecê-lo.

No momento em que as palavras saíram de minha boca me arrependi de tê-las dito. Por que eu tinha dito aquilo? Por que não disse simplesmente que era um prazer conhecê-lo? Com certeza não tinha soado como uma cantada. Eu estava apenas sendo paranoica. Como é que eu já havia perdido o controle da noite? Quem eu estava enganando? Perdera o controle no momento em que aquele cara estranho, o Duvall, aproximou-se de mim.

— A honra é minha. acredite.

Em vez de apertar minha mão, ele a levou até a boca e seus lábios roçaram minhas articulações delicadamente. Eles eram quentes e carnudos, e meu corpo formigou quando ele me tocou. Parei de respirar por um momento e precisei lembrar-me de que o oxigênio era importante para mim. Quando ele abaixou minha mão, seu dedo acariciou o meu. Ele sabia como atrair uma mulher, não havia dúvida nisso. Ele deu a volta em mim e puxou a cadeira para me sentar. Acho que ninguém jamais puxou uma cadeira para eu me sentar. Foi estranho. O que eu havia feito com meus pés? Aqueles saltos ridículos ficaram presos no chão e quase saíram, e então os levantei até que ele terminasse.

Ele se aproximou da tia e ajudou-a a sentar também. Ela me observava com olhos brilhantes e inteligentes e fiquei me perguntando no que ela estava pensando. Senti como se estivesse me analisando. Fez um movimento para a garçonete, que estava em pé ao lado da mesa, e ela me ofereceu uma taça de vinho. Aceitei, apenas para ser cordial. Eu já estava me sentindo fora de mim.

— Peço desculpas por aquele comportamento extremamente inapropriado, Samantha.

Rose franziu a testa.



— Está tudo bem, duquesa. Tenho certeza de que ele estava apenas tentando evitar que as pessoas incomodem vocês.

Eu estava sendo generosa. Mentalmente, eu estava planejando processar o hotel.

— Por favor, me chame de Rose. — Ela sorriu para mim e eu sorri de volta.

— Obrigada, Rose.

— Vocês estão prontos para fazer o pedido? — A garçonete havia voltado, alguns botões da parte de cima de sua camisa branca estavam abertos e ela estava em pé ao lado do príncipe. Fizera a pergunta para ele, e apenas para ele. Rose olhou para mim e piscou como se estivesse se divertindo, mas, quando percebi a expressão incomodada dele, não pude deixar de me sentir mal pelo príncipe. Seu rosto, antes cordial e cortês, agora parecia frio.

— Na verdade, ainda não consegui olhar o cardápio.

Tossi e peguei o grande cardápio vermelho.

— Volto daqui a pouco.

— Será que você pode aumentar um pouco o aquecedor? — A garçonete já estava se virando, mas a voz dele a fez parar. Seus olhos azuis ficaram presos aos meus por um minuto e fiquei me perguntando se minhas roupas estavam pegando fogo. Ou talvez seu sotaque conseguiu deixá-las mais quentes ainda, sem que tivessem aumentado a temperatura do aquecedor.

— Percebi que suas mãos estão frias.

— Não, não. De verdade, estou bem. — Estava frio no restaurante, mas eu não estava sentindo frio naquele exato minuto. Ou talvez fosse apenas o vestido que eu estava usando. Não era um vestido de inverno, mas era o melhor vestido que eu tinha. Quando minha mãe morreu, ele foi uma das coisas com as quais fiz questão de ficar. Eu não era muito ligada em moda, mas amava o estilo vintage da Chanel.

Ele olhou para a garçonete e sorriu.

— O aquecedor, por favor.

— Claro, Alteza.

Ao ouvi-la usar esse título, os cantos de sua boca se viraram um pouco para baixo e ele olhou de novo para o cardápio.

— Obrigada, mas realmente estou bem.

Olhei para ele e apertei os olhos. Eu não gostava de homens que pediam a comida para suas mulheres e que escolhiam suas roupas. Mesmo que ele fosse megagostoso. Talvez estivesse acostumado a tomar decisões por todos.

— Não precisa ficar desconfortável.

Ele sorriu, seus olhos se voltaram para o meu rosto. Senti o calor percorrer minhas bochechas e olhei para o outro lado. Apertando os olhos, fiquei olhando para o cardápio, sem enxergar as palavras, e tentei afastar aquela sensação estranha que ele parecia causar em mim. Este era um encontro de negócios e eu precisava ser profissional.

Podia sentir seu olhar como se fosse um toque quente e aquilo estava começando a mexer comigo. Já fazia um bom tempo que não ficava com um homem, mas eu era flexível. Havia brinquedos para substituir os homens, mas eu estava com a sensação de que o Príncipe Alex transformaria meu brinquedo em algo totalmente obsoleto.

— Você já esteve aqui antes, Samantha?

A voz de Rose entrou pelos meus ouvidos e fiquei grata por aquela distração.

— Não, esta é a primeira vez em que faço uma refeição no Parallel, mas já ouvi dizer que a comida aqui é maravilhosa.

Olhei para ela por cima do cardápio e sorri. Às vezes, existe uma sensação quando você conhece uma pessoa, uma sensação de entendimento e conexão. Eu sentia isso com Rose.

— O Dr. Geller vem aqui às vezes para almoços de negócios. E, por falar no Dr. Geller, não consegui falar com ele antes de vir até aqui, por isso peço desculpas por não estar preparada para o nosso encontro. Não sei muito bem sobre o que vamos conversar.

Rose sorriu para mim por um minuto, como se estivesse se divertindo. Olhei para o Príncipe Gostosinho, droga, Alex, e franzi a testa. Seus olhos iam de um lado para o outro, para mim e para a tia e um pequeno sorriso se formou em seus lábios deliciosos.

— Vamos fazer o pedido e então começaremos a conversar. Estou morrendo de fome.

Rose colocou o cardápio na mesa e rapidamente olhei o que estava em minhas mãos e escolhi alguma coisa para comer. Minha cabeça estava a mil. Algo estranho estava acontecendo e eu ia descobrir o que era. Procurei a garçonete e sorri, esperando que aquilo a trouxesse mais rapidamente até a mesa para que pudéssemos começar a falar logo sobre os negócios.

Ela me encarou enquanto caminhava até nós e eu me perguntei por que os funcionários deste lugar pareciam me odiar tanto. O que é que eu havia feito? Eu tinha aparecido para um jantar com a duquesa e com o príncipe... Ah. O príncipe. Ela estava me encarando porque eu estava jantando com o Príncipe Gostosinho. Nossa. Mas nós não estávamos sozinhos. Quem levaria a tia em um encontro?

Pensar nisso fez meu rosto esquentar — de novo. Eu nunca sairia com Alex. Éramos de mundos diferentes. Ele usava ternos caros e provavelmente nunca havia sujado as mãos. Eu usava jeans e camisas de flanela. Minhas mãos estavam sempre sujas. Tudo bem, nem sempre sujas. Eu as lavava, mas trabalhava com animais, e fora, no campo.

— Estão prontos para pedir? — A garçonete, mais uma vez, virou o corpo e o decote na direção de Alex e sorriu.

— Primeiro as damas. — Alex inclinou-se para frente para conseguir enxergar além da garçonete. — Samantha, qual é o seu pedido?

Meu nome pronunciado com aquele sotaque parecia muito mais sexy, mas foi o brilho em seus olhos azuis que fez minha pele ficar quente.

— Eu quero o frango, por favor. — Não havia preços no cardápio, mas eu tinha certeza de que aquela comida era a mais barata ali. Frango certamente seria mais barato do que cordeiro ou pato. Assim eu esperava.

— Certo. — Se a garçonete estivesse mascando um chiclete eu o teria enxergado dentro de sua boca. Eu estava dividida entre a diversão e a ofensa. Ainda assim, ela sorriu para Rose. Era uma expressão doce, e tão falsa, que parecia que ela estava doente. Ou talvez apenas tenha me deixado nauseada.

— E para a senhora, duquesa?

— Vou querer o mesmo que a Lady Rousseau.

Rose esticou o cardápio para a garçonete, mas a garota não percebeu. Ela olhava para mim com uma expressão preocupada no rosto. Encolhi os ombros sem saber o que dizer. Uma risada forte fez com que eu me endireitasse na cadeira e olhasse para Alex. Ele estava me observando, com um brilho divertido nos olhos como se estivesse em um esconderijo.

— Eu quero costela, por favor. Mal passada. — Ele entregou o cardápio para a garçonete sem olhar para ela e inclinou-se para frente, com as mãos cruzadas, e sorriu para mim.

— Samantha. Você é daqui?

— Não, não sou daqui. Minha família mudou-se para cá há dez anos, por causa de um emprego. Felizmente, a faculdade onde eu queria estudar era perto daqui.

— É isso mesmo? — Alex olhou para mim atentamente. — Eu achava que a maioria das pessoas gostaria de frequentar faculdades o mais distante de casa possível.

— Minha mãe faleceu e eu não queria deixar meu pai sozinho. — Eu não estava gostando do rumo dessa conversa. Sentia como se estivesse revelando meus segredos. Segredos que, por alguma razão, poderiam ser importantes.

— Como está seu padrasto? Pelo que sei, ele está doente. — Rose franziu a testa. — Não posso dizer que gosto da maneira como a saúde é tratada nos Estados Unidos.

— Ele está lidando muito bem com tudo, obrigada. — Acho que o lacaio havia contado a ela sobre meu surto quando me procurou. — Mas não estamos aqui para falar sobre a minha família. Quais são suas dúvidas sobre o centro e sobre nosso programa?

Rose colocou o corpo para frente.

— Na verdade, é exatamente por causa da sua família que estamos aqui.



# Três

## *Como perder um membro da realeza*

— PERRY TALKS

### - Minha família?

Senti minhas sobrancelhas se levantarem e tentei me controlar. O que estava acontecendo?

— Por que você decidiu manter o nome de solteira de sua mãe quando ela se casou com seu pai? — Rose cruzou as mãos em sua frente e seus olhos penetraram nos meus.

— Não sei muito bem por que isso seria da sua conta. — Olhei para Alex, mas seu rosto não me dava nenhuma pista. — Achei que eu estivesse aqui para conversar sobre o programa das aves de rapina no lugar do Dr. Geller.

— Sim, percebi que pensou isso. Mas eu gostaria de discutir outra coisa com você. — Rose se inclinou para trás quando a garçonete e vários ajudantes colocaram a comida na mesa. — Eu estava querendo conversar sobre você.

— Não consigo imaginar por quê. — Sacudindo a cabeça, também me inclinei para trás para que a garçonete colocasse o prato à minha frente. — Obrigada.

— Você conhece Lilaria? — Rose tomou um gole de seu drinque antes de pegar o garfo e a faca. — Somos um país pequeno, mas orgulhoso.

— Não, não posso dizer que sei muita coisa sobre sua terra natal.

— Então, deixe-me contar um pouco sobre ela. Nós controlamos uma grande parte dos recursos petrolíferos da Europa, o que gera bastante riqueza para nossa população, mas também causa problemas. No fim do século XVIII, uma família real de nome Malatar acreditou que chegara a hora de mudar, embora não quisesse declarar uma guerra. Veja bem, eles não tinham muitas pessoas para apoiá-los. O país estava crescendo e as pessoas estavam felizes.

Rose olhou para a garçonete, que parecia estar levando mais tempo do que o necessário para servir o prato de Alex. Irritada, percebi que ela passava manteiga no pãozinho, enquanto exibia o decote bem na cara dele. Não sei por quê, mas aquilo me incomodou. Estávamos tentando ter uma conversa importante e essa garota parecia uma cadela no cio. Ele não parecia feliz, mas também parecia que não sabia como parar com aquilo sem causar confusão.

Quando a garçonete levantou-se com um sorriso no rosto, empurrei meu pãozinho para ela e disse:

— Que serviço espetacular este do Parallel. Obrigada.

A garçonete juntou as sobrelhas, mas não podia fazer nada a respeito. Pegando a faca de manteiga do meu prato, encheu o pãozinho de manteiga e colocou-o de volta.

— Faz tempo que não vejo alguém passar manteiga no pão tão bem.

Sorri carinhosamente para ela e vi Alex segurando o riso. A garçonete virou-se e saiu enfurecida. Olhei para Alex.

— Não me entenda mal, mas talvez você devesse começar a dizer às pessoas para o deixarem em paz. Achei que ela fosse atacá-lo.

— Ossos do ofício. Se eu for grosso, haverá uma reportagem nos jornais sobre a minha pessoa tratando mal os funcionários do hotel.

Se não fizer nada, a mesma coisa pode acontecer. — Ele levantou uma sobrancelha. Suas palavras me fizeram apertar os olhos. Obviamente eu não havia nascido para a diplomacia. Também fiquei um pouco surpresa por ele estar me explicando aquilo.

— Mas, obrigado por me ajudar. Estava com receio de respirar e acabar dentro da blusa dela.

— Tudo bem.

Sacudi a cabeça e olhei de volta para Rose, que nos observava.

— Você estava me contando sobre a família que estava tentando assumir o controle.

— Sim. Bem, eles não tinham muito apoio, por isso foram atrás das famílias reais que acharam que seriam as mais resistentes. Várias famílias reais morreram em acidentes bizarros, e foi então que todos começaram a ficar preocupados. Havia muito ódio e acusações, mas não havia provas concretas. Nossa família não teve como prender os traidores.

Seu suspiro estava repleto de frustração. Obviamente, aquilo era algo que havia causado bastante tensão para seus parentes.

— Por fim, algumas das famílias sentiram-se bastante ameaçadas e decidiram deixar o país. Às vezes sem nenhum aviso, deixavam tudo para trás como se fossem voltar a qualquer momento. — Rose inclinou-se para frente, seus olhos penetrantes brilhavam. — Uma das maiores famílias a ir embora foi a do Duque Rousseau.

Fiquei feliz por não ter nada na boca, porque com certeza eu teria cuspid o que quer que fosse.

— A senhora acha que eu faço parte dessa família?

— Eu sei que você faz parte dessa família. — O sorriso de Rose era vitorioso. — Minha irmã, a rainha, tem procurado todas as famílias há anos para tentar trazê-las de volta. Rastreamos sua família desde a época em que embarcaram em um navio na costa francesa, rumo à América.



Fiquei ali sentada por um minuto, completamente incapaz de formar um pensamento coerente. Imagens de minha mãe passavam perante meus olhos. Trechos de conversas se repetiam em minha cabeça. Eu sabia que minha família já tinha tido dinheiro, mas meu tataravô gastou quase tudo no jogo. Então, havia o fato de que minha família supostamente tinha fugido. Fugido e abandonado sua terra natal. Eu me senti enjoada. Confusa.

— Por quê? Por que está me dizendo isso? — Tirei os olhos do prato, não estava mais interessada na comida.

— Queremos restabelecer seu título e suas terras, Samantha. Os bens são seus e nós os administramos até que a encontrássemos.

Rose me observava, aparentemente ela não sabia bem qual poderia ser minha reação.

— É verdade, Samantha. Minha mãe tem procurado as famílias há anos. Se minha tia está dizendo que você é dessa família Rousseau, então é porque você é.

Alex esticou a mão e tocou a minha, aquela que segurava o garfo com tanta força que fazia minhas juntas ficarem brancas. O calor tomou conta do meu braço e encontrei seus olhos.

— Por quê? Por que ela quer encontrar as pessoas que abandonaram seu país? — Eu não conseguia organizar meus pensamentos.

— Samantha, em nosso país, o mais importante para nós é a família. Não apenas as famílias reais, mas as famílias de toda a população. Nossas leis de trabalho são voltadas para proteger as famílias. O Duque Rousseau fez o que fez para proteger sua família. Não havia uma maneira legal de se protegerem, e ele sabia que eles eram alvos. — Alex apertou meus dedos e olhei para nossas mãos. A mão dele era muito maior do que a minha e, de certa forma, embora eu tivesse acabado de conhecê-lo, achei aquele toque confortador.

— E o que isso tem a ver comigo? O que vocês querem? Achei que tivesse vindo aqui esta noite para conversar sobre uma doação para o programa de aves de rapina. Em vez disso, minha vida toda se vira de cabeça para baixo.

— Como eu disse, a rainha quer restabelecer suas terras, Samantha. — Calmamente, Rose cruzou as mãos no colo. — Ela quer restabelecer o seu título.

— Título? — Minha cabeça estava a mil. Eu não conseguia entender o que eles estavam falando.

— Sim. Por direito, você é a Duquesa de Rousseau. Você é a herdeira legal.

Olhei para ela e tentei entender o que estava me dizendo.

— Isso não pode estar certo. Deve haver algum engano. Eu não sou uma duquesa. Eu sou uma aluna de pós-graduação. — Delicadamente, tirei a mão de baixo da mão de Alex.

— Samantha, faça a você mesma a seguinte pergunta: por que sua mãe manteve seu nome de solteira? Por que ela não adotou o último nome do seu padrasto para você e para ela? — Rose esperava, pacientemente, que eu pensasse no assunto.

De repente, escutei a voz de minha mãe na minha cabeça. “Há duas coisas que você não pode esquecer: primeiro, você é uma Rousseau e deve se orgulhar disso. Segundo, a família vem sempre em primeiro lugar. Sempre.” Ela havia me dito aquelas coisas centenas de vezes, mas sempre achei que estivesse dizendo que eu deveria me orgulhar de ser quem eu era, e que o fato de não conhecer meu pai não importava. E nós éramos uma família até conhecermos Dean, meu padrasto. E então eles tornaram-se uma família. E a fala nunca mudou. A família vem em primeiro lugar.

— Ela sabia? — Olhei para Rose e torci para que ela não percebesse as lágrimas em meus olhos. Já fazia cinco anos que mamãe falecera, mas eu ainda me emocionava quando ouvia a voz

dela na minha mente. E, agora, descobrir isso. Eu não sabia o que fazer. O que pensar.

— Não sei. Parece que ela sabia um pouco, mas não acredito que soubesse de tudo. — Rose franziu a testa. — Sinto muito não termos encontrado você antes. Eu gostaria de ter conhecido sua mãe. Sei que ela foi uma bióloga brilhante.

— Ela foi. — Passei os olhos pelo salão enquanto tentava me recompor. Como ela pôde não me contar? Será que sabia a verdade? Parte da verdade? E o meu pai? Meus pés começaram a coçar, eu queria me levantar e ir exigir uma resposta.

— Vou para casa daqui alguns dias. Gostaria muito que viesse comigo. — Rose se aproximou. — A família Rousseau era uma família muito importante, e minha irmã está bastante ansiosa para conhecer você.

— Daqui alguns dias? Não posso. Tenho a faculdade. Projetos. Não posso simplesmente ir embora. — Sacudi a cabeça. Uma rainha queria me conhecer? Isso era loucura. — O que eu faço?

— Tia, certamente podemos dar mais tempo para ela pensar em tudo. — Alex olhou para Rose. Seus olhos azuis brilhantes estavam sérios. — É muita informação de uma só vez.

— É verdade. — Rose pegou o garfo e a faca e cortou o frango. — Mas o mundo dá voltas. E precisamos decidir se vamos driblar ou chutar no gol. Você está prestes a chutar, Samantha. É hora de você decidir.

Soltei o ar emitindo um som. Não pude evitar. A duquesa havia acabado de fazer uma comparação entre a minha vida e um jogo de futebol. Peguei a taça de vinho e decidi que precisava de um gole para acalmar os nervos.

— Por quanto tempo eu ficaria fora?

— Isso vai depender de você. Há uma cerimônia a ser realizada. Leis a serem cumpridas. E é claro que, depois de você ter assumido

o estado e ter se tornado a chefe da família, seria pertinente que ficasse no país pelo maior tempo possível. Você seria a voz de sua família no conselho da rainha.

— A senhora deve estar brincando comigo. — Olhei para ela com a boca aberta. — Puta merda. Você está falando sério. — Rose retorceu a boca e eu percebi que tinha acabado de dizer um palavrão na presença de uma pessoa da realeza.

— Me desculpe. Uma cadeira no conselho da rainha? Vocês não sabem nada a meu respeito!

— Isso não é verdade. Você esteve na lista do reitor da sua faculdade todos os anos. Foi a melhor aluna, escolhida para o programa de pós-graduação. É dedicada à sua família e cuida muito bem de seu padrasto. É uma jovem notável e nosso país teria orgulho de você.

Eu sabia que minha boca ainda estava aberta. Não me importava. Rose havia acabado de resumir minha vida, mas em vez de parecer uma vida sem graça, ela fez com que eu parecesse uma santa.

— Não posso simplesmente abandonar a faculdade. Meu diploma é muito importante para mim. Eu me empenhei bastante para chegar onde eu estava. Só as bolsas de estudos consumiram incontáveis horas de trabalho para eu conseguir.

— As aves de rapina são incrivelmente importantes em nosso país. Cada casa nobre tem uma como símbolo. O da sua família é o Merlin. Uma ave pequena, mas feroz. Existem várias faculdades e programas renomados que adorariam ter você lá. E ainda teria os benefícios adicionais de nosso sistema de saúde para o seu pai. — Rose tirou os olhos da comida. — Existem vários tratamentos disponíveis no exterior que seu governo não permite que sejam adotados aqui.

Aquilo me fez parar. Mais do que qualquer coisa que ela tivesse dito naquela noite, aquilo era o que me faria levar essa loucura em

consideração. Pelo brilho dos seus olhos, ela também sabia disso. Eu estava sendo manipulada. Não gostava disso mas, ao mesmo tempo, ela estava tocando em um ponto importante. E eu conhecia os Merlins. Pássaros incríveis.

— Preciso pensar sobre isso. — Peguei meu garfo e empurrei as batatas no prato.

— Claro. — Rose sorriu e eu percebi um gostinho de vitória em seu sorriso. — Como eu disse, estarei aqui por mais alguns dias. E se você decidir vir conosco, podemos ficar um pouco mais para que consiga organizar tudo o que precisa. Também tenho certeza de que vai querer falar com seu pai.

— Obrigada, mas não sei se irei com a senhora.

Tomei mais um gole de vinho. E depois mais um. Ai, meu Deus. O que o papai iria dizer?

— Espero que ele consiga estar presente na cerimônia. — Rose tomou um gole de seu vinho. — Se decidir aceitar o manto, claro.

Se eu decidir, claro. Eu tinha a sensação de que não seria tão fácil assim.

— Se vier, você vai ter que caçar comigo. — Alex balançou a cabeça para mim.

— Não sou bem uma caçadora. — Fiquei imaginando por que ele achou que eu gostaria de caçar, mas foi difícil não pensar no fato de que ele havia me convidado para fazer alguma coisa com ele. — Só usei uma arma poucas vezes.

Ele riu e aquele som fez meus braços se arrepiarem.

— Não. Eu quis dizer caçar com as aves. Tenho alguns falcões que são excelentes caçadores.

Aquilo fazia muito mais sentido. Coloquei um pouco da comida na boca, apreciando os sabores. Apesar do serviço de baixa qualidade, a comida do Parallel era excelente.

— Já fiz isso algumas vezes, mas não tenho um pássaro meu.

— Posso emprestar um dos meus. Já faz algum tempo que estou fora, por isso seria bom ter ajuda para treiná-los.

Os cantos da minha boca se levantaram um pouco. Ele estava sendo legal. Com certeza tinha alguém cuidando dos pássaros enquanto ele estava fora.

— Que pássaros você tem?

Coloquei de lado um pouco do pão em que a garçonete havia passado a manteiga.

— Três gaviões asa-de-telha.

— Alex e o pai são grandes defensores de aves em nosso país. — Rose inclinou sua taça na direção do sobrinho. — Ele apresentou seu primeiro projeto de lei para o conselho de Lilaria quando tinha 12 anos. Pedia punições mais rígidas para as mortes intencionais das aves de rapina e das que estavam em extinção.

Olhei para Alex e senti meu primeiro sorriso sincero da noite.

— Essa é uma proposta bastante audaciosa. Muito bem.

— Não fiz isso por mim. — Alex tomou um gole de vinho e sorriu.



# Quatro

## *Príncipe playboy à solta*

— L.A. CHATTER

Quando pedi a conta, Rose sinalizou para que não a trouxessem.

— Você é nossa convidada. Nós pagaremos a conta.

— Obrigada.

Eu não queria ofendê-la insistindo em pagar, embora me sentisse desconfortável com a situação.

— Espero ouvir notícias suas logo, Samantha. — Rose olhou para trás e Duvall surgiu das sombras do salão. Tentei não demonstrar minha perturbação. O cara me dava medo. Ele entregou uma caneta e um cartão para Rose. Ela escreveu algo no cartão e entregou-o para mim.

— Ligue para mim se tiver alguma dúvida. Este é o meu telefone particular.

— Obrigada. — Guardei o cartão na pequena bolsa que eu havia trazido. Tinha certeza de que Rose não saía por aí distribuindo aquele número, por isso não quis correr o risco de perdê-lo.

— Bom, está na hora de me recolher. Não sou mais tão jovem. Mas não deixe que isso atrapalhe Alex e você. Ouvi dizer que existem vários lugares interessantes para os jovens se divertirem por aqui.

Rose esticou a mão e me puxou para perto dela. Ela beijou suavemente meu rosto e sorriu.

— Foi um prazer, minha querida. Um prazer.

— Um grande prazer.

Beijei o rosto dela e tentei esconder a sensação incômoda que senti quando ela sugeriu que eu passasse mais tempo com Alex. Que diabos eu iria fazer com um príncipe? Meu Deus, até mesmo a voz dentro da minha cabeça reclamava quando eu pensava na palavra príncipe.

Observei em silêncio enquanto Alex dava um beijo de boa-noite na tia antes de Duvall acompanhá-la para fora do restaurante. Olhei para os olhos animados de Alex enquanto ele limpava a garganta.

— Você quer beber alguma coisa? O barman parece ter bastante conhecimento do assunto. — Ele passou os olhos pelo meu corpo fazendo uma leitura preguiçosa. — Ou, se preferir, podemos ir para outro lugar.

— Acho que eu não deveria.

O homem mais atraente que já conheci na vida havia acabado de me convidar para um drinque e eu disse não? Sou maluca. Tenho certeza de que ele estava apenas tentando ser educado.

— Eu estou dirigindo, por isso não posso mais beber por hoje.

Ele olhou lá de cima para mim e eu me senti pequena.

Não no sentido pessoal, mas no sentido literal. O cara era alto.

— Bom, então deixe que eu a leve até seu carro.

— Obrigada. — Enquanto nos dirigíamos até a entrada, ele colocou uma mão em minhas costas. O calor de sua mão atravessou o tecido fino do meu vestido e senti um arrepio.

— Achei que você não estivesse com frio. — Ele abaixou a cabeça e sua respiração fez cócegas na minha orelha.

— Não estou. — A minha voz parecia um pouco ofegante e engoli para lubrificar a garganta. — Quer dizer, está mais frio agora que



estamos perto da porta.

— Hum.

Ao nos aproximarmos da porta, ele tirou a mão das minhas costas e sorriu para a recepcionista.

— Precisamos de nossos casacos, por favor.

— Claro.

Ela piscava os olhos e precisei me controlar para não revirar os meus. Quando voltou com nossos casacos, praticamente jogou o meu casaco em mim e precisei fazer um malabarismo para que ele não caísse no chão. Alex abaixou-se e pegou o casaco antes que ele tocasse o chão e segurou-o aberto para que eu o vestisse. Cuidadosamente, ajeitei meu ombro no casaco feio e deixei que ele me ajudasse a arrumá-lo em meu corpo. Depois de colocar seu casaco, ele conduziu-me para fora e fez um gesto para os manobristas. O jovem que havia me entregue o ticket acenou para mim antes de se dirigir ao estacionamento.

— Samantha, espero que não se incomode com o que vou dizer, mas espero que considere a oferta de minha tia. Nosso país se beneficiaria muito tendo outra cabeça pensante no conselho. E nosso sistema de saúde é o melhor. Seu pai seria muito bem cuidado. — Alex aproximou-se de mim, bloqueando o vento forte do inverno.

— Vou precisar pensar com cuidado sobre isso. — Balancei a cabeça.

Meus olhos estavam praticamente hipnotizados. E seu cheiro era delicioso. Cheiro de homem limpo, gostoso. Quanto mais tempo eu ficava ao lado dele, mais difícil era ignorar sua beleza.

— Claro. — Ele tirou os olhos de mim por um minuto e olhou para o trânsito antes de voltar a olhar para mim. — Sei como é ter sua vida virada de cabeça para baixo. Principalmente depois de ter se esforçado tanto para conseguir estudar.

— Não faço a menor ideia de como ser uma pessoa da realeza. Não sei nem mesmo falar a língua de Lilaria. — Essa ideia era assustadora. — É muita responsabilidade. Nem sei dizer o que uma duquesa faz.

— Não iríamos jogá-la na cova dos leões. — Ele abaixou a cabeça para olhar nos meus olhos. — Eu não jogaria você na cova dos leões.

Sem saber o que dizer, apenas balancei a cabeça. Seus olhos penetraram nos meus e fiquei encantada. Havia algum tipo de emoção girando atrás daquele gelo que eu não conseguia entender. Tive a sensação de que ele não faria aquela promessa a qualquer pessoa.

— Senhorita!

O manobrista correu até nós com as chaves do meu carro na mão. Gemi ao perceber o que aquilo significava.

— Sinto muito, madame, mas não consigo ligar o seu carro.

— De novo, não. — Fechei os olhos por um momento. — Tudo bem. Onde está estacionado?

— No terceiro subsolo. Posso levá-la até lá, mas já abri o capô e verifiquei a bateria e não acho que este seja o problema. — O rapaz estendeu as chaves e eu peguei da mão dele.

— Provavelmente é o motor de arranque. — Eu me virei para Alex e sorri pesarosa. — Obrigada pelo jantar. Entro em contato com sua tia para falar sobre a nossa conversa de hoje.

— Como você vai para casa? — Alex aproximou-se e tocou meu ombro quando comecei a me virar.

— Bom, vou ver o que está acontecendo, e acho que vou chamar um táxi. — Estremeci ao pensar nisso. Um táxi até a minha casa custaria uma fortuna.

— Deixe que chamo um carro para você e peço para alguém consertar o seu amanhã de manhã. — Sem esperar pela minha

resposta, ele olhou para o manobrista. — O carro pode ficar onde está, por enquanto?

— Sim, senhor.

— Muito bem. Por favor, peça um carro para nós.

— Não, obrigada, mas posso cuidar de mim mesma. — Olhei para Alex. Ele, definitivamente, estava acostumado a ficar no controle de tudo. Uma pena eu não estar acostumada a ter pessoas decidindo as coisas por mim.

— Samantha, não vou deixar você entrar em um estacionamento escuro para consertar um carro quebrado. — Ele sacudiu a cabeça. — Que tipo de homem eu seria?

— Um homem do século vinte e um.

Alex jogou a cabeça para trás e riu. O som de sua risada atraiu o olhar dos pedestres e das pessoas que esperavam seus carros.

— Samantha, século não tem nada a ver com cavalheirismo.

— É claro que tem. As mulheres já provaram que são tão capazes quanto os homens.

— Ah, não tenho a menor dúvida de que você é muito capaz. — Ele passou os olhos por mim de modo que me fez sentir um calor por todo o corpo. — Mas ainda assim não vou deixar você entrar em um estacionamento escuro nesse frio quando já sabemos que seu carro não quer pegar. Deixe que eu a leve em casa e então levamos o carro para você amanhã.

— Pelo amor de... Tudo bem. Posso pegar um táxi.

Comecei a pensar no conteúdo da minha bolsa. Talvez eu pudesse pegar um táxi até uma cafeteria a alguns quarteirões dali e então ligar para Jess e Bert.

— Samantha, vou levar você para casa. Quero ter certeza de que vai chegar lá em segurança. — Ele deu um sorriso arrogante que era irritante e sensual. — Além disso, sei muito bem o que está

maquinando nessa sua cabeça. Você pegaria o táxi e daria a volta no quarteirão para então voltar e tentar consertar o seu carro.

— Eu não faria isso... — Uma risada exasperada saiu de minha boca, tirei os olhos de Alex e mordi o lábio. — Tudo bem, você me leva. Vou deixar você me levar para casa.

— Obrigado. — Alex alcançou minha mão e apertou-a. — Meu coração cavalheiresco fica muito feliz com isso.

— Detesto pensar que você vai dormir tarde por causa da minha segurança. — O polegar dele correu pelos meus dedos e senti meu coração acelerar.

— Concordo. — Ele aproximou-se de mim, o calor de seu corpo esquentava meu braço. — Há motivos mais agradáveis para se dormir tarde. — Ele piscou elegantemente e olhou para a calçada. — Nosso carro.

A limusine preta parou na frente do hotel e o manobrista abriu a porta para nós. Alex me conduziu até o carro e eu tentei não pensar no fato de que ele ainda estava segurando minha mão. Eu me senti boba entrando no carro luxuoso. A última vez em que entrara em uma limusine havia sido no baile de formatura do colégio, mil anos atrás. O meu par estava bêbado e vomitara em meu vestido. Não eram lembranças muito boas.

Alex sentou-se no carro e olhou para mim. Comecei a me virar desconfortavelmente.

— O que foi?

— Preciso do seu endereço. — Ele sorriu e senti meu rosto ficando vermelho de novo.

Eu disse o nome da rua e observei enquanto Alex dava o sinal para o motorista. Quando o carro se afastou do meio-fio, o motorista fechou a janela entre a parte da frente e a parte de trás. Eu me encostei no banco e observei as luzes da cidade passando por mim.

— Você divide a casa com alguém? Ou ainda mora com seu pai?

Alex moveu-se no seu assento. Achei estranho estarmos no carro enorme e estarmos os dois sentados nesse banquinho de trás do carro. Será que eu deveria ter escolhido outro lugar para me sentar quando entrei no carro? Será que existia uma etiqueta para se sentar em uma limusine?

— Sim. Jess e eu morávamos juntas desde o primeiro ano da faculdade. E o namorado dela, Bert, praticamente mora conosco.

— E o seu namorado? — Alex observou meu rosto com cautela.

— Você perguntou mesmo se eu tenho um namorado? — Eu ri.

— Parece que não fui muito sutil. — Ele riu. — Você está se esquivando da pergunta?

— Não tenho namorado. Não tenho tempo para esse tipo de coisa. Namorados precisam de tempo e paciência. Sem mencionar energia, e ultimamente tenho usado tudo isso em minha pós-graduação ou cuidando do meu pai.

Ele murmurou baixinho e senti uma de minhas sobrancelhas se levantarem por curiosidade.

— O que foi? — perguntei.

— Bom, se a única coisa que prende você aqui é a faculdade e o seu pai, então há esperança de que vá embora conosco. Não existe nenhum namorado para se preocupar. — Recostou-se confortavelmente e ficou olhando para o meu rosto. — Além disso, todos os homens se interessarão por você depois que chegar lá. Linda, americana, inteligente e divertida. Sem mencionar seu conhecimento de história de super-heróis. Talvez eu tenha alguns rivais.

Ele tinha acabado de dizer que eu era atraente? Pessoas competindo por mim? Não era bem isso. Ele estava apenas sendo simpático, tentando me convencer a ir. Alex não poderia estar interessado em alguém como eu. Eu estava a anos-luz de ser o tipo

de mulher por quem ele se interessaria. Eu não era sofisticada nem elegante. Merda, nem sabia direito que garfo usar no jantar.

— Por que se importa com isso? — Torci para que ele não percebesse a irritação na minha voz. Eu estava chateada principalmente comigo mesma por ficar decepcionada. — Tem algum problema para você se eu for para Lilaria?

Ele passou a mão no queixo, ganhando tempo antes de responder.

— Não sei. Você é intrigante.

— O que isso significa? Intrigante? — Como se eu fosse uma peça de xadrez que ele poderia manipular? Ideias intrigantes? — Veja, se eu for para Lilaria e ocupar uma cadeira no conselho, não vou concordar em tudo com você só porque me contou que venho de uma família real. Então, se está pensando em me usar para alguma manipulação política, vai ficar totalmente decepcionado.

— E é exatamente por isso que precisamos de você. — Alex riu. — Meu Deus, você é uma mulher determinada.

Suspirei e comecei a responder, mas fui interrompida pelo toque do meu celular. Peguei o telefone dentro da minha bolsinha e li a mensagem. Jess queria saber se eu estava bem, por isso enviei a ela uma rápida resposta avisando que estava a caminho de casa. Ela respondeu que eu não deveria estar enviando mensagem enquanto dirigia. Mal sabia ela que eu estava em uma limusine.

Antes que eu pudesse guardar o telefone de volta na bolsa, Alex levantou a mão.

— Posso?

— Ah, claro.

Sem saber se ele precisava usar o telefone ou se estava sendo xereta, observei enquanto ele desbloqueava a tela e digitava alguma coisa rapidamente. Ele colocou o telefone no ouvido e balançou a cabeça.

— Agora você tem o número do meu telefone. — Ele desligou e o entregou de volta para mim. — Se precisar de alguma coisa ou tiver alguma pergunta, é só me avisar. Qualquer coisa.

A limusine saiu da rodovia e virou no meu bairro.

— Obrigada.

Quando nos aproximávamos da minha casa comecei a ficar nervosa. Eu me repreendi, porque aquilo não era um encontro. Ele não estava esperando por um beijo de boa-noite.

— Bom, aqui estamos. — Apontei a casa com a cabeça e esperei para ver a reação. Será que ele acharia minha casa triste? Ou acharia engraçado uma pessoa com sangue azul morar em uma casa tão velha? Eu gostava da nossa casinha. Era nossa. Bom, não era realmente nossa. Era alugada, mas já estávamos lá há três anos. Era o nosso lar.

— Lugar adorável.

Alex abriu a porta da limusine e esticou a mão para mim. Seus dedos quentes envolveram os meus para me ajudar a descer, e depois colocou a mão nas minhas costas enquanto caminhávamos pela grama coberta de neve. Eu sabia que ajudar uma mulher a andar na neve era uma questão de cavalheirismo, mas me diverti com isso. Eu não precisava de ajuda para andar no meu jardim. Na verdade, eu havia sido a última pessoa a cortar a grama.

— Realmente parece bastante aconchegante toda coberta de neve.

Quando chegamos à varanda, eu me virei, olhei para Alex e sorri. Tirei as chaves da bolsa e procurei a chave da porta.

— Obrigada por me trazer com segurança até em casa.

— Obrigado por me deixar manter a minha dignidade.

Alex aproximou-se e tirou um pouco do cabelo do meu rosto. Perdi a respiração quando ele se abaixou e deu um beijo no meu rosto.

— Foi... uma honra conhecê-la, Samantha.

Olhei atentamente para ele para ver se ele estava brincando, zombando do que eu havia dito quando nos vimos pela primeira vez, mas isso acabou nos deixando cara a cara. Havia um brilho animado em seus olhos, mas no fundo havia algo mais quente. Ficamos ali, sem nos mover, apenas nossas respirações dançavam no ar frio entre nossos lábios. Uma parte de mim dizia para que eu me aproximasse, pressionasse minha boca na dele, enquanto outra parte gritava para que eu saísse correndo dali. Ele aproximou-se ainda mais e eu levantei a cabeça quando a mão dele tocou minha bochecha.

A porta da frente abriu trazendo uma rajada de vento quente, e eu quase caí do degrau. Os dedos quentes de Alex seguraram meu cotovelo para que eu não caísse. Eu me virei, vi os olhos arregalados de Jess e sorri levemente.

— Desculpe, achei que você estivesse tendo problema com a chave de novo. — Jess olhava para mim, e então para Alex, e então para mim de novo. — Eu não queria interromper.

— Você não interrompeu nada. Alex me trouxe para casa porque minha caminhonete não quis ligar. — Limpei a garganta e me virei para sorrir para o príncipe que estava em pé na pequena varanda.

— Foi um prazer. — Alex piscou para mim antes de inclinar a cabeça na direção de Jess. — Você deve ser Jess.

Ele esticou a mão para ela e observei minha amiga olhando para ele como se aquilo fosse algo irreal antes de aproximar-se devagar para apertar sua mão.

— Sim. Jess. Eu sou. Quero dizer, eu sou Jess. Ah, prazer em conhecê-lo.

Jess olhou para mim e então de novo para Alex. Ela puxou a mão para longe dele.



— Me desculpe. Eu não queria segurar a sua mão como se eu fosse uma perseguidora louca. Namorado! Bert! Meu namorado está na sala. — Meus olhos se arregalavam a cada palavra que saía da boca de Jess e precisei me conter para não rir alto. Olhei sobre o ombro de Jess e vi Bert olhando para nós com o mesmo olhar impressionado.

— Certo. Esta é a minha amiga, a que não é louca, e aquele é o namorado dela, Bert. — Bert estendeu a mão para cumprimentá-lo.

— Prazer em conhecê-los. — Alex olhou de volta para mim, e eu pude perceber a animação no azul de seus olhos. — Entrarei em contato com você, Samantha.

— Claro. — Balancei a cabeça, tentando fazer com que tudo parecesse formal. — Vou esperar ansiosa por isso.

Meu coração parou de bater. Eu tinha mesmo falado aquilo? Qual era o meu problema?

— Eu também. — Seus olhos ficaram presos nos meus antes de ele abaixar a cabeça e descer os degraus. Não me mexi enquanto o observava atravessar a grama e entrar na limusine, cuja porta o motorista segurava aberta. Eu me virei e empurrei Jess para dentro da casa, fechando a porta. Encostei na madeira pesada e tirei os sapatos de salto.

Jess estava parada olhando para mim, com olhos gigantes. Suspirei e tirei o casaco.

— Vamos lá, desembuche. — Falei.

— O Príncipe Gostosinho trouxe você para casa. — Jess apontou o dedo para mim como se eu estivesse encrencada. Aquilo não ia ser legal.

— Sua Alteza, Príncipe Alex, me trouxe para casa. — Franzi a testa para ela. — Você precisa parar de chamá-lo assim. Fiquei com isso na cabeça a noite toda.

— Sua Alteza, Príncipe Alex, o Gostosinho, trouxe você para casa. Em uma limusine. — Jess respirou fundo. — E você quase o beijou. Bem ali. Na nossa varanda!

— O quê? Não. Não, eu não estava quase beijando o príncipe. — Sacudi a cabeça e deixei o casaco em cima do armário e fui até a cozinha.

— Eu não sou cega, Sam. Vocês estavam pertinho assim! — Ela levantou o polegar e o indicador para que eu pudesse ver o espacinho que existia entre eles. — Você ia beijá-lo!

— Não seja ridícula. Ele é europeu. Eles dão beijos nas bochechas. É só isso. — Peguei um copo de água e fui até o balcão.

Bert nos seguiu até a cozinha e encostou-se na porta com os braços cruzados. Não gostei do jeito que me olhou. Jess podia tirar conclusões. Ela era brilhante, mas eu também sabia que o fato de eu me envolver com Alex era o sonho da vida dela. Mas Bert era um cara prático.

— Veja bem, fui me encontrar com a duquesa e ela levou Alex junto. Quando chegou a hora de vir embora, o manobrista disse que meu carro não ligava, por isso Alex insistiu em me trazer até em casa.

Tomei um gole de água tentando acalmar meus nervos. Ainda conseguia sentir o cheiro dele. Era como se estivesse dentro de todo o meu corpo.

— Um tipo de cavalheirismo de príncipe. É só isso.

— Eu não sou idiota, Sam. Sei o que eu vi. — Jess sorriu. — O Príncipe Gostosinho gosta de você.

Balancei a cabeça e descii do balcão. Eu precisava esquecer aquilo antes que saísse do meu controle.

— Mesmo que ele gostasse, o que não é verdade, não estou interessada nele. Você me conhece, Jess. Um cara assim é o oposto do que eu quero.

— Normalmente, precisamos exatamente do que achamos que não queremos. — A voz baixa de Bert encheu a pequena cozinha e Jess balançou a cabeça como se estivesse brava.

— Dá um tempo. Guarde a sua psicologia para outra pessoa.

— E por que queriam ver você? — Bert inclinou a cabeça para o lado. — Eles vão doar dinheiro para o programa?

— Não. — Deixei aquilo no ar por um tempinho. — Parece que sou uma pessoa da realeza. — Era possível ouvir o barulho de uma agulha caindo no chão, pois tive certeza de que os dois haviam parado de respirar. — Vou descobrir, tá? — Enchi meu copo com água e passei por Bert a caminho do meu quarto. — Agora, vocês sabem qual foi a melhor parte da minha noite? — Parei na porta do meu quarto e me virei para Jess e Bert, que estavam em pé na porta olhando para mim boquiabertos. — Foi ver Jess conhecer o Príncipe Gostosinho usando moletom e meias velhas.

— Ah, meu Deus. — A voz de Jess me seguiu enquanto entrava no quarto e não consegui deixar de rir.



# Cinco

*Uma pessoa da realeza escondida entre nós*

— MINNESOTA DAILY

**Algo tocou no quarto** e eu levei um susto. Rolei, pensando que, provavelmente, era só um aviso de recebimento de e-mail no meu telefone, e então tocou de novo. Sem abrir os olhos, passei a mão pela mesa de cabeceira e peguei o celular. Abrindo um olho só, li as mensagens.

**Número Desconhecido:** *Não saia de casa.*

**Número Desconhecido:** *Estou enviando alguém para ajudar.*

Sentada na cama, esfreguei os olhos e olhei para o telefone. Quem estava me dizendo para não sair de casa? Quem estava mandando alguém para me ajudar? Olhei para o número e tive uma luz. Olhei minhas últimas ligações e tinha bastante certeza de que era o mesmo número. Meu coração se acelerou quando percebi que Alex estava enviando mensagens.

Coloquei os pés para fora da cama e perdi o fôlego quando meus pés quentes tocaram a madeira gelada. Calcei os chinelos e abri a porta do quarto. Ouvi o barulho da TV na sala e fui até lá para ver quem estava acordado. Jess estava sentada no sofá, enrolada em um cobertor e olhando para a TV com os olhos arregalados.

— Por que você saiu da cama tão cedo?

Eu me sentei ao lado dela e peguei um pouco do cobertor para cobrir as pernas.

Jess apenas apontou para a TV. Olhei para a tela brilhante com os olhos semicerrados e levei um susto.

— Por que tem uma foto da nossa casa no noticiário da TV? — Veio uma sensação de ansiedade no estômago.

A próxima imagem que apareceu na tela respondeu à minha pergunta. Era Alex e eu do lado de fora do Parallel. Ele estava com a mão em meu ombro. Em seguida, apareceu a imagem de Alex me ajudando a vestir o casaco.

— Ah, não. Ah, não.

— A minha mãe me mandou uma mensagem hoje às cinco da manhã. — Jess olhou para mim com os olhos arregalados. — Eu não quis acordá-la. Achei que você precisava dormir para conseguir lidar com isso.

— O Alex me mandou uma mensagem. — Estiquei meu telefone para que ela pudesse ler a mensagem.

— Ele está mandando alguém pra cá? Isso é bom.

— Por que isso é bom?

— Como você acha que a imprensa tem uma foto da nossa casa?

— Jess inclinou a cabeça para o lado.

— Você está brincando. — Eu me virei e olhei para as persianas fechadas. — Eles estão mesmo esperando lá fora?

— Três emissoras de TV. — Jess balançou a cabeça. — Bert viu isso mais cedo.

— Três emissoras de TV? — Uma parte de mim queria olhar pela janela, mas a parte sã queria apenas voltar para a cama e se cobrir com o cobertor até a cabeça.

— Onde está Bert?

— Voltou para a cama. Ele tem uma aula em algumas horas.

Estremeci. Eu precisava dar aula naquele dia e o Dr. Geller só voltaria amanhã.

— Ah, o dia hoje vai ser péssimo.

— O que você vai falar para o Príncipe Gostosi...

— Não o chame assim! — Bati no braço dela. — E se você se encontrar de novo com ele e essas palavras simplesmente escaparem da sua boca?

— Bom, ele já me viu de pijama, não tem como eu ficar mais envergonhada. — Olhei para ela e ela revirou os olhos. — Tudo bem. O que você vai falar para o Príncipe Alex? Ele salvou você de abrir a porta, ainda de roupão, para algum tipo de repórter.

— Estou metida nessa confusão por culpa dele.

— Não, a culpa não é dele. É da tia dele. Aliás, na verdade, a culpa é de quem vendeu aquelas fotos. — Jess acomodou-se nas almofadas do sofá e olhou para mim. — Você deveria culpar estas pessoas. Ele estava apenas cuidando de você.

— Você está certa. Vou voltar àquele restaurante e acabar com a recepcionista. Com certeza foi ela. Desgraçada. — Olhei para a manchete que aparecia embaixo das fotos. — Isso não pode ser verdade. *Uma pessoa da realeza escondida entre nós?* Isso é o melhor que eles conseguem fazer? Por que é que isso tem importância?

— Ei! *Hello?* Porque nada de interessante acontece aqui e Alex é demais. Ele é simplesmente o solteiro mais cobiçado do mundo. — Não havia o que discutir sobre a beleza de Alex, por isso tentei me concentrar em outra coisa.

— Por que eles estão agindo como se eu soubesse que fazia parte de uma família real? Simplesmente noticiam o que querem sem confirmar a informação?

— É como se fosse um grande jogo de telefone sem fio. Uma emissora relata algo com um fato um pouquinho alterado. Então a

outra relata simplesmente o que foi falado. A outra relata o que a segunda emissora disse, mas chega a conclusões que não são corretas, e assim vai. — Jess encolheu os ombros e o cobertor caiu.

— Isso é terrível. E assustador. — Olhei de novo para a TV. — Sem mencionar o quanto me deixa brava.

Jess olhou para mim.

— Sabe, você não disse muita coisa sobre isso. Sobre fazer parte da realeza.

— É porque cheguei em casa, dormi e acordei com as pessoas vigiando a minha casa como se Elvis tivesse ressuscitado. — Jess continuou olhando para mim. Encostei a cabeça na almofada e suspirei. — Tudo bem, não sei o que dizer. Juro, de verdade, não tenho nenhuma prova. E não posso perguntar para a minha mãe. — A minha garganta se apertou e precisei parar de falar. — Eles parecem estar muito convencidos disso e não acho que viriam atrás de mim se não tivessem certeza do que estão dizendo. Mas... é muita informação. Eles querem que eu vá embora com eles.

— Ir embora com eles? — Jess endireitou-se um pouco. — Uau.

— Não sei se vou fazer isso.

— Você é maluca? É claro que vai fazer isso! Você precisa fazer isso! — Jess olhava para mim como se eu tivesse perdido a cabeça. — Precisa saber mais coisas sobre a sua família. E imagine tudo o que poderia fazer sendo parte da realeza.

— Tenho a faculdade e o meu pai. — Sacudi a cabeça. — Tenho uma vida aqui, e eles simplesmente querem que eu largue tudo e me torne outra pessoa.

— Isso é besteira. Você ainda seria a Sam! Leve seu pai com você. Sempre ouvi dizer que eles têm um excelente sistema de saúde por lá. Quer dizer, não é perfeito, mas Lilaria é líder nos tratamentos de saúde.

Suspirei. Será que todo mundo conhecia o sistema de saúde deles menos eu?

— É, já me falaram isso. Preciso falar com o papai. Não sei nem se ele tem condições de fazer essa viagem.

— Como foi que sua família acabou nos Estados Unidos? Digo, você não fazia a menor ideia de que pertencia a uma família real.

— Parece que fugimos quando houve uma revolta. Nossa família era alvo, e por isso fugiram no meio da noite sem dizer nada a ninguém e se esconderam. — Encolhi os ombros. — Eles deixaram tudo para trás, pois não queriam chamar atenção. Você sabe que meu tataravô era um jogador, por isso não sobrou dinheiro algum. O que mais me chateia é o fato de minha mãe nunca ter me contado nada.

— Talvez ela não soubesse.

— Nunca vou saber disso.

Olhei de novo para a TV e sorri. Eles estavam exibindo a foto do meu crachá da faculdade. Ah, cabelo horroroso.

— Acho que preciso me vestir já que alguém está a caminho.

— E é melhor também mandar uma resposta para o Príncipe Encantado.

— Você quer parar de inventar apelidos para ele? — Eu me levantei e espreguicei.

— De jeito nenhum. Estou me divertindo muito.

Levantei o dedo do meio para ela quando fui para o quarto, mas Jess apenas riu. Já nos conhecíamos há tempo demais para saber que aquilo era apenas uma brincadeira. Quando fechei a porta, olhei para o telefone que estava na minha mão. Antes de pensar melhor a respeito, enviei logo uma mensagem para ele.

**EU:** *Obrigada pelo aviso. Provavelmente, eu teria dado de cara com um jornalista.*



Meu telefone apitou logo em seguida.

**Número Desconhecido:** *Eu deveria estar preparado para isso, sinto muito. Duvall está a caminho e está levando seu carro. Por favor, tome cuidado hoje.*

Franzi a testa. Por que eu precisaria tomar cuidado? E eu não podia imaginar ter que pensar em cada movimento que eu fizesse, tentando imaginar como seria interpretado pelos outros. Coloquei o telefone na cômoda e peguei algumas roupas no armário. Hesitei por um minuto, pensando se deveria me preocupar com o que vestir, mas decidi usar o que sempre vestia. Era ridículo eu me arrumar toda para passar a maior parte do dia limpando gaiolas. Além disso, talvez, se eu agisse como se não houvesse nada de diferente, as pessoas me deixassem em paz.

Peguei meu jeans preferido e uma camisa xadrez e preendi meu cabelo em um rabo de cavalo antes de mandar uma mensagem de texto para o meu pai avisando que passaria na casa dele para conversar depois da faculdade. Eu poderia ter ligado, mas, normalmente, ele dormia até tarde. Peguei a mochila e os sapatos e fui para a sala. Bert estava sentado no sofá, comendo cereais.

— Oi. Será que você poderia me dar uma carona até a faculdade? Não sei se minha caminhonete vai conseguir chegar até lá.

— Claro. — Bert tirou os olhos da televisão. — Você está preocupada que as pessoas não saiam do seu pé?

— Não. Acho que eles podem fazer perguntas, mas acho que não é nada de mais.

— Você acha que não é nada de mais?

Encolhi os ombros e sentei ao lado dele. Enquanto amarrava as botas, ouvi uma batida na porta da frente. Comecei a me levantar para atender, mas Bert me interrompeu.

— Deixe que eu atendo. — Bert foi até a porta e olhou pela janela, que ficava no topo da porta, antes de abrir um pouquinho. — Pois não?

— Eu sou Duvall. Sua Alteza enviou-me para falar com a Lady Rousseau.

Bert virou-se para mim.

— Você está esperando um cara chamado Duvall, Lady Rousseau? Revirei os olhos.

— Por favor, deixe-o entrar, Sir Bert.

Bert deu um passo para trás e Duvall entrou na nossa casa. Ele usava um terno preto e o pequeno aparelho no ouvido, de novo. Andou diretamente até mim e entregou-me minhas chaves e duas pastas.

— Bom dia, Lady Rousseau. A duquesa enviou isso para a senhora olhar. Ela achou que a senhora pudesse ter mais algumas perguntas sobre a sua família. E o Príncipe Alex enviou esta outra pasta.

— Bom dia.

Murmurei as palavras e, imediatamente, folhee a pasta menor, enviada por Alex. Eram artigos sobre o sistema de saúde do seu país, relatórios sobre quimioterapia e medicamentos contra câncer que não estavam disponíveis nos Estados Unidos. Será que ele próprio havia juntado esse material? Ou será que teria pedido a alguém para fazê-lo? Será que isso realmente importava? Não importava como ele tinha juntado o material, ele havia enviado as informações que sabia que me fariam querer ir embora.

Todos estavam olhando para mim enquanto eu folheava a pasta, por isso limpei a garganta e fechei o material.

— Obrigada por trazer estas coisas para mim, e por trazer o meu carro. Acho que vou levá-lo para a oficina mais tarde.

— Acho que o motor de arranque estava quebrado. Sua Alteza pediu para que ele fosse rebocado para uma oficina na noite

passada e pediu para que o consertassem hoje pela manhã.

— Ah. Eu mesma teria levado o carro para a oficina. — Pagar pelo estacionamento então nem passava pela cabeça dele. Eu teria que pedir dinheiro emprestado para pagar essa dívida. — Quem devo pagar pelo conserto?

— O Príncipe Alex já cuidou disso, senhora.

— O quê? E pare de me chamar assim. — Franzi a testa para ele.  
— Por favor. Sou apenas Samantha.

— Como quiser. — Duvall balançou a cabeça. — A que horas é a sua primeira aula?

— Daqui uma hora. Por quê? — Eu podia sentir minhas sobrancelhas se juntando. — Posso ter um tempo para respirar? — Eu ainda estava processando a informação de que Alex pagou pelo conserto do carro.

— Eu queria avisar a equipe sobre o horário em que nós vamos sair.

Duvall deu alguns passos para trás e falou com a boca na manga da camisa. Literalmente, falou em um punho de sua camisa da mesma maneira como o Serviço Secreto costuma fazer.

— Com licença? — Eu me levantei. — Como assim nós?

— A duquesa ordenou que ficássemos com a senhora. Ela está preocupada porque terá que enfrentar problemas por causa da maneira como a imprensa abordou essa história. — Duvall cruzou as mãos. — Tenho um grupo de seis pessoas, incluindo eu, e três carros.

— Qual história? Não existe nenhuma história. Três carros? Apenas para eu ir até a faculdade? — Coloquei as mãos na cintura e vi Bert tentando sair da sala. — Bert! Você é formado em psicologia. Não concorda que se eu agir como se nada estivesse acontecendo as pessoas vão se comportar dessa maneira também?

— Bem — disse ele. Seu rosto parecia um pouco apavorado. — Eu tenho certeza de que isso não é a mesma coisa do que fingir que está tudo bem depois que se termina um namoro. Isso pode ter repercussões na sua segurança.

— Do que você está falando? Trabalho com aves. Elas não dão a mínima se pertencem à realeza! Mudança demais acontecendo rápido demais. — Eu não tinha nem falado com meu pai ainda. Ah, Meu Deus. — Papai.

— Isso não é verdade, Sam. Você dá aula para uma classe onde quase todos sabem que está nos jornais. Sem falar das pessoas que fazem entregas no centro. — Bert franziu a testa e encolheu os ombros. — Não posso culpá-la por querer que tudo fique normal, mas neste exato momento isso não vai acontecer.

— Samantha, seremos muito discretos. — A voz calma de Duvall não fez com que eu me sentisse menos frustrada.

— Não estou gostando disso. — A ideia gritava tão alto na minha cabeça que acabou escapando pela boca. Apontei para Duvall e franzi a testa. — Você vai fazer o que eu mandar. Fique fora do meu caminho e tente não ser visto.

— Claro. — Duvall falou na manga da camisa de novo e me controlei para não cair na gargalhada. Não tinha como Duvall ficar invisível. — Tenho um carro esperando na porta, mas a senhora deve se preparar porque a quantidade de jornalistas aumentou desde que cheguei.

— Quantos são? — Eu podia ouvir vozes do lado de fora e senti meu coração acelerar.

— Eles ainda estão chegando.

Gemi e olhei pela sala procurando meu casaco antes de enfiar as pastas na mochila. — Então vamos acabar logo com isso, antes que cheguem mais pessoas. Acho que não preciso mais da sua carona, Bert.

— Ligue para mim se precisar de ajuda. — Ele me saudou com a colher e sorri para ele.

— Samantha, talvez eles façam perguntas. Você decide se quer respondê-las, mas eu sugiro que não as responda. Se responder, farão mais perguntas ainda. — Duvall olhou para mim com seriedade.

— Mantenha a cabeça abaixada e sorria. Nada exagerado, apenas um pequeno sorriso — disse Bert. — Você não vai querer ficar com a testa franzida porque, provavelmente, vai ser fotografada.

— Ah, meu Deus. — Apertei minha mão na alça da mochila.

— Pronta? — Duvall colocou a mão na fechadura.

Balancei a cabeça e forcei um sorriso. O ar frio entrou na casa e segui Duvall para o meio daquela loucura.



# Seis

*O acesso da imprensa ao campus é negado*

— WXCV DALE GORDON

**As luzes dos equipamentos** de filmagem e o flash das câmeras me cegaram. Duvall segurou meu cotovelo enquanto descíamos as escadas. As pessoas gritavam meu nome, berravam perguntas e acenavam para tentar chamar minha atenção. Mantive meu olhar para baixo, sem querer contato visual, e me forcei a continuar sorrindo.

Assim que consegui ter visão do carro, fiquei aliviada. A caminhada da porta da casa até o carro foi a caminhada mais longa da minha vida. Duvall abriu a porta de trás para mim, deixando que eu entrasse no carro antes de ele se sentar no banco do passageiro, na frente.

— Provavelmente eles vão nos seguir, madame. Eu não faria nada que a senhora não quisesse que vissem até estarmos à frente deles.

— Duvall olhou para mim com seriedade. Ele estava usando óculos escuros e, por alguma razão, tive vontade de rir.

— Tudo bem. — Coloquei o cinto de segurança e puxei a mochila para perto de mim. — Achei que você fosse me chamar de Sam.

— Quando estivermos sozinhos. Devemos manter a formalidade em público. — Ele virou-se para frente e apontou a cabeça para o

motorista. — Este é Parker. Quando eu não estiver com você, Parker estará.

— Oi. — Sorri para o rosto que aparecia no espelho retrovisor.

— É um prazer conhecê-la, Duquesa de Rousseau. — Ele balançou a cabeça para mim. Tinha, aproximadamente, a mesma idade de Duvall, com mechas grisalhas no cabelo.

— Tecnicamente, ainda não participei de nenhuma cerimônia. Sou apenas Samantha.

— As cerimônias são apenas uma formalidade. A senhora nasceu duquesa.

Respirei fundo e olhei para fora da janela. Tentei não olhar para trás, pois não queria que tirassem fotos minhas olhando pela janela de trás do carro, pois acabariam estampadas no noticiário. Um carro parecido com aquele em que estávamos havia assumido a liderança e tive certeza de que havia outro carro nos seguindo.

— Você acha que eles vão nos seguir até a faculdade?

— É bem provável, embora o reitor tenha sido avisado e disse que eles não seriam bem-vindos ao campus.

— O reitor? — Meu coração parou de bater. Quem ligou para o reitor?

— É comum avisar os funcionários quando existe a possibilidade de acontecer alguma coisa relacionada à mídia. Além disso, a duquesa está visitando alguns programas enquanto está na cidade.

O caminho não era longo até a faculdade. Havíamos alugado uma casa perto dali. Como se pudesse ler meus pensamentos, Parker parou o carro no estacionamento do prédio de Ciências Naturais.

Estacionou o carro no meio-fio e Duvall desceu imediatamente. Ele abriu minha porta e eu saí. Um homem desceu do carro da frente e uma mulher do carro de trás. Cada um deles assumiu um lugar ao meu lado enquanto eu caminhava para o escritório. Duvall não perdeu tempo nos apresentando, pois estávamos fugindo do

frio. As pessoas nos carros de imprensa estavam correndo para tentar nos seguir. Entramos no prédio rapidamente e mostrei meu crachá de estudante para o segurança. Ele nos deixou entrar e eu levei todos para o andar de cima, onde ficavam os escritórios.

Enquanto subíamos as escadas, podíamos ouvir o segurança dizendo aos repórteres que não podiam entrar no prédio. Quando chegamos ao escritório que eu dividia com vários outros alunos de pós-graduação, respirei aliviada. Eu me virei e olhei para as três pessoas usando ternos.

— Samantha, este é Terrance Ross. — Duvall apontou com a cabeça para o homem. Ele era alto e tinha a cabeça raspada. Estiquei a mão para ele apertar. A palma de sua mão cobriu a minha e seu sorriso era bastante formal.

— É um prazer conhecê-la, duquesa.

— Sam, ou Samantha. — Suspirei quando Duvall tossiu. — Pelo menos quando estivermos sozinhos, por favor.

— E esta é Rebecca Meyers. — A mulher era mais jovem do que os dois homens. Provavelmente tinha mais ou menos a minha idade. Ela estava usando calças e uma camisa abotoada até a altura do colarinho, por baixo de um casaco de inverno. Seu cabelo loiro tinha corte curto que combinava com seu rosto e sorriso amigável.

— É um prazer conhecê-la. — Ela apertou minha mão com firmeza. — Por favor, me chame de Becca.

— É um prazer conhecê-la, Becca. — Olhei para trás na direção da porta e vi as sombras de meus colegas atrás da porta. — Bom, também vou apresentar vocês aos idiotas com quem trabalho.

— Eu ouvi isso — gritou Mary do outro lado da porta quando as sombras desapareceram do caminho.

Abri a porta e encontrei Mary e dois outros alunos olhando para nós. Saí para o lado para que os outros pudessem entrar e acenei na direção deles.



— Pessoal, estes são os engravatados. Engravatados, estes são meus colegas de trabalho.

— Você é mesmo uma princesa? — Mary inclinou-se para frente.  
— E, por favor, me diga que vamos conhecer o príncipe.

— O quê? Não. — Coloquei a mochila na mesa e abri para procurar as anotações para a próxima aula. — E não.

— Mas você é uma pessoa da realeza, certo? Seu rosto estava em todos os noticiários desta manhã.

Ela levantou-se e virou o monitor do cara ao lado dela para que vissemos que eles estavam assistindo a transmissão ao vivo por uma emissora de TV local.

— Desligue isso! — Fui até lá e apertei o botão do monitor.

— Nossa, você não pode nos culpar por sermos curiosos! Conhecemos você há anos e você nunca nos contou nada.

Mary cruzou os braços. Cerrei os dentes e contei até cinco antes de responder. Mary não era uma das pessoas de quem eu mais gostava no programa.

— Não contei para ninguém. Porque eu não sabia. — Franzi a testa para todos. — Vamos lá, pessoal. Não sejam estranhos. Sou a mesma Sam de antes. Só tenho antepassados da realeza.

— Deixem a Samantha em paz, pessoal. Nós todos já ralamos com ela e já passamos horas juntos estudando manuais — disse David, um dos alunos de doutorado, que estava no fundo da sala. Soltei a respiração aliviada. David era um cara legal e os outros o escutavam. Sorri para ele e ele balançou a cabeça para mim.

— Todos nós temos bastante coisa para fazer.

Olhei para Duvall e abaixei a voz.

— Será que vocês podem esperar um pouco lá fora?

— A que horas é a sua aula? — Seu sotaque chamou a atenção de algumas pessoas que estavam mais perto.

— Em trinta minutos.

— Muito bem. Vou esperar com Ross do lado de fora. Meyers ficará com você. Ela sabe se misturar e fazer com que as pessoas se sintam menos desconfortáveis.

— Por que vocês todos não podem sair? — soltei as palavras entre meus dentes.

— Lady Rousseau, alguém precisa ficar com a senhora o tempo todo quando estiver em local público. Preciso cumprir as ordens da duquesa. — O rosto dele estava impassível e eu sabia que nosso sussurro estava deixando todo mundo ainda mais curioso, e por isso desisti.

— Tudo bem. Becca fica. Todos os outros saem.

Ele começou a dizer alguma coisa, mas interrompi.

— Becca fica e todos os outros esperam lá atrás. Não quero formação de voo em V, nem pessoas me rodeando atrás de mim, como se fossem a mãe urso protegendo os filhotes.

— Certo, madame. — Duvall abaixou a cabeça antes de sair da sala.

— Vou fazer algumas coisas antes de sair. A aula de Introdução à Vida Selvagem só começa daqui meia hora e é neste prédio mesmo, por isso chego lá em um minuto. — Levantei a cabeça na direção da minha mesa.

— Por mim, tudo bem.

Uma coisa que eu havia percebido desde o começo era que Becca tinha sotaque americano. Um sotaque do Sul, para ser mais exata, e isso fazia com que tudo parecesse menos estranho e menos louco.

Empurrei uma cadeira para perto da minha mesa para ela e peguei alguns papéis, folheando minhas anotações para a aula do dia, mas minha atenção continuava voltada para as pastas de documentos. Abri a pasta que Rose havia enviado e analisei as primeiras páginas. Havia cópias de certidões de nascimento, um manifesto marítimo e algumas escrituras de imóveis em Nova York. E

então encontrei uma árvore genealógica. Era uma árvore bastante genérica, não havia o desenho de uma árvore ou uma caligrafia rebuscada. Era apenas uma tabela com os nomes dos descendentes. Procurei pelas linhas até encontrar o nome de minha mãe. Havia outros ramos, mas todos terminavam de um modo ou de outro. Ao lado do nome de minha mãe havia um espaço em branco seguido por uma linha que chegava ao meu nome completo.

Seguindo a linha até mim, olhei para o meu nome e franzi a testa. Samantha Ellen Frances Rousseau. Sempre detestara o fato de ter quatro nomes. Parecia uma coisa tão boba. Todo mundo sempre viveu muito bem apenas com três. Folheei mais um pouco os papéis, procurando por qualquer coisa que chamasse minha atenção ou que me parecesse familiar. Cópias da tese da minha mãe e sua primeira publicação em um periódico me fizeram sorrir. Ela foi uma cientista brilhante.

Olhei para o relógio e vi que tinha tempo o suficiente para dar uma olhadinha rápida na outra pasta. O barulho no escritório me acalmava. O barulho de alguém digitando, os sussurros de Mary enquanto ela paquerava o David. David dizendo para que ela ficasse quieta. Era bom ter um pouco de vida normal por alguns minutos.

A pasta de Alex continha vários artigos de revistas de medicina presos por cliques. Artigos sobre o tratamento homeopático para o câncer, como lidar com a quimioterapia e informações sobre uma nova droga que parecia estar ajudando a aliviar a dor de alguns pacientes com câncer sem afetar sua qualidade de vida. Os artigos eram fascinantes e senti a esperança enchendo meu coração. Talvez aquela ideia toda não fosse tão ruim assim. Principalmente se eu conseguisse ajudar o meu pai. Ou pelo menos fazer com que ele se sentisse mais confortável.

Na parte de trás da pasta havia uma nota em alto-relevo e uma anotação com um endereço na internet. Aquilo parecia ser um link

para a página de um médico que trabalhava especificamente com pacientes com câncer de próstata. Alex escrevera que o médico morava no Reino Unido e talvez pudesse examinar meu pai minuciosamente.

Becca tossiu e olhei para onde ela estava sentada.

— Sua aula começa em cinco minutos.

— O quê? — Olhei para o relógio em cima da mesa e franzi a testa. O tempo havia passado rápido demais. Peguei minhas coisas e coloquei na mochila antes de apontar a cabeça para a porta. — Vamos.

O auditório ficava do outro lado do prédio, por isso fomos pelas escadas dos fundos. Hesitei ao passar pela porta, quando vi todas aquelas pessoas na sala. Quase todas as cadeiras estavam ocupadas, o que não era comum para uma aula tão cedo. Duvall olhou para mim, ele estava bem perto do palco, com o rosto sem expressão e fiquei me perguntando o que estava passando pela cabeça dele, porque eu mesma não sabia o que pensar. Segurei com força a alça da mochila e caminhei propositadamente. Fingir que tudo estava bem era o lema do dia. O auditório ficou em silêncio e consegui ouvir apenas alguns sussurros.

Coloquei a mochila no chão e virei-me para a sala. Meus olhos reconheceram alguns rostos em meio às centenas de outros que eu nunca tinha visto.

Meu coração ficou acelerado ao ver tantas pessoas interessadas nessa aula sobre ornitologia. Um leve murmúrio de divertimento se espalhou pela sala.

— Para aqueles, entre todos vocês, que não acordaram de manhã com um amor repentino pelos pássaros, abram seus livros no capítulo doze.

Peguei minhas anotações e uma caneta-marcador. Enquanto os alunos verdadeiros reviravam suas mochilas, rapidamente escrevi

algumas palavras-chave no quadro branco. Eu me virei para a classe e engoli em seco. Nunca havia falado para tantas pessoas antes, e aquilo era intimidador.

Saindo da pequena mesa e chegando ao palco, decidi me concentrar no assunto que eu deveria tratar ali e me esquecer de que a maioria daquelas pessoas estava ali apenas para olhar para mim.

— Quem pode definir um pássaro?

A mão de uma aluna surgiu no ar. Eu não conseguia me lembrar do nome dela, mas costumava chamá-la de Hermione dentro da minha cabeça. Balancei a cabeça para ela.

— Um animal cujo corpo é coberto por penas e membros anteriores que se transformam em asas. — Ela sorriu orgulhosa.

— Sim, mas não é só isso que define um pássaro. Mais alguém?

— Olhei pela sala. Alguém que não reconheci levantou a mão e esperei um pouco antes de acenar para que ela falasse.

— Você é mesmo uma princesa?

— Todas as meninas são princesas, você não sabe disso? — Meu coração batia acelerado e apertei os olhos. Risinhos podiam ser ouvidos pela sala e eu me sentei em cima da mesa. — E então, quem pode me falar sobre as aves?

Um dos alunos levantou a mão e eu apontei na direção dele.

— Todas têm pernas escamosas, um bico, não têm dentes, e seus embriões se desenvolvem dentro de um ovo com casca dura.

— Ótimo.

Dei um pulo e escrevi a definição na lousa.

— Alguém faz alguma ideia de quantos tipos de aves existem no mundo?

Havia mais pessoas com as mãos levantadas quando eu me virei. Tentei escolher alguém que eu reconhecesse das aulas, torcendo para que eles mantivessem o tópico da nossa conversa.

— Danni?

Olhei para a loirinha.

— Cinco mil?

Quase não consegui ouvir sua voz.

— Não. Quem mais?

Apontei para o garoto de boné.

— Quatro mil quinhentos e setenta e dois.

Ele sorriu quando as pessoas se viraram para ele.

— Não chegou nem perto. — Olhei pela sala. — Vamos lá, pessoal. Vocês devem ler o capítulo antes da aula.

Alguém no fundo levantou a mão, mas eu não conseguia ver seu rosto. Relutante, apontei naquela direção.

— Mais de dez mil e quatrocentos.

A voz de Alex encheu a sala e senti meu rosto ficar vermelho. Meu coração se acelerou e, só de ouvir sua voz, eu já ficava arrepiada. Ele estava ali, me assistindo? Alguns alunos olharam para ele, seu sotaque chamava atenção. Pessoas começaram a sussurrar no salão ao perceberem que o Príncipe de Lilaria estava entre eles.

— Correto. Acho que a última contagem foi de dez mil quatrocentos e sessenta e seis.

Escrevi o número na lousa, virando para frente, tentando me acalmar. A classe se acalmou e eu me esforcei ao máximo para continuar a aula.

— Quantas ordens de aves são classificadas pela IOU (International Ornithologists' Union)? — Olhei pela sala. — É isso mesmo, pessoal? Vocês vão deixar que ele venha até aqui e fique se exibindo para vocês? — A risada tomou conta da sala e fiquei aliviada quando a Hermione levantou a mão e deu a resposta certa.

Mal pude acreditar quando a aula terminou. Eu tinha vinte minutos antes da próxima aula e estava pensando em colocar um aviso na porta e me esconder. Quando os alunos começaram a se

levantar e sair, alguns deles vieram até mim para tentar fazer algumas perguntas. Fiz o possível para livrar-me deles, mas alguns estavam muito interessados em conseguir uma resposta. Becca estava ao meu lado, seu sorriso simpático havia sido substituído por um olhar furioso que fez com que eu repensasse minha primeira impressão sobre sua personalidade.

— Por favor, Sam. É o jornal da faculdade. Só uma entrevista. Eu deixo você escolher as perguntas que quer responder. — O editor do jornal dos alunos estava encostado na minha mesa e eu estava decidida a ignorá-lo.

— Eu já falei, Toby, estou muito ocupada agora. Sinto muito.

Verdade seja dita, eu sempre estaria ocupada demais quando o assunto fosse entrevistas. Principalmente com Toby. Ele era um pervertido.

— Se me der licença, preciso terminar de corrigir alguns trabalhos.

— Samantha...

— Por aqui, senhor. — Duvall apareceu ao lado de Toby e colocou uma mão em seu ombro. — Lady Rousseau pediu um pouco de sossego.

— Mas...

— Outra hora, talvez. — Duvall tirou Toby de perto da minha mesa e levou-o para fora do palco, para o meu alívio. Quem diria que eu acabaria ficando feliz ao ver o Duvall?

— Você é uma excelente professora. Conduziu a aula muito bem. — A voz de Alex em meu ouvido me fez dar um pulo, fazendo com que eu batesse a cabeça no queixo dele.

Passei a mão na cabeça enquanto ele olhava para mim com ar divertido. Ele também passou a mão no queixo, mas sorriu.

— Meu Deus. Não fique em cima de mim. E eu teria conduzido muito melhor a aula se você não tivesse aparecido por aqui.

— Gosto de pensar que eu os encorajei a se esforçarem um pouco mais.

Seus olhos azuis brilharam quando olhou para mim.

— E eu queria me certificar de que eles não estavam dando muito trabalho.

— Bom, obrigada, eu acho. — Franzi a testa para ele, tentando não ficar hipnotizada por seus olhos. — Mas eu poderia resolver a situação sozinha. Você não precisa cuidar de mim.

— Você foi jogada em um mundo novo... Só queria ajudá-la a se sentir mais segura.

Em vez de ficar incomodado com a minha relutância em aceitar sua ajuda, ele parecia estar se divertindo.

— Quantas aulas você ainda tem hoje?

— Mais duas. — Esfreguei a testa. — E então vou para o santuário.

— Entendi. Você tem tempo para almoçar em algum lugar? — Ele inclinou-se despreocupadamente sobre a mesa. Sua bunda perfeita estava encostada na beirada. Tentei não pensar naquilo e apenas me concentrar na conversa.

— Normalmente, almoço no escritório depois da última aula. Para lidar com a burocracia antes de ir embora. — Mordi o lábio superior, confusa com a presença dele na minha aula, com seu interesse por mim. Seus olhos se voltaram para a minha boca e, logo depois, para meus olhos. Alguns flashes do lado direito do corredor chamaram minha atenção e percebi que alguns alunos estavam usando seus telefones para tirar fotos de nós dois. Becca pulou do palco e foi atrás deles.

— Posso almoçar com você no escritório? Ou isso não é permitido? — Ele inclinou a cabeça para o lado e me vi analisando a maneira como as luzes do palco mudavam as nuances de seu cabelo loiro.



— Ah, tudo bem. — Meus olhos percorreram seu rosto, percebendo as pequenas imperfeições que apenas pareciam deixá-lo ainda mais bonito. — Normalmente, só pego um sanduíche, ou algo do tipo. Acho que podemos pedir alguma coisa, se você quiser.

— Um sanduíche está perfeito. Vamos combinar o seguinte, eu compro a comida. Encontro você lá. Assim não precisa perder tempo.

— Por quê? — A pergunta saiu da minha boca antes que eu pudesse pensar.

— Por que não perder tempo? — Ele franziu a testa.

— Por que quer almoçar comigo? Você certamente tem coisas mais importantes para fazer.

— Bom, tem um motivo pelo qual eu gostaria de ter a sua companhia. — Ele aproximou-se um pouco mais. — E não se desvalorize. Estou começando a achar que você é muito importante.

Eu não sabia o que dizer. O que eu poderia dizer? Não tinha como entender mal dessa vez. Alex estava realmente me paquerando e eu me sentia um peixe fora d'água. Eu era uma péssima namorada, muito incisiva e nada modesta. E eu ficava vermelha. Exatamente como estava ficando naquele momento.

— Eu deixo você nervosa, não é? — O olhar dele ficou pensativo. — E não é por causa da minha posição, que parece não incomodar você.

— Um título é um título. Não define o tipo de pessoa que você é. — Fechei o caderno com as provas e respirei fundo.

— É verdade. — Ele esticou a mão e tirou uma mecha de cabelo que havia se soltado do rabo de cavalo e caído no meu rosto. Fiquei paralisada, nossos olhares ficaram presos um no outro e então me lembrei das câmeras. Olhei para onde os alunos estavam, mas não tinha mais ninguém ali.

— Estamos sozinhos. Duvall e Becca levaram todos para fora e estão vigiando a porta.

“Estamos sozinhos.” Suas palavras enviaram um arrepio até a minha alma. Imagens dele e de mim na mesa tomaram conta da minha cabeça e eu fiquei mais vermelha ainda. Seus dedos contornaram meu queixo antes de ele se levantar e me dar espaço para que eu voltasse a respirar.

— Você quer alguma coisa especial para o almoço?

— Qualquer coisa sem mostarda. — Continuei na minha cadeira, sentindo-me mais segura ali.

— Qualquer coisa sem mostarda. Posso resolver isso.

Ele se virou e desceu os degraus. Não consegui parar de olhar para ele enquanto saía.

— Meu escritório fica no segundo andar. — Limpei a garganta. — Não é só meu, vai ter mais gente lá. Talvez elas o incomodem.

Na verdade, eu tinha certeza de que Mary o incomodaria.

— Pode deixar que eu acho. — Ele sorriu para mim.



# Sete

## *Caos no campus*

— COLLEGE DAILY

- **Acho que vocês estão** na sala errada, a não ser que saibam me dizer o número de dedos que um pássaro tem. — Coloquei as mãos na cintura e olhei para os alunos. — E isso significa que vocês precisam arrastar a ressaca para fora da cadeira e ir encontrar a sala certa. Agora.

Esperiei enquanto metade da sala levantou-se e saiu fazendo a maior barulheira. Algumas pessoas tiraram fotos de mim com seus celulares antes de saírem pela porta, outras riram como se tudo aquilo fosse uma grande brincadeira. Quando finalmente a sala ficou em silêncio olhei para a classe e tentei não resmungar. Ainda havia pessoas demais na sala, mas pelo menos uma boa parte delas havia ido embora. Respirei fundo, levantei-me e comecei a última aula do dia.

Quando terminei, minha paciência já havia se esgotado. Haviam me perguntado se eu era uma princesa, se eu realmente era uma professora-assistente e se eu conhecia a Rainha da Inglaterra. As pessoas haviam fotografado e gravado minha aula. Eu não tinha conseguido dar a aula direito. Eu deveria ter cancelado e ter me escondido em alguma salinha de limpeza.

— Lady Rousseau, vamos esperar um pouco para sair até que a sala esteja vazia e não tenha muita gente nos corredores. — Becca olhou para mim com uma expressão de piedade.

— Será que você pode me matar? E me tirar daqui dentro de uma caixa? — Olhei para ela. — Você pelo menos tem uma arma?

— Que tipo de guarda-costas seria eu se precisasse de uma arma para matar alguém? — Becca sorriu ao ver minha expressão. — Além disso, teria sido pior.

— Isso não é reconfortante. — Eu me encostei na cadeira e gemi. — Graças a Deus não tenho mais aulas hoje. — Peguei minhas anotações e enfiei dentro da mochila. Sentia um frio no estômago e não sabia se era por causa das aulas ou pelo fato de que eu iria almoçar com Alex.

— Pronta? — perguntou Becca.

— Sim. — Saímos da sala e nos dirigimos para as escadas do fundo.

Ainda havia pessoas nos corredores, mas a maioria nos deu licença para passarmos. Quando cheguei ao escritório, Alex estava encostado na parede ao lado da porta segurando um saco de comida em uma mão e uma bandeja com bebidas na outra. Sua cabeça estava encostada na parede e seus olhos estavam fechados. Eu me senti culpada por ele parecer estar tão cansado. Ele deve ter ficado acordado até tarde para arrumar meu carro e para organizar as anotações que me mandou. Ao nos aproximarmos, um dos homens que o acompanhava disse algo baixinho. Ele inclinou a cabeça para olhar para nós e sorriu. Seu terno cinza fazia seus olhos azuis parecerem prateados, e senti minha boca ficar seca. Só de ficar perto dele já me deixava desconcertada. Ele era perfeito, da cabeça aos pés.

— Sem mostarda.

Ele levantou a sacola como se expressando vitória e eu sorri. Ele parecia tão orgulhoso de si mesmo que não consegui evitar a risada. Alguns dos meus nervos se acalmaram e consegui me sentir um pouco mais relaxada.

— Entre.

Abri a porta para ele entrar e quase desabei aliviada quando vi que não tinha mais ninguém lá dentro. Eu estava com medo dos olhares e da conversa incômoda.

— Aquela é a minha mesa.

Apontei para a mesa perto da janela e ele ficou em pé ao lado da cadeira na qual Becca se sentara pela manhã. Olhei os avisos no quadro, observando-o pelo canto do olho antes de pegar um pouco de guardanapo.

— Obrigado. — Ele sentou-se quando entreguei os guardanapos a ele. — Espero que você goste de carne vermelha. Tenho uma queda por hambúrgueres. Quanto maior, melhor.

— Você está com sorte. Os hambúrgueres da lanchonete são ótimos.

Espalhei as batatas fritas em um guardanapo para que nós dois pudéssemos alcançá-las.

— Então, me conte. Como conseguiu ir até a lanchonete e voltar para cá vivo?

— Anos de prática. — Ele deu uma mordida no hambúrguer e gemeu. — Ah, que delícia.

— Por que simplesmente não mandou alguém comprar?

Dei uma mordida no meu sanduíche e concordei mentalmente com ele.

— Eu queria levar daqui alguns de seus alunos falsos.

— Você quer dizer que se prostituiu para as massas? Para levá-los embora? Isso foi... encantador.

Ele engasgou com a bebida e tossiu. Coloquei meu sanduíche na mesa e bati nas costas dele.

— Não tinha pensado nisso dessa maneira. — Ele riu. — Mas valeu a pena se ajudou você.

— Bem, obrigada. — Peguei meu sanduíche de volta e sorri para ele. — Pelo almoço e por se expor dessa maneira.

— Eu disse que não jogaria você na cova dos leões.

Ele piscou para mim, e eu não tive coragem de contar a ele sobre todas aquelas pessoas que, ainda assim, invadiram as minhas aulas.

— Você conseguiu dar uma olhada nas informações que mandei?

— Consegui olhar um pouco. — Empurrei algumas das batatas na direção dele. Ele parecia gostar delas tanto quanto gostava dos hambúrgueres. — Tenho que admitir que fiquei interessada em conhecer o especialista que você mencionou.

— Existe muita informação na internet, coisa demais para imprimir.

— Obrigada. Vou dar uma olhada antes de falar com o meu pai.

Peguei o celular no bolso e olhei as mensagens de texto. Ainda não havia nada do meu pai, por isso enviei uma mensagem para a senhora que ia até a casa dele duas vezes por dia para ver como ele estava. Patricia era uma vizinha amiga de minha mãe. Ela não me deixava pagá-la e, sinceramente, não faço a menor ideia de como eu conseguiria pagá-la por isso. Mas saber que ela passava por lá para ver se papai estava bem e não precisava de nada era um grande alívio para mim.

**Patricia:** *Ele está sem dor de cabeça hoje e está dormindo. Vou avisar para ele que você vem aqui mais tarde.*

Suspirei aliviada e agradei a ela.

— Está tudo bem?

— Sim. Papai não me manda mensagem desde ontem e eu estava ficando preocupada. Às vezes ele tem dores de cabeça terríveis.

— Mas ele está bem?

— Está bem, dentro do possível. — Mastiguei algumas batatas e pensei no assunto. — Uma amiga da família vai até a casa dele algumas vezes durante o dia para ver como ele está e se precisa de alguma coisa. Ela disse que ele estava dormindo.

Não dissemos mais nada por um tempo, ficamos apenas comendo e olhando a neve cair. Aquela seria uma tarde fria. Pelo menos eu não estaria no carro. O aquecedor do carro levava tempo demais para funcionar. E isso me fez lembrar...

— Obrigada por cuidar do meu carro. Diga em quanto ficou o conserto porque quero pagar.

— Não se preocupe com isso. Foi um prazer.

— Alex, fiquei muito agradecida, mas não acho certo deixar você pagar por isso. Não é sua culpa o motor de arranque ter parado de funcionar. — Coloquei meu sanduíche na mesa e olhei para ele. A ideia de ter alguém pagando as coisas para mim não me atraía. Principalmente sendo esse alguém uma pessoa que eu havia conhecido na noite anterior.

— Se não tivéssemos chamado você para jantar, você, provavelmente, não teria ficado sem o carro. É minha obrigação. — Alex encostou-se na cadeira como se estivesse se divertindo com o meu incômodo.

— Se você não tivesse me convidado, o carro não teria pegado hoje pela manhã e eu teria me atrasado para a aula. Discutir sobre quando aconteceu o problema é besteira. O carro é meu, a responsabilidade é minha.

— Tudo bem. Você pode me pagar quando receber suas terras e seu título.

Pensei por um tempo e percebi o que ele havia feito. Ele havia me dado mais um motivo para ir para Lilaria. Apertei os olhos, mas não consegui conter o sorriso que estava preso em minha boca.

— Você é espertinho.

— Essa é uma maneira de ver as coisas.

Eu gostava da risada dele. Ela era espontânea e sincera. Sacudi a cabeça e peguei o sanduíche de novo. Resolvi comer até decidir o que fazer.

— E então, o que vai fazer depois que sair daqui?

Olhei para Alex, curiosa. Tentei afastar a esperança que borbulhava em meu estômago. Quando eu estava ao lado dele, não queria que aquilo terminasse.

— Bom, depende. Preciso dar alguns telefonemas e fomos convidados para um jantar na casa do prefeito, mas ainda tenho algumas horas livres. — Ele chacoalhou o gelo do copo antes de tomar outro gole. — Eu gostaria de conhecer as suas aves. Preciso admitir, sinto falta dos pássaros quando viajo.

— Bom, você pode vir comigo, mas vai estar bem frio. E certamente terão outras pessoas lá. — Olhei pela sala. — Não sei como tivemos a sorte de ficarmos sozinhos durante o almoço. Normalmente, todo mundo está por aqui a esta hora.

— Sorte de você me ter inteirinho só para você? — Alex sorriu e meu rosto ficou muito vermelho.

— Só quis dizer que Mary não teria deixado você aqui, quero dizer, nós, com todas as perguntas que ela quer fazer.

Meu Deus, eu ia inchar seu ego de maneira insuportável se não tomasse cuidado.

— Um homem chamado David mandou todos saírem do escritório. Acho que ele também estava preocupado com a Mary.

— Mary não é uma pessoa má, ela só leva um tempo para se acostumar com as coisas. — Sacudi a cabeça. — Eu a conheço há



dois anos, e ainda fico chocada com algumas coisas que ela faz.

— Estou feliz por termos ficado sozinhos. Tenho pensado em uma maneira de ficar um tempo sozinho com você desde que você se recusou a tomar um drinque comigo na noite passada. É difícil encontrar um pouco de tempo livre.

Pequenas rugas surgiam no canto dos olhos dele enquanto ria da minha expressão.

— Pela expressão de choque em seu rosto, posso dizer que eu não estava sendo suficientemente óbvio.

— Achei que você só estivesse sendo educado. — Olhei para a minha comida e tentei acalmar os batimentos de meu coração. Seus dedos quentes levantaram meu queixo para que eu o olhasse nos olhos. Seu rosto ficou bastante sério, atento.

— Querer passar algumas poucas horas conhecendo uma mulher bonita não é exatamente uma questão de ser educado. — Ele passou o dedo em meu lábio superior e parei de respirar. — Eu não deveria ficar atrás de você, Samantha, mas não acho que consigo evitar.

Eu não sabia o que dizer. Por que ele não deveria me perseguir? Porque não sou tão nobre assim? Ou porque já tenho coisa demais para me manter ocupada? Será que eu queria que ele me perseguisse? Eu queria e não queria. Eu o queria, queria o homem que olhava para mim naquele exato momento. Mas não queria o que vinha junto com ele: as câmeras, a política e sabe-se lá o que mais.

Enquanto eu tentava organizar meus pensamentos, alguém bateu na porta. Eu estava inclinada para frente, atraída pelos olhos dele, e por isso recuei rapidamente.

— Pode entrar.

Becca colocou a cabeça dentro da sala e sorriu.

— Senhora, tem uma pessoa chamada Jess aqui.

— Ah, pode entrar. — Sacudi a cabeça enquanto Jess entrava pela porta. Aquele, provavelmente, era o dia mais estranho da minha vida. Bom, depois de ontem, claro.

— Ouvi dizer que suas aulas foram uma loucura.

Ela colocou a mochila no chão e pegou algumas batatas fritas na minha mesa.

— Olá, Alteza. — Ela parecia envergonhada por meio segundo e precisei acreditar que foi por causa das palavras que ela despejara na noite passada.

— Olá, Jess. — Alex sorriu para ela. Fiquei me perguntando se ela estava quebrando algum protocolo ao ser tão informal. Ele não parecia incomodado, mesmo que estivesse.

— Estão dizendo que você precisou pedir para que as pessoas saíssem da sala. — Ela apertou os olhos para mim.

— Pode-se dizer que sim. — Franzi a testa para ela. Eu não queria que Alex soubesse que eu ainda havia ficado cercada por pessoas estranhas.

— Verdade? — Ela se sentou na cadeira ao meu lado e de frente para Alex.

— Verdade. Foi estranho. Normalmente, eu me preocupo se a maioria da classe vai aparecer para a aula das oito da manhã. — Soltei. — Hoje, isso não foi problema.

— Meu professor aplicou um teste surpresa. Acho que ele ficou bastante ofendido porque as pessoas faltaram à aula dele “só para ver algumas pessoas da realeza”. — Ela fez sinal de “aspas” com os dedos. — Sem ofensas, Alex. Ele é um chato.

Jess era professora-assistente do Dr. Woodrum, um dos professores mais chatos que se pode ter. E então, de novo, pensar em aulas preparatórias para o curso de medicina me faziam sofrer. Animais eram uma coisa, mas eu não queria ter que lidar com comadres ou fazer exames retais.

— Que aula é essa? — perguntou Alex.

— Introdução à Biologia. — Jess pegou outra batata. — Resumindo, Woodrum detesta todos os alunos da faculdade, mas sabe o básico melhor do que ninguém.

— E ele é o seu orientador?

Jess balançou a cabeça.

— Vai ser bom para o meu currículo. É loucura a quantidade de artigos que ele já escreveu, e estar com ele permite que eu trabalhe em alguns projetos realmente interessantes. Mesmo que precise aturar seu penteado e seu mau hálito. — Jess suspirou dramaticamente.

— Foi você quem escolheu. — Era um argumento antigo.

— Achei que você pudesse precisar de companhia para ir para o centro de aves de rapina, mas parece que já está bem acompanhada. — Jess olhou para Alex e para mim. Eu sabia que ela estava tentando descobrir se ele ia até lá comigo. Eu quase podia sentir sua súplica mental por respostas. Ou talvez fosse o pé que ela estava usando para chutar minha perna.

— Há três guarda-costas do lado de fora esperando por mim. — Chutei o pé dela para longe do meu.

— Sem falar nos três que me seguiram.

Alex riu.

— Ah, você vai junto com a Sam? — Jess olhou para ele. Ele parecia entender o seu tom e encostou-se na cadeira com aquele sorriso brincalhão no rosto.

— Ela foi bastante educada e se ofereceu para me mostrar as aves.

— Aham. — Ela virou e sorriu para mim. Pensei em empurrá-la da cadeira.

— O Alex tem pássaros em casa. Achei que talvez ele gostasse de conhecer os que temos aqui. — Eu me levantei e comecei a pegar o

lixo. Alex segurou o saco aberto para que eu pudesse colocar os papéis usados.

— Bom, acho que vou para o meu escritório, então. — Jess levantou-se e pegou a mochila. — Tem notícias do Dr. Geller?

— Puxa. Preciso olhar meu e-mail. O dia hoje me tirou do sério.

Eu me sentei de frente para o meu computador e abri meus e-mails, procurando entre as mensagens. Franzi a testa quando vi um e-mail do Dr. Geller. Aparentemente, o reitor havia entrado em contato com ele, e então ele sabia um pouquinho sobre o que estava acontecendo. Ele estaria lá no dia seguinte de manhã para conversar comigo.

— Ótimo — murmurei.

— O Geller está bravo? — Jess olhou sobre meu ombro.

— O reitor ligou para ele. — Meus olhos encontraram os olhos de Alex. Seu rosto estava pálido e eu sabia que ele estava esperando por mais informações. — Só acho que ele ficou surpreso por não ter sido eu a contar a novidade.

— Mas você não teve tempo de contar isso para ele. — Jess deu de ombros. — Vai ficar tudo bem. O Geller adora você.

— Vamos ver. Será que ainda me adoraria se eu fosse para Lilaria? — Ele havia investido muito tempo em minha educação. Será que eu estava realmente pensando em ir embora?

— Bom, vou me apressar. Tenho alguns trabalhos para corrigir e não quero ter que fazer isso hoje à noite. — Jess olhou para Alex. — Divirtam-se com os pássaros. Não deixe a águia morder você. Ela é uma rabugenta.

— Vou tentar conservar meus dedos.

— Faça isso.

Jess saiu do campo de visão dele e piscou para mim. Olhei para o outro lado e para o meu computador antes de desligá-lo.

— Até mais tarde. — Não tirei os olhos do computador quando ouvi a porta se abrir. Eu estava com medo de que Alex visse o alívio em meu rosto. Quanto mais tempo Jess ficasse com ele, mais engraçadinha ela ficaria.

— Ela é uma boa amiga — Alex disse isso como se ele tivesse certeza daquilo depois de ter passado menos de uma hora com ela.

— Eu tenho bom gosto. — Sorri para ele enquanto pegava minha mochila. — Pronto?

— Eu vou na frente. — Ele abriu a porta para mim e foi até o corredor. Havia pessoas usando ternos se movimentando na área do lado de fora do escritório.

— Preciso ir até o centro. — Olhei para Duvall, que se moveu em direção aos outros. Alguém entregou um casaco para Alex e nós descemos as escadas. Havia mais pessoas do que o normal na entrada e suspeitei que não era por causa da neve. Na verdade, aqueles que normalmente usavam essa área para estudar pareciam estar irritados. Eu não os culpava por isso.

— Senhor, devo mandar alguém para o seu carro também? — Um homem que tinha quase o mesmo tamanho de Alex se aproximou.

— Não, vou acompanhar Samantha. — Alex balançou a cabeça para mim.

— Sim, senhor. — O homem saiu andando na frente para abrir espaço na porta.

Uma jovem ruiva saiu de um grupo que estava perto do elevador e parou no meio do caminho. Ela era vagamente conhecida, mas eu não conseguia me lembrar de onde. Sua camisa estava mais desabotoada do que o normal se levássemos em consideração o ar gelado que vinha lá de fora, e pela maneira como suas amigas riam eu tinha certeza de que tudo aquilo era por causa do Alex.

— Será que você pode me dar um autógrafo? — Ela sorriu para o guarda-costas de Alex, seus olhos praticamente cintilantes como se

fosse de um desenho animado. Os seguranças continuaram a impedir a passagem, deixando que Alex tomasse a decisão.

— Sinto muito, não posso assinar nada. — Alex deu um sorriso estonteante e ela fez uma careta de decepção antes de se virar para mim.

— Você pode me dar um autógrafo? — Ela empurrou o caderno em minha direção.

Minhas sobrancelhas se levantaram tão alto que achei que elas poderiam sair do rosto.

— Você era professora-assistente em uma das minhas aulas do semestre passado. Mal posso acreditar que conheço uma pessoa da realeza. — Ela jogou o caderno para mim e não tive outra escolha a não ser segurá-lo. Eu me senti estranha e desajeitada enquanto olhava para a garota que agia como se me conhecesse.

— Nós adoraríamos assinar isso para você, mas não temos permissão para dar autógrafos. — Alex pegou o caderno de minhas mãos e devolveu para a garota.

— Então você é da realeza? — Algo em seus olhos se transformou em um brilho astuto. Com uma simples sentença, Alex havia confirmado as notícias e todos os rumores que pairavam no ar.

— Eu sou uma aluna de pós-graduação.

Tentei manter minha expressão simpática, mas tive a sensação de que ela não era só uma aluna bobinha.

— Mas você também faz parte da família real de Lilaria?

— Sinto muito, vamos nos atrasar. — Tentei sorrir, mas meu sorriso provavelmente pareceu demente.

— Meu irmão trabalha na WFKS. Ele deixaria você contar a história com suas próprias palavras. — Ela se aproximou e eu vi os guardas em volta de nós se prepararem para entrar em ação. Duvall apareceu e Becca aproximou-se do meu lado direito. Alex colocou a mão em meu cotovelo e me levou para longe da ruiva.

— Vamos. — Uma ponta de raiva podia ser percebida em suas palavras enquanto tentávamos andar no meio das pessoas.

— Samantha, o príncipe e você estão namorando? Você sempre soube que pertencia a uma família real? — O calor que normalmente tomaria conta do meu rosto foi confrontado pelo frio que subia pela minha espinha.

Não olhei para trás até chegarmos a um local seguro. E foi então que percebi a presença dos seguranças do campus. No lugar do guarda costureiro, havia três. Cada um deles olhava interessado para mim, mas também cuidavam para que ninguém nos seguisse.

O ar gelado bateu em mim e comecei a abotoar meu casaco. Alex havia soltado meu braço, mas ficou bem ao meu lado enquanto caminhávamos pelo campus até o estacionamento. Apesar das minhas instruções pedindo para que não andassem ao meu redor como se estivessem cuidando das joias da coroa, o time de seguranças afastava com cuidado as pessoas de perto de nós.

— O campus é bonito. Imagino que seja muito legal no verão.

— Você está tentando me distrair? — Olhei para ele intrigada.

— Está funcionando? — Ele olhou para mim. — Parecia que você estava conduzindo a procissão de um funeral.

— Não parecia, não! — Eu ri, percebendo que ele estava certo. — Tudo bem. É esquisito. E estranho. E desconcertante. Todas essas pessoas olhando para mim. Eu estou por aqui há quatro anos, mas eles estão agindo como se, de repente, eu tivesse duas cabeças.

— Você é uma novidade. — Chegamos ao carro e ele abriu a porta. — Vai passar. Provavelmente.

— Vocês de Lilaria não são sabem ser muito reconfortantes. — Tirei a mochila do ombro para conseguir me acomodar no banco. Ele riu enquanto fechava a porta e então deu a volta no carro.



## Oito

*O centro de aves de rapina recebe  
uma grande doação*

— MINNESOTA RAPTOR ASSOCIATION

A viagem até o centro foi longa, mas teria sido mais curta se as pessoas tivessem parado de se virar para olhar para as janelas do carro. Quando paramos no estacionamento onde eu havia encontrado Duvall no dia anterior, desci do carro antes que Alex pudesse dar a volta e pegar minha mochila de novo.

— Bom, aqui estamos. Última chance de pensar em algo interessante para fazer. Se você ficar aqui, talvez eu arrume trabalho para você. — Olhei para ele sem saber se eu queria que ele ficasse ou fosse embora. Logicamente, eu sabia que conseguiria trabalhar mais se ele não estivesse ali, mas também estava começando a gostar da companhia dele.

— Pode usar e abusar de mim. — Alex aproximou-se com os olhos cheios de malícia. — Estou à sua disposição.

— Você pode se arrepender disso. — Tentei manter minha voz calma, mas não consegui.

— Duvido. — Ele abriu o portão para mim e entramos no prédio principal. As pessoas pararam para olhar para nós, mas ninguém realmente me incomodou. Pela primeira vez, naquele dia, eu me senti normal, como se pudesse ser eu mesma.



Joguei a mochila num canto do escritório e olhei pela sala procurando por alguma anotação. David havia estado ali mais cedo para olhar as aves. Felizmente, todas pareciam estar lidando bem com o frio.

— Talvez seja melhor você tirar o seu paletó. — Peguei o grande casaco de neve do Dr. Geller no cabideiro e joguei-o para Alex. Ele vestiu o casaco e pendurou o paletó no cabideiro.

Aquela era a parte do dia pela qual eu tanto esperava. Ali eu não precisava lidar com alunos ou com perguntas idiotas. A maioria das outras pessoas estava indo embora ou indo para seus escritórios para preencher formulários. Eu podia me concentrar em minhas aves, mergulhar na pesquisa e agonizar sobre minha tese. Aquilo era a minha paixão e ali nada mais me atrapalhava. Nada mais vinha em primeiro lugar.

Alex não falou muita coisa enquanto eu mostrava as instalações para ele: as gaiolas, os recintos e a área onde preparávamos a comida. Havia também uma sala bem pequena onde o Dr. Geller examinava as aves machucadas que eram trazidas até nós. Era uma época meio parada do ano, considerando que as aves que podiam fugir do frio faziam isso. Foi por isso que o Dr. Geller escolheu esta época do ano para levar um grupo de alunos para o Sul. Eles haviam passado um tempo em Everglades e nos pântanos da Louisiana. Acho que também era uma maneira bastante conveniente para ele de se afastar da neve por um tempo.

— Quantos trabalham aqui? — Alex estava ajudando a tirar algumas aves enquanto eu limpava as gaiolas. Ele não precisou de muita explicação. Era fácil dizer que ele estava acostumado a passar bastante tempo com aves de rapina.

— Depende da estação do ano. — Peguei um balde para usar como lixo. — No verão temos voluntários para nos ajudar. Há

exposições e programas educacionais também para levantar dinheiro para cuidar das aves.

— Educação é a chave, não é? Quanto mais as pessoas entendem sobre estas criaturas, mais são capazes de enxergar sua importância vital. — Gentilmente, Alex pegou a coruja no poleiro e colocou-a em seu braço, coberto por uma luva. — Isso é uma das coisas em que estou trabalhando para quando voltar para casa. Eu coordeno uma instituição de caridade que vai até as escolas e centros para ajudar a educar o público. As crianças adoram.

— Como se chama?

— *The Future Bird Trust*. — Ele não olhou para mim enquanto conversávamos, com os olhos presos no pássaro, e por isso não viu minha expressão boba.

— Você coordena o FBT? Achei que a sede deles fosse na França.

— Sim, trabalhamos junto com o governo francês para defender as leis que protegem estas maravilhas. — Ele olhou para mim sobre a cabeça da coruja, seus olhos estavam cheios de determinação. — Meu objetivo é levar o FBT para os países vizinhos para educar o público sobre a importância das aves de rapina. Espero que, com mais conhecimento, as pessoas entendam por que é tão importante preservar estes pássaros.

— Já li sobre o FBT. — Encostei a pá que estava carregando na parede e fui lavar as mãos. — Eles fizeram algumas coisas importantes.

— Obrigado. — Ele olhou de novo para a coruja, examinando o grande corte no bico. — O que aconteceu com ela?

— Carro. — Voltei para a mesa para terminar de separar a comida. Ratos e camundongos eram a entrada para o jantar. Essa não era minha parte preferida do trabalho, mas àquela altura eu já conseguia desempenhá-lo bem. Todos têm que comer. Levei um

ratinho para perto de Dover, a coruja que Alex estava carregando. Alex pegou o rato com a mão enluvada e levou-a até o pássaro.

— Vamos lá, bonitinha. Não tenha vergonha. — Alex se chateou quando Dover virou a cabeça para longe da refeição. — Eu vi você olhando para a comida enquanto a adorável Samantha preparava para você.

— Ela é recatada. — Sorri para ele, sem saber se eu estava mais entretida com seu tom de voz tentando persuadi-la ou por ele ter me chamado de adorável.

Ele resmungou algumas palavras na língua dele, pelo menos achei que era a língua dele, e Dover virou-se para ele. Ele riu e ofereceu o rato de novo, que ela se dignou a aceitar. Não a julguei por olhar para ele. Embora ele falasse bem inglês, com um sotaque quase britânico, aquelas palavras que disse eram lindas.

— Bom, acho que essa foi a primeira vez em que ela aceitou uma refeição tão rapidamente.

— Sério? — Ele sorriu para mim.

— É o sotaque. As mulheres sempre se impressionam com um sotaque. — Revirei os olhos.

— E o sotaque funciona para você?

— Quem me dera! — Eu me atrapalhei tentando colocar as luvas. Olhei para ele sobre meus ombros para ver se ele estava me observando.

— Verdade. — Ele piscou para mim. Meu coração se acelerou e eu me virei para terminar de preparar as refeições. Infelizmente, derrubei a pá e fui recompensada com um alto estrondo que fez com que todas as aves que estavam por ali batessem asas. Eu me abaixei para pegar a pá e olhei para Alex. Ele estava olhando para meu traseiro descaradamente.

Quando percebeu que havia sido pego em flagrante sorriu e levantou uma sobrancelha.

— Bonito seu jeans.

— Obrigada. — Eu me virei para continuar minha tarefa.

— Não, eu é que agradeço. — Ele riu e eu fiquei vermelha.

— Você sabia o que a sua tia ia me dizer na noite passada? — perguntei, querendo mudar de assunto.

Continuei de costas para ele, sem querer que ele visse minhas bochechas rosadas.

— Não. Ela me pediu para acompanhá-la ao jantar já que eu não tinha outros planos, e eu concordei. Ela mencionou algo sobre a universidade, mas como eu já tinha estado lá naquele dia, eu não tinha motivo para pensar que fosse outra coisa.

— É, eu vi vocês lá. Você estava ocupado paquerando uma loira do lado de fora da biblioteca e eu não pude entrar pela porta da frente. Precisei dar a volta pelos fundos e ainda assim não me deixaram entrar porque o príncipe charmoso estava ali.

Ele riu do meu veneno e eu me lembrei da maneira como ele estava rindo com a garota. Meu peito se apertou. Tentei controlar a emoção, pois eu não tinha nenhum motivo para me importar com aquilo.

— Jackie.

Ele disse o nome dela com carinho e senti minhas costas se enrijecerem. Não havia motivo para eu me importar se ele gostasse dela. O fato de ele estar me paquerando não significava nada. E, de verdade, eu não tinha nenhuma utilidade para um príncipe.

— Ela foi escolhida para nos apresentar o campus. Acho que ela faz parte de um grêmio.

Continuei cortando os pedaços do camundongo e cerrei os dentes. Claro que ela fazia parte do grêmio. Bonitinha, loira, roupas de marca. Provavelmente, aluna de administração para ter um diploma quando começasse a trabalhar na empresa da família. Além disso, ela estava linda ao lado de Alex para a foto que havia sido

tirada para registrar o evento. Eles ficaram bonitos um ao lado do outro. E pareciam confortáveis um na companhia do outro.

Eu resmunguei.

— É, ela era a perfeita anfitriã, tenho certeza.

— Sim, Jackie foi uma... excelente acompanhante. — Acompanhante? Acompanhante? As palavras seguintes de Alex cortaram meus pensamentos e me divertiram.

— De que tamanho você está pensando em cortar isso?

— Merda.

Franzi a testa e olhei para a bagunça que eu havia feito. Coloquei tudo de lado e comecei a mexer em outro camundongo. Eu congelaria aqueles para alimentar os pássaros que precisavam ser alimentados por seringa.

— Sabe, se eu não a conhecesse, pensaria que está com ciúmes.

Eu me virei para olhar para ele. Abri a boca e depois fechei. Se eu negasse, pareceria uma boba, mas não conseguia simplesmente dizer a verdade a ele. Merda, merda, merda. Eu estava com ciúme. Sai dessa, Sam!

— Você tem um ego e tanto, não é?

Olhei para ele enquanto ele colocava Dover no poleiro para acabar de comer.

— Acho que gosto desse seu olhar. — Seus olhos tinham tons diferentes de azul quando ele me olhava. — Jackie era legal, muito amável e burra como uma porta. Ela nem chega aos seus pés. — Ele tirou as luvas e veio até mim. Eu me espremia contra o balcão a cada passo que ele dava. Colocando uma mão de cada lado do meu corpo, ele se inclinou. — Abaixei esta faca, Samantha.

— Por quê?

Eu não tinha percebido que ainda a segurava. Minha voz saiu alta demais, animada. Meu cérebro não conseguia pensar quando eu

chegava tão perto assim dele. Seus olhos azuis estavam voltados para baixo olhando para os meus e eu me senti pequena e feminina.

— Porque vou te beijar e não quero ser esfaqueado quando fizer isso.

A mão dele alcançou a minha e, cuidadosamente, tirou meus dedos do cabo da faca. Depois de ter me desarmado, ele abaixou a cabeça junto da minha, e senti as batidas do meu coração se acelerarem. Enquanto sua respiração tocava meus lábios, ele tirou minhas luvas com cuidado. Colocou uma das mãos no meu rosto e o levantou. Nossos olhos ficaram presos um no outro até que seus lábios quentes tocaram os meus. O beijo começou devagar e suave, nossas respirações se misturavam enquanto nos tocávamos. Eu estava vulnerável em suas mãos, meu corpo não respondia mais aos meus comandos.

Passei as mãos em seu peito, traçando os músculos que podia sentir através da camisa. Por fim, enrosquei os dedos em seu cabelo. Ele resmungou coisas que eu não entendia, e não precisava entender, pois seu tom de voz deixava tudo óbvio. Ele tinha o gosto de uma sobremesa escura, decadente. Tive a sensação de que poderia viver com aquele sabor por meses. A sensação do beijo dele era algo em que eu podia me viciar.

O som de asas batendo e de um grasnado nos separou. Minha respiração estava pesada e senti vertigens. Alex passou o dedo em meu lábio superior, seus olhos brilhavam com uma mistura de surpresa e desejo.

— Acho que alguém está com ciúmes. — Mordi o lábio e olhei para trás para onde Dover estava, olhando para nós.

— Não posso fazer muita coisa a esse respeito. — Ele se aproximou e mordeu meu lábio inferior. Eu me derreti, já desejando sentir seu gosto novamente. As mãos dele subiram pelo meu corpo,

os polegares quase roçando meus seios. Respirei fundo quando ele me tocou e gemi baixinho.

Uma das portas laterais se abriu e nós dois ficamos paralisados ao ouvir vozes. Alex sorriu ao ver a expressão em meu rosto, mas afastou-se. Arrumei minha camisa, torcendo para não estar com aquela cara de “acabei de beijar”. Alex pegou minhas luvas e entregou-as a mim. Eu as coloquei de volta e voltei a fazer o que estava fazendo antes.

— Oi, Sam? — A voz de David anunciava sua entrada na sala. Alex foi até a pia lavar as mãos e percebi que David parou de andar.

— E aí? — Eu me virei para olhar para ele, com a faca na mão. Ele olhou para mim e para Alex, percebendo que estávamos muito perto um do outro.

— Vim ver como Dover está. O Dr. Geller me pediu para ficar de olho nela enquanto ele não estivesse aqui. — Algo em seu tom de voz mudou e percebi que ele parecia chateado.

— Ela está bem. — Senti a testa franzir. David costumava ser um pouco distante, mas sempre amável. Será que ele achou que eu tinha ignorado a coruja por causa de tudo o que estava acontecendo? Todos traziam amigos ou familiares para o centro, e por isso ele não podia ficar chateado com a presença de Alex ali.

— Você já deu o medicamento a ela?

David olhou para Alex, que havia se virado e estava encostado na pia. Não havia muito espaço entre nós e eu pude ver que ele estava analisando o brilho nos olhos de David.

— Sim. — Minha resposta foi curta, incomodada pelo seu olhar julgador.

— Ótimo. — Ele pegou uma luva em uma das prateleiras e foi olhar Dover. Voltei a fazer o que estava fazendo e franzi a testa.

— Ela é linda.

Alex continuava encostado no balcão, tão perto de mim que meu cotovelo encostava nele enquanto eu fazia o meu trabalho.

— Sim. Ela é.

A voz de David soava tão estranha. Olhei para ele sobre meu ombro. Dover estava no braço dele, mas seus olhos continuavam presos em Alex.

— Ela passou por muita coisa. Detestaria vê-la sofrendo ainda mais.

Voltei a olhar para o camundongo que eu estava segurando e franzi a testa. Por que ele parecia tão bravo?

— Tenho certeza de que todos aqui cuidam muito bem dela. — A voz de Alex parecia afável, mas havia algo estranho na maneira como ele havia dito aquelas palavras.

— Frequentemente, as pessoas machucam os animais por acidente. — A voz de David se elevou. — Ninguém pretende machucar ninguém, mas acontece.

Machucar? Fiquei chocada e coloquei no balcão a faca que estava segurando. Devagar eu me virei e olhei para David. Ele estava me ignorando e continuava olhando para Alex.

— Não tenho a menor intenção de machucar Samantha. — A postura de Alex estava relaxada, assim como suas palavras.

— Ela já passou por muita coisa. Eu acompanhei sua luta até a morte de sua mãe, e agora ela está passando pela mesma coisa com o pai. Não a coloque em uma situação em que ela tenha que sofrer ainda mais.

— David! — Senti minha boca se abrir em choque. Como é que a conversa tinha chegado a esse ponto?

— Ela é como uma irmã para mim e estou cansado de vê-la mal. — Ele olhou para mim desculpando-se.

— Eu entendo. — Alex endireitou-se. — Mas acho que ela é capaz de cuidar de si mesma.



— Lembre-se de que existem pessoas, aqui no mundo real, que a amam.

Meu coração se apertou com as palavras de David. Eu era bastante próxima de todos no escritório. David havia me ajudado muito quando eu estava me candidatando a uma vaga no mestrado. Ele não era de demonstrar muitas emoções, por isso, ouvi-lo dizer aquilo me deu vontade de dar um abraço nele.

Alex balançou a cabeça e David virou-se para Dover. Eu fiquei ali em pé olhando para os dois, imaginando o que diabos havia acontecido com a minha vida.

— Feche a boca, Sam. — David não estava olhando para mim, mas sua voz me tirou de meus pensamentos. Peguei as luvas no chão e voltei ao trabalho.

O telefone de Alex tocou e ele saiu para atender. Eu conseguia ouvi-lo, mas não conseguia entender o que estava dizendo. Assim que terminei de cortar a comida, eu a dividi e distribuí para os pássaros. Quando voltei, David estava terminando de examinar Dover. Ele a colocou de volta no poleiro e devolveu as luvas na prateleira.

— Até mais tarde? — David olhou para mim de onde estava e eu balancei a cabeça.

— Sim. O Geller volta amanhã.

— Eu sei. — Ele virou-se para ir embora. — Até mais tarde.

— David? — Ele parou e olhou para mim. — Amo vocês também.

Ele piscou antes de se virar e sair por onde entrou. Alex ainda estava ao telefone, e olhei a hora antes de começar a limpeza. Eu já tinha quase terminado quando ele desligou.

— Eu não queria ter deixado você limpar tudo sozinha. — Alex pegou a vassoura da minha mão.

— Não tem muita coisa para fazer. — Encolhi os ombros e lavei um dos panos enquanto ele limpava o lixo e eu pegava a pá.

— Ainda assim, eu disse que iria ajudar. — Ele franziu a testa.

— Está tudo bem mesmo.

Fui para o escritório, onde estavam nossos casacos, e ele veio atrás de mim.

Quando levantei o braço para pegar meu casaco, fui virada e pressionada contra a parede. Alex abaixou-se para acariciar meu pescoço antes de passar os lábios sobre os meus. E ali estava, a minha nova droga. Seu beijo era quente e faminto. Suas mãos não estavam pacientes dessa vez e ele as passou pelo meu corpo. Era como se o nosso primeiro beijo tivesse sido a resposta para uma pergunta, e agora ele tivesse certeza do que queria.

Seu telefone fez um barulho e ele murmurou algo que eu tive certeza de que era um palavrão. O beijo ficou mais devagar. Havia algo sério e perigoso por trás de seu beijo. Algo que fazia meu coração acelerar e minhas calcinhas pegarem fogo. Quando seu telefone fez barulho de novo, eu me afastei para que houvesse espaço entre nossas bocas e senti nossas respirações misturando-se.

— Talvez você deva ver do que se trata.

Minha voz estava rouca e grossa. Eu tinha usado toda a minha força de vontade para afastá-lo de mim.

— Eles podem esperar.

Ele começou a inclinar-se de novo, mas sacudi minha cabeça.

— Mas eu não posso. Preciso ver meu pai.

Ele suspirou e balançou a cabeça.

— Eu entendo.

— Você vai embora logo?

Mordi o lábio, surpresa por ter feito aquela pergunta. Será que isso realmente importava? Acho que sim, considerando o quanto meu coração batia acelerado.

— Estou esperando pela sua decisão. — Ele tirou um pouco de cabelo do meu rosto.

— Foi por isso que você me beijou? Para tentar me convencer a ir para Lilaria?

As palavras pareciam ter se congelado no ar entre nós e senti meu estômago se comprimir.

— Você acha que eu te beijaria para tentar convencê-la a vir conosco?

Ele afastou-se.

— Não sei o que você acha que a sua presença em Lilaria significaria para mim, mas pode ter certeza de que não saio por aí beijando as pessoas para fazer alianças políticas.

— Desculpe. — Fechei os olhos e bati a cabeça na parede. — Só não consigo imaginar por que você... Eu sou só...

Ele afastou-se de mim com um olhar frustrado.

— Você percebe o quanto está me ofendendo.

— Sinto muito, não tive a intenção.

— Você não teve a intenção de insinuar que eu me rebaixaria a esse ponto, ou não quis insinuar que você não é atraente o suficiente para me deixar louco? — Ele se levantou e passou a mão no cabelo. — Eu quero que venha para Lilaria. Acho que seria bom para você e para o seu pai. Acho que se você se permitisse, poderia acontecer algo bom entre nós também.

— Isso está acontecendo rápido demais. Tem muita coisa acontecendo.

Alex pegou o casaco no cabideiro.

— Não pense que sua vida inteira está aqui. Seus antepassados eram corajosos, não os decepcione escondendo-se.

Observei enquanto ele saía do pequeno escritório. Minha cabeça era uma confusão só.



# Nove

## *O sistema de saúde de Lilaria avança com medicamentos homeopáticos*

— DURREN PATHOLOGY CENTER

**Precisei conversar muito para** convencer o pessoal que fazia a minha segurança a ficar no carro. Becca havia insistido para ficar do lado de fora da porta, mas finalmente consegui convencê-la de que ela acabaria ficando congelada se fizesse aquilo. Usei minha chave para entrar e respirei aliviada. Era bom estar na minha antiga casa, onde eu passara a infância.

— Estou aqui. — Ouvi a voz de papai sobre o som da televisão na sala de estar. O cheiro de lasanha indicava que ele estava na cozinha.

— Ei! — Pendurei o casaco atrás da cadeira e sorri para Patricia. Ela me abraçou e então esticou o braço para mim.

— Menina, o que está acontecendo com você? — Pelo que percebi, ela estava assistindo à televisão.

— É uma história muito longa. — Sacudi minha cabeça.

— Uma história muito louca, eu acho.

Ela apertou os olhos para mim e levantou meu queixo. Ela fez um barulho de estalo baixinho e me deu um sorriso e uma piscada.

— Você está toda corada.

— Está menos dez lá fora. É claro que estou corada. —Tentei não fazer careta quando ela riu.

— Não é esse tipo de corado. — Ela abaixou a voz. — Aposto que tem alguma coisa a ver com aquele homem maravilhoso que vi com você na televisão.

— O quê?

— Tem um vídeo de você andando pelo campus e rindo com aquele príncipe. Ele é bonito. Eu ficaria toda corada por causa dele também.

— Vou avisar para ele que você está interessada. — Eu ri enquanto passava por ela a caminho da cozinha. Joguei os braços em volta do pescoço de papai e pressionei o rosto contra seu ombro.

— Cuidado, não me faça derrubar isso! — Ele estava tentando colocar a lasanha da vasilha nos pratos.

Apreendi com mamãe a nunca abusar do tempo, por isso eu abraçava o papai sempre que podia.

— Estou indo embora, velhinho! — Patricia gritou da sala.

— Já vai tarde, mulher! — gritou papai de volta. Eu podia ouvir a risada dela mesmo depois de ter fechado a porta. Eu sabia que eles eram muito amigos mesmo que passassem o tempo todo implicando um com o outro.

— Então, achei que você estava com dor de cabeça hoje. — Levei os pratos para a mesa e fui buscar os copos.

— Eu estava, mas estou me sentindo um pouco melhor agora à noite. Depois de ter visto você na TV, achei que talvez você precisasse comer seu prato predileto.

Ele sorriu para mim e trouxe a caixa de leite para a mesa.

— Lasanha é sempre um prato bom para quando temos assuntos importantes para discutir.

— Você sabia? — Eu me sentei e olhei para ele. — A mamãe te contou?

— Acho que você vai ter que começar do começo. — Ele me passou uma fatia de pão. — Tudo o que eu sei é que acordei hoje e vi você na televisão, e então recebi mensagens de voz de várias emissoras de TV.

— Ah, pai, sinto muito. — Suspirei e cutuquei minha comida. — Deveria ter pedido a eles que mandassem alguém para ajudar você?

— Quem mandar quem?

— Mamãe pertencia a uma família real. — Eu não sei se ela sabia disso ou não, mas eu não fazia ideia. — Mas eles me arrumaram uns seguranças para manter a imprensa longe de mim e eu deveria ter pedido para que mandassem alguém para ficar com você também. A duquesa que veio me contar sobre a minha família que enviou os seguranças.

Comemos em silêncio por alguns minutos, cada um de nós pensando em silêncio.

— Acho que eles não vão me incomodar muito, pois eu sou apenas o seu padrasto.

— Você não é apenas o meu padrasto. Você é o meu pai. — Eu sabia que ele entendia a diferença.

— Eu sei, mas isso, provavelmente, faz diferença para as pessoas que estão atrás de respostas.

— Ela sabia?

— Sua mãe sempre foi um mistério, Sam. Isso era uma das coisas que eu adorava nela. Ela era brilhante, engraçada e uma das mulheres mais amáveis que já conheci. Mas eu sabia que havia coisas sobre ela que eu desconhecia. — Ele sorriu para mim. O amor que ele sentia por ela continuava vivo. — Ela nunca me contou que vinha de uma família real, mas sei que dava muito valor à família. Acho que isso pode significar alguma coisa.

— Tenho essa pasta cheia de certidões de nascimento e uma árvore genealógica. Com manifestos marítimos e escrituras de

terras. — Franzi a testa. — E tudo leva ao Duque Rousseau de Lilaria.

— Por que eles vieram atrás de você?

Papai era sempre prático. Provavelmente era por isso que ele tinha se dado tão bem no serviço militar.

— Parece uma trabalhadeira enorme só para te contar que o tataravô do seu tataravô tinha algumas terras.

— Eles querem restabelecer meu título. — Mordi meu pão e mastiguei pensativa. — Parece que a rainha determinou como missão de vida trazer de volta as famílias que foram embora.

Ele olhou para mim, processando o que aquilo podia significar.

— Eles querem que você volte para lá, então?

— Sim. Acho que sim. — Franzi a testa. — Eles não estão me pressionando. Aceitar essa posição tem muitas implicações. Eu faria parte do conselho da rainha.

Eu ri. Aquela ideia era ridícula.

— Eu estaria no comando das terras e de uma casa.

— É uma grande honra. — Papai olhou para mim seriamente e eu parei de rir.

— É mesmo. Mas, eu? No conselho da rainha? — Sacudi minha cabeça. — Você consegue imaginar isso? — Suspirei. — Eu não sei nada sobre o país deles e, vamos ser sinceros, não sou uma pessoa muito diplomática.

— Talvez seja disso que eles precisem. Uma pessoa com uma nova visão, e alguém que não seja limitada por séculos de protocolo.

O fato de ele estar repetindo o que Alex havia dito me assustou. Olhei para ele enquanto ele comia. Será que realmente achava que aquilo era uma boa ideia?

— Eles também têm um sistema de saúde excelente. — Eu o observei procurando algum sinal de que isso o animava. — Têm um especialista excepcional que gostaria de examinar você.

— Não tome sua decisão por minha causa, Sam. A verdade é que, quando chegar a minha hora, não haverá nada que se possa fazer a respeito. Você sabe disso.

Meu coração se apertou e contive as lágrimas no fundo de meus olhos.

— Qualquer coisa tem que ser melhor do que o que está passando agora. — Alcancei a mão dele e a segurei. Ele tinha apenas 51 anos, e ainda assim suas mãos pareciam ser de uma pessoa de 80 anos. Havia hematomas por causa de todos os cateteres, injeções e exames de sangue que ele fazia. Esta era apenas sua segunda sessão de quimioterapia, e mesmo assim já havia consumido tanto dele.

— Eu tive uma vida maravilhosa, Sam. Sua mãe e você me deram tudo o que eu poderia precisar.

— Não fale assim.

Dei um tapinha nele, brava por ele parecer estar desistindo. Ele sorriu e apertou minha mão, sem se importar com a minha braveza.

— Querida, sempre disse que você deveria viajar. Esta é uma chance única na vida.

Viajar era a parte favorita do papai quando ele ainda trabalhava. Ele havia contado para nós, inúmeras vezes, sobre os lugares por onde esteve.

— Não é a mesma coisa. Não seria uma viagem de férias.

— Eu sei. Se você decidir ir, precisa ir pelos motivos certos. Precisa fazer isso porque você está pronta para aceitar a responsabilidade. — Ele riu. — Ainda que eu aposte que existam algumas excelentes vantagens também. Não pode ser tão ruim assim, não é?

Eu sorri, embora não tivesse vontade de sorrir. Eu me lembrei da imprensa me perseguindo quando saí do centro e de como as



pessoas que eu conhecia há anos estavam me tratando de maneira diferente.

Mais tarde, naquela noite, papai adormeceu na cadeira em frente à televisão. Fui até a cozinha e separei o medicamento que ele precisava tomar à noite e peguei um copo de leite para ele. Quando voltei para a sala, parei e observei-o por um minuto. Ele parecia tão cansado e acabado que senti meu coração doer. Mal havia começado a quimioterapia e eu detestava vê-lo tão vulnerável. Ele era meu pai, deveria ser invencível.

Enquanto eu preparava o medicamento, enxerguei alguma coisa pelo canto do olho. Eu me virei para olhar pela janela da cozinha e fiquei paralisada. Havia um homem com uma câmera do outro lado do vidro. A luz em cima da mesa da cozinha devia estar refletindo nas lentes, porque ele não estava usando flash. Pela maneira como seu dedo se movia sobre o botão no topo da câmera, eu sabia que ele estava tirando fotos.

A raiva subiu até o meu peito enquanto fechava as persianas. Andando devagar para não acordar papai, fui até a sala de estar e fechei as cortinas. Do lado de fora, havia uma mulher tirando fotos do meu pai dormindo na cadeira.

— Saia daqui! — Corri até a janela e fechei a persiana.

— O quê? O que está acontecendo? — Papai tentou sentar-se na cadeira.

— Não é nada. Volte a dormir. — Eu não conseguia esconder a raiva na minha voz. Eles estavam tirando fotos do meu pai! Ele estava doente. Será que eles não tinham princípios morais?

— Parece que não é nada. — Ele se irritou com a alavanca ao lado da cadeira. — Tem alguém lá fora?

— Já resolvi, pai. Vou falar com os seguranças. — Peguei meu casaco, abri a porta e acenei para o carro parado na calçada.

— Becca!

O barulho da câmera chamou minha atenção para a lateral da minha casa. A fotógrafa tirava fotos.

— Saia daqui! Isto é uma propriedade particular!

Coloquei a mão no bolso procurando o celular com a intenção de ligar para a polícia.

— Pare onde está! — Becca estava se aproximando pela grama, com passos irritados.

— Vou ligar para a polícia, imbecil! — O outro fotógrafo passou correndo pela casa e entrou em uma van que estava parada no final da rua.

Os policiais disseram que podiam mandar uma viatura, mas que não poderiam ficar na frente da casa a noite toda. Resmunguei frustrada e pedi para que Becca que ficasse ali e não deixasse ninguém incomodar meu pai. Ela fez algumas ligações, depois outro guarda-costas apareceu para ficar ali. Dei milhares de instruções a ele para que entendesse que não deveria deixar ninguém entrar naquela propriedade.

Papai passou uma boa parte do tempo tentando me acalmar, mas aquilo só me deixou mais brava ainda. Ninguém deveria estar tirando fotos do meu pai. Principalmente para vender para jornais ou tabloides. Quando percebi que minha raiva estava deixando meu pai agitado, tentei relaxar. Não havia nenhuma razão para deixá-lo estressado por causa de uma coisa que eu estava resolvendo.

Dei os remédios a ele e ajudei-o a ir para a cama, embora ele tenha tentado me mandar embora. Patricia chegaria bem cedo e por isso eu não precisava me preocupar com ele no dia seguinte. Ele detestava ter alguém lá todos os dias, mas eu precisava saber que ele estava bem.

Eu não disse nada no carro a caminho de casa. Quando eles me disseram que alguém passaria a noite ali, não argumentei. Duvall parecia entender meu silêncio e conversou com Parker, que estava

sentado no sofá. Jess e Bert já haviam se deitado, por isso a casa estava relativamente silenciosa. Antes de ir dormir, mostrei ao Parker onde era o banheiro e disse a ele para ficar à vontade, para comer alguma coisa.

Abri o computador e procurei pelo especialista sobre quem Alex havia me enviado informações. O Dr. Bielefeld era da Alemanha, mas atualmente trabalhava na França e em Lilaria, e tinha dupla cidadania. Ele havia sido mencionado em vários periódicos por causa de seu trabalho com métodos holísticos e naturais para tratamento de câncer. Li durante horas, procurando encontrar informações nos artigos sobre a saúde dos pacientes e por quanto tempo conseguiam viver. Enquanto alguns de seus pacientes respondiam bem ao método, outros precisavam de um equilíbrio entre os medicamentos normais com suplementos herbais.

Pelo que pude entender, ele parecia acreditar que cada pessoa necessitava de um programa elaborado para suas necessidades individuais. Aparentemente, ele não via problemas em misturar a medicina ocidental com a abordagem holística, e obviamente tinha um grande entendimento das duas áreas. Todos os depoimentos eram brilhantes e felizes; mesmo as famílias dos pacientes que faleceram pareciam acreditar que ele havia ajudado na qualidade de vida do ente querido.

A certa altura, mudei de assunto. Li todo o material sobre a minha família e sua saída de Lilaria. Antes de irem embora, seus nomes podiam ser encontrados por séculos. Era intimidador ver um esboço de cada antepassado e suas realizações. Havia tanta história que acabei me envolvendo e não percebi o tempo passar. Foi como se eu estivesse lendo um romance histórico. A única diferença é que eu tinha uma relação com estas pessoas.

Por fim, encostei-me na cama e olhei para o relógio. Já passava das três da manhã. Eu me arrastei pelo corredor para chegar ao

banheiro. Se eu esperasse até a manhã, provavelmente não tomaria banho. Jess e Bert demoravam demais no banheiro.

Eu me encostei contra a parede de azulejos e deixei a água quente cair sobre as minhas costas. Em menos de dois dias meu mundo havia se virado de cabeça para baixo. Não tinha apenas se transformado ou ficado confuso, tinha virado do avesso completamente. Nada mais fazia sentido. Cada decisão parecia errada. Cada direção para a qual eu olhava me levava para um caminho que eu não tinha certeza se era o certo. Por anos eu havia trabalhado atrás de um objetivo, havia focado aonde queria chegar. Mas agora não parecia ser tão certo. Eu queria saber mais sobre minhas origens. Queria levar meu pai para um lugar onde ele pudesse receber o melhor tratamento possível. Precisava saber se eu estava destinada a fazer parte do conselho de uma rainha ou se isso tudo era apenas um estranho acaso na minha vida.

E então me segurei na única coisa que eu sabia que era verdade. A família vem sempre em primeiro lugar.



# Dez

## *Como se tornar um guarda-costas*

— GUNS AND BULLETS MAGAZINE

O carro parou na faculdade e eu respirei fundo. Duvall olhou para mim e fez um aceno com a cabeça. Desta vez a imprensa estava esperando, pronta para o meu aparecimento. Duvall abriu a porta e me ajudou a andar entre as pessoas que me olhavam boquiaberta.

Os seguranças na porta da frente me deixaram entrar sem nem ao menos pedir minha identificação. Aparentemente, meu rosto já havia sido bastante exibido na TV e todos eles já sabiam quem eu era. Subimos as escadas, mas em vez de ir ao meu escritório fui para a sala do Dr. Geller. Bati na porta com a intenção de encontrá-lo antes que qualquer outra pessoa aparecesse.

— Pode entrar.

— Esperem aqui. — Olhei para Becca e Duvall. Não havia nenhum meio termo. Eu entraria naquela sala sozinha. Duvall fez uma careta, mas assentiu. E eu aceitei aquela pequena vitória.

Dr. Geller estava digitando alguma coisa no computador, por isso fechei a porta em silêncio e sentei-me em frente à mesa dele. Seu cabelo grisalho fazia com que ele parecesse mais velho do que era, com seus 42 anos de idade. Coloquei a mochila no chão e tentei ficar parada na cadeira. Eu estava nervosa, tão nervosa que tinha

vontade de vomitar. Eu estava à beira da possibilidade de cometer o maior erro da minha vida.

— Oi, Sam. — Ele olhou para mim e sorriu, ainda digitando. — Ouvi dizer que você teve umas aulas malucas ontem.

— Com certeza não tive uma terça-feira normal.

Peguei na mochila algumas provas que eu havia corrigido e coloquei-as na mesa.

— Eles não foram muito mal na segunda. Estão na média.

Ele olhou as provas rapidamente, analisando melhor algumas perguntas e respostas.

— Bom, bom. Parecem ter entendido bem o capítulo.

Eu não disse nada, apenas sorri. Ele colocou os papéis na mesa e olhou para mim com expectativa.

— O reitor contou a você por que as aulas foram tão malucas ontem? Ou ele apenas estava chateado por eu ter causado uma confusão no campus?

— Pelo contrário, ele queria saber por que eu não havia contado a ele que uma das minhas alunas de pós-graduação fazia parte de uma família real. Precisei explicar que eu também não sabia daquilo.

— Para ser sincera, eu também só soube disso na segunda à noite.

Dr. Geller riu.

— Isso é uma história maluca, e aposto que é muito mais interessante do que todas as histórias que estão circulando por aí.

— Sabe, é uma loucura. — Sacudi a cabeça. — Achei que eles estivessem me convidando para jantar porque pretendiam fazer uma doação para o programa. Eu sabia que David detestava conversar com os doadores, e por isso achei que você tinha se esquecido de me avisar. Ou que eu não tivesse visto seu e-mail.

— Então você foi para o jantar esperando representar a faculdade e foi pega de surpresa com essa história? — Dr. Geller riu. — Sua

reação deve ter sido hilária.

— Ei! O que você teria feito se estivesse no meu lugar?

— Ah, concordo, foi uma conclusão lógica. E o que isso significa? Você é descendente de uma família real, mas por que eles vieram atrás de você? — Ele inclinou-se para frente, seu olhar astuto preso em mim.

— Eles querem restabelecer meu título.

Ele cruzou as mãos na mesa.

— E isso significa que você teria que assumir uma cadeira no Conselho da Rainha e se mudar para Lilaria.

— Sim.

Eu não podia deixar de me surpreender com o fato de ele saber tanta coisa sobre o país.

— Você parece entender bastante do assunto.

— Tenho um amigo que trabalha para o FBT e outro que foi ensinar falcoaria em Lilaria.

— Eu não sabia disso.

Fiquei mexendo na cutícula e tentei pensar em como abordar a próxima parte da conversa.

— Preciso decidir se vou embora.

— E você já decidiu? Vou ter outra amiga em Lilaria?

Suas palavras aliviaram parte da culpa no meu coração.

— Acho que sim. — Parei, as palavras estavam presas na garganta. — Preciso pelo menos ir até lá e ver se pertencço àquele lugar. Se eu me adapto.

— Bom, podemos trancar a sua matrícula neste semestre e posso passar suas aulas para outro aluno de pós-graduação. Se você decidir mudar-se para lá, então encerramos o assunto. — Ele sorriu com tristeza. — Detesto ver você ir embora, Sam. Você é uma das alunas mais dedicadas que eu tive, mas entendo que às vezes a vida nos leva para direções diferentes das que planejamos.

— Ainda quero terminar meu mestrado, Dr. Geller. Mas pode ser que leve mais tempo do que eu planejava.

— Se eu puder ajudar, darei o nome do meu amigo. Talvez você descubra uma maneira de continuar trabalhando com as aves.

Ele se levantou e deu a volta na mesa.

— Isso seria ótimo. — Franzi a testa. — Sinto muito que as coisas tenham tomado esse caminho. Eu sei... Eu sei que você dedicou bastante tempo à minha formação e me sinto como se estivesse decepcionando você.

— Imagina. Pelo menos vai levar uma boa dose de conhecimento com você. As casas nobres de Lilaria têm uma relação com as aves há séculos. Talvez você seja destinada a fazer isso.

Meu estômago se acalmou e, pela primeira vez, me senti bem com a decisão. Ele parecia entender o que eu estava pensando, porque riu.

— Você achou que eu iria gritar e tentar culpar você para convencê-la a ficar?

— Na verdade, não. Eu só detestava a ideia de ir embora assim. Parecia errado.

— Quando você vai? — Ele se apoiou na mesa.

— Não sei, mas provavelmente não volto mais pra faculdade. Estou causando problemas demais. — Suspirei. — Na verdade, acho que devo pegar todas as minhas coisas hoje.

— Avise-me se precisar de alguma coisa. — Ele olhou para mim com seriedade. — Eu estou falando sério. Qualquer coisa. Vamos ficar torcendo por você.

— Obrigada.

Depois que deixei seu escritório, fui direto para o meu. Todos estavam lá, e todos olharam quando Becca e eu entramos. Fui até a minha mesa antes de parar e me virar para olhar para todos.



— Bom, parece que outra pessoa vai se sentar à mesa que fica ao lado da janela.

— Ah meu Deus, Geller tirou você do programa? — Mary olhou para mim com os olhos arregalados.

— Ah, não. Estou indo embora. Não posso dar aulas e continuar o meu curso com oito vans de emissoras de TV me seguindo por todos os lugares. — Comecei a pegar minhas coisas nas gavetas e a guardá-las na mochila.

— O que você vai fazer? — David virou-se em sua cadeira e olhou para mim com seriedade. — Vai terminar seu curso em outro lugar?

— Ainda não sei. — Comecei a contar a eles o que estava acontecendo em Lilaria, mas parei. — Tenho várias opções.

— Tipo o quê? — Mary veio até a minha mesa com uma caixa e me ajudou a guardar alguns livros e jornais.

— Você ainda está com o meu manual de estudos? — Tentei me esquivar de sua pergunta.

— Ah, claro. Espera aí. — Ela correu até a mesa e pegou o manual dentro da bolsa. — Aqui está.

— E você simplesmente vai embora? — perguntou David.

— Vou manter contato. Não é que nunca mais vamos nos encontrar, pessoal.

— Devíamos fazer uma festa de despedida! — Mary sentou-se na beirada da janela e olhou para mim. — Vai ser divertido. Podemos convidar o departamento inteiro.

— Mary, acho que isso seria difícil neste momento. — David olhou para ela. — Os seguranças vão atrás dela até quando ela vai ao banheiro. Você realmente acha que ela consegue ir a uma festa?

— Becca não vai atrás de mim quando vou ao banheiro. — Olhei para David. — E não tenho tempo. Provavelmente vou embora dentro de alguns dias.

— Você vai para Lilaria? — David inclinou-se para frente apoiando os cotovelos nos joelhos.

— Possivelmente.

— Vamos sentir sua falta. — Mary me abraçou e eu ri quando ela me desequilibrou. Becca aproximou-se, mas fiz sinal para que ela se afastasse.

— Também vou sentir falta de vocês. Pega leve com o David, tá?

— Ah. Eu me divirto muito com ele. — Mary piscou para mim.

Fui até David e abracei-o antes de dar um beijo em sua bochecha.

— Cuide-se.

— Você também.

Eu me despedi de todos os outros, brincando e rindo até onde pude. Mas, por dentro, eu estava chorando. Essa havia sido minha vida por vários anos e era estranho ir embora sem ter terminado o que havia começado.

Parker pegou a caixa de minhas mãos quando deixei o escritório e Duvall olhou para mim esperando que eu dissesse o que iria fazer.

— Preciso falar com a Rose.

— Muito bem. Vou ver se ela tem um horário hoje à tarde. Enquanto isso, para onde a senhora gostaria de ir?

— Para a casa do meu pai.

Liguei para o meu pai a caminho da casa dele para avisá-lo que eu estava indo para lá. Pareceu o certo a fazer já que havia duas vans de emissoras de TV atrás de nós.

— Meu Deus, o que eles esperam descobrir? Que eu sou uma extraterrestre enviada de Plutão? — Olhei rapidamente para trás.

— Boas fotos são importantes para a carreira de um jornalista. Se algum deles descobrir qualquer informação, isso pode significar uma promoção em outra emissora de TV. O fato é que, neste exato momento, você está em evidência. — Duvall olhou para mim e, se

eu não o conhecesse, pensaria que havia simpatia em sua expressão.

— Eles nem sabem por que estão me seguindo neste exato momento.

— Qualquer informação que consigam...

— Informação errada!

— Sim, qualquer coisinha que acharem que sabem e você vira uma história que o público deles acharia interessante.

Apenas sacudi a cabeça. Papai estava esperando por nós quando chegamos. Pude vê-lo espiando pela janela. Como havia pessoas nos seguindo, Duvall e Becca me escoltaram até a casa. Abracei papai e apresentei-o às minhas sombras.

— É um prazer conhecê-los. Vocês querem beber alguma coisa?

— Papai sorriu para Duvall e Becca, e os dois recusaram a bebida.

Coloquei minha caixa de livros no chão e sentei-me no sofá. Papai balançou a cabeça e sentou-se ao meu lado.

— Você vai?

— Sim. — Suspirei, sabendo que ele, provavelmente, discordaria de mim, mas eu estava pronta para isso. — Você vai comigo.

— Sam, estou no meio da quimioterapia. Não posso simplesmente ir embora.

— Vamos conversar com o seu médico e descobrir o que podemos fazer. — Eu me sentei e olhei para dentro dos olhos dele. — Você já esteve em Lilaria?

— Não. — Papai sacudiu a cabeça.

— Não existe outro momento melhor do que agora. — Eu sabia que ele adorava viajar e, meu Deus, se ele fosse ficar bem com o que quer que fosse acontecer, então também podia viver um pouco enquanto isso.

— Talvez eu tenha que esperar até o último ciclo da quimio. — Ele inclinou-se e deu um tapinha no meu joelho. — Mas se você quiser

que eu vá, vou depois disso.

Não gostei. Eu queria que ele fosse ao especialista já, mas entendia que era melhor para ele terminar o que havia começado.

— Talvez eu precise ir embora antes disso. Pelo que a duquesa falou, parece que preciso ir embora logo.

— Então, vá! Vou ficar bem. A Patricia me acompanha nas consultas.

— Por que você não me chama logo de sua motorista? — gritou Patricia da cozinha. Ela apareceu na porta com um pano de prato na mão. — Você vai para Lilaria?

Balancei a cabeça. Isso ainda não parecia real. Os últimos dias pareciam ter sido um sonho. Principalmente a parte de eu ter levado um amasso de Alex antes de enfiar os pés pelas mãos. Bom, a parte dos pés pelas mãos parecia bastante real. Afinal, era isso o que eu sempre fazia.

— Ótimo. Não se preocupe com o seu pai. Vou mantê-lo na linha.

— Samantha, a duquesa disse que pode falar com você em uma hora. — Duvall aproximou-se. — Devo avisar a ela que você estará lá?

— Sim. — Peguei meu telefone e olhei as horas. — Onde ela está?

— Ela está no Parallel.

Olhei para as minhas roupas e suspirei. Eu estava usando calças jeans e um suéter, mas ia ter que vê-la assim mesmo. Não dava tempo de ir até em casa me trocar e depois ir para o hotel.

— Tudo bem. Vou ter que ir assim mesmo. — Olhei para o meu pai e o abracei. — Você vai ligar hoje para o médico e dizer a ele que vai se mudar para Lilaria. Diga a ele que preciso de todos os seus relatórios para levar para o Dr. Bielefeld, tá?

— Samantha, sou doente, não sou burro. — Papai beijou minha testa.

— Eu sei, eu sei. Não se esqueça. — Ri enquanto vestia o casaco. Quanto tempo eu havia ficado ali? Cinco minutos? Seis? Será que minha vida ia ser assim depois de eu aceitar aquele título?

— Tome cuidado.

— Eu te amo.

Sorri para ele e saí atrás de Duvall, de volta para o carro. O pessoal das emissoras ainda estava se preparando, obviamente esperando que eu fosse ficar ali por mais tempo.

— Eu também te amo.

Becca fechou a porta do carro e fomos para o Parallel.



# Onze

## *Relutante realeza*

— LILARIAN GAZETTE

O hotel estava cheio, hóspedes chegando e saindo, pessoas se encontrando para almoçar ou relaxando no saguão. Quando paramos o carro, o porteiro abriu a porta e Becca desceu primeiro. Ele sorriu para ela antes de olhar para mim. Quando percebeu que eu também estava no carro, seu comportamento mudou por completo. Abaixou um pouco a cabeça e fez um movimento com a mão.

Olhei para Becca para ver se o que o cara estava fazendo era sério, mas ela só fez uma careta. Ao passar por ele, percebi que era o mesmo cara que estava trabalhando na noite em que conheci a duquesa e Alex. Controlei meu desejo de perguntar se havia sido ele quem tinha vendido as fotos para a imprensa e passei por ele apenas resmungando um “obrigada”.

Dentro do hotel, Duvall e Becca me conduziram a um elevador que nos levou até a cobertura. Fiquei imaginando se Alex estaria lá e acalmei meu coração acelerado. Eu queria vê-lo para me desculpar com ele, mas não sabia se minhas desculpas seriam bem recebidas. Havia um pequeno corredor na saída do elevador que dava para uma grande porta dupla. Duvall bateu na porta e esperamos até que outra pessoa usando terno abriu a porta.

— Samantha! — Rose levantou-se de uma pequena escrivaninha ao lado das janelas e veio ao meu encontro. Ela beijou minha bochecha e apertou meus ombros.

— É tão bom ver você.

— Obrigada por me receber tão rapidamente.

— Imagina. — Ela me levou até um pequeno sofá e me ofereceu uma xícara de chá. — Você decidiu alguma coisa?

— Sim. — Tomei um gole do chá por educação antes de colocar a xícara na mesa. — Eu gostaria de ir embora com você, se o convite ainda estiver de pé.

— Mas é claro! Que notícia maravilhosa. — Encostou-se na cadeira e sorriu. — E seu pai vem conosco?

— Ele precisa terminar o tratamento de quimioterapia que está fazendo, mas irá logo em seguida.

Franzi a testa ao perceber que precisava resolver muitas coisas, como a passagem de avião dele e marcar horário com o médico.

— Alex me passou algumas informações sobre o Dr. Bielefeld, mas não sei muito bem como entrar em contato com ele para marcar uma consulta para o meu pai. Imagino que deva ter muitos pacientes.

— Ah, não se preocupe com isso. Vou pedir para alguém ver isso para você. Na verdade, há bastante providência a ser tomada. — Ela se virou e fez sinal com o ombro para uma senhora usando um vestido azul. — Você vai precisar ter acesso às suas contas, alguém vai ajudá-la a se organizar e a se situar em Lilaria, já que nunca estive lá.

— Ah... — Olhei para a senhora vestida de azul e de novo para Rose. — Não tenho a menor ideia por onde começar.

— Tudo bem, querida. Eu sabia que haveria muitas providências a tomar.

A porta da frente se abriu e Alex entrou na sala. A senhora de azul e a garçonete estavam arrumando as louças na mesa de jantar e fizeram uma reverência rápida. Alex balançou a cabeça para elas antes de olhar para mim. Ele sorriu educadamente e eu fiquei enjoada. Havia uma distância em seus olhos que me entristecia.

— Samantha. — Ele sentou-se na outra ponta do pequeno sofá e meu corpo, automaticamente, inclinou-se na direção dele. Foi como se eu estivesse sendo atraída por uma força gravitacional. — Vai almoçar conosco?

— Ah, não. — Eu me virei para a tia dele precisando pensar em qualquer outra coisa do que no homem que estava sentado ao meu lado. — Não quero atrapalhar a refeição de vocês. Posso voltar mais tarde.

Rose estava olhando para mim com aquele olhar calculista de novo. Não era um olhar hostil, mas, sim, pensativo. Era possível ver que ela estava tentando descobrir o que estava acontecendo entre Alex e eu.

— Você já almoçou? Pedi almoço para quatro pessoas. — Rose inclinou a cabeça para a mesa e para os três pratos sendo colocados nela.

— Obrigada, mas eu realmente não quero me intrometer.

— Isso não faz o menor sentido. Temos muito que conversar. — Ela voltou sua atenção para a mulher de azul. — Sara, você pode, por favor, trazer para mim a pasta verde que está em minha mesa? Ligue para o escritório e veja se Chadwick pode falar.

— Sim, senhora. — Sarah trouxe rapidamente a pasta verde e então saiu em silêncio da sala para fazer a ligação.

Rose folheou a pasta antes de entregá-la a mim.

— Aí estão os números da sua conta e os códigos de acesso, incluindo vários cartões relacionados a eles. Há também um breve



resumo de terras que você possui, o seu título oficial e um itinerário para os próximos dois dias e para quando chegarmos em Lilaria.

— Contas? Itinerário?

— Sim, os bens de sua família foram guardados pela coroa. Quando foram embora para se proteger, seus familiares levaram apenas o que podiam carregar. Isso significa que deixaram uma grande quantidade de dinheiro e objetos de valor em bancos e fundos. — Rose tomou um gole do chá enquanto eu digería aquela informação. — O itinerário é para nos ajudar a manter um cronograma. Como você decidiu aceitar seu título, vamos precisar fazer um anúncio à imprensa. Isso vai ajudar a esclarecer alguns boatos.

— Você decidiu aceitar seu título? — Alex olhou interessado para mim.

— Sim. — Olhei para seus olhos e tentei acalmar meu coração. Minha decisão não tinha nada a ver com Alex. Pelo menos era isso que eu ficava repetindo para mim mesma.

— Ótimo. E seu pai vem conosco?

— Ele precisa terminar o tratamento que está fazendo.

— Excelente. Vou ligar para o Dr. Bielefeld e pedir para que se informe sobre o caso de seu pai. — Alex encostou-se no sofá.

— Obrigada.

Eu estava tentando não me incomodar com seu comportamento, mas me vi desejando que o homem amável e paquerador com quem eu havia passado o dia anterior estivesse sentado ao meu lado. Ele havia se afastado e eu sabia que a culpa era minha.

Olhei de novo para Rose, que nos observava com um pequeno sorriso. Quando Sarah voltou para a sala, trouxe um pequeno notebook para Rose.

— Levou um tempo para conseguirmos nos organizar, mas Chadwick terá prazer em ajudá-la, Lady Rousseau.

— Chadwick? — perguntei.

— Chadwick é um membro da equipe da casa real. Ele concordou em ser seu assistente pessoal, pelo menos até você encontrar alguém com quem se identifique melhor. Mas acho que vão se dar muito bem. — Rose sorriu. — A mãe dele é de Lilaria, mas seu pai é americano, por isso ele vai ser capaz de te ajudar a se adaptar aos costumes melhor do que ninguém.

— Ah. Como é que se paga um assistente pessoal? É por hora de trabalho ou ele recebe um salário? — Passei os dedos pela pasta que estava em minha mão. Não sabia o que esperar ao abri-la.

— Na verdade, ele é empregado da coroa, o que significa que foi cedido a você como uma cortesia, já que lhe convidamos a vir para o país. Mas, se decidir ficar com ele como parte do seu corpo de funcionários, poderá combinar com ele da maneira como for melhor para você. — Rose levantou-se e coloquei minha xícara de chá de volta na mesa. — Preciso dar um telefonema, mas volto logo.

— Vá em frente, abra a pasta. — Alex indicou a pasta em minhas mãos. — Você precisa saber o que possui.

Olhei para a pasta e franzi a testa. Havia um brasão no papel e passei os dedos por ele. Será que esse era o brasão dos Rousseau? Fui em frente, abri a pasta e olhei os papéis. Havia cartões de crédito presos com cliques de papel e vários papéis com extratos de banco, os quais examinei várias vezes. Levantei os olhos e encontrei os de Alex, e vi em seu rosto um pequeno sorriso.

— Isso é... meu? — Eu literalmente não conseguia pensar em todos aqueles números. Havia milhões em cada conta. Havia tantos zeros que pensei que fosse ficar vesga. Eu precisava de uma calculadora.

— Sim.

Havia um mapa com uma área demarcada e vários pontos marcados com outra cor. Passei o dedo neles sem saber ao certo o

que significavam. Enquanto os outros papéis estavam em inglês, o mapa estava na língua de Lilaria.

— O que é isso?

Alex aproximou-se do sofá para que pudesse olhar para o papel.

— Isso é um mapa do seu estado. Tem mais ou menos seis por três quilômetros. — Ele passou o dedo pela linha verde antes de dar um tapinha nos pontinhos vermelhos.

— E este é um de seus poços de petróleo.

Havia quatro pontos vermelhos no mapa e fiquei olhando para eles sem acreditar.

— Todos estão funcionando?

— Os dois circundados com a linha laranja estão funcionando. Os outros estão fechados. O pontinho azul é a vila ou distrito que pertence à família Rousseau.

Olhei para Alex com os olhos arregalados de medo. De repente, aquelas contas de banco não pareciam ter tanto dinheiro assim.

— Sou responsável por um distrito inteiro?

Ele riu, pude perceber um pouco do divertimento do dia anterior em sua reação.

— Eles pagam impostos para sua família e você, por sua vez, toma conta deles.

— Toma conta deles como?

— Pense neles como uma cidade onde você é o prefeito. Se houver uma catástrofe natural, vai ajudá-los a resolver a situação. Se for um problema grande demais para você lidar, pode pleitear a coroa, que vai levar para o parlamento. Se eles precisarem de uma nova estrada ou de uma nova escola, você vai providenciar isso através dos impostos que eles pagam.

— Ah, meu Deus do céu. — Olhei para ele aterrorizada. — Não tenho a menor ideia de como fazer isso!

— Prometi que não jogaria você na cova dos leões. — Ele aproximou a cabeça da minha e eu respirei fundo, apreciando seu perfume. — Como príncipe da coroa, é meu trabalho ajudá-la a entender suas responsabilidades. Por fim, eu serei a pessoa a quem você vai reportar, para que as coisas aconteçam.

— Entendi. — Abaixei a voz para que ninguém pudesse me ouvir. — Alex, sou uma bióloga. Não entendo nada disso.

— Você é uma mulher inteligente que vai aprender tudo. — Seus olhos se viraram para os meus lábios e controlei minha vontade de passar minha língua neles.

— Sinto muito sobre ontem.

— Você estava certa. — Ele franziu a testa. — Eu não deveria ter feito aquilo. Só vou fazer o que você quiser. — Seus olhos brilharam com ousadia. — Apenas saiba que, se mudar de ideia, estou bem aqui.

— Vou me lembrar disso. — Não consegui deixar de sorrir ao olhar em seus olhos. — Isso significa que podemos ser amigos agora? Acho que vou precisar de algumas pessoas ao meu lado.

— Vou tentar por você. — Ele passou os olhos pelo meu corpo e eu sacudi minha cabeça. — Por enquanto.

— Amigos não cobiçam os amigos.

— Eu disse que iria tentar. Não prometi nada. — Ele sentou-se de novo em seu lugar e riu. — Tenho a impressão de que nossa amizade vai ter uma vida útil.

— Uma vida útil?

— No fim, ou você vai me detestar, ou vai acabar na minha cama. — Seus olhos ficaram escuros. — E sei qual opção eu prefiro.

O calor tomou conta do meu corpo e precisei respirar fundo. Infelizmente, aquilo significava inalar ainda mais seu perfume delicioso. Seus olhos se apertaram e ele aproximou-se um pouco mais de mim.

— Se continuar olhando assim para mim, não vamos nem conseguir fingir que somos amigos. — A voz dele estava rouca e a sala pareceu diminuir de tamanho. Como se estivesse em um túnel, eu me esqueci que havia pessoas da segurança e a arrumadeira no ambiente. Só quando Rose limpou a garganta é que consegui recobrar meus sentidos.

— Isso vai ser um desafio interessante. — Alex sorriu e voltou para o seu lugar.

— Bom, acho que eles já estão prontos para anotar o nosso pedido.

Rose olhou para mim com uma expressão desconfiada.

— Espero que esteja com fome, Samantha.

Eu me levantei e esfreguei as mãos no jeans, envergonhada por ter sido pega olhando para Alex. Peguei o cardápio que Sarah me entregou e sentei-me à mesa.

Alex sentou-se ao meu lado, com os joelhos encostados nos meus. Eu deveria ter afastado minha perna, mas não o fiz. Aparentemente, eu estava com vontade de me torturar naquele dia. Quando Rose sentou-se à minha frente, precisei morder o lábio para não rir da situação ridícula que tomava conta da minha vida. Sara sentou-se conosco para o almoço, e discutimos o itinerário dos dois dias seguintes.

— Então partimos na sexta? — Peguei minha salada, separando os pepinos.

— Sei que é cedo, mas preciso organizar muitas coisas.

Rose cortou um pedaço de pão ao meio e passou um pouco de manteiga nele.

— Não, eu entendo. Só preciso fazer várias coisas até lá.

— Será um prazer ajudá-la a organizar suas coisas. — Sarah sorriu para mim. — Realmente não seria problema algum. Apenas me diga o que você precisa.

— Vou precisar fazer uma lista. Não sei se vou conseguir pensar em tudo.

— Isso faz parte do meu serviço. Vou me sentar para ver isso com a senhora antes de ir embora. A senhora tem um passaporte?

— Tenho. Preciso arrumar minhas coisas e falar com a minha amiga. Felizmente, já paguei o aluguel dos próximos meses. — A garçonete retirou o prato com a minha salada e colocou outro com pequenos sanduíches. Aquela parecia ser a escolha mais segura, mas agora eu estava arrependida por não ter pedido algo mais pesado.

— Tem alguma coisa em particular que precisamos tratar antes da coletiva de imprensa? — Sarah abriu um caderno ao lado de seu prato.

— Independente do que dissermos, eles vão perguntar sobre o assunto. — Alex tomou um gole de água e me observou pela borda. — Outro motivo para irmos embora o mais rápido possível.

— Por que eles estão tão interessados? — Olhei em volta da mesa. — E daí se meu antepassado era da realeza? É outro país. Não tem nada a ver com ninguém daqui.

— Você não entende. É como se você fosse uma Cinderela americana. — Alex riu da minha expressão.

— Pelo que sei, não tenho nenhum sapatinho de cristal.

Brinquei com o que ele tinha dito. Não era como se eu estivesse sendo resgatada por um príncipe. Ou estivesse indo embora para me casar. E essa parte eu não diria em voz alta.

— Não há nenhuma madrasta malvada forçando-me a dormir junto às cinzas do fogão.

— É a ideia. Uma jovem que trabalhava duro de repente descobre que é descendente de uma família real. É emocionante. Mesmo em Lilaria, as pessoas vão ficar interessadas em você. — Rose suspirou pensativa.

— Não tem muita coisa para fazer a esse respeito.

— Existem outras famílias, não é? Você disse que outras famílias foram embora de Lilaria e que a rainha estava procurando por todas elas.

— Você é apenas a segunda a voltar. Duas das outras famílias não existem mais. — Rose franziu a testa. — E, embora você seja a segunda a restabelecer o título, o Duque Thysmer é bem mais velho do que você.

— Você quer dizer que ele tem quase 70 anos. — Alex riu. — É, você é muito mais interessante, pois é uma jovem americana. As pessoas vão ficar curiosas sobre o seu passado, sobre como vai se adaptar à sua nova vida, e se vai fazer algum movimento.

— Eu não estava planejando isso. — Franzi a testa para ele, imaginando por que ele parecia achar que eu faria alguma coisa.

— Às vezes, um movimento é uma coisa boa. Dá uma balançada no navio. — O sorriso de Alex era totalmente sexy para permanecer apenas na amizade, por isso olhei de volta para o prato e tentei ignorá-lo. Eu não me importaria de dar uma balançada em um navio com ele ao meu lado.

— Vai dar tudo certo, querida. — Rose sorriu para mim. — E vamos cuidar para que alguém ajude você durante todo o caminho.

Depois do almoço, Alex precisou sair para um encontro diplomático e eu fiquei literalmente sobrecarregada para pensar nele. Ele levou minha mão até seus lábios e senti minha respiração parar quando sua boca tocou minha pele novamente.

— Espero vê-la em breve. — Não respondi, apenas balancei a cabeça. Fiquei sem palavras.

Depois que ele foi embora, Sarah sentou-se comigo ao sofá e ficou me dando instruções sobre o que levar.

— Você não vai precisar se preocupar com nenhuma vacina, só precisa levar seu passaporte. Você fala alguma coisa em lilariano?

Quando sacudi a cabeça, ela deu um leve suspiro, mas não pareceu muito irritada.

— Tudo bem. Vou providenciar os programas de áudio para você ouvir. Somos um país bilíngue, mas todas as cerimônias formais são conduzidas em lilariano.

— Claro. — Engoli em seco e questionei minha decisão pela enésima vez.

— Samantha, preciso me encontrar com o governador hoje à noite. Se precisar de alguma coisa, fale com Sarah. Enviaremos para você amanhã pela manhã uma cópia do comunicado que faremos à imprensa. Quanto antes fizermos isso, mais rapidamente conseguimos tentar tomar o controle da situação. — Rose saiu do quarto usando um traje formal.

— Você está maravilhosa. — Ela usava um pequeno diadema no cabelo e um vestido longo, cor de ameixa, que fazia seu cabelo grisalho brilhar.

— Obrigada, querida. — Rose sorriu, feliz com o meu elogio. Ela acariciou o cabelo delicadamente. — Detesto usar estas coisas, mas como é um evento formal, faz parte do uniforme.

— É pesado? — Olhei para os diamantes.

— Este não é tão pesado, mas depois de uma hora com ele na cabeça você começa a sentir seu peso. — Sarah levantou-se e ajudou Rose a vestir o casaco. — Você vai precisar treinar em casa para aprender a segurar o pescoço e para se acostumar com o peso para usar um desses na sua cerimônia.

— Como? — Olhei para ela como se ela fosse um extraterrestre.

— Você vai poder escolher as joias que usará na cerimônia, mas as joias da família Rousseau seriam as mais apropriadas. — Rose pegou uma pequena bolsa em uma das mesas e riu ao ver minha expressão. — Parece até que eu falei que vai precisar usar uma cabeça de urso, e não uma coroa.



— Vocês não usam cabeças de urso, não é?

— Apenas para cerimônias secretas. — Rose piscou para mim enquanto saía rodopiando entre o roxo e o preto.

— Ela estava brincando, não é?

Olhei para Sarah, mas ela apenas sorriu.



# Doze

## *O peso de uma coroa*

— NEW YORK CONSTANT

- **Você vai para Lilaria?** — Jess sentou-se no sofá ao meu lado.

— Sim. Acho que preciso fazer isso. — Olhei para onde Becca estava sentada, na cozinha. — Jess, existem milhões em contas bancárias. E tem um especialista para tratar do meu pai.

— O que o Geller disse? — Jess cruzou as pernas e aproximou-se de mim.

— Ele me deu o nome de alguém que conhece em Lilaria e pareceu entender. Não posso dar nenhuma aula neste momento. Foi um fiasco.

— Mas as coisas podem se acalmar — gemeu Jess. — Tudo bem, não vão se acalmar logo, mas parece ser uma decisão e tanto.

— Eu sei. — Peguei o cobertor que cobria minhas pernas.

— Bom, se você acha que é uma boa ideia, então deve ir. — Ela suspirou e jogou-se na almofada.

— Achei que fosse ficar animada. Você me disse que eu precisava saber mais sobre a minha família. — Encostei a cabeça no braço do sofá e fechei os olhos.

— Estou bancando a advogada do diabo. Só quero ter certeza de que você está feliz.

— Você realmente precisa parar de passar tanto tempo com o Bert. — Abri os olhos e olhei para ela.

Ela riu de mim.

— Não acredito que vai me deixar. Quem é que vou torturar?

— Tenho certeza de que vai encontrar maneiras de me atormentar. — Roí a unha por um tempinho. — Você vai arrumar outra pessoa para morar aqui?

— Bert e eu conversamos sobre isso. Acho que vamos tornar oficial e parar de pagar dois aluguéis. — Jess sorriu com o rosto brilhando de animação.

— Já era hora. Acho que fiquei atrapalhando vocês, não é? Não me surpreende você não parecer triste porque vou embora. Vai, oficialmente, juntar os trapos com seu garotinho.

Eu ri quando ela jogou um travesseiro em mim.

— Será que vocês percebem que estou sentado bem aqui?

Bert estava sentado na velha cadeira ao lado da cortina e com um livro aberto no colo.

— Cala a boca! Estou triste porque você vai embora e sabe disso.

— Ela franziu a testa para mim. — Você vai voltar aqui algum dia? Se seu pai vai pra lá, você não tem mais nenhum motivo para voltar.

— Claro que vou ter motivo para voltar. — Empurrei o ombro dela. Eu tinha certeza de que logo, logo, estaria recebendo um convite para o casamento deles.

— E, por falar em garotinhos, como vai o Príncipe Gostosinho?

Ouvi o barulho de Becca na cozinha e chutei Jess.

— O que foi? Não finja que não pensou nisso. — Jess levantou a voz e esticou o pescoço para olhar para Becca. Ela sorriu e levantou-se da mesa para ir até a pia. — Tudo bem. Finja se quiser.

— Alex está bem. — Tentei manter meu tom de voz normal.

— Hum. Com certeza está. — Jess mexeu as sobrancelhas e eu gemi.

— Por favor, diga à Jess adolescente que eu gostaria de conversar com a Jess adulta.

— Tudo bem. Ele beijou você? — Ela apertou os olhos para mim.  
— Ah, não! O silêncio te condena!

— Bert, pare de deixar que ela leia os seus livros. Estou implorando a você. — Ele não respondeu, apenas deu de ombros.

— Vamos lá. Você tem que me contar! — Jess olhou para mim, implorando.

— Não vai acontecer de novo. — Suspirei, sabendo que eu tinha que contar se quisesse que ela me deixasse em paz.

— Ah, meu Deus. Alex te beijou mesmo! Como foi? Por que não vai acontecer de novo? Foi ruim? — Jess sentou-se direito. — Este é o pensamento mais triste do mundo.

— Foi bom. — Sacudi a cabeça. — Muito, muito bom. O melhor. Mas não deveria ter acontecido. Tem muita coisa acontecendo comigo para eu lidar com isso também! Quer dizer, não estou interessada em uma aventura.

— Mas por que acha que seria uma aventura? — Jess apertou os olhos para mim. — Ele disse isso?

— Não. — Mordi os lábios e soltei: — Eu sou americana! Ele é um príncipe! O que ele iria querer comigo? Ele provavelmente precisa se casar com alguém de uma família real que possa ajudá-lo a governar um país.

— Ah, e você não é de uma família real? — Jess levantou uma sobrancelha e olhou para mim como se eu fosse uma idiota.

— Não é a mesma coisa, Jess. Ele precisa de alguém que pertença a uma família respeitada. — Cruzei os braços no peito. — Eu não sou de fato da realeza. Sou uma americana, parente de alguém que foi da realeza.

— Não parece que isso é importante para Rose e Alex.

— Jess.

— Não diga Jess para mim. Eu vi a maneira como você olhou para ele. E a maneira como ele olhou para você. Não seja idiota, Sam.

Você exagera sempre.

— Não exagero! Só tomo decisões bem pensadas. — Balancei a cabeça. — Tem muita coisa acontecendo para eu me envolver com mais uma coisa complicada.

— Quanto mais complicado melhor. — Jess sorriu.

— Eu vou me deitar. — Tirei o cobertor das pernas e levantei. — Preciso arrumar minhas coisas amanhã e me preparar para a viagem.

— Vejo que minhas habilidades de argumentação forçaram você a recuar. Eu me declaro vitoriosa.

— Cala a boca! — Olhei para Becca, que estava encostada no batente da porta. — Você precisa de alguma coisa?

— Tenho tudo o que preciso. — Ela sorriu para mim.

— Tudo bem. Desembucha. Por que você tem um sotaque do Sul, mas trabalha em Lilaria? — Franzi a testa para ela.

— Fui treinada pelo FBI. Quando Rose veio para cá, alguns anos atrás, eu fazia parte de uma equipe designada para ela. — Ela sorriu. — Impedi que ela fosse sequestrada e ela me convidou para trabalhar com ela.

— Alguém tentou sequestrá-la?

— Puta merda. — Jess levantou-se e aproximou-se. — Você impediu um sequestro?

— Sim. Você achou que eu estivesse aqui só pela aparência? — perguntou Becca.

— Bom, não. Só achei que você estivesse aqui para impedir que as pessoas incomodassem a Sam. — Jess olhou para Becca com olhos pesados. — Aposto que as pessoas subestimam muito você.

— Uso isso a meu favor. — Becca deu de ombros.

— Eu preciso me preocupar com algo assim?

— Estou aqui apenas por precaução — assegurou-me Becca.

— Bom, estou acabada. Vejo vocês pela manhã. — Comecei a me virar.

— Você quer ajuda amanhã? — perguntou Jess.

Ela, normalmente, não tinha aulas na quinta e sempre trabalhava de casa.

— Isso seria ótimo.

Assim que minha cabeça encostou no travesseiro, apaguei. Aquela havia sido uma das semanas mais longas da minha vida, e ainda estava bem longe de terminar.

Na manhã seguinte, fui acordada pelo barulho de vozes na sala. Ainda não eram sete da manhã e eu já tinha recebido doze e-mails, de acordo com o meu telefone. Eu me sentei e olhei para o sol entrando pela janela.

Peguei um par de calças jeans, uma camiseta de manga longa e um par de tênis. Assim que fiquei pronta, abri a porta do meu quarto e saí à procura de café. Sarah estava sentada à mesa da cozinha com Jess e Bert. Balancei a cabeça para eles, mas fui direto para a cafeteira. Eu ainda não tinha condições mentais de entender por que Sarah estava em minha casa.

Coloquei uma boa quantidade de creme e açúcar e misturei até o meu café ficar marrom e cremoso. Tomei um gole e suspirei. Perfeito. Procurei na geladeira e achei um iogurte. Peguei uma colher e sentei-me na última cadeira que sobrara à mesa.

— Bom dia, duquesa. — Sarah sorriu para mim.

Eu resmunguei. Jess riu.

— Espere até ela terminar a primeira xícara.

— Ah. Entendi. — Sarah deu um largo sorriso. — Normalmente, preciso de duas xícaras para ficar totalmente acordada.

Resmunguei de novo. Eu apostava que Sarah acordava pronta para qualquer coisa. Ela, provavelmente, dormia com roupas e com um caderno agarrado na mão. Estava com o caderno aberto ao lado

dela, cheio de anotações escritas à mão que eu tinha visto no dia anterior. Tomei meu café e iogurte com calma, ouvindo enquanto Jess fazia perguntas e Sarah as respondia.

Por fim, levantei-me e joguei o pote de iogurte no lixo e coloquei mais café na xícara. Eu me virei para elas e tomei um gole.

— Tudo bem.

— Essa é a maneira dela de dizer para você contar a ela o que está acontecendo — explicou Jess.

— Bom, trouxe algumas informações sobre a sua chegada em Lilaria. Vai haver uma cerimônia de boas-vindas para você. Depois disso, uma delegação a acompanhará ao palácio para que conheça a Rainha Felecia. Você passará a noite lá e, no dia seguinte, haverá uma pequena recepção em que será apresentada a outros membros da nobreza e do parlamento.

Ela respirou e eu mexi a mão livre no ar.

— Ô, ô, ô. Eu vou ser apresentada à rainha depois de ter passados horas e horas cruzando o Atlântico? Em que tipo de avião vamos viajar? Vou poder tomar um banho? Tipo, eu devo encontrar a Rainha de Lilaria daquele jeito? — Eu me virei e comecei a mexer nas gavetas.

— Merda. Preciso de uma xícara maior. — Peguei uma caneca gigante com os dizeres “Eu disse tenha um bom dia, senhor!”.

— É costume a rainha dar as boas-vindas a dignitários ou nobres visitantes. O fato de você estar “voltando para casa” é uma razão ainda maior para que ela a convide a ir até o castelo. O Príncipe Alex também pediu para que você ficasse no palácio antes de ser levada até suas terras. Acho que ele quer acompanhá-la até sua casa.

Sarah sorriu educadamente, mas percebi o brilho nos olhos dela. Aparentemente, meu momento com Alex não havia passado despercebido ontem. Ou talvez seja porque ele havia passado o dia anterior comigo.

— Isso não é necessário. Tenho certeza de que ele tem coisas mais importantes para fazer.

Jess olhou para mim, enrugou o nariz e manteve a boca fechada.

— Ele foi bastante inflexível. — Sarah sorriu de novo antes de voltar a olhar para o caderno. — Chadwick vai para o estado de Rousseau hoje para preparar tudo para a sua chegada. Existe um mordomo designado para cuidar de suas terras durante a ausência de sua família, por isso espero que tudo esteja em ordem.

— Qual é o nome do mordomo?

Tirei um bloco de notas que estava em cima do balcão e olhei dentro da gaveta procurando por uma caneta.

— Stanley Wessex. — Sarah olhou suas anotações. — Ele tem quase 60 anos e tem sido o responsável pelo estado nos últimos vinte anos. Tenho certeza de que será de grande ajuda quando você assumir seu cargo.

— Ou ele me detestará por tomar o lugar dele — resmunguei baixinho enquanto escrevia o nome dele.

— Também já criei um e-mail seguro para você e já providenciei um novo telefone celular. — Ela pegou o telefone branco dentro da bolsa que estava ao lado. Ela disse o número novo enquanto eu anotava rapidamente.

— Providenciei para que o pagamento mensal seja descontado da sua conta principal.

— Vou poder usar esse telefone em qualquer lugar do mundo? — Olhei para o iPhone e franzi a testa. Eu estava acostumada a usar um Android.

— Sim, senhora. É um número de Lilaria, por isso a senhora terá que digitar o código do país quando ligar para um número nos Estados Unidos. — Sarah pegou mais alguns papéis. — Enviei um e-mail para você com o comunicado que soltamos à imprensa hoje pela manhã. Você viu o e-mail?



— Sim... Quero dizer, não. — Franzi a testa para ela. Aparentemente, eu ia ter que começar a madrugar para acompanhar estas pessoas.

— Bom, aqui está uma cópia para você ver. Também me adiantei e enviei um contingente para a casa de seu pai. Provavelmente, alguns jornalistas estarão por lá atrás de alguma história. — Sarah olhou para mim com cautela. — Quando eles souberem que seu pai tem câncer, temo que a história ficará ainda maior.

— Entendi. — E entendi mesmo. O comentário sobre a Cinderela de ontem atingiria grandes proporções quando descobrissem que meu padrasto estava doente. — Como é que faço para contratar pessoas para ficarem com ele?

— Vou cuidar disso. Quantas pessoas você acha que seria necessário? — Sarah segurava a caneta pronta para escrever no papel e olhou para mim esperando minha resposta.

— Duas? — Engoli seco. — Para que elas possam se revezar, ou algo assim, eu acho?

— Esse parece ser um bom plano. Embora ele tenha que lidar um pouco com a imprensa, não vai ser tanto quanto você. Sem mencionar que as coisas devem se acalmar depois que você sair do país.

— É.

Eu não sabia o que mais dizer, por isso olhei para o comunicado que havia sido enviado à imprensa. A rainha anunciava que, depois de uma busca longa e minuciosa, haviam localizado, nos Estados Unidos da América, uma das famílias reais desaparecidas. Havia uma breve informação sobre mim, minha formação e um aviso de que eu estava voltando para Lilaria para assumir o meu título. Era breve e direto. Eu aprovei.

— Samantha, acho que vai precisar deixar as bagagens por minha conta e de Bert.

Jess cruzou as pernas na cadeira e apoiou o queixo na mão.

— O quê? Eu preciso levar tudo para a casa do meu pai hoje. Vou embora amanhã.

— Exatamente. E você precisa ir às compras.

— Mas que diabos? Artigos de higiene pessoal? Sabonetes para viagem?

— Roupas, Sam. Roupas. Você não pode conhecer a Rainha de Lilaria usando calças jeans. — Ela virou-se para Sarah. — Estou certa? Deve haver um traje específico para uma ocasião como esta.

— Sim. A recepção no palácio será traje a rigor. Para o restabelecimento de seu título, será traje de gala. E tenho certeza de que haverá outros eventos nos quais será necessário usar vestidos ou saias. — Sarah não tirou os olhos do caderno.

Eu fiquei olhando para as duas.

— Traje a rigor? Traje de gala?

Jess suspirou.

— Traje a rigor: você ficará bem com um lindo vestido na altura dos joelhos. Traje de gala requer um vestido longo, luvas, joias.

— Sim, para o traje de gala a senhora vai precisar usar um dos diademas de sua família. — Sarah ainda estava escrevendo no caderno.

— Diademas. Você quer dizer tiaras? Coroas? — Sacudi a cabeça. — Minha família tem diademas.

— Diademas, nunca coroas. — Sarah olhou para mim. — E, sim. Acredito que a senhora tenha várias. Eu me lembro de uma com esmeraldas maravilhosas.

— Esmeraldas.

Balancei a cabeça. Eu precisava parar de repetir tudo o que era dito para mim.

— Tudo bem. Então, compras. E arrumar as coisas.

Comecei a pensar em quanto dinheiro eu poderia gastar em um vestido e então percebi que tinha três outras contas para considerar.

— A que horas partimos amanhã?

— Vou mandar um carro para pegá-la às quatro da manhã. — Sarah fechou o caderno.

— Existem várias lojas no centro que devem ter o traje apropriado. Quando você gostaria de ir até elas?

— Acho que já. — Olhei para a cozinha sentindo-me perdida.

— Calce sapatos confortáveis. Vamos demorar.

Jess pulou da cadeira e saiu correndo pelo corredor. Acho que aquilo significava que ela iria comigo. Dei graças a Deus por ter uma amiga estilosa.



# Treze

## *Como escolher um vestido para o baile*

— THE JOLENE WATERS SHOW

**Depois da terceira loja,** eu já estava a ponto de matar Jess e esconder o corpo embaixo de uma montanha de neve. Sarah parecia estar se divertindo com o jeito como Jess falava comigo. Mas, provavelmente, era engraçado para qualquer pessoa me ver em pé em frente a um espelho, usando um vestido rosa que era uma monstruosidade gigantesca.

— Eu não vou usar isto. — Olhei para ela. — Não seria capaz de enterrar um inimigo em um vestido desse.

Alguém fungou ao meu lado e só então percebi que a dona da loja nos observava. Aparentemente, ela também não gostava muito dos estilos que eu escolhia. A verdade era que eu estava tremendamente nervosa com o fato de conhecer uma rainha, o parlamento e um monte de gente da realeza. A ideia de tentar andar com aquele vestido em um encontro com a rainha, o parlamento e um monte de gente da realeza me deixava sem ar.

— É maravilhoso! Está parecendo uma modelo. — Jess ajeitou a saia um pouco mais. Fiquei olhando para ela até que ela finalmente suspirou. — Tudo bem. Vamos experimentar algo mais sem graça.

— Boa ideia.

Desci da pequena plataforma e juntei a saia segurando-a nos braços. Jess veio logo atrás de mim para me ajudar a desabotoar os quatro mil botões presos na parte de trás do vestido.

— Sabe, esse é um momento importante. É a sua chance de causar uma ótima impressão. — Ela olhou para mim com seriedade. — Você precisa entrar lá, exuberante e orgulhosa. Não deixe que tratem você como se fosse a prima brega da América. Mostre a eles o seu poder.

— Você me faz lembrar o colégio.

Saí de dentro do vestido e ajudei-a a colocá-lo de volta no cabide, que empenou no meio, por causa do peso da roupa.

— Estou falando sério. Você precisa chegar lá e mostrar a eles que é Samantha Effing Rousseau. Você é linda, é brilhante e não aceita qualquer porcaria. — Jess levantou-se e olhou para mim. — Eles precisam saber disso desde o começo.

Pensei no que ela falava. As primeiras impressões eram importantes. Se eu me vestia bem para apresentar uma palestra em uma convenção sobre pássaros, não havia nenhuma razão para não me vestir bem para me encontrar com a rainha. Olhei para o próximo vestido e o contemplei.

— Tudo bem.

— Tudo bem?

— Tudo bem, mas precisamos causar a impressão certa. Sem frufu.

Empurrei os cabides para o lado e olhei para os olhos de Jess através do espelho.

— Já sei qual é o vestido exato. — Ela saiu correndo da pequena sala e fiquei ali pensando no que eu estava fazendo. Eu detestava estar tomando aquelas decisões. Sentia-me como se estivesse fazendo isso às cegas. E a pior parte era que havia pessoas do lado

de fora da loja com câmeras, tentando ver o que eu estava comprando.

Quando Jess voltou segurando um vestido, eu sabia que ela já tinha se decidido. Era um vestido simples, mas elegante. Sensual, mas discreto: com mangas japonesas e saia evasé. O tecido preto brilhava suavemente nas luzes do provador. Havia um cinto preto bem simples que dava mais charme e personalidade ao vestido. Passei as mãos pela peça de roupa e quase gritei de felicidade. Havia bolsos.

— Você estava escondendo este. — Olhei para Jess. — Você me fez experimentar todos esses vestidos horrorosos sabendo muito bem que eu os detestaria. E este estava na loja o tempo todo!

— Quer dizer que gostou dele? — Jess sorriu de orelha a orelha.

— Sua danada! O último vestido foi uma tortura! — Estiquei a mão para segurar o cabide e ela riu.

— Funcionou, não foi? Eu poderia ter trazido uma lata de lixo aqui e você iria se animar. — Jess ajudou-me a puxar o vestido e fechou o zíper.

Quando me virei para olhar no espelho, fiquei paralisada. O vestido havia servido perfeitamente, o que era uma sorte considerando o fato de que não havia tempo para fazer os ajustes. Jess fez algo em meu cabelo, prendendo-o acima do meu pescoço em um coque meio despenteado que se contrapunha ao estilo do vestido.

— Isto é elegância. — Jess balançou a cabeça como se ela mesma tivesse desenhado o vestido.

— Está perfeito. — Eu me virei para enxergar a parte de trás do vestido.

— Vamos mostrar para as outras. — Jess abriu a porta e deixou que eu saísse primeiro. Precisei levantar a saia do vestido para andar, mas com sapatos de salto a altura da saia ficaria perfeita. Do

lado de fora, as cortinas da loja haviam sido fechadas, escondendo as vitrines, e Sarah estava esperando sentada em uma cadeira, com o caderno no colo. Ela olhou para cima e um sorriso se formou em seu rosto.

— Ah, você está adorável.

Subi no banquinho em frente ao espelho e olhei para minha imagem. Era bobeira mas, de repente, me senti uma pessoa da realeza. Acho que era a mágica de um lindo vestido. A dona da loja trouxe um par de sapatos de salto alto pretos, exatamente do meu tamanho. Eu os coloquei e olhei de novo para o espelho. Eram da altura perfeita. A saia não estava mais tão longa, mas eles não eram tão altos a ponto de eu não conseguir andar com eles.

Um telefone tocou e procurei para ver de quem era, mas ninguém se moveu para atendê-lo. Tocou de novo e olhei para a dona da loja, mas ela sacudiu a cabeça. Desci do banquinho e fui até a minha bolsa. Peguei meu novo telefone e olhei para a tela.

— Quem é que tem esse número? — Havia duas mensagens de texto.

— A duquesa e o príncipe, Jess e o seu pai. — Sarah voltou a olhar para o seu caderno. — E seus seguranças.

**651-555-1212:** *Como vão as compras?*

Peguei meu outro telefone e olhei para ter certeza de que aquele era mesmo o número do telefone de Alex antes de responder.

**EU:** *Detesto fazer isso, mas acho que achei um vestido.*

**Alex:** *Mande uma foto.*

**EU:** *Não.*

**Alex:** *Então me mande uma foto sem o vestido.*

**EU:** *Perverso.*

**Alex:** *Você não tem nem ideia.*

Ri e desliguei o telefone. Quando desliguei, percebi que todas estavam olhando para mim.

— O que foi?

— Com quem você estava falando? — perguntou Jess com o olhar curioso.

— Com Alex. — Tossi e olhei para a dona da loja. — Quero levar este. Você tem outra coisa desse estilista?

— Por acaso, eu tenho. — Os olhos da dona da loja brilharam e eu percebi que não havia perguntado o preço. Tentei ver a etiqueta embaixo de meu braço, mas havia números demais. Com certeza, não era um bom sinal. Olhei de volta para o espelho e decidi que, àquela altura, isso não importava. Eu ia comprar o vestido.

Experimentei vários outros: um vestido de baile, um vestido perolado com decote canoa coberto de lantejoulas e pedrarias, um vestido vermelho na altura do joelho e outro vestido preto que Jess havia insistido para que eu experimentasse. Era um vestido colado no corpo, de mangas curtas e uma fenda que chegava até meus seios. Era ousado e lindo. Eu não conseguia me imaginar usando aquilo.

Depois que saímos da loja, paramos em mais outras para comprar algumas roupas mais formais, casacos e outras coisas das quais eu precisava. Já estava escuro quando fomos para casa, mas eu precisava passar em um último lugar.

O carro parou na calçada em frente à maior livraria da cidade. Entrei rápido na loja, pois sabia exatamente o que eu queria. Um guia de Lilaria para Leigos e um curso sobre sua língua para ouvir no avião. Pedi para que Jess pagasse o material com meu cartão e esperei na parte de músicas ao lado de Becca. Algumas pessoas pareciam me reconhecer, mas, felizmente, ninguém disse nada. Rapidamente, voltamos para o carro e nos dirigimos para a casa de meu pai.



Sarah havia ido se encontrar com Rose para resolver algumas coisas e, por isso, éramos apenas Jess e eu na casa de meu pai. E todos aqueles seguranças esperando do lado de fora ou na sala de estar. Papai havia preparado o jantar e conversamos sobre as coisas que precisavam ser feitas para que ele fosse para Lilaria. Patricia estava ali e se recusava e aceitar ajuda.

Separei os medicamentos de papai para a semana seguinte e fui combinar as coisas com Patricia. Papai estava feliz e fazendo piadas, mas percebi que ele fechava os olhos em alguns momentos. Meu coração se apertou e lágrimas se formaram em meus olhos. Havia uma foto dele e de mamãe no Havaí acima da poltrona e eu tive vontade de chorar ao ver os dois tão felizes. Não importava o quanto ele tentasse fingir, eu podia ver o peso que o câncer estava exercendo sobre ele. Na hora de partir, mal consegui me levantar da cadeira.

— Ei, tem alguma coisa daqui que você queira levar? Talvez uma foto? — perguntou Jess. Nós já nos conhecíamos há bastante tempo, e ela sabia o quanto isso era difícil para mim.

— Tem uma foto no meu quarto, na mesa de cabeceira. Pode pegar para mim?

— Claro. — Jess saiu da sala, deixando papai e eu sozinhos.

— Pare com isso. — A voz de papai chamou minha atenção de volta para ele.

— Parar com o quê?

— Pare de se preocupar. Posso ver as linhas de preocupação entre seus olhos. — Ele usou o dedão para tentar amenizá-las. — Vou ficar bem. E vou ver você logo.

— Eu sei. Mas sinto que não deveria deixar você neste momento. — Franzi a testa e olhei para a mesa.

— Você está me dando uma boa perspectiva. — Papai segurou minhas mãos. — Consegue entender isso, Sam? Quero muito ir para

Lilaria e ver a terra onde você e sua mãe nasceram. Comprei um livro de viagens hoje e já marquei algumas coisas que quero fazer.

Ele se levantou devagar e arrastou-se até o balcão da cozinha, voltando com um livro com uma folha marcada. Ele entregou o livro para mim e eu folheeí as páginas.

— Uau! Lá tem uma cachoeira?

— Sim! E é enorme. Quero tirar uma foto na frente dela. — Papai riu. — E tem um grande lago nas terras dos Rousseau. Segundo o livro, é um lugar bom para pescar.

— Vi esse lago no mapa.

Franzi a sobancelha. Eu realmente precisava passar um pouco de tempo na internet naquela noite.

— Sim! E tem uma comida bastante típica que quero experimentar. Um tipo de peixe com batatas. Parece delicioso.

Fechei o livro e olhei para ele.

— Prometa que vai ficar bem.

Ele apertou minha mão e sorriu.

— Eu prometo.

— Você já falou com Patricia para ela ir com você? — Eu precisava mudar de assunto.

— Patricia? Você acha que ela vai comigo? — Papai parecia surpreso. — Não tinha pensado nisso.

— Por que não? Ela não está mais trabalhando, e eu pagaria por tudo.

O dinheiro certamente era um privilégio e, como eu estava com medo de gastá-lo, usá-lo com minha família — mesmo sendo minha família adotiva — valeria a pena.

— Vou pensar no assunto. — Os olhos de papai ficaram pensativos.

Patricia e ele se davam bem e, embora eu soubesse que não havia nada entre eles, pareciam se completar.

— Pense nisso. Ela está aposentada e o filho nunca liga para ela. Por que não trazê-la com você? É o mínimo que posso fazer por ela depois de toda a ajuda que nos deu.

Jess voltou para a cozinha segurando o porta-retratos que tinha uma foto da minha família.

— Peguei! Tem mais alguma coisa?

— Por enquanto é só. Não sei quanta coisa posso levar. Volto para pegar o resto quando possível.

— Pronta para ir, então?

— Sim.

Ainda precisava fazer as malas e um pouco de pesquisa. Eu me inclinei e abracei meu pai.

— Nos vemos em breve.

— Sim, nos vemos em breve! Providencie os peixes para eu pescar. — Ele beijou minha bochecha e eu percebi o brilho em seus olhos.

— Vou encomendar os peixes se for preciso. — Beije sua cabeça careca e peguei meu casaco. Se eu ficasse mais um pouco ali, iria cair na maior choradeira.

Mais tarde, naquela noite, sentei-me à frente do computador e fiquei olhando para o meu quarto vazio. Havia quatro malas amontoadas com todas as minhas coisas, vários sacos gigantes de roupas e uma caixa com alguns livros que me recusara a deixar para trás. Eu ia precisar emprestar uma mala do Bert porque ainda não havia conseguido fazer com que coubesse tudo na minha. Os móveis ficariam, já que eu não precisaria deles, e Jess prometeu levar o restante das minhas coisas para a casa de meu pai na semana seguinte.

Olhei de volta para a barra de pesquisa em meu computador. Digitei "Realeza de Lilaria" e esperei pelos resultados. Não demorou para os sites aparecerem. Havia artigos sobre a linha de sucessão,

escândalos, história. Cliquei em um arquivo que fornecia detalhes das linhas de sucessão, então cliquei no ícone para a rainha e sorri quando a imagem dela apareceu. Alex era muito parecido com ela. Li as informações rapidamente. Ela era um pouco mais velha que meu pai, é muito sociável e mãe de três filhos. Aquilo me fez parar. Durante todo esse tempo, eu não havia perguntado muita coisa a Alex sobre sua vida particular.

Vossa Alteza Real Alexander Patrick Fitzwilliam, o Duque de D'Lynsal e herdeiro da coroa de Lilaria, era o filho mais velho, com 27 anos de idade. Tinha um irmão mais novo, Maxwell Jameson Trevor, e uma irmã chamada Catherine Marie Rose. Cliquei no ícone para Alex e li sobre sua escolaridade, suas instituições de caridade e seus hobbies. Ri ao pensar nele pescando e construindo coisas. E, então, lembrei-me de suas mãos fortes e decidi que aquilo fazia todo sentido. Havia várias fotos dele sozinho, fotos profissionais, e algumas fotos singelas com sua família ou trabalhando com crianças.

Voltei à página principal e passei por outras pessoas da realeza. Parei no Rousseau, surpresa. Com certeza o meu nome ainda não estava ali.

Mas já estava. Ainda bem que não havia nenhuma foto, mas meu nome completo, data de nascimento, escolaridade e honras. Estava tudo lá. Havia uma breve explicação sobre a reintegração de meu título, mas não havia data alguma. Era a vigésima quarta pessoa na linha de sucessão para a coroa. Quase caguei nas calças quando vi aquele pequeno detalhe. Eu me ajeitei e soltei uma risada. Estava na linha de sucessão para a coroa. Tomara que todas as almas que estavam à minha frente na linha de sucessão vivessem uma vida longa e próspera, porque aquilo era algo que eu jamais desejaria.

Abaixo das informações sobre mim havia uma linda foto em preto e branco da minha mãe com as datas de seu nascimento e morte. Passei os dedos sobre a tela e fiquei me perguntando onde eles

havam arrumado aquela foto. Ela estava sorrindo para a câmera, sua cabeça estava angulada, como se estivesse se divertindo com alguma coisa. Sua biografia e uma lista de suas publicações estavam listadas abaixo da foto. Era uma pequena nota, mas fiquei feliz por eles a terem incluído na lista.

Saí daquela página e olhei de novo para os outros nomes. Olhei para a lista de instituições de caridade com as quais a família estava envolvida e as fotos dos eventos de estado. Jess merecia um presente por não me deixar aparecer na frente daquelas pessoas usando jeans e botas. Felizmente, pelo que eu estava vendo ali, minhas novas roupas eram perfeitamente adequadas. Aquela página não oferecia mais muita coisa para mim, por isso fechei-a e voltei a olhar para os resultados da pesquisa.

Depois de um tempo, cedi aos meus impulsos e digitei o nome de Alex na barra de pesquisa. Arrependi de ter feito isso instantaneamente. Manchetes sobre um escândalo sexual começaram a aparecer, links para história com mulheres que poderiam estar relacionadas ao escândalo e especulação sobre com quem ele acabaria se casando. Havia histórias com as palavras jogador, modelo, garanhão, traição e sofrimento nos títulos. Como se estivesse assistindo a um acidente de trem, meus olhos foram levados para o ícone de imagens. Talvez fosse um impulso doentio de torturar-me ou a necessidade de reafirmar minha suspeita de que ele era inatingível, de qualquer maneira, cliquei no link.

Existem coisas que precisamos ver, e fotos de Alex na cama com outra mulher estava no topo da minha lista. Suas costas nuas com lençóis que mal cobriam seus quadris, e o olhar no rosto da mulher ficariam para sempre marcados em minha mente. Havia fotos da mulher tirando as roupas enquanto ele observava da cama. Fotos dela sentada em cima dele que só poderiam ter sido tiradas em outro dia, pois ela estava usando um sutiã diferente. Fiquei muito

enciumada, brava a ponto de empurrar o meu computador, levantar e ficar andando pelo quarto. contei até dez. Depois até vinte. Fechei os olhos e esfreguei as pálpebras com a palma da mão. Eu precisava me acalmar e raciocinar. Sabia que ele era um paquerador e, claro, que ele tinha tido outras mulheres. Eu também já tinha dormido com outros caras. Alex e eu não tínhamos nada um com o outro. Apenas trocamos alguns beijinhos. Mas, ainda assim... Ainda assim, isso me incomodava. Depois de alguns minutos, peguei o computador na cama e comecei a olhar todas as janelas, mas uma manchete chamou minha atenção.

“Traído pela Amante”, escrito em letras garrafais sobre uma das fotos que, felizmente, tinha as partes mais indecentes cobertas. Eu precisava saber, precisava ver se isso era alguma coisa importante. Talvez estivesse torcendo para que fosse importante.

*O Príncipe Alex D’Lynsal de Lilaria está enfrentando uma batalha judicial por causa de fotos que foram vendidas por uma ex-amante sua. Em um comunicado oficial à imprensa, o príncipe declarou que as fotos foram tiradas sem sua permissão e que foram usadas para chantageá-lo. A família real de Lilaria adotou uma postura firme em relação ao assunto e recusa-se a responder a qualquer pergunta da imprensa.*

*Suspeita-se que a mulher nas fotos, Melissa Piaf, estivesse tentando forçar o príncipe a se casar com ela, mas não descobrimos nenhuma informação para confirmar tais boatos. Uma coisa é clara: a ex-modelo ganhou fama. Ela anunciou em um programa de televisão do país que várias empresas de publicidade e produção ofereceram dinheiro para comprar a sua história. Ainda não há informações de que alguma destas ofertas tenha sido aceita.*

Eu me sentei longe do computador e comecei a roer a unha. Se o comunicado que Alex enviou à imprensa era verdadeiro, então essa

tal de Melissa era uma vagabunda mesmo. Eu não podia me imaginar acordando um dia e vendo fotos minhas com Chad ou Thomas no jornal. Deve ter sido um dia terrível para ele. Ter sua vida pessoal escancarada para o mundo todo ver. Olhei as datas do artigo e suspirei. Seis meses atrás. Voltei para as listas da pesquisa para ver se havia alguma informação mais recente. Não havia muita coisa mais. Na verdade, não havia fotos recentes ou histórias sobre Alex até ele vir para os Estados Unidos. Algumas histórias com fotos nossas no campus ou no restaurante. Aquilo fez meu estômago virar. Falavam sobre ele como se não fosse uma pessoa real, como se não se importasse com o que falavam. Agora, em vez de sentir ciúmes senti-me enjoada por causa de Alex.

Pensei em pesquisar meu próprio nome, mas rapidamente mudei de ideia. Só de pensar nisso já estremei. Fechei o computador e guardei na mala de mão. Fiquei olhando para o teto, tentei desligar minha cabeça, parar de pensar nas fotos e em como era terrível imaginar alguém vendendo fotos de seus momentos íntimos. Virei para o lado, arrumei meu travesseiro e tentei ficar mais confortável.

Ele havia dito que não deveria me perseguir. Será que era disso que ele estava falando, e não sobre os meus ancestrais? Será que isso realmente importava?

Essa pergunta não saía da minha cabeça sempre que eu pensava em Alex. E ainda não tinha certeza de qual era a resposta.



# Quatorze

*Nada de abóboras!  
Cinderela parte para o palácio em uma  
sofisticada aeronave Gulfstream*

— MINNESOTA DAILY

**As três horas que** consegui dormir aumentaram ainda mais o ódio que eu sentia pelas manhãs. Todas as minhas coisas estavam amontoadas nos carros que esperavam do lado de fora e eu estava pelo quarto procurando por alguma coisa que estivesse me esquecendo. Minha roupa era bonita, ainda que casual — eu usava calças jeans, botas e uma camisa confortável com um cachecol grosso —, pois eu sabia que a imprensa estaria a postos para tirar fotos. Jess estava em pé ao lado da porta segurando meu novo casaco preto e com os olhos um pouco embaçados. Lágrimas àquela hora da manhã me assustavam.

— Estou com o seu casaco. — Jess fungou e eu olhei para ela com os olhos arregalados.

— Ah, não.

— Você vai precisar dele.

Olhei para ver como estava o tempo e estava nevando do lado de fora. Ela fungou de novo.

— Você não vai querer ficar doente bem quando chegar lá.

— Jess, não faça isso. — Sacudi a cabeça, paralisada no lugar.



— Eu sei que você não gosta de despedidas, por isso só vou te dar isso e então vou voltar para o meu quarto. — Fungada. Soluço.

— Ah, espera, assim você acaba comigo. — Senti a pele em volta de meus olhos se apertar e pisquei rapidamente.

— Vou sentir sua falta. — Ela empurrou o casaco para mim.

— Você vai vir me ver neste verão, não é? — Eu não peguei o casaco. — Isso não é um adeus.

— Mas vou sentir falta da sua cara mal-humorada de manhã e de você conferindo a louça que eu lavei. — Ela fez um beicinho.

— Bert também fica mal-humorado de manhã, você vai ficar bem.

— Não fico, não — resmungou ele.

— Certo. Nem um pouco mal-humorado. — Sacudi a cabeça. Jess desistiu de esperar que eu pegasse o casaco e abraçou-me assim mesmo. Eu a abracei de volta, sabendo que levaria um bom tempo para vê-la de novo. Ninguém mais me entenderia da maneira como Jess me entendia. Eu a apertei com um pouco mais de força e então a soltei.

— Vou mandar uma lembrancinha para você. Talvez um daqueles anõezinhos fazendo cocô na grama. — Abracei Bert também e ele virou-se rapidamente e saiu andando. As vans das emissoras de TV que não haviam me deixado em paz nos últimos dias ainda estavam ali, os jornalistas estavam em pé na calçada, com câmeras e microfones.

— Sam! Sam! Você está animada em ir para Lilaria pela primeira vez?

— Vai morar em Lilaria?

— Você e o Príncipe Alex têm alguma coisa?

— Samantha! Como se sente sendo uma duquesa americana?

Não consegui conter minha risada quando ouvi o último comentário e olhei para o jornalista.

— Duquesa americana?

— Nossa própria realeza! O que você acha? — Ele parecia eufórico por eu ter achado seu comentário engraçado.

— Eu sou uma aluna de pós-graduação.

Balancei a cabeça e fui andando até a porta do carro. Era estranho o fato de eu já ter me acostumado a ter um motorista. Apesar de minha caminhonete estar caindo aos pedaços, sentia falta dela. Bert e Jess iriam usar a caminhonete para levar o restante das minhas coisas para a casa de meu pai, e então a deixariam por lá.

A viagem até o aeroporto foi surreal. Passamos por alguns lugares que fizeram parte da minha vida nos últimos dez anos, construções que eu parecia conhecer desde sempre. Vans cheias de repórteres e câmeras nos seguiram a uma distância aceitável, felizmente. Eu detestaria que eles fotografassem as lágrimas que escorriam de meu rosto.

Duvall estava comigo e eu estava começando a me perguntar por que eu estava sendo protegida pelo chefe dos seguranças. Felizmente, ele não tinha tido dito nada sobre o meu choro, apenas entregou-me um lenço de papel e voltou a virar para frente. Enquanto nos aproximávamos do aeroporto, conferi minhas malas de novo para ter certeza de que trazia tudo o que precisava. Não tinha porquê eu fazer aquilo, pois já havia conferido tudo umas vinte vezes, ainda em casa. Consegui parar de chorar e então me endireitei no banco e limpei o rosto para que não sobrassem resquícios da minha choradeira.

Quando paramos no desembarque, havia uma grande área bloqueada pela polícia. Alex estava em pé na calçada, sorrindo e conversando com algumas pessoas que usavam identificação da imprensa. Fiquei me perguntando como ele podia parecer tão desencanado com pessoas que não teriam nenhum pudor em postar fotos embaraçosas dele. Quando Duvall desceu do banco da frente,

Alex pediu licença e veio até o carro. Coloquei um sorriso no rosto e deixei que ele me ajudasse a descer.

— Pronta?

Seus olhos analisaram meu rosto e fiquei imaginando o que ele estava vendo ali. Eu era uma bola gigante de emoções e nem eu mesma sabia qual era o sentimento mais forte naquele momento. Tristeza, definitivamente, mas havia também uma ponta de excitação e, para ser sincera, eu estava feliz em ver Alex.

— Acho que sim.

Respirei fundo e coloquei minha mochila no ombro. Ele sorriu para mim, mas eu via um pouco de culpa em seus olhos.

— Nada é tão bom ou ruim quanto você pensa que será. Lilaria é só um lugar. Suas atitudes é que vão fazer a diferença.

Ele falava baixinho, por isso eu sabia que ninguém mais deveria ouvir o que falávamos a não ser Duvall, que não havia saído do meu lado. Becca também estava por perto, mas ela havia dado um pouco de espaço para Alex ao perceber que ele queria falar alguma coisa em particular. Balancei a cabeça para que ele soubesse que eu escutava o que ele dizia. Ele estava certo: eu poderia fazer com que isso fosse bom ou ruim, só dependia de mim.

— Madame, posso ficar com a sua mochila? Providencio para que ela esteja no avião antes de partirmos — disse Becca baixinho.

Entreguei a mochila a ela, sentindo-me nua sem ter nada nas mãos. Alex usava um terno e de repente me senti malvestida usando calças jeans e botas. Pelo menos eu estaria confortável durante o voo. Franzi a testa e torci para não estar quebrando nenhum protocolo ao não usar um vestido. Tudo bem, eu não iria usar vestido só para agradá-los, mas podia, pelo menos, estar usando calças melhores.

— Sorria pelo menos um pouco, pode ser? — Alex deu um largo sorriso para me mostrar o quanto eu deveria sorrir e caí na risada.

Eu podia ver todos os seus dentes.

— Entendi.

— Essa é a minha garota.

Fiquei sem ar ao ouvir suas palavras, e ele parecia ter percebido isso, pois sorriu ainda mais.

— Samantha! Samantha.

— Sam! Aqui!

— Você está animada?

A última pergunta me fez parar e eu me virei e sorri para as câmeras. Ainda era cedo e eu havia tomado apenas uma xícara de café antes de sair de casa, mas já era a hora de dizer alguma coisa para a imprensa. Principalmente por estar indo embora. Eu podia não gostar de estar nos noticiários, mas adorava minha casa e uma despedida parecia apropriada.

— Detesto ir embora de Minnesota, mas estou ansiosa para conhecer minha terra natal. — Dei um largo sorriso e deixei que tirassem algumas fotos. Não era bem uma despedida, mas eu esperava que aquilo funcionasse.

— Tomara que lá não esteja tão frio.

Meu último pronunciamento gerou algumas risadas e acenei rapidamente antes de entrar pelas portas automáticas do aeroporto. Alex caminhou ao meu lado, sem me tocar, mas perto o suficiente para que eu não me sentisse sozinha.

— Muito bem. — Ele piscou para mim. — Você já está incorporando o papel.

Rose estava falando com alguns funcionários e deixei que me levassem até ela.

— Obrigada. Isso vai ser ótimo.

Rose sorriu graciosamente e observei a maneira como ela lidava com as pessoas, tentando guardar mentalmente a maneira como ela falava com eles. Sempre amigável, mas com um pouco de

distanciamento, provavelmente para evitar que ultrapassassem seus limites.

— Agradecemos o que fizeram por nós.

— Foi um prazer, madame. — O funcionário do aeroporto sorriu para ela antes de virar-se para Alex e para mim.

— Bom dia, Alteza. Duquesa.

— Bom dia. — Alex apertou a mão do homem.

— Bom dia.

Eu ainda estava tentando descobrir o quanto aquele dia seria bom. Deixei que ele apertasse minha mão e tentei esconder meu nervosismo.

— Samantha, você já viajou em um jato particular?

Rose aproximou-se e beijou minhas bochechas para me cumprimentar. Ela passou o braço em volta do meu e me levou para outro terminal.

— Viajei em um Cessna uma vez, quando fui para a América do Sul. Isso conta? Não é exatamente um jato, mas era particular.

— Ah, você vai gostar. Temos um Gulfstream. Os assentos são confortáveis e é bem melhor voar neles do que naquelas grandes aeronaves. — Ela deu um tapinha no meu braço, seus dedos me apertando delicadamente, e eu sabia que estava tentando me tranquilizar. Rose sabia fazer com que me sentisse bem, e não queria que ela pensasse que eu estava triste, por isso sorri para ela com entusiasmo. Talvez com entusiasmo demais, pois ouvi Alex gemer.

Os guardas nem nos pararam. Não passamos por detectores de metal, eles simplesmente soltaram a corda e nos deram passagem. Sorri para os homens e mulheres que nos deixavam passar. Funcionários do aeroporto olhavam das lojas, o pessoal da limpeza havia deixado os carrinhos no corredor. Ao final do corredor, fomos levados para a pista.

O avião branco perolado brilhava lindamente à luz do amanhecer. Uma longa linha azul e verde percorria todo o avião, combinando com a bandeira pendurada na janela da cabine. Um tapete azul ligava a saída até a entrada do jato. Uma fila de fuzileiros navais parados ao longo do tapete nos saudava. Havia também algumas pessoas da imprensa, mas fiquei mais chocada em ver os militares. Olhei para Alex e a confusão em meus olhos era óbvia.

— É costume quando um membro de uma família real visita um país ter o serviço militar como guarda de honra.

Alex abaixou a cabeça para que eu pudesse ouvi-lo, apesar do barulho do vento.

— Acredito que eles também estejam mostrando o apoio deles a você. O governador ficou bastante tocado com a sua história e animado por você ser do estado dele.

— Ah, uau! — Eu sorri para os homens e mulheres enfileirados no tapete. Eles haviam acordado num horário indecente apenas para ficar em pé, no frio, esperando que passássemos por eles. Agradei enquanto passava por eles, mesmo sabendo que eles não poderiam responder, pois estavam a serviço.

No avião, Rose entrou primeiro, subindo cada degrau suavemente. Alex me deu passagem para que eu subisse antes dele. Precisei me abaixar na porta, pois não havia muito espaço entre minha cabeça e o teto do avião no centro. Mesmo com o problema da altura, havia uma sensação de espaço e de opulência. Bancos de couro, todas as conveniências eletrônicas e luz especial. Música clássica tocava nos alto-falantes e havia cobertores em alguns assentos.

— Bom dia, duquesa. — Uma mulher sorriu para mim e indicou que eu deveria caminhar para o centro do avião. Ela vestia um uniforme de comissária de bordo com uma pequena bandeira da Lilaria presa no peito.

— Bom dia. — Olhei para os assentos sem saber onde sentar. Finalmente, decidi por um dos assentos mais espaçosos ao lado da janela, do lado oposto de Rose. Sempre gostei de voar. Uma das minhas partes preferidas era observar a decolagem e a aterrissagem.

Alex acenou para a mulher que estava na porta antes de sentar-se à minha frente, uma pequena mesa nos separava. A aeromoça trouxe a ele uma sacola e uma pilha de jornais, os quais ele folheou rapidamente. Rose tinha uma pilha semelhante em sua mesa. Ela observava Alex e eu, embora seus olhos astutos se movessem para frente e para trás, como se estivesse procurando por algo invisível.

— E então, o que achou? — perguntou Rose.

— É lindo. Com certeza põe a classe econômica no chinelo. — Passei os dedos nos botões de um painel ao lado da poltrona. — Nenhum deles abrirá uma porta acidentalmente ou acionará a descarga, não é?

— Não se preocupe com as portas, mas não sei responder sobre a descarga. — Rose riu.

— Você pode usar seu novo telefone para controlar as luzes e chamar a aeromoça. — Alex olhou para mim sobre o jornal que segurava. — Pode até mesmo ligar a televisão, se quiser. Tem uma grande seleção de filmes. O pequeno ícone no topo.

— Ah. — Peguei o telefone no bolso. Havia uma mensagem de texto, por isso, abri-o rapidamente. Havia uma foto de Bert na minha cama comendo biscoitos, com farelos por todo lugar. Ri e avisei que não limparia aquela bagunça. Mostrei a foto para Alex, que sorriu.

— Eles virão visitar você algum dia?

— Acho que vão tentar vir no próximo verão. Aposto que vou voltar aqui para o casamento deles logo, logo. — Sorri ao pensar

nisso. — Estou um pouco aliviada por não ter que acompanhar Jess quando ela for escolher o vestido. — Estremeci.

— Essa não é para ser uma parte divertida do evento?

— Não para mim. — Sacudi a cabeça.

Se pudesse, Jess me arrastaria por todas as lojas do país para comprar um vestido. Certamente, eu acabaria com um vestido de dama de honra verde, da cor de vômito.

— Há quanto tempo eles estão juntos?

— Há quase quatro anos. — Suspirei, lembrando-me do quanto Jess detestou Bert quando o conheceu. — Ela achou que ele era um tolo convencido e ele achou que ela era uma consumista mimada. Amor à primeira vista. Não conseguiam se desgrudar.

Ele riu, divertindo-se com a contradição óbvia.

— Parece um filme.

— Um livro. Uma clássica história de amor. — Eu ri. — Bem do tipo Jane Austen.

— Você lê bastante?

— Não tanto quanto gostaria. Ultimamente, só tenho lido periódicos e livros didáticos. — Olhei em volta procurando por Becca. — Na verdade, trouxe meu leitor digital para ler durante o voo. Achei que talvez conseguisse ler alguma coisa divertida desta vez.

— E que tipo de livro seria esse? Um romance? Ficção científica? Mistério?

— Um romance paranormal. — Suspirei. — A série *The Elemental Mysteries*, de Elizabeth Hunter. O último livro foi lançado há pouco tempo e não tive tempo de ler ainda.

— Vampiros? Fantasmas? — Alex sorriu como se estivesse se divertindo.

— Vampiros sensuais, com uma boa dose de mistério histórico. Perfeição.



Eu me encostei na cadeira quando ligaram o motor. Sarah entrou no avião, seguida por Becca e por Duvall. Sarah sentou-se à frente de Rose e Becca entregou-me minha mochila antes de ir para o sofá que ficava nos fundos. Dois guardas subiram os degraus trazendo minhas sacolas com roupas e minha bagagem de mão. Suspirei aliviada. Quando o motor foi ligado, fiquei com medo de precisar conhecer a rainha usando minhas calças jeans. Ainda assim, eu não sabia como conseguiria me trocar dentro do avião.

— Gostaria de ter conhecido seu pai antes de partirmos — disse Rose enquanto olhava os papéis e percebi que ela falava comigo.

— Você estava muito ocupada. Talvez o conheça em Lilaria.

— Isso seria maravilhoso. Talvez, se ele estiver disposto, vocês possam vir até o meu estado para jantar comigo.

— Ele adoraria isso. — E adoraria mesmo. Parecia animado em ir para outro país.

— Então vamos marcar! — Rose sorriu antes de voltar à sua papelada.

Procurei meu leitor digital dentro da mochila e também os fones de ouvido. Eu havia baixado o CD de lilariano para ouvir enquanto lesse ou enquanto olhava pela janela. Eu realmente esperava aprender alguma coisa.

Alex envolveu-se com seus papéis e fiquei olhando pela janela enquanto os funcionários se preparavam para a nossa decolagem. Logo que subimos, meu lar desapareceu.

Depois de um tempo tirei os fones do ouvido e peguei meu livro. Alex estava desenhando em um bloco de notas e eu estava curiosa para ver o que ele estava fazendo.

— Então, você sabe desenhar?

— Um pouco. Não muito. — Ele olhou para mim com olhos pensativos. — Só quando algo me afeta.

— Posso ver? — Eu me debrucei sobre a mesa e tentei olhar o papel.

— Hum. Eu não sei. — Ele tirou o bloco de perto de mim. — Vamos fazer uma aposta.

— Fazer uma aposta? — Eu me sentei na poltrona. — Apostar o quê?

— Não aposte, Samantha. Ele nunca perde. — Rose não tirou os olhos dos papéis.

— Vamos ver.

Olhei para Alex. Ele estava sorrindo, como se já fosse o ganhador.

— Qual é a aposta?

— Bom, espere um pouco. Se você ganhar, pode ver meu desenho. E o que ganho se você perder?

Ele se aproximou com os olhos brilhando.

— Eu avisei. — Rose sacudiu a cabeça e levantou da poltrona se alongando. — Acho que vou dormir um pouco.

Ela foi para trás e apertou um botão. Uma pequena cama desceu da parede. Sacudi a cabeça ao pensar na ideia de haver uma cama em um avião.

— Bom? Meu prêmio? — Alex chamou minha atenção de volta para ele.

— O que você poderia querer?

Eu achava que ele tinha tudo, mas, assim que as palavras saíram de minha boca, percebi o erro. Seus olhos brilharam triunfantes e seu sorriso fez meu pulso se acelerar.

— Ah, tem tantas coisas que eu quero. — Seus olhos percorreram o meu rosto. — O que você quer me dar?

— Amigos, Alex — sussurrei para ele, preocupada com que os outros o ouvissem.

Ele riu e se aproximou

— Se você ganhar, pode ver meu desenho. Se eu ganhar, você vai trabalhar como voluntária no FBT.

— Parece um pouco injusta essa aposta.

— É pegar ou largar. — Ele encostou-se de volta na poltrona. Seus olhos me observavam cuidadosamente.

— O que eu teria que fazer no FBT? — Olhei para Alex.

— Qualquer coisa que eu achar apropriada.

Eu o analisei por um minuto, pensando o que ele possivelmente poderia me forçar a fazer. Limpar gaiolas de pássaros? Já fiz isso antes. Cortar os ratos? Não me incomodava mais com isso.

— Tudo bem. Mas se eu ganhar eu fico com o desenho.

— Fechado. — Ele levantou a mão e eu a apertei, embora ele ainda não tivesse me contado qual era o jogo. Felizmente, não eram cartas de baralho. Eu detestava pôquer.

Ele se levantou e foi até o fundo do avião. Ao voltar, trazia uma pequena caixa na mão, e eu ri.

— Monopoly?

— Qual é o problema? Você é boa demais para jogar Monopoly?

— Ele colocou a caixa na mesa e começou a arrumar o jogo. — O que você quer ser?

— O sapato.

— O sapato? — Ele olhou para mim com dúvida. — Você tem certeza?

— Minha mãe sempre foi o sapato.

As palavras saíram da minha boca sem que eu pensasse. Eu não pensava nisso já há bastante tempo.

— Muito bem. O sapato.

Ele pegou o sapato e o chapéu antes de distribuir o dinheiro.

Não demorou muito para eu perceber por que Rose havia me dito para não aceitar participar daquela aposta. Alex era incrivelmente sortudo com relação ao jogo. Sempre passava pelo ponto de partida,

sempre recebia dinheiro, nunca caía em alguma casa onde os meros mortais temiam cair.

— Você está trapaceando! Me dê os dados! — Minha mísera pilha de dinheiro era vergonhosa.

— Como você se atreve a dizer isso! — E me encarou zombando de mim.

— Ninguém é tão sortudo assim. Como é que você faz isso? — Eu me debrucei na mesa, tentando tirar os dados da mão dele. Ele riu enquanto eu tentava soltá-los de seus dedos.

— Eu não sou trapaceiro! Só sou incrivelmente esperto. E é minha vez de novo.

— Ser esperto não faz você cair no ponto de partida o tempo todo! — Eu me sentei e Alex abriu a mão para me mostrar os dados.

— Dados normais. Não tem nada aqui.

Ele jogou e os dois dados marcaram seis, e eu gemi alto. Mais uma boa jogada.

— Você está trapaceando muito. Tem algum ímã ou alguma coisa aí — resmunguei enquanto pegava os dados para jogar. Oito casas me levaram para um de seus hotéis. Amaldiçoando-o baixinho, peguei metade do dinheiro que me restava e joguei para ele.

Ele riu.

— Obrigado. Agradeço a sua colaboração.

— Fique quieto e jogue os dados, trapaceiro.



# Quinze

## *O preço da realeza*

— FINANCIAL TALLY

Depois de algumas rodadas, fiquei completamente sem dinheiro e Alex estava exultante.

— Ah, o que é que eu faço com você?

— De novo?

Levantei as sobrancelhas. Ele era competitivo, mas eu também era.

— Mas eu já ganhei. — Ele sorriu. — E gosto de ganhar.

— Aposto que você não ganha de novo. — Apertei os olhos. — Ainda temos duas horas antes de descermos para abastecer.

— Ah, eu posso ganhar de novo. — Ele se inclinou e abaixou a voz. — Mas só vou jogar de novo se aumentarmos as apostas.

— O que você quer apostar?

As últimas duas horas haviam passado voando enquanto eu ria e brincava com Alex. Só percebi que estávamos flertando quando eu já estava quase sem dinheiro.

— Se eu ganhar, paramos de fingir que somos só amigos. — A voz dele ficou mais baixa ainda e ele olhou para os meus lábios. — E eu vou poder te beijar. Sempre que eu quiser.

A temperatura do meu corpo subiu enquanto eu pensava no que ele estava me pedindo.

— Um beijo?

— Talvez. — Ele aproximou-se ainda mais. — Mas nós dois sabemos que vamos querer mais do que só um beijo.

— E o que eu ganho se eu ganhar?

Molhei os lábios, o cheiro dele invadia meus sentidos. Um beijo não parecia tão ruim assim. Na verdade, naquele momento, até parecia uma boa ideia.

— O que você quer? — Ele sorriu sabendo exatamente o que eu queria naquele exato minuto.

— Quero que você me ensine lilariano. — Franzi a testa. — Não quero parecer uma idiota na cerimônia.

— Assim eu ganho de qualquer jeito.

Ele tirou a mão da nuca e levou-a até o queixo, e eu estava levemente fascinada pelo som produzido por seus dedos.

— Não. Se eu ganhar, você vai me ensinar lilariano e vai ficar com suas mãos bem quietinhas. — Peguei os dados e joguei. — Vai se comportar como um bom amigo.

— E qual é a graça disso? — Ele continuou com a voz baixa. — Posso pensar em algumas maneiras realmente engraçadas de ensinar a minha língua para você.

— Aposto que sim. — Soltei uma risada nervosa pensando nas coisas que eu gostaria que ele fizesse com a língua.

— Também posso pensar em algumas coisas que eu gostaria de ouvir você dizendo na minha língua. — Seus olhos fixos nos meus enquanto ele movia cinco casas. — Em voz alta.

— Então é melhor você fazer o máximo nesse jogo.

— Eu sempre faço o máximo.

— Verdade?

Arrumamos o tabuleiro para uma nova partida. Alex juntou as sobrancelhas enquanto se organizava para a partida e percebi que ele estava levando aquilo a sério. Eu ficava feliz em saber como ele

estava levando a sério aquela história de ganhar um beijo, mas aquilo também me assustava. Provavelmente porque a ideia me agradava.

Por fim, comprei um hotel e coloquei-o na Park Place. Eu precisava me acalmar e focar. Mesmo que ele ganhasse, eu não ia, simplesmente, pagar a aposta. Era complicado demais.

Alex caiu na minha armadilha cuidadosamente planejada.

— Pode pagar, Príncipe Gostosinho.

O apelido escapou da minha boca enquanto eu mentalmente gritava em câmera lenta tentando impedir que meus lábios soltassem aquelas palavras.

— Príncipe Gostosinho?

Ele jogou a cabeça para trás e soltou uma gargalhada. Quando voltou a olhar para mim, havia fogo em seus olhos.

— Você pode me explicar isso?

— Jess. — Sacudi a cabeça, tentando não parecer envergonhada. Eu iria matá-la na próxima vez que me encontrasse com ela. — É assim que ela chama você.

— Estou gostando dela cada vez mais. — Ele aproximou-se de novo. — Parece que concorda com ela.

— Lá vem você com o seu ego de novo. — Apertei os olhos. — Se você ouve várias vezes a mesma coisa, aquilo fica martelando na sua cabeça.

— Hum. — Ele empurrou os dados para mim. — É uma maneira de enxergar.

— Eu vou matá-la. — Franzi a testa olhando para o tabuleiro.

— Apenas certifique-se de esconder bem o corpo. — Ele riu com as mãos levantadas para roçarem meus dedos. — Acho que há muito tempo eu não me divertia tanto jogando Monopoly.

— E eu estou começando a odiar esse jogo.

— Porque está perdendo. — Ele olhou para mim. — Na verdade, está perdendo tão feio que estou começando a achar que você quer perder.

— Ha, ha.

Ele estava certo. Eu estava perdendo. Feio.

— Talvez devêssemos jogar outra coisa.

— Não. Você concordou em jogar Monopoly.

— Isso foi antes de eu perceber que você tem alguma habilidade Jedi para jogar Monopoly.

— Este não é o hotel que você está procurando.

— Cala a boca, Obi-Wan Trapaceador.

Algo mudou e eu comecei a ganhar. Alex parecia ofendido e, por fim, frustrado. Quando ele parou na prisão, eu me levantei e fiz uma pequena dancinha no corredor. Ele me observou com olhos maliciosos e só então percebi que estava sacudindo minha bunda no rosto dele. Voltei para o meu lugar, mas não consegui parar de sorrir. Ele encostou os cotovelos na mesa e olhou para o tabuleiro, confuso.

— Não consigo me lembrar da última vez em que perdi. — Ele olhou para mim com um sorrisinho. — Talvez eu perca mais vezes, se você sempre fizer essa dancinha da vitória.

— Ah, pare com isso. Tenho certeza de que já perdeu outras vezes.

Comecei a guardar as peças na caixa. O comandante havia iniciado o processo de aterrissagem na Irlanda. Eu queria olhar pela janela para ver as colinas verdes. Sempre quis visitar a Irlanda, mas nunca tive a oportunidade.

— Eu estava distraído. — Ele sorriu.

— Não foi culpa minha.

— Muito pelo contrário, foi totalmente culpa sua.



Ele me deu um leve sorriso, o que me fez ficar com vontade de jogar as peças longe e puxá-lo para cima da mesa.

— Tudo bem, você ganhou desta vez, mas ainda acho que nossa amizade não vai durar por muito tempo.

— Por quê? Tenho vários amigos do sexo masculino.

Ele olhou para mim.

— Tem alguma coisa aqui, Samantha. Negue se quiser, mas não acho que vai conseguir fazer isso por muito tempo.

— É sério. O seu ego está atingindo níveis perigosos. — Mordi o lábio e me concentrei em guardar as coisas. Ele pegou a pilha de dinheiro da minha mão e colocou nos devidos lugares.

— Pode fingir o quanto quiser. Isso não torna as coisas menos verdadeiras.

— Você disse que havia duas opções. — Eu não olhei para ele.

— Tenho uma preferência bem evidente.

Permanecemos em silêncio enquanto esperávamos o pouso. Sarah acordou Rose quando começamos a descer e eu fiquei olhando pela janela. Puxei os pés para a poltrona e encostei-me na parede do avião para tentar enxergar melhor. Já era final do dia e o sol fazia as nuvens brilharem num tom suave de dourado. Era lindo, mas eu queria ver todo o verde. Como se estivesse escutando meus pensamentos, o céu se abriu e consegui enxergar. O verde se transformava em azul no entardecer, e então estávamos em Dublin.

Abastecer o avião levou muito menos tempo do que achei que levaria e, depois de uma refeição rápida, já estávamos de volta no ar. Havia um sentimento renovado de energia dentro do avião. Sarah estava fazendo ligações e Alex havia ligado o notebook. A certa altura, Duvall e Rebecca haviam trocado suas roupas e estavam usando ternos que se misturavam ao tom do fundo do avião, mas ainda assim era um visual formal. Rose foi para a pequena área na frente da cozinha e fechou a cortina. Ela chamou Sarah para ajudá-

la antes de sair usando um vestido prateado que combinava com um casaco. Era um vestido simples, mas elegante.

— Temos pouco tempo, se quiser, pode ir se trocar.

Alex indicou-me a pequena área atrás da cortina.

Eu me levantei e fui até a alcova. Fechei a cortina e abri o pequeno armário onde minha sacola de roupas estava guardada. Rapidamente, tirei as roupas e tive dificuldade para tirar o vestido da sacola, quando me lembrei que eu precisava vestir a meia-calça. Resmungando baixinho, procurei no fundo da sacola. O avião foi atingido por um pouco de turbulência e bati na parede, antes de quase cair para fora da cortina, só de calcinha e sutiã.

— Puta merda! — Eu me levantei e rezei para a cortina não abrir.

— Samantha? — Ouvi a voz de Alex perto de mim e arregalei os olhos. — Você está bem?

— Estou bem! É isso que dá pagar mal os pilotos.

Algumas pessoas riram enquanto eu lutava para colocar a meia-calça. Preocupada com mais alguma turbulência, coloquei o vestido o mais rápido que consegui. Coloquei a mão para trás e tentei pegar o zíper, mas acabei virando em círculos como se fosse um cachorrinho.

— Sarah? — chamei a assistente de Rose, desistindo de fazer aquilo sozinha.

— Pode deixar. — A voz de Alex me deixou paralisada. Ouvi o barulho da cortina enquanto ele entrava. — Zíper?

— Ah, sim. — Eu me virei de costas para ele. O zíper começou a subir devagar e eu estava totalmente consciente do fato de que ele conseguia ver a calcinha e o sutiã que eu estava usando. Seus dedos quentes passaram por minha pele enquanto ele subia o zíper devagar até abaixo da minha cintura e depois nas minhas costas.

— Levante o cabelo. — Ele se abaixou e sussurrou em meu ouvido.

Devagar, levantei as mãos e juntei meu cabelo. Ele fechou o zíper antes de abaixar as mãos e passá-las pela minha cintura. Encostou o peito em minhas costas enquanto olhava sobre meu ombro. Habilmente, soltou o cinto e prendeu-o na frente. Era dolorosamente erótico saber que ele estava me ajudando a me vestir bem devagar e que minha respiração estava acompanhando a excitação de meus pensamentos. Quando ele se afastou, deixei meu cabelo cair e virei-me para olhar para ele.

Ele já estava usando um smoking, com a gravata pendurada, e sem sapatos. Era um visual que combinava com ele. Ele olhou para baixo com olhos famintos.

— Você está linda.

— Obrigada. — As mãos dele ainda estavam em minha cintura e eu me lembrava do nosso beijo.

— Isso vai ser difícil. — Ele foi um pouco para trás para poder passar os olhos por todo o meu corpo. — Muito difícil.

— Tudo o que é bom vale a pena.

Eu não precisava perguntar a ele sobre o que ele estava falando porque eu estava pensando a mesma coisa. Ser apenas amiga de Alex seria uma das coisas mais difíceis que já tinha feito.

— Seria difícil de qualquer maneira. — A voz de Alex estava séria. — Não sei se consigo tirar minhas mãos de você, mas jurei que não seria mais visto com mulheres em público. Você vai me fazer voltar atrás.

— Qualquer pessoa que se relacionar com você estará no centro das atenções. — Mordi o lábio inferior. — Não quero ser o centro das atenções. Acho que não consigo lidar com isso.

Ele se aproximou e sussurrou algo no seu idioma.

— O que isso significa?

— Considere que esta é a sua primeira aula e descubra. — Com um pequeno sorriso, ele virou-se e saiu pela cortina. Fiquei ali,

tentando recuperar o fôlego antes de sair. Depois de um tempinho, peguei meus sapatos e minha bagagem de mão. Fui para o banheiro para me maquiar antes de prender o cabelo em um coque desarrumado, e então coloquei os brincos de diamante de minha mãe antes de voltar para o meu lugar.

— Perfeita, querida. Você está absolutamente perfeita. — Rose tocou o vestido com delicadeza.

— Obrigada.

— Você está pronta? — Rose sentou-se. — Quando descermos, as autoridades vão entrar no avião para conferir os passaportes e seremos levados para carros que nos deixarão no palácio.

— Acredito que vai haver um pouco de algazarra com a nossa chegada. Receber de volta um membro de uma das famílias reais é uma ocasião importante.

Alex estava sentado à minha frente e falou em voz alta.

— Vai haver bastante gente da imprensa, de qualquer maneira. Não faça ou diga nada que possa se arrepender depois.

— Entendi. As pessoas vão tentar me magoar apenas para ganhar alguns dólares.

Ele entendeu o meu tom de voz e olhou para mim com olhos tristes.

— Sim. — Ele olhou pela janela para as luzes da cidade lá embaixo. — Existe esse tipo de pessoas.

— Não se esqueça de que existem pessoas em quem se pode confiar. Pessoas que vão amar você com sinceridade e nada mais. — Rose olhou com tristeza para Alex. — Pessoas que vão amar você apesar de seu título e de seu dinheiro. Estas pessoas estão lá.

Seus olhos se viraram para mim antes de ela olhar para os papéis em sua mesa. Será que ela estava me alertando? Ou estava preocupada pensando que eu magoaria Alex? Voltei a olhar pela janela enquanto rondávamos o aeroporto.

Assim que tocamos o chão, minha ansiedade atingiu o pico. Eu estava ali, estava fazendo aquilo. E estava tão nervosa que tinha vontade de vomitar.

— Como cumprimento a Rainha Felecia? — Esfreguei as mãos uma na outra.

— Quando você for apresentada, vai fazer uma reverência apenas uma vez, depois de passar pela porta. E então vai fazer de novo, alguns passos mais para dentro da sala. Vá direto até ela e apresente-se. Ela apertará sua mão e dará as boas-vindas ao nosso país. Depois disso, você será apresentada a várias outras pessoas.

Rose mexeu a mão no ar como se estivesse explicando como chegar a uma sala em um prédio desconhecido.

— Alguns dos nobres que estão na cidade estarão lá, assim como alguns membros importantes do parlamento. Eles sempre adoram ter uma boa razão para vir ao palácio. Depois das apresentações iniciais, tudo será menos formal. Esta não é a cerimônia oficial para o seu restabelecimento.

— Tudo bem. Reverência, andar e reverência de novo. Apertar suas mãos. — Respirei fundo. — Monopoly. Por que perdemos tempo jogando quando havia tanta coisa que eu precisava aprender?

— Você precisava relaxar. — Alex sorriu maliciosamente. — Foi a única coisa que consegui pensar em fazer para ajudar.

A única coisa. Eu podia imaginar outras coisas que ele poderia ter feito para me ajudar a relaxar. Sacudindo a cabeça, afastei aquele pensamento e franzi a testa.

— E como devo chamá-la? Vossa Majestade?

— Isso é apropriado para a primeira vez em que você a encontrar. E então pode dirigir-se a ela de maneira mais simples. Senhora é o mais comum. — Rose sorriu para mim. — Vai dar tudo certo. Ninguém espera que você saiba tudo nesta noite.

— O pessoal está acostumado a ajudar as pessoas nesses primeiros encontros. Não se preocupe — disse Alex.

O avião taxiou em uma área aberta e fiquei chocada ao ver a quantidade de pessoas nos esperando. Um tapete azul foi colocado do lado de fora do avião e havia uma fila de carros parados. Havia a guarda de honra militar e um mar de câmeras. A porta do avião se abriu e um oficial trajando um terno entrou.

— Posso entrar? — A voz dele tinha o mesmo sotaque interessante de Alex.

— Por favor — respondeu Alex.

Embora Alex tenha sido bastante informal nos Estados Unidos, percebi que ele tinha o título mais alto da realeza, e todos se referiam a ele.

— Bem-vindo, Alteza.

— Obrigado, Jeremy. — Alex levantou-se e apertou a mão dele. Eles devem interagir sempre com os funcionários.

— Bem-vinda, duquesa. — Jeremy apertou a mão de Rose e então virou-se para mim. — Calorosas boas-vindas à senhora, Duquesa de Rousseau. — Jeremy sorriu afetuosamente para mim.

— Obrigada.

— Receio precisar conferir seus documentos. — Ele parecia constrangido.

— Claro. — Entreguei meu passaporte a ele.

— Excelente.

Ele olhou para o passaporte e achei estranhamente reconfortante o fato de não ter simplesmente acenado para eu passar. Ele pegou um carimbo no bolso e fez rapidamente o seu serviço.

— Espero que a senhora goste de Lilaria.

— Tenho certeza de que vou gostar. — Sorri para ele e guardei o passaporte em minha mochila.

Alex levantou-se e segurou o casaco para mim. Vesti o casaco e abotoei. Eu estava prestes a colocar os pés no solo de Lilaria, a terra natal de meus ancestrais e a minha nova vida. Rose caminhou até a saída e esperou por Duvall, Becca e Sarah. Duvall desceu rapidamente as escadas em direção aos carros com um dedo no ouvido enquanto ouvia algo. Rose virou para mim e sorriu.

— Seja bem-vinda à sua casa, Samantha. Estarei esperando por você no carro.

Rose piscou para mim e rapidamente desceu as escadas. Houve um barulho de fotógrafos chamando seu nome, mas ela simplesmente acenou para eles e foi direto para o carro. O vento soprando pela porta aberta era frio, mas não era por isso que eu tremia.

— Estarei logo atrás de você. — Alex colocou a mão em minhas costas.

— Você prometeu que não me jogaria na cova dos leões. — Tentei sorrir, mas o sorriso saiu fraco.

— Confie em mim.

— Eu confio. — Respirei fundo e saí no vento frio da noite.



# Dezesseis

## *A relutância real*

— AMERICAN TODAY

**O barulho era ensurdecedor.** As luzes dos flashes das câmeras cegavam. Fiquei parada no topo dos degraus e olhei para as pessoas que gritavam meu último nome. A presença calorosa de Alex atrás de mim me trouxe de volta para a realidade e comecei a descer os degraus, com cuidado para não tropeçar no vestido. Houve um barulho na multidão com a presença de Alex, e o barulho aumentou quando ele desceu do degrau ao meu lado e colocou a mão em minhas costas.

— Sorria e acene. — Alex abaixou a cabeça para falar em meu ouvido.

Fiz o que ele me disse, completamente espantada. Sorri e acenei porque eu não fazia a menor ideia de como lidar com toda aquela situação. Durante a maior parte do tempo, ignorei as pessoas que gritavam meu nome e não olhei para ninguém. Quando chegamos ao carro, Duvall abriu a porta e Alex ajudou-me a entrar. A saia do vestido atrapalhou um pouco, mas finalmente consegui me sentar. Rose estava sentada em um banco à minha frente sorrindo de orelha a orelha.

— Brilhante. Eu sabia que as pessoas estavam animadas, mas não esperava uma recepção deste tamanho. — Rose deu um tapinha no



meu joelho. — Você se saiu muito bem. É bastante assustador no começo, mas vai se acostumar.

Não disse nada. Eu não tinha palavras para explicar o que estava sentindo. Terror com uma pontada de animação e adrenalina por todo meu corpo. Apenas olhei pela janela para todas aquelas pessoas e tentei não pular quando Alex sentou-se ao meu lado. Ele ficou olhando para fora da janela, sorrindo para as pessoas, passou os dedos sobre os meus e apertou minha mão com força quando ninguém podia ver.

Um pouco do meu pânico foi aliviado com seu toque e não me senti tão sozinha. A pressão de seus dedos me ajudou a me situar. Se Rose percebeu, ela não disse uma palavra, mas a vi sorrindo para nós antes de voltar sua atenção para a multidão. O percurso pela cidade foi lento e tive a chance de ver alguns prédios e esculturas. Era muito parecido com as fotos da França que eu havia visto. As pessoas estavam enfileiradas pelo caminho com cartazes e câmeras e gritavam nossos nomes.

— Eles ficam sempre assim tão animados quando você volta para casa? — Olhei para Alex.

— Não é o meu nome que eles estão gritando. — Alex olhou para mim, sorrindo. Seus dedos ainda segurando os meus. — Hoje é um dia importante para o nosso país. Para a sua família.

Mordi o lábio e olhei de volta para a multidão. Levantei a mão e acenei de leve quando passamos por um grupo de crianças segurando um cartaz com o meu nome escrito nele. Elas pulavam e as garotinhas riam. E então enxerguei os portões do castelo. Estiquei o pescoço para poder enxergar através da janela de Alex. Ele moveu-se um pouco para que eu pudesse enxergar melhor. Em nenhum momento soltou minha mão.

O castelo parecia ter saído de um conto de fadas. As paredes eram feitas de pedra e tijolo antigo. Quando finalmente consegui dar

uma boa olhada no castelo, abri um sorriso, o meu primeiro sorriso verdadeiro desde que descera do avião. O castelo era feito das mesmas pedras que cobriam seus muros. Uma porta enorme no centro da antiga construção estava cercada por guardas em vestes cerimoniais. Era de tirar o fôlego. Duvall abriu a porta do carro e Alex ajudou Rose e eu a descermos. Um homem usando um smoking tirou fotos enquanto descíamos do carro e tentei não parecer decepcionada. Eu esperava já estar livre dos fotógrafos àquela altura.

— Este é o fotógrafo do palácio. Você pode confiar em Cecil. — Alex parecia sentir a minha hesitação.

— Senhora Rousseau, a senhora poderia ficar em pé na frente do carro? E olhar para o castelo? Perfeito. — Cecil tirou as fotos rapidamente e levantou-se. — Duquesa Sverelle, Vossa Alteza, os senhores poderiam ficar ao lado da Duquesa de Rousseau?

Eles vieram para o meu lado e sorriram para a câmera. Alex não colocou a mão em minhas costas, ato com o qual eu já estava me acostumando, e manteve uma distância amigável, mas respeitável. Pisquei por causa das luzes e torci para que meu sorriso não mostrasse todos os meus dentes.

Quando Cecil se satisfez, os guardas saudaram Alex e abriram a porta da frente para nós. Digeri tudo em volta de nós, impressionada com a quantidade de história contida dentro daquelas paredes. Rose e Alex pareciam estar apenas voltando para casa. Pela expressão despreocupada deles, fiquei imaginando se eles iriam simplesmente tirar os sapatos e procurar comida na geladeira. Em vez de fazerem isso, fomos cumprimentados por um grupo de pessoas assim que entramos, que se curvaram e fizeram reverências a Alex antes de pegar nossos casacos.

— É bom tê-lo de volta, Vossa Alteza. — Um senhor mais velho sorriu para Alex. — E é um prazer vê-la, como sempre, madame.

Bem-vinda ao lar, Duquesa de Rousseau.

Ele abaixou a cabeça para Rose e para mim.

— Como estão os preparativos para esta noite, Ryan? — perguntou Alex.

— Tudo bem. O jantar deve ser servido logo e sua mãe está esperando por vocês na sala de estar da frente. — O homem olhou para a prancheta que estava carregando. — O Primeiro-Ministro e sua esposa estão aqui, além de sua irmã, do Duque Constal e do Duque e da Duquesa Marion.

— Excelente. — Alex sorriu para os outros. — Chadwick, deixe-me apresentá-lo à Duquesa de Rousseau. Samantha, este é Chadwick. Ele se ofereceu para ser seu assistente até que você escolha alguém para o cargo.

— É um prazer conhecê-la, duquesa.

Chadwick era um homem alto e magro. Ele abaixou a cabeça, cumprimentando-me formalmente.

— O prazer é meu, Chadwick. — Estiquei a mão para apertar a dele. Suas mãos eram delicadas, mas firmes. — Acho que você vai ter bastante trabalho pela frente.

— Adoro desafios. — Ele sorriu.

— Muito bem, então. Vamos encontrar mamãe, pode ser? — Alex afastou-se dos assessores com quem falava e olhou para mim.

— Vamos. — Respirei fundo.

Alex levantou o braço para mim, e eu coloquei a mão nele e deixei que ele me guiasse por um corredor longo e bastante formal. Retratos de monarcas cobriam as paredes, intercalados com imagens de jardins e florestas. Havia um homem vestindo um fraque esperando por nós ao lado de portas duplas douradas. Ele continuou em seu posto enquanto nos aproximamos e abriu a porta.

— Você entrará por último, mas estaremos todos esperando por você lá dentro.

Rose deu um tapinha em meu ombro enquanto balançava a cabeça para o homem. Ele bateu na porta e esperou por uma resposta. Quando ouviu o que precisava ouvir, abriu as portas e nós entramos.

— A Duquesa de Sverelle, Majestade. — Rose entrou logo atrás dele, fazendo reverência apenas uma vez ao passar pela porta. Não consegui mais enxergá-la e tive vontade de ir mais para frente para olhar.

— Sua Alteza Real, o Duque de D’Lynsal. — Alex endireitou-se e piscou para mim antes de entrar na sala. Eu podia ouvir vozes lá dentro, mas não conseguia entender o que estavam dizendo. Ou talvez estivessem falando lilariano.

— A Duquesa de Rousseau. — O homem anunciou meu nome e dei um pulo para frente. Havia dez ou onze pessoas em pé no centro da sala. A rainha estava bem no meio, usando uma tiara e um vestido gracioso. Ela era uma mulher atraente e pude perceber que Alex era bastante parecido com ela.

Eu me lembrei de fazer a reverência assim que passei pela porta e depois dei mais alguns passos, parei e fiz a reverência de novo. Não fiz uma reverência muito intensa, pois tive medo de cair por causa dos meus sapatos de salto alto. Quando olhei para cima, a rainha estava sorrindo. Ao chegar perto dela, ela estendeu a mão e eu a apertei.

— Vossa Majestade, é um prazer conhecê-la.

Olhei para ela surpresa com o fato de uma mulher tão pequena ter dado à luz a um homem tão alto quanto Alex.

— Bem-vinda ao lar, Duquesa de Rousseau. Estamos muito felizes por você ter vindo. — A mulher sorriu. — Ficamos muito animados quando encontramos você.

— Obrigada, senhora.

— Deixe-me apresentar você a todos. — A rainha colocou a mão em meu cotovelo, levando-me delicadamente para longe de Rose e Alex. Tentei controlar as batidas aceleradas de meu coração. Ele batia mais rápido do que o coração de um gato ao encarar um cachorro.

— Esta é minha filha, Catherine.

Era uma garota alta, loira e tinha os olhos brilhantes de Alex. Ela sorriu para mim, estendeu a mão e eu a apertei. Parecia que eu iria apertar muitas mãos dali em diante.

— É um prazer conhecê-la, Samantha. Já ouvi falar muito a seu respeito.

Catherine deu um largo sorriso. Ela era estonteante, uma modelo perfeita. Seus olhos eram brilhantes e ela parecia realmente feliz em me conhecer.

— O prazer é meu.

— Terei muito prazer em mostrar a cidade para você, se quiser. No começo pode ser um pouco confuso andar por aqui.

— Já separei um tempo para mostrar a cidade para Samantha. — Ouvi a voz de Alex atrás de mim. Olhei para trás e dentro dos olhos dele. — Prometi que não jogaria você na cova dos leões.

— Eu não sou um leão! — Catherine sacudiu a cabeça e riu.

— Você ia querer levá-la para fazer compras, e sei muito bem que Samantha não gosta de fazer isso.

— Isso porque ela ainda não passou um tempo comigo. — Catherine sorriu e fiquei me perguntando se os homens se atiravam a seus pés. — Bom, podemos simplesmente conhecer a cidade, se você quiser.

— Você pode vir conosco — respondeu Alex. Eu não sabia que ele tinha planos de me levar para passear.

— Você não quer perdê-la de vista, não é? — Catherine olhou pensativa para mim. — Tudo bem. Como se fosse um encontro.

Parece legal. A rainha já estava me levando para longe de Catherine, mas Alex continuou ao lado da irmã.

— Este é o Primeiro-Ministro Tomas Derry.

Catherine sorriu para o homem. Ele tinha olhos vivos e cabelos grisalhos encaracolados.

— Primeiro-Ministro, esta é Samantha, Duquesa de Rousseau.

— É um prazer. — Ele pegou minha mão e a beijou.

A rainha não perdeu tempo e me levou para conhecer outras pessoas. Os membros do parlamento pareciam bastante interessados pelo fato de eu ser americana, depois conheci um casal com duas crianças pequenas.

— Estes são o Duque e a Duquesa Marion.

— Pode me chamar de Heather. — A mulher estendeu uma mão enquanto segurava o menino mais novo com a outra. — Este é Leo.

Ela o trouxe para frente e eu me abaixei para apertar a mão gordinha do pequeno. Ele sorriu para mim antes de esfregar a palma da mão no nariz.

— É um prazer conhecê-lo, Leo.

— Barry. — O duque apertou minha mão com um sorriso amigável antes de mostrar-me a pequena menina que estava em seus braços. — E esta é Violet.

— É um prazer conhecer vocês. — A menininha estava deitada no ombro do pai com os olhos meio fechados. — Sinto muito termos chegado tão tarde.

— Não se preocupe! Estamos felizes em conhecê-la. Eu sei que deve estar cansada depois da viagem.

— Estou feliz por estar aqui.

A rainha me puxou para longe da jovem família e me levou até um grupo de jovens rapazes. Dois deles estavam com um sorriso amarelo no rosto, mas um deles olhou para mim de uma maneira que me fez desejar não ter tirado o casaco.

— Os Duques de Minsington, Bowdell e Sheferd. Também conhecidos como Daniel, Barney e Kyle. — A rainha levantou os olhos para os rapazes e eles vieram ao nosso encontro. — Esta é Samantha, Duquesa de Rousseau.

Todos apertaram minha mão, e Kyle a segurou por um pouco mais tempo do que o necessário.

— É um prazer conhecê-la, Samantha.

Sorri para ele, sem pensar o mesmo que ele. Ele me lembrava do jornalista da faculdade. Um cara com quem você não deixaria o seu drinque se precisasse ir ao banheiro.

— Kyle e Daniel estudaram na faculdade aqui da cidade. Talvez eles possam ajudá-la a encontrar um programa para terminar os seus estudos. — A rainha sorriu para mim como se aquela fosse uma ideia brilhante.

— Vou precisar ver isso quando tiver tempo.

Eu realmente esperava conseguir escapar dessa conversa logo.

— Talvez eu possa levá-la até o campus para mostrar o lugar. Existem muitos lugares ótimos para se estudar. — Ele enfatizou as últimas palavras para que eu entendesse que ele queria dizer algo totalmente diferente daquilo.

— Tudo bem. Aviso você se precisar de ajuda. — Eu não conseguia fingir o que sentia e tinha certeza de que Kyle podia perceber minha irritação.

— Vou esperar ansioso por isso.

— Majestade, o jantar está pronto — disse um homem usando uma farda do palácio. Eu nem tinha percebido a presença dele.

— Excelente. Samantha, vou deixá-la com estes cavalheiros enquanto vejo como estão as coisas. — A rainha apertou meu cotovelo delicadamente antes de sair. Observei enquanto ela se afastava e olhei para Alex. Ele estava rindo com a família de Marion e segurando a garotinha no colo, batendo nas costas, enquanto ela

babava no seu ombro, dormindo pesado. Tive vontade de ir até eles e ficar o mais longe possível de Kyle.

— O que você estudou, Samantha? — Daniel olhou para mim, interessado.

— Meu Deus, Danny. Você não lê os jornais? — Barney tomou um longo gole de um copo de vidro que segurava. — Ela é um tipo de bióloga.

— Sou uma bióloga que estuda animais selvagens — expliquei.

— Você sabe que não leio essas porcarias. É perda de tempo. — Daniel franziu a testa para o amigo. — Bom para você, Samantha. Vai ter bastante coisa em comum com o Alex.

— Verdade?

Uma mulher aproximou-se com uma bandeja de bebidas. Peguei uma taça de vinho branco e tomei um gole.

— Sim, nosso ilustre futuro monarca é formado em biologia e estuda animais selvagens. Acho que a especialização dele é em pássaros. — Daniel sorriu. — Qual é a sua especialização?

— Aves de rapina.

Daniel riu e apontou para Kyle.

— Agora você pode desistir.

Olhei para eles confusa.

— Como?

— Digamos apenas que não há muitas nobres mulheres disponíveis nos dias de hoje. — Daniel riu da cara de Kyle. — É um caso perdido.

— Não temos certeza disso. — Kyle piscou para mim. — Tenho muito a oferecer.

— Vocês estão falando sério? Eu não estou procurando um marido.

— Você é carne fresca, querida. — Barney se aproximou e eu senti o cheiro de uísque em seu hálito. — O Daniel aqui não se



importa porque ele não gosta de mulheres. Mas, para todos os outros homens disponíveis no país, você é uma esposa em potencial. Com bastante coisa para oferecer no banco... E na cama. — Ele olhou para meus seios. Fechei as mãos de maneira que pudesse sentir as unhas entrando na palma da mão. Todas as respostas que eu podia imaginar eram totalmente inapropriadas para serem ditas na sala de estar da rainha.

— Barney. — Daniel olhou para ele. — Já chega. Não somos todos assim, Samantha.

— Do que vocês estão falando? — Catherine chegou ao meu lado. — Não podem monopolizar a convidada de honra.

— Eu estava torcendo para que você viesse até aqui resgatá-la para que eu pudesse apreciar seu lindo vestido mais de perto.

Kyle inclinou a cabeça e olhou para o corpo de Catherine. Ela ficou vermelha, mas não pareceu chateada com o comentário dele.

— O jantar está servido. — Uma porta na lateral da sala foi aberta e eu não podia me sentir mais aliviada.

— Alteza, posso acompanhá-la até o seu lugar? — Kyle curvou-se para Catherine, que aceitou seu convite revirando os olhos.

— Samantha? — Daniel levantou o braço e eu deixei que ele me levasse até a sala de jantar. Havia uma longa mesa retangular com lugares para cada convidado. Pequenos cartões, com nomes escritos à mão discriminavam os lugares onde todos deveriam se sentar. Daniel chegou mais perto de mim quando chegamos ao meu lugar.

— Eu posso não estar preocupado em arrumar uma esposa, mas sempre gosto de fazer novos amigos. — Sorri para ele e me senti um pouco melhor.

— Isso seria ótimo. — Deixei que ele puxasse a cadeira e me ajudasse a sentar, antes de ir procurar o seu lugar à mesa.

— Bem-vinda a Lilaria. — Daniel piscou para mim enquanto se afastava.

— Kyle não é uma pessoa que você deveria ter como amigo. — Alex sentou-se ao meu lado e aproximou-se de mim. — Ele só está interessado no seu dote. — Ele olhou para o lugar em que a irmã conversava amigavelmente com o jovem duque. — Entre outras coisas.

— Obrigada, Capitão Óbvio — sussurrei. — E me diga que você contou isso para a sua irmã.

— Irmãs não gostam de ouvir estas coisas do irmão, mas, sim, já tentei avisá-la. — Alex abriu o guardanapo e colocou-o em uma perna. — Você, por outro lado, não tem mais ninguém que lhe diga isso.

— Isso não é verdade. Barney já me informou que eu sou carne fresca.

— Ele disse isso a você? Com estas palavras? — A pele em volta de seu queixo se enrijeceu e ele olhou para o lugar onde Barney enchia o copo.

— Fique calmo. Não sou idiota. — Sacudi minha cabeça.

— Ele sabe ser bastante convincente quando quer. Não quero ver esses caras se aproveitando de você. — Ele olhou para mim com o olhar frustrado. — Considere isso como um conselho amigável.

— Você está chateado porque não pode transar com todo mundo por aí, como um homem das cavernas, e fazer xixi na minha perna? — Cutuquei o ombro dele. — Eu não sou uma árvore, Alteza.

Ele riu e várias pessoas do outro lado da mesa voltaram sua atenção para nós.

— O que aconteceu com o meu apelido?

— Aquilo foi um acidente. Não vai acontecer de novo.

Olhei para a mesa e percebi que todos nos observavam. A rainha estava sorrindo atrás de sua taça de vinho e Rose, decididamente, nos ignorava enquanto falava com o primeiro-ministro e sua esposa.

Já Catherine sorria largo ao lado de Kyle, um completo contraste ao olhar furioso que ele lançava para mim.

A comida foi servida rapidamente e ninguém perdeu muito tempo para começar a comer. E entendi o motivo. A comida estava maravilhosa. Respondi perguntas sobre minha formação, minha família e o que eu achava sobre Lilaria. Respondi tudo da maneira mais curta que consegui. Eu não queria contar a história da minha vida para aquelas pessoas. Quando a sobremesa foi servida, eu estava exausta.

Quando a rainha se levantou sinalizando o final do jantar, todos ergueram suas taças.

— Estamos honrados em ter de volta um dos membros da família. Samantha, espero que encontre a felicidade em Lilaria.

Ela saiu logo depois disso com Rose e o primeiro-ministro, indicando que poderíamos ir embora se assim quiséssemos. Catherine e Kyle vieram até mim. Alex estava de costas para mim, conversando com um dos membros do parlamento.

— Estamos indo, você quer vir conosco?

Kyle estava com a mão nas costas de Catherine, mas sorria para mim de uma maneira que me dava vontade de lhe dar um soco na cara. Ele era, definitivamente, um imbecil. E o fato de Catherine parecer envolvida por ele me preocupava. Era um cara atraente, mas um chato de galocha.

— Talvez outro dia. Estou pronta para ir dormir.

— Você quer que eu a leve até o seu quarto?

Kyle tirou a mão de Catherine e aproximou-se. Ela franziu a testa enquanto o observava.

— Já me ofereci para mostrar o quarto para ela. — Alex colocou a mão em minhas costas.

— Verdade? — Kyle olhou para Alex. — É o mesmo quarto em que Melissa ficava? Ou que a Lora ou a Maggie ficavam? Talvez seja o

quarto que Adriane ficou da última vez em que esteve hospedada no palácio? Ou talvez seja o quarto onde ficou Tabitha? Talvez este tenha sido o mesmo quarto de Melissa.

— Kyle! — soltou Catherine.

Os dedos de Alex ficaram rígidos em minhas costas e eu sabia que ele estava preocupado com a minha reação a esta lista de conquistas dele.

— Vejo que ter pedigree não interfere no fato de você ser ou não ser um idiota.

Embora eu me chateasse em pensar que Alex já tinha estado com todas aquelas mulheres, ficava ainda mais enojada com o comportamento de Kyle.

— Bom, se vocês me dão licença, preciso descansar.

Kyle gaguejou, aparentemente surpreso por eu ter falado alguma coisa. Catherine olhou para mim um pouco com ciúme, mas também admirada. Alex levou-me gentilmente até a saída. Deixei Kyle olhando para nós e Catherine observando pensativa.



## Dezessete

*Será que a duquesa americana vai se dar bem com os outros membros da realeza?*

— CELEBRITY TALK MAGAZINE

- **Sinto muito pelo que** aconteceu. — Alex apertou os dentes quando chegamos ao corredor.

— Não precisa se desculpar. Não é sua culpa.

Eu mal estava prestando atenção no caminho que estávamos fazendo. Estava tão cansada que precisava me concentrar para conseguir colocar um pé na frente do outro. Também estava repetindo na cabeça a lista de mulheres com quem Alex tinha ficado, e a foto de Melissa com ele não saía da minha cabeça. Ele parou na porta e virou a maçaneta toda rebuscada.

Entrei e olhei para a cama gigante e para o mobiliário luxuoso. Minhas malas haviam sido desarrumadas e meu pijama estava esticado em cima dos travesseiros. Eu me virei para olhar para Alex.

— Obrigada. Acho que vejo você em algum momento durante a semana. — Mordi os lábios. Eu não fazia a menor ideia do que me esperava até o final da semana. Muito menos do que me esperava pelo resto da vida.

— Você não está se esquecendo de alguma coisa? — Alex levantou uma sobrancelha.

— Do que está falando?

— Do seu vestido. — Alex inclinou a cabeça para mim. — Ou você acha que vai conseguir tirá-lo sozinha?

Franzi a testa. Apesar de ter reclamado muito por ter que usá-lo, tinha gostado do vestido e não queria tirá-lo. Olhei para ele e inclinei a cabeça uma vez, antes de me virar para que ele pudesse abrir o zíper. Ele fechou a porta e veio em minha direção. Estiquei o braço para soltar o cinto, mas suas mãos cobriram as minhas antes que eu pudesse tirá-las dali para que ele soltasse meu cinto. Devagar, ele tirou meu cinto e jogou-o na cama. Seus dedos puxaram o zíper em um ritmo quase torturante. Os nós dos dedos percorreram minha espinha e eu me arrepiei. Quando ele passou o zíper pelo meu sutiã, respirei fundo, mas ele não hesitou.

Eu sabia que deveria pedir para ele parar quando chegasse na cintura, mas não pedi. Fechei os olhos e apreciei seu cheiro e a sensação da sua mão em meu corpo. Ouvei quando ele também respirou fundo e parou o zíper ao chegar na altura da calcinha. Eu podia sentir suas mãos tremerem, e então ele me soltou e se afastou.

— Acho que você consegue terminar sozinha.

Eu podia ouvir a necessidade misturada com a frustração em seu tom de voz.

— Obrigada pela ajuda.

Dei um passo à frente, segurando o vestido na altura do peito para me virar.

— Por quanto tempo vamos fazer esse jogo? — Ele estava irritado e eu não o culpava por isso. Ele não era o único que se sentia frustrado.

— Não vou ser mais uma de suas conquistas, Alex. Não durmo com alguém só por uma noite. Não sou esse tipo de pessoa.

— E eu não estou procurando alguém para passar a noite comigo.  
— Ele deu um passo em minha direção.

Suas palavras me assustaram mais do que se ele tivesse me dito que estava apenas procurando alguém com quem passar a noite. Se me apaixonasse por Alex, eu ficaria muito vulnerável e poderia me machucar demais. Qualquer coisa que tivesse com ele não duraria muito tempo. Ele acabaria tendo que seguir adiante e casar-se com alguém que o ajudasse a governar o país. Olhei pelo quarto sem saber o que dizer. Eu me recusava a dizer as palavras que revelariam a minha covardia.

— Samantha, nenhuma dessas mulheres se hospedaram no palácio. — Alex olhou para mim com seriedade. Ele havia entendido errado o motivo do meu silêncio. — Pelo menos não se hospedaram no palácio comigo. Tabitha e Adriane ficaram aqui, pois são de famílias nobres. Kyle só estava tentando aborrecer você.

— Alex, não preciso saber. — Balancei a cabeça e agarrei-me à desculpa que ele havia providenciado. — Além disso. Somos amigos. Você não precisa me dar satisfações. Não me importo. — Minha última frase pareceu forçada e desesperada.

Ele olhou para mim.

— Você não sabe mentir.

— Eu sei.

Mas não estava pronta para nada mais. Nunca estaria pronta para ter alguma coisa com Alex. Só pelo pouco que tinha acontecido entre nós eu já sabia que seria doloroso demais quando nos separássemos. Já tivera perdas demais, e estava prestes a perder meu pai. Perder meu coração seria insuportável.

— Sinto como se meu mundo tivesse acabado de ser sacudido por um grande terremoto. Não sei como nada funciona ou o que devo fazer. Não posso cair. — Parei e engoli em seco. — Não seria uma boa namorada neste momento e não gosto dessa história de sexo sem compromisso. Depois que meu pai chegar aqui não vou ter tempo para mais nada.

— Tudo o que é bom vale a pena. E o que poderia acontecer entre nós certamente seria bom. — Ele me devolveu as palavras que eu havia dito a ele e fiquei sem ter o que falar. Apenas fiquei ali, em pé, em silêncio, enquanto ele se virava e saía.

Deixei o vestido cair no chão e me sentei na cama. Fiquei olhando para a porta. Meu coração ainda estava acelerado e tive vontade de chutar alguma coisa. Principalmente de me chutar. E de chutar Alex. E de chutar Kyle.

Por fim, eu me levantei e tirei a roupa. Olhei o banheiro que ficava dentro do quarto e assobiei. Havia uma banheira de hidromassagem enorme, um chuveiro separado, e tudo brilhava. Aparentemente, o interior do palácio era muito mais novo do que o exterior. Depois de enviar uma mensagem de texto para o papai e outra para Jess, eu me deitei. Não fazia a menor ideia do que esperava por mim no dia seguinte.



A luz do sol brilhava no quarto quando acordei com uma batida na porta. Sentei na cama e olhei confusa pelo quarto. Ouvi uma nova batida e saí debaixo dos cobertores para atender. Abri a porta e vi Chadwick do outro lado.

— Bom dia, duquesa. Trouxe café para a senhora.

Ele me entregou uma xícara que peguei sem hesitar. Poderia até ser veneno, mas se tivesse café misturado nele eu morreria feliz. Enquanto bebia o café ele entrou e colocou um computador e um caderno na mesa que ficava no canto.

— Já pedi que trouxessem mais uma xícara de café para você e pode pedir comida se estiver com fome. Eu não sabia se você iria querer café da manhã ou almoço.



— Vá mais devagar, por favor. — Olhei confusa para ele. — Café da manhã ou almoço?

— Sim, já é quase meio-dia.

Parei a xícara antes de pôr na boca.

— Ah, meu Deus. Por que você não me acordou?

— Não havia nenhum compromisso para esta manhã. — Ele se sentou e procurou pelas gavetas até achar um lápis. — Achei que talvez precisasse descansar. Você teve uma semana bastante agitada.

— Isso é bem verdade.

Eu me sentei na cadeira em frente à mesa.

— Já mexi na sua agenda e marquei algumas reuniões que vai precisar fazer nos próximos dias, e deixei um tempo para conhecer um pouco do país. Alex insistiu que você precisava passar alguns dias aqui na capital antes de ir para o seu estado. — Chadwick sentou-se meticulosamente à mesa. — Acho que Catherine também quer passear com vocês.

— Tudo bem. — Puxei os pés para cima da cadeira e terminei de tomar meu café. — Primeiro, comer, depois fazemos o que precisamos fazer.

— Excelente. Já recebemos solicitações para a sua presença a alguns eventos e você foi convidada para vários jantares aqui na cidade. Disse a eles que tudo dependia da sua aprovação.

— Presença onde? — Eu me concentrei no que acreditei ser mais importante.

— A embaixada americana pediu para que você encontrasse a embaixatriz. Acho que eles querem conhecê-la. — Ele sorriu afetuosamente como se aquilo fosse bonitinho. — Houve também uma solicitação para que vá a uma escola americana e ao zoológico em algum horário nesta semana.

— Uma embaixatriz, uma escola e um zoológico. — Pensei um pouco. — Tecnicamente, ainda não recebi meu título de volta.

— Isso é apenas uma formalidade. Por falar nisso, a rainha gostaria que a cerimônia fosse realizada em dois meses, a não ser que você tenha outros planos? — A voz dele se elevou no final para que eu entendesse que aquilo era uma pergunta.

— Acredito que minha agenda esteja vazia nessa época.

— Na verdade, não, mas entendo o que você quer dizer. Vou avisar o Lord Chamberlain. — Ele sorriu para mim. — Também falei com a equipe do Dr. Bielefeld e providenciei para que eles entrem em contato com os médicos de seu pai. Ele, provavelmente, examinará os relatórios dele a qualquer instante.

— Ótimo! Ele está aqui na cidade? — Eu me sentei e inclinei para frente.

— Ainda não. Ele estava em Paris participando de um congresso e atendendo alguns pacientes. Mas mantém contato constante com o escritório, e por isso podemos esperar atualizações precisas das informações. — Chadwick sorriu um pouco maliciosamente. — Parece que o doutor ficou animado em ajudar a duquesa americana.

— Ah, não. Não me diga que ele está apaixonado.

— Ele certamente está. Cativado, se quiser pensar assim. Com certeza existe um fascínio pela realeza na América. Provavelmente porque eles não têm nenhuma realeza por lá. — Chadwick abriu seu caderno em uma página diferente. — Espero que não se importe, mas olhei a sua bagagem e acredito que seria apropriado você ir às compras. Você tem vários vestidos e roupas adoráveis, mas é fato de que vai precisar de muito mais.

Olhei para ele e coloquei a xícara na mesa. Ele pegou minha xícara e colocou um suporte embaixo dela.

— Você olhou as minhas roupas?

— Bom, sim. Isso faz parte do meu serviço. Ajudar a verificar se você tem tudo o que precisa. — Ele olhou para mim pacientemente. — Sei que parece uma intromissão, mas tente enxergar isso de outra maneira. Além disso, eu não poderia me interessar pelos seus sutiãs e calcinhas, eles não serviriam em mim. Embora eu recomende que você compre mais roupas para dormir. Você trouxe apenas regatas e camisetas gigantes.

Ele falou como se aquilo fosse um crime.

— Ei!

— Sem ofensas. São tops e camisetas gigantes bastante bonitos se você gostar desse tipo de coisa, mas se vai deixar o Príncipe Alex ajudá-la a se despír todas as noites, talvez queira comprar algo mais sexy para dormir. — Ele mexeu as sobrancelhas. — Não que eu vá dizer uma palavra a esse respeito, claro. Nem uma palavra.

— Não é o que você está pensando! — gaguejei. — Ele é meu amigo, e eu não conseguia alcançar o zíper... Eu só... Não é o que você está pensando!

— Claro que não, querida. Mas eu não culparia você se algo estivesse acontecendo. Aquele homem já arrebatou o coração de várias mulheres. — Chadwick sorriu para mim e piscou. — E, se precisar de ajuda da próxima vez, avise-me. Terei prazer em ajudá-la. Eu vinha ver você, quando vi Alex saindo de seu quarto.

Eu não me sentia muito melhor ao imaginar Chadwick ajudando-me a tirar a roupa.

Ele riu com a minha hesitação.

— Não vou ficar cobiçando você, se é com isso que se preocupa. Nem um pouquinho, está bem?

— Ah. Tudo bem. — Aquilo explicava a brincadeira com minhas roupas íntimas. — Ouça, você realmente não pode contar a ninguém o que viu ontem à noite. Não aconteceu nada e Alex já tem problemas suficientes com a imprensa.

— Você pode confiar em mim, madame. Eu não teria este cargo se houvesse alguma chance de eu deixar alguma informação vazar para a imprensa ou de iniciar algum rumor. — Ele sorriu para mim e deu um tapinha na minha mão. — Agora, vou pedir comida enquanto você se troca. Alguma preferência?

— Frutas? Talvez iogurte e aveia?

— Combinado. Eu vestiria o tubinho azul. Vai ficar adorável em você. E seria apropriadamente patriótico.

Chadwick desapareceu pela porta e fiquei me perguntando o que acabara de acontecer. Mas, fiz o que ele sugeriu, peguei minhas roupas e tomei um banho. Eu me apressei porque não sabia quanto tempo levaria para a comida chegar. Havia um secador no banheiro e então sequei meu cabelo rapidamente e puxei metade dele para tirá-lo do meu rosto. O vestido ficava perfeito em mim, mas eu detestava ter que usar meia-calça com ele. Ele não era bem um *tailleur*, apenas um vestido simples com um casaco que combinava. Coloquei de novo os brincos de minha mãe e calcei os sapatos de salto alto que Jess havia insistido que eu comprasse.

O café da manhã estava na mesa perto da lareira. Alguém havia acendido o fogo, por isso eu me sentia bem quentinha enquanto comia e assistia a neve cair pelo lado de fora da janela. Chadwick tomou um prato de sopa enquanto conversávamos sobre meus compromissos para o restante do dia. Assim que fiquei pronta para sair, Becca e outro segurança vieram nos acompanhar. Fomos direto para a embaixada para encontrar a embaixatriz dos Estados Unidos da América. Havia fotógrafos do lado de fora do palácio, e outros mais, quando chegamos à embaixada. Parei e sorri para algumas fotos antes de entrar para me proteger do frio. Se Chadwick não tivesse me implorado com os olhos, eu não teria parado para foto alguma.

Acabei descobrindo que Chadwick tinha um valor inestimável. Ele conhecia todos pelo nome e sabia me contar sobre as coisas em que eles estavam trabalhando. A embaixatriz era uma senhora simpática, de cabelos loiros, olhos sérios e sorriso curto. Ela me apresentou a seus assessores e ofereceu ajuda na minha mudança e para trazer meu pai para o país. Fiquei lá por uma hora. Foi como se eu tivesse tido uma aula de história. Havia datas, histórias e fotos. Só consegui torcer para que não tivesse que fazer uma prova sobre aquilo. E então, mais uma vez, Chadwick mostraria o seu valor. Fomos até uma escola de Ensino Fundamental para filhos de trabalhadores e expatriados americanos. Gostei muito mais daquela visita do que da que fiz à embaixada. As crianças tinham todos os tipos de perguntas a fazer. Tirei foto com uma das classes e uma menina com cabelo castanho-escuro preso em uma trança subiu no meu colo. O fotógrafo do palácio havia nos encontrado na escola e ele pareceu entender que fotos demais deixariam todos enlouquecidos.

Depois da escola, fomos às compras. Becca parecia gostar de me ver sofrer enquanto fazia compras. E eu realmente sofria.

Chadwick era incansável, sempre me trazendo coisas para experimentar. Foi tão divertido quanto achei que seria, mas fui embora com vários vestidos de uma estilista de Lilaria, calças vistosas e novos suéteres. Eu tinha quase certeza de que havia ofendido Chadwick com meu estilo. Ele sacudia a cabeça e colocava no balcão algo que, no começo, eu não havia gostado.

— Confie em mim. Se eu não fosse um assessor extraordinário, trabalharia com moda. — Ele olhava para mim e eu fingia revirar os olhos. — Isso vai ficar lindo em você, madame.

— Por que precisei vir até aqui se é você quem vai escolher tudo?  
— Olhei para ele com descontentamento.

— Você achou aquele suéter maravilhoso, então o seu caso não está perdido. Pense em mim como um guru da moda e em você

como minha protegida relutante.

Eu ri para ele, feliz por estarmos nos dando tão bem. Era um pouco como se Jess estivesse comigo. Ela havia me enviado uma mensagem de texto para me avisar que eu aparecera na televisão. Parecia que minha chegada havia sido mostrada na TV nos Estados Unidos. Eu ficara horrorizada, mas ela parecia ter adorado me ver. Disse que parecia que estava lá comigo. Meu pai havia feito outro ciclo da quimioterapia e eu estava me sentindo incrivelmente culpada por estar fazendo compras enquanto ele passava por aquela tortura. Patricia havia me enviado uma mensagem para avisar que ele estava bem e que eles haviam me visto na TV.

Eu precisava ligar para o papai logo e anotei mentalmente que tentaria fazer isso ainda naquela noite. Eu queria ouvir a voz dele. Estive ocupada desde o momento em que pus os pés ali, mas sinto mais do que só um pouquinho de saudade.



## Dezoito

*Jantar romântico ou encontro entre amigos?*

— LISA TALKS

**Quando estava anoitecendo,** Chadwick começou a me apressar. Revirei os olhos para ele.

— Você quer que eu compre pijamas ou não? Tem um bilhão deles para escolher.

— Sim. Eu me ajoelhei hoje pela manhã e rezei pedindo para que se livrasse daqueles pijamas horrorosos, mas estamos ficando sem tempo, senhora. — Ele deu um tapinha no relógio. — O Príncipe Alex e a Princesa Catherine estão esperando por você, por isso, escolha qualquer coisa.

— Tudo bem, tudo bem. — Peguei várias cores diferentes de um modelo que estava apreciando e entreguei para a vendedora. — E pare de me chamar de senhora. Você é mais velho do que eu. Me chame apenas de Sam.

— Sam? — Ele mexeu o nariz para mim. — Eu não sei.

— Por que não?

— É que Sam não parece ser o nome de uma duquesa. — Ele olhou para o meu rosto e tentou voltar atrás. — Não que tenha algo errado com Sam. Que tal Samantha?

— Tudo bem. — Encolhi os ombros. — Qualquer coisa é melhor do que senhora.

— Bom, apenas quando estivermos sozinhos, claro. Seria extremamente inapropriado eu chamá-la assim em público.

Cerrei os dentes.

— Tudo bem.

— Não é tão ruim assim. — Ele deu um tapinha em meu braço.

Os funcionários não haviam piscado os olhos desde que entrei pela porta, mas isso fazia com que eu me sentisse estranha comprando uma camisola. E se eu acabasse nos noticiários? O número de câmeras e carros de reportagem diminuiu enquanto fazíamos as compras, mas assim que saí da loja encontrei uma multidão de pessoas gritando meu nome. Chadwick colocou um braço em volta de mim enquanto Becca abria caminho para chegarmos até o carro.

Achei que estávamos livres quando o carro começou a andar, mas os carros nos cercaram quase imediatamente.

— O que eles estão fazendo? — Eu me inclinei para olhar pela janela. — Isso é perigoso! — gritei quando um carro desviou de nós. Nosso motorista pisou nos freios e derrapou, quase atingindo o meio-fio.

— Sente-se, Samantha. — Chadwick se movimentou para ver se eu estava com cinto de segurança.

— Isso é lou...

Uma van azul-claro bateu na traseira de nosso carro, fazendo com que eu fechasse a boca. Começou a escorrer sangue da minha boca, pois eu havia mordido a língua. Cobri os lábios com a mão e olhei ao redor freneticamente. Flashes de câmeras me cegaram enquanto eu tentava ver o que estava acontecendo. Uma motocicleta parou na frente do nosso carro e a pessoa que estava na garupa tirava fotos pelo vidro.

— Você está bem? — Becca virou-se em seu banco.



— Sim. — Balancei a cabeça e tentei controlar a náusea que subia de meu estômago. A adrenalina e a raiva circulavam pelo meu corpo. Fechei as mãos e encarei as pessoas que estavam do lado de fora da janela ainda ocupadas tirando fotos.

— Você pode nos tirar daqui? — perguntou Chadwick.

— Assim que tiver espaço. — O motorista não tirou as mãos do volante.

— Devemos chamar a polícia? — Olhei para Becca e depois para Chadwick.

— É melhor tirarmos você daqui logo. — Becca sacudiu a cabeça.

A maçaneta da porta fez um barulho alto quando alguém tentou abri-la. Eu me virei para ver se ela estava fechada e quase suspirei aliviada quando percebi que certamente estava fechada. O motorista tirou o pé do freio e começou a andar para frente. Observei enquanto ele empurrava a moto com o para-choque dianteiro e quase aplaudi quando o motociclista se afastou de nós.

Nosso carro começou a andar e tive vontade de comemorar, mas ainda estava enjoada. Eu não conseguia pensar no fato de que alguém havia batido no carro só para tirar uma foto minha.

— As coisas vão se acalmar, Samantha. Eles só não sabem o que fazer com você. — Chadwick bateu no meu braço.

— Você está falando sério? Ele podiam ter nos machucado! Eles nos machucaram! Eu mordi a merda da minha língua. — Levantei a mão. — Tudo isso para tirar uma foto minha? Foto minha? Por quê?

— Você é uma pessoa interessante e eles ganham mais dinheiro vendendo fotos de pessoas interessantes. — Chadwick franziu os lábios.

— Eu não sou interessante. Sou uma pessoa como todas as outras. Escovo os dentes, uso o banheiro e tomo banho como todo mundo.

— E acabou de descobrir que é a duquesa de um grande estado, de um país estrangeiro. — Ele franziu a testa. — Eu entendo o que está dizendo, e eles não deveriam se comportar da maneira como se comportam, mas é porque você é, sim, interessante. Eventualmente, as coisas vão se acalmar.

— Por favor, não diga eventualmente. — Sacudi a cabeça. — Todos dizem que uma hora as coisas vão se acalmar, mas na verdade parece que estão piorando.

— Eu sei. — Ele franziu a testa e olhou pela janela enquanto nos aproximávamos dos portões do palácio.

Eu e minhas sacolas fomos deixadas na entrada principal enquanto Chadwick basicamente me empurrou para dentro do palácio. E por mim, tudo bem. Eu não queria ficar mais nem um segundo dentro daquele carro.

Catherine e Alex estavam conversando perto da entrada de uma sala. Os dois estavam usando jeans e eu me senti vestida de maneira exagerada. Esta era a primeira vez em que via Alex usando jeans e precisava admitir que aquela era a minha visão favorita dele. Seu olhar preocupado encontrou meus olhos imediatamente.

— Você está bem? — Ele deu um passo até mim e parou.

— Sim. Estou bem. — Passei a mão no cabelo depois soltei quando percebi que tremia. — Foi bem maluco.

— Ouvimos os seguranças falando sobre o que aconteceu. Deve ter sido assustador. — Catherine sacudiu a cabeça. — Sinto muito por eles estarem perseguindo você dessa maneira.

— Talvez quando descobrirem o quanto sou chata, eles me deixem em paz. — Tentei fazer uma piada, mas saiu mais parecido com uma esperança.

— Tenho certeza de que as coisas vão se acalmar.

Os dedos de Alex abriram e fecharam próximos às suas pernas. Ele parecia impaciente. Na verdade, parecia tão abalado quanto eu.

— Você foi às compras e não me levou! — Catherine olhou para as sacolas que alguém carregava.

Fiquei feliz por mudarmos o assunto. Eu não queria pensar no que acabara de acontecer.

— Foi culpa do Chad. Ele me obrigou. — Apontei para o meu assessor, que revirou os olhos para mim.

— Acredite em mim, ainda vamos precisar comprar muitas outras coisas. — Ele levantou as sacolas. — Vou guardar isto, Samantha. Aproveite a noite com esses dois. — Ele levantou a mão na direção de Alex e Catherine. Meu coração parou de bater. Eu quase tinha me esquecido de que teria que voltar para aquela confusão. — Não deixe que eles criem confusão, e pode me chamar se precisar de mim quando voltar. — Ele piscou para mim quando se virou e os outros não conseguiram ver.

— Obrigada, Chadwick.

— Não precisamos sair. — Alex me observava com cuidado, uma pequena contração no queixo.

Pensei um pouco no assunto. Eu não queria sair. Queria me aconchegar em um lugar, ficar em silêncio e me esconder. Mas também não queria parar de viver simplesmente porque algumas pessoas malucas queriam tirar fotos minhas.

— Posso pedir mais seguranças — sugeriu Cathy. — Se você quiser. Ou podemos deixar para outro dia.

— Não. Vamos. — Fiquei feliz por meu tom de voz sair tão seguro, porque o resto de mim não estava. — Posso só me trocar rapidinho? Estes sapatos estão me matando.

Meus pés gritavam de agonia. Eu jogaria aqueles sapatos no lixo se não soubesse quanto haviam custado.

— Claro. — Alex encostou-se na parede e enfiou as mãos no casaco.

— Vou ser rápida. — Eu me apressei pelo corredor na direção do quarto, e então parei e olhei para os lados, confusa. Olhei para trás e Catherine estava sorrindo. Alex apontou para a direita, e eu balancei a cabeça e segui pelo corredor.

Chadwick estava em pé na porta do meu quarto e segurava um dos meus novos suéteres.

— Tenha cuidado hoje à noite.

— Terei. — Joguei um beijo para ele enquanto pegava a blusa da sua mão e entrava no quarto. Eu me troquei rapidamente, soltando o cabelo e pegando meu cachecol. Guardei os documentos no bolso e fui encontrar com os dois. Durante todo o caminho de volta até eles fui dizendo mentalmente: eu consigo. Eu vou me divertir. Eu consigo. Eu vou me divertir. Não queria que a imprensa me impedisse de conhecer o meu novo país.

Quando cheguei lá, meu estômago roncava e Catherine riu.

— Acho que alguém precisa jantar.

— Não comi nada desde o meio-dia. — Estremeci.

— Vamos resolver isso. Você tem alguma preferência? — Alex abriu a porta para nós e eu sacudi a cabeça. Percebi que havia um segundo carro atrás de nós, com vários guarda-costas.

— Eu comeria até um sanduíche de pasta de amendoim.

— Podemos encontrar coisa melhor — disse Catherine enquanto subíamos no carro.

— No que pensou, Cathy? — Alex sentou-se ao meu lado, com os joelhos encostados nos meus.

— Que tal aquele lugarzinho que você gosta no South District? — Cathy colocou a mão no estômago. — Aquele com todos aqueles hambúrgueres gordurosos.

— Eu não sei. Acabei de voltar dos Estados Unidos e não sei se vai me cair bem. Por que não comemos alguma coisa típica daqui? — Alex virou-se para mim.

— Parece uma boa ideia.

Cathy falou o nome de um restaurante para o motorista e saímos em direção à cidade. Os jornalistas começaram a nos seguir assim que saímos pelos portões do palácio. Cathy sacudiu a cabeça, mas pude perceber o quanto Alex estava tenso perto de mim.

— Qual é o problema aqui? Só estamos saindo para jantar.

Franzi a testa. Talvez devêssemos ter ficado no palácio. Devíamos ter pedido uma pizza ou algo parecido.

— Eles querem uma foto embaraçosa. — Alex suspirou. — É assim que eles ganham a vida.

— Uma foto nossa com o rosto sujo de catchup? — Eu estava tentando aliviar um pouco a tensão que tomava conta do carro.

— Foto nossa saindo bêbados de um bar. — Catherine sacudiu a cabeça. — Coisa que nunca faríamos.

— Acontece. — Alex franziu a testa para ela. — Kyle é sempre fotografado agindo como um bobo nas boates.

— O Kyle só gosta de se divertir. — Cathy olhou pela janela. — Olha, Samantha! Lá está o monumento Rousseau!

Olhei surpresa pela janela.

— Sério?

— Sim. Sua família lutou em uma invasão que aconteceu ao norte e deu à capital tempo suficiente para juntar suas tropas. — Alex olhou pela janela junto comigo enquanto passávamos pela grande escultura. Um homem em cima de um cavalo levantava uma espada.

— Nossa. — Senti orgulho em meu peito. Minha família havia enfrentado invasores.

— Logo ali fica a biblioteca de Lilaria. Há algumas pinturas de algumas das famílias mais antigas lá dentro. Você deveria visitar quando tiver tempo. — Cathy estava se mostrando uma excelente guia. — Ah! E aquela é a Sverelle Bridge. A família de nossa mãe é

responsável por ela estar ali. É uma das poucas que sobreviveu à ocupação nazista.

— Uau! — E eu realmente queria dizer... Uau! Havia bastante orgulho em seu tom de voz pelo trabalho de sua família e de seu país, e eu entendia aquilo. Aquela era a casa deles e eles podiam literalmente traçar rastros de seus antepassados seguindo os monumentos e lugares históricos. Aquilo dava vida à história, dava um rosto a ela.

Paramos em um pequeno restaurante familiar que ficava entre dois prédios. Dava para ouvir através da porta uma música tocando baixinho e pude sentir o cheiro de comida assim que Duvall abriu a porta do carro. A imprensa apareceu imediatamente atrás de nós e senti os pelos de meu pescoço se levantarem. Eu estava tentando me acostumar com a ideia, mas eles certamente não estavam me dando tempo para me adaptar. Alex abriu a porta para nós e um homem alto e magro nos cumprimentou dentro do restaurante.

— Vossa Alteza, Duquesa. É um prazer ver vocês. Ele fez uma reverência para nós.

— Frequentamos este lugar desde que éramos crianças, Luca. Por que de repente você está se curvando? — Cathy tirou o casaco e pendurou-o em um cabideiro perto da porta. Alguns clientes olharam para nós, mas a maioria parecia estar mais interessada na comida.

— Ah, mas é a primeira visita da Duquesa de Rousseau! — Luca sorriu largo.

Ele nos fez sinal para segui-lo e acomodou-nos em uma mesa mais reservada na parte de trás do restaurante. Era longe da pequena janela da frente e percebi que ele estava acostumado a lidar com figuras públicas.

— Você vai adorar este lugar. — Cathy sorriu para mim e me entregou o cardápio. — Eu já sei o que eu quero.

Alex olhou a mesa reservada por um minuto antes de sentar-se ao lado da irmã. Fiquei aliviada. O fato de ele ter se sentado ao meu lado no carro já havia sido bastante desconfortável. As pequenas coisas que você observa em alguém quando tem uma pequena queda por essa pessoa são impressionantes. Como o seu perfume ou o quanto suas pernas são longas comparadas às minhas. E então existem as outras coisas, como ficar imaginando qual seria a sensação de ter suas mãos passando em minha pele. Coisas que eu não pensaria se estivesse sentada ao lado de uma pessoa qualquer, mas ali estava eu pensando estas coisas e tentando fingir que não estava pensando em nada.

Abri o cardápio e olhei as opções. Franzi a testa quando percebi que estava escrito em lilariano. Não havia nem ao menos fotos para me ajudar a decidir. Olhei para meus companheiros e Alex me observava com olhos astutos.

— Precisa de ajuda?

— Um tradutor me ajudaria muito. — Recuei e coloquei o cardápio aberto em cima da mesa. — Não tenho a menor ideia por onde começar. Quero experimentar alguma coisa nova.

— Não tinha pensado nisso. Você não fala lilariano, não é? — Cathy sacudiu a cabeça. — Você precisa de um professor.

— Eu tenho um professor. — Levantei minha sobrancelha para Alex. — Ganhei meu professor em uma aposta.

— Sério? — Cathy olhou para o irmão. — Você perdeu uma aposta?

— Não. — Ele sacudiu a cabeça. — Isso nunca mais vai acontecer.

— Qual era? A aposta? — Cathy olhou para mim com seus olhos grandes arregalados de tanta curiosidade.

— Apostei com ele no Monopoly.

Alex resmungou e encostou-se no sofá.

— Não pode ser! — Cathy inclinou-se para frente. — Você descobriu o que acontece? Ele tem que trapacear. Não tem como ele ganhar sempre!

— Talvez os deuses tenham achado que chegou a hora de perder.  
— Encolhi os ombros.

— Os deuses, não é? Bom, já não era sem tempo. — Cathy recostou-se de volta.

— Então, professor de língua estrangeira. Me conte o que é isto!  
— Apontei para o primeiro prato no cardápio.

— Bom, essa é a palavra usada para dizer recheado. — Alex sorriu enquanto Cathy gargalhava.

— Ah. — Olhei para o cardápio e fiquei imaginando se havia alguma palavra ali que não desencadeasse pensamentos maliciosos.

— E eu disse que seria seu professor, não seu tradutor. — Alex sacudiu a cabeça.

— Bom, você não está fazendo um bom trabalho. Já estou aqui há um dia e não sei nada. Acho que, como pagamento, você deve me mostrar o seu desenho. — Olhei para Alex. Luca trouxe três copos de água, taças de vinho e uma garrafa e depois saiu rapidamente.

— Desenho? Aquele que vi na sua mesa? — Cathy virou-se para Alex com um pequeno sorriso no rosto.

— A Dona Xereta queria saber o que eu estava desenhando e por isso apostei com ela. Eu ganhei.

— Então ela não viu o desenho? — Cathy olhou para Alex.

— Não. Mas ela me deve uma semana de trabalho voluntário para a FBT.

— Então como é que ele acabou se tornando seu professor de lilariano? — Cathy olhou para mim confusa.

— O voo foi longo. Ele perdeu a segunda rodada do jogo.



— Ha! Alex, é melhor você começar a ensinar para ela, ou então aquele adorável desenho não vai mais pertencer a você.

— Tudo bem. — Ele se inclinou e apontou para o cardápio. — Esta é a palavra para comida. O que você acha que ficaria bom com recheio? — Os olhos dele brilharam para mim à luz das velas. Eu podia pensar em algo que eu gostaria de rechear, ah, podia mesmo. E em quem eu gostaria de rechear.

— Frango? Cordeiro? Algum tipo de massa? — Ignorei a sugestão, embora fosse difícil ignorá-la.

— Frango. Então, esta é a palavra para frango, está para recheado, e está vendo estas outras palavras na frente? Elas falam qual é o recheio do frango. Aqui. — Ele virou o cardápio para que eu pudesse olhar. — Veja se consegue encontrar outros pratos com estas palavras.

— O que é isso? Aula avançada? O que aconteceu com o básico, começando pelo alfabeto? — Deixei meus olhos percorrerem o cardápio e tentei encontrar palavras que pareciam ser familiares. Havia algumas poucas palavras das quais eu me lembrava das minhas aulas de francês no colégio.

— Vá até lá e ajude! Ela está morrendo de fome e Luca vai voltar a qualquer minuto. — Cathy empurrou o ombro dele.

Ele olhou para mim e pude ver a hesitação em seus olhos, mas ele se arrastou no banco ao redor da mesa e sentou-se ao meu lado. Chegando bem pertinho, ele apontou para outras palavras que me ajudariam mais. Depois de um tempo encontrei um prato que parecia ótimo e estávamos prontos para pedir. Luca veio até nós, impedindo que Alex saísse do meu lado, e começou a encher as nossas taças com vinho.

— Este é um dos meus preferidos. Uma comemoração à volta da duquesa para casa!

Luca sorriu para mim e levantei minha taça antes de tomar um gole. Eu não era muito de beber, por isso não fazia a menor ideia se aquela era uma boa safra ou não. E também achava muito estranho sempre que alguém me dava as boas-vindas por voltar ao meu lar. Eu entendia o que eles queriam dizer, mas lar, para mim, seria sempre os Estados Unidos, onde eu havia crescido.

— À família Rousseau. — Cathy levantou sua taça.

— À Samantha. — Alex olhou para mim através de sua taça de vinho.

A comida estava deliciosa e eu estava já completamente satisfeita quando Luca trouxe várias tigelas com mousse de chocolate.

— Não tem mais espaço! — gemi.

— Arrume espaço! Não se pode negar a mousse de Luca. É maravilhosa. — Cathy mergulhou na tigela com prazer e eu olhei para Alex. Ele finalmente tinha relaxado ao meu lado e ficou lá durante o jantar. Ele estava com o braço esticado atrás do sofá e suas longas pernas estavam esticadas embaixo da mesa.

— Onde é que ela pôs tudo isso?

— Não faço a menor ideia, mas se quiser experimentar é melhor fazer isso antes que ela termine.

— A vida é uma só, Sam! Experimente! — Cathy empurrou minha tigela com o dedo e percebi que aquela era a primeira vez em que ela me chamava pelo meu apelido. Uma partezinha de mim relaxou e peguei a colher.

A sobremesa derreteu na boca e parecia que eu estava experimentando um pequeno pedaço do paraíso. Fechei os olhos e apreciei os sabores. Senti um pouco do gosto da framboesa da calda, o que me fez pensar em virar o resto da tigela na boca. Esqueça a colher. Quando abri os olhos, Cathy estava balançando a cabeça para concordar comigo, mas Alex estava observando minha boca com uma expressão fria.

— Falei. É como crack. Ou melhor, acho que é como crack. Qual é mesmo aquela droga que é só experimentar uma vez para ficar viciado? — Cathy inclinou a cabeça pensativa. Naquele momento, fiquei impressionada com seus olhos joviais e com sua censura observada. Não me admirei por ela não enxergar Kyle como ele realmente era.

— É isso mesmo. — Comi mais uma colherada, mas tentei controlar minha reação. — E definitivamente é viciante.

— Não conte ao chefe do palácio, mas esta mousse de chocolate não chega aos pés da dele.— Cathy suspirou.

— Não abrirei a boca.

Enquanto terminávamos de comer começou uma agitação na porta. Olhei por cima do lugar reservado e vi Luca conversando ríspidamente com um homem sentado em outra mesa. O homem tentava acalmá-lo mas, por fim, ele levantou-se e apontou uma câmera para a nossa mesa. Um chefe grande e um garçom juntaram-se a Luca para tentar tirar o homem do restaurante. Luca gritava em lilariano, mas pelo seu tom de voz eu podia perceber que ele não estava feliz. Becca e Duvall apareceram na mesa, bloqueando nossa visão. Ou, mais importante do que isso, bloqueando a câmera.

Tentei acalmar meu coração acelerado. Havia muitas pessoas no pequeno restaurante que não deixariam que nada de ruim acontecesse comigo. Mas eu não podia acreditar no que os fotógrafos estavam fazendo apenas para tirar uma foto minha.

— Ah, pobre Luca. — Cathy suspirou e colocou a colher no prato.

— Duvall, por favor, pague o jantar daquele homem. Não quero Luca no prejuízo só porque alguém estava tentando tirar uma foto nossa. — Alex inclinou-se na direção das pessoas que estavam do lado de fora da nossa mesa reservada.

— Claro, senhor.

— Por que eles estão tão interessados em nós? É sempre assim?  
— Franzi a testa para eles. O que havia acontecido comigo que eu nem conseguia sair para jantar com meus amigos?

— Eu não os vejo desta maneira desde... — Cathy ficou em silêncio e olhou para Alex. — Tenho certeza de que vai melhorar, Sam. Eles só querem tirar fotos da nova duquesa.

— Fizeram isso com o outro cara? Com o duque que teve seu título restabelecido? — Eu percebi ao que ela estava se referindo.

— Não. — Alex sacudiu a cabeça. — Mas você é mais jovem, por isso eles te acham mais interessante.

— Sem falar que você é bonita. — Cathy sorriu para mim. — Com esses cabelos e olhos escuros.

— Isso também, claro. — Alex deu um pequeno sorriso para mim.

— Também existe muito rumor a respeito de Alex e você. Eles adoram inventar histórias de amor. — Cathy inclinou-se para frente, colocando o cotovelo na mesa. — Eles simplesmente adorariam se vocês dois tivessem alguma coisa.

— Somos amigos — dissemos ao mesmo tempo. Dei uma risadinha.

— É claro que são. — Cathy sentou-se de volta no banco com olhos inocentes.

Eu me senti enjoada e não sabia se era por causa de tudo o que havia comido ou se era por pensar em como seria a vida se eu tivesse alguma coisa com Alex. Acabamos indo embora pela porta dos fundos. Havia pessoas demais na porta da frente esperando por nós e não conseguiríamos chegar aos carros. Luca havia guardado um pouco de mousse de chocolate para levarmos e desculpou-se por nossa sobremesa ter sido interrompida.

— Não foi culpa sua! — Sacudi minha cabeça.

— Eu deveria ter percebido que ele era um paparazzo. — Luca disse a palavra como se fosse um palavrão.

— Obrigado por tê-lo descoberto. — Alex disse algumas palavras em lilariano, o que pareceu deixar Luca feliz. Fomos embora, entrando nos carros e desviando pelas ruas.

Passeamos um pouco. Alex e Cathy davam instruções ao motorista para que eu pudesse conhecer um pouco mais da cidade. Não paramos para descer em nenhum momento, mas não reclamei. Estava frio e eu estava cansada. Sem mencionar que não queria ter que enfrentar a imprensa novamente. Quando voltamos ao palácio, peguei a pequena caixa com mousse de chocolate e entrei com o rabinho entre as pernas.

— Você se lembra de como chegar ao seu quarto? — perguntou Cathy, com um pouquinho de malícia no olhar. — Alex pode mostrar o caminho a você. O quarto dele é na mesma direção do seu.

— Estou indo para a cama mesmo. Preciso acordar cedo amanhã para uma reunião. — Alex beijou o rosto de Cathy.

— Obrigada por me mostrar a cidade — disse eu para Cathy.

— De nada. Quando as coisas se acalmarem te mostro mais um pouco. — Cathy veio até mim e abraçou-me. — É bom ter outra menina por aqui.

— Parece que há muitas meninas por aqui. — Franzi a testa pensando na mãe dela, na tia e nas mulheres que eu havia visto trabalhando mais cedo.

— Não é a mesma coisa. — Cathy olhou para mim com olhos brilhantes. Entreguei minha mousse para ela e ela ficou feliz instantaneamente. — Você não quer?

— Não. — Seus olhos pidões mexeram com meu coração. — Pode ficar.

— Obrigada. — Cathy saiu rapidamente e eu fiquei ali, com a boca aberta.

— Vamos lá. — Alex riu ao meu lado. Ele colocou a mão em minhas costas e eu quase suspirei aliviada. Há alguns dias eu havia

achado que isso que ele fazia era uma besteira, mas agora eu ficava esperando.

— É melhor não se deixar levar pelos olhos de Cathy senão nunca mais vai comer outra sobremesa.

— Ha! Pareciam os olhos de um bichinho abandonado. Ela sabe fazer isso muito bem.

— Você não faz ideia. Ela tem quatro cachorros e dois gatos. Papai não sabia dizer não a ela. São todos bem velhos agora e os empregados sempre precisam sair limpando a sujeira que fazem. — Alex riu.

— Ela devia ser bastante jovem quando seu pai faleceu.

Observei a reação dele pelo canto dos olhos. Não havíamos conversado sobre isso, mas eu sabia que o rei havia morrido de um aneurisma há quase dez anos.

— Ela era, mas a mamãe nunca a deixou se sentir abandonada.

Viramos no corredor onde ficava meu quarto e parei na porta. Peguei a chave no meu bolso e brinquei um pouco com ela.

— Obrigada por me mostrar um pouco da cidade.

— De nada. Foi bom conseguir relaxar um pouco. — Alex sorriu para mim. — Não consigo mais passar tanto tempo com Cathy como eu costumava fazer.

— Ela é ótima.

Mordi os lábios. Eu estava conversando com ele porque ainda não queria dizer boa-noite. E eu fazia isso muito mal.

— Podemos fazer isso de novo qualquer outro dia. — Ele me observava de perto.

— Seria ótimo. — Suspirei. — Sou realmente péssima nisso.

— Nisso o quê, exatamente? — Ele deu aquele sorriso diabólico.

— Essa conversinha. Não sou boa nisso. — Fiz um gesto entre nós. — Mas quero conversar direito. Não quero que as coisas fiquem estranhas entre nós.

— Acho que você está se saindo bem. Não me lembro de você ter alguma dificuldade em Minnesota.

— Eu não sou a mesma pessoa aqui. E costumo falar o que estou pensando quando fico nervosa.

— Já percebi. — Alex baixou a voz. — E está rapidamente se tornando uma das coisas que mais gosto em você.

— Por quê?

— Porque sempre que você diz o que está pensando eu descubro que estava pensando em mim.

— Você entendeu tudo isso apenas por eu ter dito que não sou boa em jogar conversa fora? — Lancei um olhar cético para ele.

— Você não se preocupa em jogar conversa fora com ninguém, só comigo. — Ele abaixou-se e beijou minha bochecha. — Boa noite, Samantha.

— Boa noite, Alex.

Dentro de meu quarto, uma de minhas novas camisolas estava esticada em cima de um robe. Fiquei olhando um pouco antes de pegá-lo. Guardei a camisola na gaveta de cima, ao lado de minhas camisetas grandes e peguei uma regata e shorts. Em cima da mesa havia uma pilha de papéis, incluindo um cronograma do dia seguinte. Eu precisava aprovar as fotos que o fotógrafo real havia tirado, assinar um formulário que detalhava os custos do voo de meu pai até aqui, e havia papéis da faculdade para que eu rescindisse o contrato das minhas aulas.

Olhei para as fotos e escrevi minhas iniciais no papel, concordando com o valor que fosse para trazer meu pai em segurança, e fiquei olhando os papéis da faculdade. Era tudo tão chato e sem graça; nada no texto mencionava que eu estava abrindo mão da minha ambição da vida inteira ou do quanto já sentia falta dos meus pássaros. Apertei a caneta na mão e folheei as páginas de novo. Não havia nenhuma anotação pessoal, nada me

dizendo que eles estavam chateados por eu ter deixado o programa. Apenas uma linha em branco esperando pela minha assinatura.

Assinei a desistência dos meus sonhos com raiva. Joguei a caneta, levantei-me e fui dormir com lágrimas nos olhos.





# Dezenove

## *Animação no zoológico*

— THE DAILY GOSSIP

**Na manhã seguinte, vesti** calça comprida e uma bela camisa. O café da manhã foi trazido cedo e Chadwick chegou logo depois com um jornal e uma prancheta. Sentou-se comigo enquanto eu comia e olhou as anotações sobre o dia.

— Eu mal coloquei meus pés neste país e as pessoas estão me convidando para conceder entrevistas e participar de inaugurações. — Coloquei o jornal na mesa e tomei mais um gole de café. — Estou acostumada a cortar ratos e a rastrear aves. Apertar mãos e tirar fotos com estranhos não é algo que com o qual estou acostumada a fazer.

— Isso não pode ser verdade. — Chadwick olhou para mim sobre o jornal que estava lendo. — Tenho certeza de que apertava as mãos das pessoas na América. Vocês não são tão mal-educados assim por lá.

Joguei uma das passas do meu bolinho nele e ri quando ele protegeu-se com o jornal.

— Você sabe o que eu quero dizer. Acontece que já estou pronta para ir conhecer minha casa e aprender mais sobre a região onde vou passar meu tempo daqui pra frente. Sinto como se estivesse improvisando o tempo todo. Não gosto disso.

— Eu entendo, Samantha. Entendo mesmo. E vamos embora para o estado da sua família no final da semana. — Chadwick franziu a testa. — Mas a realidade é que esta é a sua vida.

Coloquei meu bolinho de lado e olhei pela janela. Ele estava certo, mas aquilo não melhorava em nada toda aquela loucura.

— Estou marcando apenas as coisas importantes. Já disse não para centenas de reuniões. — Ele parecia triste, por isso tentei sorrir. Eu me senti um pouco culpada por ser uma pessoa tão difícil. — É simplesmente patético.

— Estou tentando. — Desisti e olhei para ele.

— Assim é melhor. Gosto quando você fica toda atrevida. — Ele piscou para mim antes de voltar a ler o jornal.

Quando terminei de comer o bolinho e de tomar o café saímos do quarto e fomos para o carro. Chadwick me passou o cronograma do dia e me deu breves informações sobre as pessoas que eu encontraria.

— Então, o cara do zoológico que pediu para que eu fosse até lá é americano?

Sorri para o homem que abriu a porta. Becca estava ao lado do carro, conversando com outro segurança.

— Sim. Ele é relativamente novo no cargo. — Chadwick segurou minha bolsa enquanto eu subia no carro. — Acho que ele está animado com o fato de você ser uma bióloga e achei que talvez você preferisse encontrar-se com ele a almoçar com o captador de fundos para planejamento do jardim.

— Acertou em cheio.

— Claro. — Ele olhou os papéis enquanto eu tentava ignorar os carros que começaram a nos seguir assim que saímos pelo portão.

O zoológico ficava um pouco distante do centro da cidade e realmente gostei de apreciar um pouco da paisagem. Era uma área bastante arborizada, com um monte de colinas. Quando saímos da

estrada consegui ver placas do jardim zoológico, felizmente escritas em inglês e em lilariano. Eu realmente precisava gastar mais tempo para aprender a língua, mas provavelmente deveria arrumar um professor de verdade. Ainda não tinha descoberto o que Alex havia sussurrado em meu ouvido. Tentara uma tradução pela internet, mas devo ter escrito errado, porque resultou em várias palavras sem sentido. Era alguma coisa com hamster, e eu tinha certeza de que ele não estava falando sobre um hamster.

Paramos no portão e fomos levados para dentro logo depois de terem tirado algumas fotos nossas em frente às placas. Era um zoológico lindo. Cheio de plantas, árvores e cercados de tamanho decente. Um homem simpático, apenas alguns anos mais velho do que eu nos encontrou do lado de dentro. Ele veio até mim e estendeu a mão.

— Duquesa, é um prazer conhecê-la. Eu sou Jeremy.

— Prazer em conhecê-lo, Jeremy. Obrigada por me convidar para vir até aqui. — Apertei a mão dele e notei que tinha calos. Ele não era uma pessoa que ficava sentada vendo os outros trabalharem.

— Eu é quem agradeço por ter vindo! Nós nos sentimos honrados por ter aceitado nosso convite. Sei que chegou há pouco tempo.

Ele se afastou para que nos aproximássemos e comecei a andar ao lado dele. Meu segurança ficou bem próximo de nós, mas tentei ao máximo ignorá-lo.

— Pois é, cheguei há pouco tempo.— Balancei minha cabeça. — Mas tenho uma queda por animais.

— Achei que tivesse mesmo.

Ele sorriu para mim e percebi que ele tinha tudo para ser uma pessoa a conquistar meu coração se eu não tivesse conhecido Alex. Meu estômago se apertou. Se eu não tivesse conhecido Alex.

— Então, por que me convidou para vir até aqui? — Mordi os lábios. Eu não era muito boa em politicagem.

— Direta ao ponto. Gosto disso. — Ele tocou meu ombro, levando-me até um aviário. — Na verdade, por algumas razões. Primeiro, porque achei que gostaria de conhecer o zoológico, já que é uma bióloga. Segundo, porque eu queria conhecer a duquesa americana. — Ele piscou para mim e senti meu rosto esquentar. Eu realmente detestava ser chamada daquela maneira.

Caminhamos pelo longo aviário enquanto ele me mostrava algumas das espécies que eles tinham ali. Era uma área impressionante, com uma grande variedade de aves que nunca tinha visto ao vivo antes. Parei para admirar uma das quedas-d'água e ele parou comigo. Havia um mosaico de azulejos na parte de cima que brilhava embaixo d'água.

— Desenhei esta área quando cheguei aqui, há aproximadamente três anos.

Não é à toa que ele ficou orgulhoso. A construção era linda e eficiente.

— Gosto da maneira como vocês distribuem os pratos com comidas. Tem uma aparência bastante natural.

— Obrigado. — Ele levantou a mão para me ajudar a levantar, pois eu estava ajoelhada perto da água. — Passei bastante tempo analisando lugares semelhantes em zoológicos maiores. Realmente queria que as pessoas tivessem a sensação de estar observando os pássaros em seu habitat natural. Foi graças a este ambiente que consegui o meu cargo.

— Missão cumprida. — Sorri para ele. Eu fiquei me perguntando como ele conseguia ser responsável por tanta coisa com tão pouca idade.

— Lilaria faz um grande trabalho com pássaros, e fiquei bastante animado em receber um cargo neste zoológico. Sinto que posso fazer muitas coisas boas para estes nossos amiguinhos de asas. — Ele nos levou até uma saída, e então para o que parecia ser uma

escolinha. Havia modelos de pássaros, um cartaz com os nomes das espécies em extinção e uma parede com janelas parecendo um berçário, onde pássaros minúsculos pulavam e piavam alto. Havia televisões no teto da sala, mostrando imagens de pássaros voando, e de aves de rapina perseguindo nuvens formadas por milhares de pardais, que mudavam constantemente. Era uma ferramenta educacional impressionante e obviamente destinada a atrair o interesse das pessoas pelos pássaros, principalmente das crianças.

— O *The Future Bird Trust* ajudou a pagar por esta obra. — Jeremy colocou as mãos na cintura e olhou para os lados. — Existe uma forte ênfase na educação.

— Isso é excelente. Precisamos ensinar às crianças por que é tão importante preservar o que temos. — Observei alguns dos filhotes com um sorriso no rosto. Eu sentia falta dos pássaros.

— É importante, mas sinto que também devemos tentar alcançar os adultos no comando das coisas agora. Caso contrário, não teremos muitos pássaros quando as crianças crescerem. — Jeremy ficou em pé ao meu lado e eu olhei para dentro do berçário. — Eu gostaria de começar uma campanha que atinja os adultos.

— O que você tem em mente?

— Eu tenho várias ideias, incluindo montar classes de falcoaria e disponibilizar as instalações do zoológico para festas, recepções de casamento e convenções. Uma taxa seria cobrada e o valor utilizado para o cuidado dos animais, mas também seria uma oportunidade de apresentar os pássaros a grupos grandes, e talvez influentes, de pessoas. — Ele se encostou no vidro e olhou para mim. — Eu também gostaria de publicar propagandas nos jornais e nas emissoras de televisão. Existe um canal patrocinado pela comunidade que está interessado em fazer uma série sobre pássaros em parceria com o zoológico.

— Essas são todas ideias que poderiam funcionar. — Inclinei a cabeça pensativa. — Eu também diria para não subestimar o poder que uma criança bem-educada exerce em seus pais. Já vi várias famílias aderirem à reciclagem porque seus filhos insistiram na ideia.

— Ah, vou manter os programas que já temos, mas gostaria de focar diretamente na ameaça imediata.

Ele se aproximou um pouco mais e eu dei um passo para trás para manter uma distância entre nós. Balancei minha cabeça e me afastei ainda mais, andando pela pequena sala, olhando para os cartazes e pelos artigos espalhados pelo ambiente. Becca me observava de perto e havia se aproximado de onde eu estava. Eu sabia que ela havia entendido como eu estava me sentindo desconfortável. Chadwick olhava o relógio e levantou uma sobrancelha para mim.

— Posso chamá-la de Samantha? — Jeremy andava bem atrás de mim e eu precisei evitar que ele encostasse na minha pele. Ele parecia legal, e era esperto, mas eu tinha a sensação de que não me enxergava como um ser humano, ou nem mesmo como uma bióloga. Ele me via como uma maneira de atingir seu objetivo.

— Claro. — Não olhei para ele, em vez disso, fiz um gesto para Chadwick. — Veja isso, Chadwick. É um artigo escrito pelo meu orientador.

— Ah? Que interessante. — Chadwick folheou o periódico. — Ele deve ser muito bom nisso.

— Sim. Ele é um dos melhores.

— Ouvi dizer que você estudou com o Dr. Geller.

Jeremy olhou sobre o ombro de Chadwick. De repente tive a sensação de que o periódico havia sido colocado ali apenas por minha causa.

— Sim, eu tive muita sorte.

— Você deve ter detestado ter abandonado aquele emprego. — Jeremy sacudiu a cabeça. — Sei o quanto aquelas pessoas trabalham.

— Sim, foi difícil, mas espero terminar meus estudos no futuro.

— Bom, se quiser trabalhar com os pássaros, será um prazer ter você por aqui. — Jeremy sentou-se na estante ao meu lado e cruzou os braços. — Estamos sempre precisando de voluntários experientes. E talvez seja bom para você colocar a mão na massa de novo.

Eu ri. Era verdade que eu provavelmente gostaria de trabalhar ali, mas era fato que seria avaliada constantemente.

— Não vou me esquecer disso. Tenho certeza de que terei chance de colocar a mão na massa quando chegar em minhas terras.

— Eles deixarão uma duquesa fazer algum trabalho? — Jeremy riu. — Os lilarianos levam sua realeza bastante a sério.

Chadwick olhou para Jeremy. Embora eu fosse americana, conseguia entender por que aquele comentário incomodava as pessoas nascidas ali. Era possível perceber em seu tom de voz que ele não dava tanto valor assim à realeza.

— Sei que o Príncipe Alex faz bastante coisa no FBT, por isso tenho certeza de que se eu quiser ajudar as pessoas aqui, ninguém vai se opor.

— E é por isso que você é a duquesa americana.

Ele riu alto e me senti encolher de novo. Então ele achou que eu faria o que bem entendesse só porque era americana? Acho que ele tinha razão, mas ainda assim parecia grosseiro falar aquilo quando havia me convidado a ir até ali como uma duquesa lilariana.

— E que outros animais existem no zoológico? — Andei em direção à porta sem dar bola para o comentário dele.

— Muitos animais básicos: leões, macacos, antílopes. — Ele pulou na minha frente e abriu a porta. — Um elefante deu à luz dois dias

atrás. Você gostaria de conhecer o bebê?

— Eu adoraria. — E era verdade.

— Venha por aqui — disse ele.

O bebê ainda estava tentando se equilibrar e não saiu do lado da mãe, mas eu estava apaixonada por todas as suas rugas adoráveis e por seus pés desajeitados.

— Chadwick, olhe para as pernas dele! Elas estão bambas.

Ele riu.

— Parece um pouco com você quando desceu do avião!

— Ei! — Dei um tapa no ombro dele, embora ele provavelmente estivesse certo.

— Samantha seria um excelente nome para ela! — Jeremy balançou a cabeça. — Vocês duas chegaram a Lilaria no mesmo dia.

Olhei para Chadwick, que havia coberto a boca com uma mão. Eu não sabia se deveria me sentir lisonjeada ou ofendida por ele querer dar o meu nome a um elefante. Ele parecia entender meu diálogo interior, pois sorriu.

— Acho que tem um rinoceronte que recebeu o nome da rainha.

— Ah. — Sorri para Jeremy. — Isso seria uma delicadeza.

— Vou precisar discutir com o pessoal, mas acho que vão concordar. — Ele encostou na grade. — Ela é uma coisinha bonitinha, apesar de tudo.

Ele olhou para mim e eu virei meus olhos rapidamente. Jeremy era bonitinho, mas obviamente não estava realmente interessado em mim.

Ele nos mostrou as outras instalações. Algumas poucas pessoas que visitavam o zoológico paravam e pediam para tirar fotos, e havia membros da imprensa, mas o pessoal da segurança os manteve afastados durante a maior parte do tempo. Depois de termos dado uma volta completa no zoológico, eu já estava pronta para ir embora.



— Quer comer alguma coisa? Podemos conversar um pouco sobre as aves de rapina. — Jeremy aproximou-se.

— Sinto muito, mas acho que tenho outro compromisso logo. — Olhei para Chadwick, que limpou a garganta.

— Sim, precisamos ir embora logo para não nos atrasarmos.

— Talvez outro dia? — Jeremy tocou meu cotovelo e pude ouvir o barulho das câmeras fotografando.

— Obrigada pelo convite, mas estou tão ocupada que mal consigo amarrar meus sapatos. — Sorri para ele e saí de perto.

— Tudo bem. — Ele deu um passo para trás e deixou suas mãos caírem para o lado. — Eu queria perguntar se você poderia pensar em contribuir para o programa de televisão. Se tivermos alguém com o seu conhecimento participando do programa poderíamos conseguir uma boa ajuda financeira. Acho que você seria uma apresentadora incrível.

Olhei para ele por um tempo, boquiaberta. Eu esperava que ele pedisse uma doação, um cheque para algum projeto, mas aparecer em frente às câmeras? Ele estava tentando se aproveitar do interesse que as pessoas mostravam ter por mim.

— Realmente não me saio bem em aparições públicas. Ficar em frente às câmeras me deixa nervosa. — E as câmeras à nossa volta começaram a ser clicadas intensamente, como se soubessem que estávamos falando sobre elas. — Você é muito gentil, mas acho que seria uma péssima apresentadora.

— Você seria ótima. A imprensa iria adorar, e o público também. Eles vão amar o seu sotaque americano.

— Você quer dizer que eles vão adorar ver uma duquesa. — Franzi a testa para ele. — Não sou a melhor pessoa para esse cargo, mas desejo muita sorte para você.

— Que pena ouvir isso. — Ele passou a mão no queixo. — Você estaria interessada em fazer uma doação para o programa? Estamos

sempre procurando por pessoas que têm um interesse sincero pela vida selvagem.

— Vou pensar no assunto. Por enquanto preciso me concentrar em minhas terras e nas pessoas que estão lá. Depois que estiver mais por dentro do assunto farei doações para causas importantes.  
— Estendi a mão para ele. — Obrigada pelo convite, Jeremy. Foi muito bom conhecer o zoológico. Gostei do aviário, principalmente do bebê elefante.

— Foi bom conhecer você também, Samantha.

Ele parecia decepcionado, mas eu não queria oferecer-lhe dinheiro algum. Eu mal conseguia entender a quantidade de dinheiro que tinha, e ainda não sabia quais seriam minhas responsabilidades quando chegasse a minha casa.

Depois de entrarmos no carro, eu me deitei no banco e franzi minha testa para Chadwick.

— Por favor, diga-me que na verdade não temos mais nada para fazer hoje?

— Bem, ainda precisamos parar em mais dois lugares. — Ele se encolheu quando me endireitei no banco.

— Meu Deus, Chadwick, assim você vai me matar. Já estou exausta.

— Cansada de evitar o Sr. Paquerador?

— Sim! E de todo o resto. — Fechei os olhos. — Não nasci para esta vida. Qualquer hora vou acabar dizendo o que realmente estou pensando.

— Ah, não pense nas coisas ruins. Pense bem! O elefante bebê vai receber o seu nome em sua homenagem!

Eu ri.

— Verdade. Ela é uma graça.

— Uma coisinha bonitinha, foi o que ele disse.

— Cala a boca, Chad.

— Odeio quando você me chama assim. — Ele franziu a testa para mim.

— Ótimo.



# Vinte

## *Entrando no clima da família real*

— LILARIAN DAILY GAZETTE

**Os dois dias seguintes** foram repletos de eventos semelhantes. As pessoas queriam me conhecer e, no fim, acabavam pedindo dinheiro. Até conversei com o Dr. Bielefeld, a coisa mais importante que aconteceu desde a minha chegada. Ele parecia realmente interessado no caso de meu pai.

Mesmo com todos os intervalos que Chadwick havia deixado no meu horário, era desgastante e eu estava a ponto de surtar quando meu telefone tocou. Quando olhei a tela, suspirei aliviada. Era meu pai, e atendi rapidamente.

— Ei! Como você está?

— Estou bem. Você aparece na televisão todos os dias. Parece que estão te mantendo bastante ocupada. — A voz dele percorreu um longo caminho até começar a acalmar meus nervos, que estavam em frangalhos.

Chadwick levantou-se da cadeira e apontou para o relógio antes de sair do quarto.

— Pois é.

— Bom, o médico disse que posso partir depois do meu próximo exame, se tudo estiver bem. Tenho só mais uma sessão de quimio.

— Que ótimo! Não vejo a hora de ver você. — Eu sorri. — A Patricia já te deu uma resposta sobre vir para cá?

— Sim. Ela disse que não ia conseguir me livrar dela apenas me mudando para outro país. — Ele riu. — Ela está arrumando as coisas neste exato momento. Não quer me deixar ajudar. É muito teimosa.

— Eu ouvi isso! — A voz de Patricia surgiu no telefone.

— Diga a ela que vou contratar uma empresa de mudança! Ela não precisa fazer isso.

— Ela sabe. É como se ela tivesse uma compulsão.

— Bom, não deixe que ela faça nada muito pesado.

— Certo. Como se ela ouvisse o que eu falo. — Ouvi Patricia rir ao fundo. Ele estava certo.

— Tudo bem. Bom, como você está se sentindo? O que o médico disse?

— Vou fazer outro exame depois que terminar a quimio. — Ele nunca hesitava ao falar sobre isso. Era muito prático. — Mas estamos confiantes de que deve ter ajudado.

— Me avise assim que receber os resultados. Queria estar aí com você.

— Não. Está tudo bem! — Papai riu. — Sou um cara crescido, Sam. Você não precisa segurar a minha mão.

— Eu sei. — Minha voz falhou. — Mas preciso que você segure a minha.

— Você está bem? — A voz de papai ficou mais suave. — Parece cansada.

— Eu estou. É só que é realmente diferente aqui. — Parece que todo mundo está interessado em tirar alguma coisa de mim. Até mesmo meus novos amigos. — Chadwick quer que eu me socialize, Cathy quer que eu seja a melhor amiga dela, e Alex, eu não via Alex há dias.

— Cuide-se. Você não pode ajudar ninguém mais se não ajudar a si mesma.

— Você está certo. — Suspirei. — Estou com saudade de casa.

— As coisas vão melhorar.

— Eu sei. — Chadwick bateu na porta e eu suspirei. — Preciso ir, vieram me avisar que meu tempo acabou.

Ele riu.

— Eu amo você, querida. Ligue para mim quando tiver tempo.

— Eu ligo. Eu também te amo. — Desliguei o telefone e respirei fundo. Hora de tomar chá com a rainha.

Peguei o casaco que combinava com meu vestido e saí pelo corredor.

— Estou pronta.

— Ótimo. A rainha tem um horário bem restrito.

— Eu sei.

— Como está seu pai? — Chadwick me guiava pelos corredores. Eu ainda me perdia pelo palácio.

— Ele vai fazer mais uma sessão de quimioterapia e então fará uma nova ressonância magnética. Se tudo estiver bem, ele estará aqui no próximo mês.

— Excelente! Já me informei de como é a pesca próximo à sua casa, e parece que é boa. Stanley já até tem uma cadeira especial para ele. Disse que é a cadeira mais confortável que há por lá.

— Stanley... Como ele está com essa história de um novo membro da realeza chegando? — Observei Chadwick pelo canto dos meus olhos.

— Ele parece animado, para ser sincero. Tenho certeza de que vocês vão ter que se acostumar um com o outro, mas ele parece feliz em ter alguém morando na mansão. — Chadwick olhou para os seus papéis. — Ele está arrumando tudo para a sua chegada.

— Ele não precisa fazer isso. Posso limpar ou arrumar tudo quando chegar em casa.

— Samantha, a sua chegada é muito especial. Ele vai providenciar para que tudo esteja perfeito.

— Tudo bem. — Respirei fundo. Não demorou muito até chegarmos ao salão da rainha. O homem em pé balançou a cabeça para mim para se certificar de que eu estava pronta antes de bater suavemente na porta e esperar pela resposta. Eu o segui para dentro do salão antes de parar para fazer a reverência.

— Vossa Majestade. — O laçao fez uma reverência. — A Duquesa de Rousseau.

— Samantha, estou tão feliz por ter conseguido vir almoçar conosco.

— Obrigada pelo convite, Majestade.

Eu sorri para a rainha e para as pessoas que estavam atrás dela. Cathy, Alex e Rose estavam em pé, esperando que eu me juntasse a eles. Torci para não ficar olhando direto para Alex, mas os olhos dele também olhavam direto para mim.

— Imagina. Você tem estado bastante ocupada e pensamos que talvez fosse bom ter um almoço mais sossegado. — Ela fez um gesto para mim para que me sentasse à cadeira ao lado de Alex. Ele segurou a cadeira e consegui me sentar nela sem nenhum problema. Eu estava melhorando nos meus modos.

— Como você está? — perguntou Rose.

— Estou bem. Tentando me situar.

— Samantha, o que achou de Lilaria? — A rainha sorriu para mim sobre as flores que estavam arrumadas em cima da mesa. Não sei bem por quê, mas Felecia me deixava nervosa, algo que não acontecia quando eu estava com Alex e Cathy.

— É adorável, eu gostaria de conhecer mais lugares logo. — Coloquei o guardanapo no colo e tentei me acalmar.

— Está ansiosa para ir ao seu estado? — Felecia tomou um gole de seu copo de água.

— Sim, senhora.

— Lá é lindo. A parte de trás da propriedade D'Lynsal corre adjacente ao córrego. Eu costumava pescar lá com meu pai. — Felecia olhou para Alex. — Você ainda vai para aqueles lados? Eu sei que você costumava ir atrás de pássaros por lá.

— Sim, é um lugar bom para pescar. — Ele olhou para mim. — Não se esqueça de que disse que iria se juntar a mim em algum momento.

Será que ele estava me paquerando na frente de todos?

— Eu não sabia que a sua propriedade ficava ao lado da minha. — Olhei para Alex enquanto os funcionários colocavam saladas na mesa.

— Você deveria ter estudado o mapa um pouco melhor. — Ele riu.

— Eu teria estudado, se meu professor tivesse me ajudado a decifrar o lilariano. — Lancei um olhar pontual para ele antes de comer a salada.

— Vou mandar uma lição de casa para você.

— Alex, você não ensinou mais nada para ela? — Cathy nos observava cuidadosamente. — Então, as únicas palavras que você conhece em lilariano são frango e recheado?

Ouvi Rose roncar, mas ela rapidamente transformou o ronco em uma fungada. Felecia parecia estar se segurando para não rir.

— Preciso saber mais do que isso? — Pisquei para Cathy.

— Com certeza sua cerimônia de restabelecimento vai ficar mais interessante se você só souber isso. — Ela riu.

— Certamente seria divertida — disse a rainha. — Alex, se prometeu ajudá-la a aprender lilariano, precisa ajudar. Como está o seu horário nas próximas semanas?



— Tenho trabalho na FBT, uma viagem até as minas, as coisas de costume. — Alex limpou a boca com o guardanapo. — Na verdade, Samantha vai fazer um trabalho para a FBT. Posso ajudá-la quando ela for lá.

— Perfeito. — Felecia balançou a cabeça como se estivesse confirmando uma ordem.

— Eu preciso mesmo ir até as minhas terras. — Tentei não parecer incomodada. Quando é que eu ia finalmente conhecer a minha casa nova?

— Vamos neste fim de semana — disse Alex. — Só vou precisar de ajuda com a FBT na outra semana.

— Ah, você vai com ela para Rousseau? — Felecia olhou interessada.

— Sim.

Ele não deu mais nenhuma explicação e o olhar pensativo da rainha voltou-se para mim.

— Avise-me se precisar reorganizar seu horário, Alex.

Felecia sorriu antes de olhar de novo para o prato. Esta era a primeira vez em que eu sentia que ela estava tramando alguma coisa, e não consegui não tentar adivinhar o que era.

— Que ótimo, Alex. Tenho certeza de que Samantha vai adorar ter um amigo durante a viagem — soltou Cathy.

— Um amigo é muito bem-vindo no meio de toda essa mudança — respondeu Rose de modo formal.

— Você precisou se adaptar a muitas coisas durante esta semana — disse Felecia. — E acho que fez isso maravilhosamente bem.

— Obrigada. Tenho que admitir que estou tentando me adaptar às eventualidades.

Uma mulher retirou os pratos. Eu estava começando a entender por que Alex adorava tanto comer hambúrgueres: aquela comida chique perdia sua atração depois da oitava refeição.

O restante do almoço foi preenchido com bate-papo. Quanto mais eu falava com Felecia mais confortável me sentia. Ela era rápida, direcionava a conversa com facilidade sem me deixar com a sensação de que não estava me escutando.

Ao final do almoço estávamos todos rindo e eu até estava fazendo brincadeiras com a rainha. Alex estava com um braço apoiado na parte de trás da cadeira enquanto tirava sarro de Cathy falando de sua coleção de estatuetas de sapos.

— Sapos? Por que sapos? — Eu me inclinei para frente e apoiei a mão no queixo.

— Começou quando eu era pequena. Eles são bonitinhos, e verdes. — Ela deu de ombros enquanto Alex e Rose riam. — E então começou. Todos me traziam imagens de sapos quando voltavam de uma viagem.

— Ela ainda guarda todos eles. — Alex sacudiu a cabeça.

— Eles são especiais! Vocês os trouxeram para mim. O que é que vou fazer? Jogar fora? — Cathy olhou para ele.

— Seu armário parece um santuário de sapos.

— Não consigo pensar em outro lugar para guardá-los. — Cathy deu de ombros.

— Então você tem centenas de estatuetas de sapos recheando o seu armário? — Eu ri. — Isso dá um novo significado para a história do príncipe-sapo.

— Shh. — Cathy riu.

— Bom, adorei o almoço, mas preciso ir. — Felecia colocou o guardanapo sobre a mesa e levantou-se. — Realmente gostei de conhecer você melhor, Samantha.

— Sim, senhora. Eu também. — Eu me levantei.

— Precisamos repetir o almoço quando você voltar.

— Será um prazer.

Depois que Felecia saiu, Alex levantou-se e sorriu para mim.

— Ouvi dizer que você tem sessão de fotos amanhã à tarde.

— Nem me lembre.

— Normalmente as fotos não são tiradas pela manhã? — perguntou Cathy.

— Pedi para que mudassem para mais tarde. — Chadwick riu baixinho e sacudi minha cabeça. — Tudo bem. Implorei para que mudassem para mais tarde. Não gosto muito do período da manhã e acho que não seria apropriado ficar olhando para a câmera a cada foto.

— Não gosta do período da manhã? — perguntou Alex.

— Eu consigo acordar e fazer o que preciso fazer. Só não gosto de conversar com ninguém. — Encolhi os ombros. — Só levo um tempinho para acordar.

— E muito café — acrescentou Cathy. — Pelo menos foi o que ouvi dizer.

— Não chega a ser um segredo. — Suspirei.

— E por falar em fotos, você ainda precisa decidir se vamos tirar as fotos ao ar livre ou em ambiente fechado. — Chadwick levantou a sobrancelha. — Acho que amanhã deve chover.

— O clima de Lilaria é o mais estranho de todos. — Franzi a testa. — Acho que vamos tirar as fotos em ambiente fechado.

— O que você vai vestir? — perguntou Cathy.

— Vou usar o vestido preto que usei na outra noite. — Olhei para Alex. Não queria admitir que eu escolhera o vestido porque ele disse que havia gostado.

— Aquele vestido fica lindo em você. Você recebeu alguma joia? É costume usar joias da família. — Cathy me observava pensativa.

— A família Rousseau tinha três tiaras no cofre real e Samantha prefere usar os brincos que eram de sua mãe. — respondeu Chadwick.

Ainda não havíamos conversado sobre as tiaras, mas eu disse que queria usar os brincos de minha mãe.

— Você quer um colar emprestado? Tenho alguns que ficariam lindos com aquele vestido. — Cathy tirou um telefone do bolso e digitou na tela. — Posso pedir para Selene levar até o seu quarto.

— Não, está tudo bem! Obrigada.

Eu não havia pensado em usar um colar, mas o gosto de Cathy e o meu eram bem diferentes. Eu gostava de algo mais simples, e ela adorava joias.

— A oferta está de pé se mudar de ideia. — Cathy inclinou-se e beijou minha bochecha. — Preciso correr. Vou me inscrever para o primeiro semestre hoje.

Ela emanava ansiedade. Às vezes era fácil esquecer o quanto ela era jovem. Depois de um beijo rápido no irmão, ela saiu toda animada.

— Como você está? — perguntou Alex se aproximando e ignorando Chadwick. — Tem estado bastante ocupada.

— Estou bem! — Suspirei. — Tudo bem. Estou um pouco sobrecarregada, mas Chadwick tem me ajudado a não enlouquecer.

Meu assessor falou consigo mesmo antes de olhar para cima.

— Preciso fazer uma coisa rapidinho, e então volto para irmos para o nosso próximo compromisso.

— Tudo bem. — Franzi a testa enquanto observava-o desaparecer pela porta. Ele estava me deixando sozinha quando ainda tínhamos coisas para fazer?

— Samantha? — A voz de Alex trouxe minha atenção de volta para ele. — Ele está nos dando alguns minutos para conversarmos.

— Ah. — Olhei para os olhos dele e fiquei sem palavras. De novo.

— Você diz as coisas mais profundas. — Alex riu suavemente.

— Fique quietinho, Alteza. — Apertei os olhos.

— E então quando encontra alguma coisa para dizer, é sempre tão gentil. — Alex veio até mim e colocou o meu cabelo atrás da orelha.

— Por que você faz isso?

Eu queria que ele dissesse que precisava me tocar tanto quanto eu queria tocá-lo. Ele me fazia sentir algo que nunca sentira antes. Acariciou um pouco do meu cabelo entre seus dedos.

— Você sabe por quê.

Fiquei ali, aproveitando nossa proximidade. Eu me senti como se estivesse tentando absorvê-lo para conseguir chegar até o final da semana.

— Você é a pessoa menos normal que conheço, e ainda assim a única pessoa que faz com que me sinta com os pés no chão. — Ele respirou fundo. — Não entendo por que continua lutando contra isso.

Eu tenho medo.

Eu queria dizer isso a ele, mas não consegui pronunciar as palavras. Aquilo soaria como uma bobagem. Ele ia achar que eu era uma criança imatura.

Ele passou a mão no meu rosto e olhei para ele com os olhos arregalados. Ele se aproximou e sua respiração roçou minha boca.

— Peça que eu te beije.

— Não posso.

Eu queria que ele me beijasse. Queria muito que me beijasse. Não queria me preocupar e queria me perder no momento. Queria me perder nele.

— Você quer que eu te beije. Vejo isso em seus olhos. — Sua voz ficou ainda mais baixa.

Seus lábios estavam tão próximos dos meus que mal conseguia pensar. Queria dizer alguma coisa, qualquer coisa. Meu coração gritava para que eu implorasse que ele me beijasse. E ainda assim

minha garganta estava paralisada. Depois de um tempo, ele se afastou para olhar para mim.

— Diga-me que está pronta, Samantha.

A decepção tomava conta do meu corpo. Meu coração estava mais do que pronto, era meu cérebro que não me deixava ir em frente.

Escutei uma batida na porta e Chadwick colocou a cabeça para dentro.

— Madame, está na hora.

— Preciso ir. — Eu me virei e saí andando em direção à porta.

— Samantha? — Parei e olhei para trás. — A bola está com você.

Balancei a cabeça e desejei que meu rosto não demonstrasse arrependimento.



# Vinte e um

*A nova duquesa de Rousseau apresenta  
o show da natureza*

— LILARIAN PROPHET

- **Não vou usar toda** essa maquiagem. — Peguei uma toalhinha e limpei o rosto. Olhei para Chadwick no espelho e sussurrei baixinho: — Pareço uma prostituta.

Ele soltou uma risada.

— Não parece, não.

Olhei para ele no espelho enquanto tirava um quilo de base do rosto.

— Tudo bem. Uma prostituta bem elegante, então. Merda. Borrei o delineador! — Limpei o rosto com mais força. — Agora pareço uma prostituta que estava chorando.

— Pare com isso! Você vai arrancar a sua pele. — Chadwick pegou a toalha da minha mão. — Olhe para mim.

Eu me virei para ele e me sentei enquanto ele, cuidadosamente, limpava em volta de meus olhos. Ele pegou algo que não consegui ver o que era.

— Feche os olhos.

Eu me sentei ali pacientemente enquanto ele reaplicava o delineador. Ele reclamava baixinho enquanto fazia o trabalho.

— A maquiadora que contratei teve um problema familiar.

— E onde foi que encontrou a substituta? Em um bordel?

— Não ficou tão ruim assim.

Abri um olho.

— Ficou, sim.

— Tudo bem. Ficou péssimo. — Ele me virou para o espelho. — Mas eu consertei.

— Por que não fez isso logo no começo?

Olhei para minha imagem no espelho sentindo-me muito melhor agora.

Ele me ajudou a me levantar da cadeira.

— Agora, rápido. Precisamos escolher um diadema para as fotos.

— Ele me levou até a sala onde faríamos as fotos. Havia um fundo branco arrumado em um canto da sala com luzes focadas diretamente nele. Na lateral havia uma mesa com uma grande caixa de madeira. Chadwick foi até o cofre, pegou uma chave grande e abriu a tampa. Ele abriu e deu um passo para trás para que eu pudesse olhar lá dentro.

— Isso pertence à minha família?

Passei os dedos delicadamente pelas tiaras incrustadas de joias.

— Pertencem a você.

Havia três tiaras na caixa, uma mais bonita do que a outra. Uma delas tinha esmeraldas grandes e claras entre os diamantes. A outra era grande e brilhante, Cathy ficaria orgulhosa se eu as usasse. A última era pequena e havia sido confeccionada para se parecer com videiras. Era simples, mas estonteante. Bastante trabalhada, mas não era exagerada, e eu soube de imediato que era a que eu queria usar.

— Você sabe alguma coisa sobre elas? — Tirei a tiara da caixa e observei a luz que a joia produzia.

— Achei mesmo que escolheria essa.



Chadwick pegou a tiara das minhas mãos e apontou a cadeira com a cabeça. Eu me sentei e deixei que ele a colocasse em minha cabeça antes de prendê-la com uma centena de grampos.

— Esta tiara foi confeccionada em 1700 para o casamento do Duque de Rousseau com a Duquesa de Minsington.

Cecil, o fotógrafo, entrou na sala com um largo sorriso.

— Duquesa de Rousseau, a senhora está linda.

— Obrigada. — Eu me levantei tentando ignorar a herança inestimável presa em meu cabelo. — O que você quer que eu faça?

— Sente-se aqui neste banquinho. Só isso. — Ele pegou a câmera em uma pequena mesa. — Farei algumas fotos tradicionais que preciso tirar e então podemos tentar algumas coisas diferentes.

Deixei que ele me dissesse como me sentar, para onde olhar e quando devia segurar a respiração. Sorri largo, sorri pouco, mostrei meus dentes, escondi meus dentes. Fiz caras sérias, caras pensativas. Ele colocou uma mesa à minha frente e me disse para apoiar o rosto nas mãos. Fiz como ele pediu e tentei não rir quando imaginei as imagens de glamour que ele estava registrando ali.

Ouvi a porta se abrir, mas não soube dizer quem havia entrado. As luzes estavam focadas em mim e eu não conseguia enxergar muita coisa além da mesa. A sombra se moveu para o canto e Chadwick juntou-se a quem quer que estivesse ali. Cerrei os olhos, mas ainda assim não consegui identificar a pessoa.

— Que cara é essa? — Ouvi a voz de Alex na sala. Franzi o nariz, mas não consegui evitar o sorriso que se formou em meu rosto. Ouvi o barulho da câmera, mas não me importei. Meu coração parecia um pouco mais leve.

— Maravilhoso, Samantha. Acho que temos ótimas fotos. — Cecil colocou a câmera na mesa e veio em minha direção.

— Obrigada. — Pulei do banquinho e apertei a mão de Cecil. — Espero que consiga usar algumas delas.

— Acho que vai gostar bastante de algumas delas.

Cecil se abaixou de leve e pegou a câmera na mesa. Depois saiu animado da sala.

Fui até o lugar onde estavam Chadwick e Alex.

— E então, como me saí?

— Acho que você merece a noite de folga. — Chadwick sorriu para mim.

— Excelente! — Esfreguei minhas mãos uma na outra. — Vi uma pequena livraria no caminho para o zoológico. Acho que vou até lá dar uma olhada. Prometi mandar algumas lembrancinhas para Jess. Ah! Posso usar jeans para fazer isso, não é? Por favor, diga-me que não preciso usar outro terninho. Eles estão me dando coceira.

— Calma. — Alex apertou os olhos. — Você precisa ter aula de lilariano.

— Vai me negar a chance de usar jeans? Sinto falta deles. — Olhei para ele com cara de cachorrinho triste.

— Você está melhorando seu olhar de desenho animado. Tem treinado com a Cathy? — Alex sorriu e eu franzi a testa. — Mexi na minha agenda para poder te ensinar lilariano. Além disso, achei que detestasse ir às compras.

— Odeio comprar roupas. Livro é diferente. — Arregalei os olhos, sentindo-me poderosa com minha liberdade. — Venha comigo. Você pode me ensinar lilariano no carro.

Alex sacudiu a cabeça.

— Você está realmente melhorando esse olhar. Tudo bem. Posso te ensinar no carro. Preciso comprar um presente para uma pessoa mesmo.

— Obrigada. — Eu o abracei sem pensar. As mãos dele escorregaram em minhas costas sem hesitação e ele me puxou mais para perto dele.

— Bom, se não precisar mais de mim eu já vou, tudo bem, Samantha? — Chadwick limpou a garganta. — Mas deixe-me ajudá-la a tirar a tiara primeiro.

— Claro! Você também precisa de uma noite de folga. — Eu me afastei de Alex e sorri para Chadwick. — Me desculpe. Você tem estado tão ocupado quanto eu.

— É um prazer para mim.

Ele tirou rapidamente os grampos que fixavam a tiara depois guardou de volta na caixa de madeira. Chadwick pegou o cofre e se inclinou um pouco.

— Boa noite, Alex. Samantha.

— Boa noite, Chadwick. — Alex deu um tapinha em suas costas enquanto Chadwick se retirava.

— Estou livre! — Sorri para Alex e fiz uma dancinha. — Livre!

— Esta semana foi tão ruim assim? — Alex olhou para mim com olhos tristes.

— Não foi uma tortura. — Franzi a testa, lembrando-me de ele ter me dito que eu não sabia mentir. — Tudo bem. Não foi assim tão ruim, mas preciso de um descanso. Preciso ser a Sam, e não a duquesa americana ou, pior, a prima que não viam há muito tempo.

— Não foi tão ruim assim, duquesa americana, prima assustadora. — Alex sacudiu a cabeça. — Acho que entendi.

— Mas, por que você está aqui? — Passei a mão em meu cabelo e encontrei outro grampo.

— Vim trazer isto para você. — Alex esticou a mão, revelando uma pequena caixa preta.

— O que é isso? — Olhei para ele. Uma joia? Por que ele me daria uma joia?

— Vi isto outro dia e pensei em você. — Ele continuou segurando a caixa e eu a peguei. — Quando Cathy se ofereceu para lhe emprestar um colar, decidi comprar para você. Eu sei que o estilo de

Cathy não combina muito com o seu. Infelizmente, demorei um pouco mais do que planejei e não cheguei a tempo de entregar a você antes da sessão de fotos.

Abri a tampa devagar, sem saber o que esperar. Não deveria ter me preocupado. Dentro havia uma corrente de ouro simples, com um pingente de pássaro preso entre as argolas. Peguei o colar, com cuidado para não enrolar a corrente. Olhei para ele e percebi que o pingente não devia ficar pendurado no centro, mas, sim, na lateral do pescoço para parecer que o pássaro estava voando.

— É lindo.

— Você quer colocá-lo?

— Sim, por favor. — Entreguei o colar a ele e virei-me para que ele pudesse colocá-lo em mim. Ele o fez bem devagar, seus dedos quentes causavam arrepios em minha pele. Depois que terminou, olhei no espelho pendurado na parede. Era delicado e não chamava muita atenção, e eu simplesmente havia adorado.

— Ficou bonito em você.

— Obrigada. — Olhei para ele através do espelho.

— De nada. — Ele inclinou a cabeça para o lado, observando o meu reflexo. — Agora, vá colocar as calças jeans que tanto quer.

— Sim! — Saí correndo pela porta e então parei. — Eu encontro você lá na frente?

— Perfeito.

Sorri para ele enquanto passava pela porta. Quando entrei no quarto, pedi rapidamente a ajuda a uma das camareiras que passavam por ali para soltar o zíper e coloquei meu par de calças jeans preferido. Fechei os olhos e suspirei feliz. Era como se eu estivesse colocando meu pijama preferido depois de um longo dia. Procurei no meio das minhas roupas e encontrei meu suéter preferido. Meu casaco quentinho cor de ervilha, cachecol e botas completaram o visual. Eu estava pronta para ser eu mesma.

Parei rapidamente em frente ao espelho e olhei meu cabelo antes de passar os dedos no colar. Sorrindo, enrolei o cachecol em volta do pescoço, apaguei as luzes e me dirigi à parte da frente do palácio.

Alex estava conversando com uma mulher loira que usava um vestido tubinho, a mão dela estava apoiada no braço dele. Ela riu de algo que ele disse e aproximou-se um pouco mais. Olhei para baixo por um minuto e tentei esconder meu ciúme. Eu havia dito a ele que queria que fôssemos amigos e não tinha o direito de invejar a maneira como ela o tocava.

Ela disse algo em lilariano e ele riu enquanto sacudia a cabeça. Eu não conseguia entender nada do que eles diziam, mas felizmente não ouvi a palavra recheado.

Tossi quando me aproximei, sem querer parecer que estava escutando a conversa deles. A mulher se virou para olhar para mim, com o rosto amigável. Tentei não pensar no fato de que a mão dela ainda estava no braço dele.

— Você deve ser a Samantha!

Estiquei a mão para apertar a dela e sorri.

— Eu mesma.

— Samantha, esta é Adriane, a Lady Minsington, irmã de Daniel.

— Torci para que meu rosto não desmoronasse quando percebi que ela era um dos casos antigos de Alex. Por isso estava tão solta ao seu lado.

— É um prazer conhecê-la.

— O prazer é meu. Alex estava me contando que vocês vão sair para fazer umas comprinhas. — Ela olhou para ele. — Ofereci para que usem meu carro. Talvez seja uma maneira de manter os repórteres longe do rastro de vocês.

— Obrigada, isso é muito generoso da sua parte.

— Você tem sido perseguida a semana toda e precisa de um descanso. — Ela sacudiu a cabeça. — Já é bem difícil para nós, que

estamos acostumados com isso. Não posso imaginar o que sentiria se tivesse sido jogada no meio disso tudo.

— Definitivamente, tem sido uma experiência e tanto. — Abotoei meu casaco. — Mas detestaria levar o seu carro e deixar você presa aqui.

— Estou na cidade para um evento beneficente, por isso vou ficar hospedada no palácio. Não será problema algum. — Adriane olhou para o relógio. — Na verdade, preciso encontrar o presidente da organização daqui a pouco.

— Você quer tentar? — Alex olhou para mim para saber o que eu achava da ideia.

— Você vai cantar o tema de Missão Impossível enquanto fugimos? — Sorri.

— Vão se divertir. Depois nos falamos de novo, Samantha. — Adriane olhou para Alex e para mim. Ela sorriu maliciosamente para mim antes de se dirigir à entrada principal.

— Então, o palácio é como uma estadia entre um hotel barato e um dormitório. — Segui Alex pela porta da frente.

— Esta é uma descrição muito boa. — Ele colocou a mão em minhas costas enquanto passávamos pela cozinha.

— Então é aqui que eles escondem a comida. — Olhei para os eletrodomésticos industriais e para as despensas abertas. — Agora já sei aonde ir para o meu lanchinho da noite.

— Eles guardam sorvete no terceiro freezer da direita. — Alex piscou para mim.

— Legal. — Saímos por uma porta grande e assobiei quando vi o carro.

— Adriane sempre gostou de carros rápidos. — Alex apertou o controle da chave e abriu a porta do passageiro.

Entrei no carro e passei minhas mãos no banco de couro.

— Um carrão.

— O pessoal da imprensa vai achar que é a Adriane e eles não estão atrás dela. — Alex ligou o motor e entendi por que Adriane gostava daquele carro. Era sensual e poderoso sem parecer masculino demais. Ele dirigiu o carro pelo palácio e saímos por uma saída nos fundos. Um guarda que estava no portão acenou para nós.

— Por que não usamos essa saída sempre?

— Se dermos a eles um pouco do que querem, podemos ficar com um pouco para nós. — Ele olhou para mim. — Quando você sai pelo portão principal para seus compromissos reais, eles param de procurar por você em todos os outros lugares.

— Parece um pouco de preguiça eles não terem alguém vigiando o portão dos fundos. — Estiquei a mão e segurei na maçaneta em cima da porta quando ele virou na via expressa.

— Há pessoas vigiando, mas eles não conseguem ver a porta por onde saímos.

— Em outras palavras, realmente pareceu que era Adriane quem estava saindo.

— Exatamente. — Ele trocou de marcha e o carro roncou.

— Você usa sempre esse truque? — Eu estava tentando não me chatear com o fato de estarmos no carro de uma de suas ex-namoradas. Estava tentando mesmo.

— Só quando é preciso, e acho que você realmente precisava de um descanso.

— Obrigada.

— Disponha. — Ele sorriu para mim. — Você está pronta para sua primeira aula de verdade?

— Só não me ensine a dizer algo horroroso e vergonhoso, tá?

— Nunca! — Ele sorriu. — Bom, pelo menos não hoje.

— Ótimo. — Sacudi minha cabeça. Ele cantarolou uma música que parecia muito com a música do alfabeto que os americanos

aprendiam na Educação Infantil. Tentei acompanhá-lo, mas me perdi em alguns dos sons.

— Você fala um pouco de francês? Isso ajudaria. Nossas línguas são bem parecidas.

— Tive algumas aulas no colégio. — Franzi a testa. Tentei de novo, dessa vez tentando me lembrar do francês que eu havia aprendido anos atrás. Foi um pouco mais fácil.

— Muito melhor. — Ele cantou a música de novo e então esperou que eu repetisse. Depois da terceira vez eu estava tentando controlar minha risada. O príncipe de Lilaria estava me ensinando o alfabeto. — Qual é a graça?

— Isso. Você. Me ensinando o alfabeto.

— Você precisa começar de algum lugar.

— É verdade. Tudo bem. E que tal alguns números e depois frases básicas? Tipo “onde é o banheiro.” Caso eu precise vomitar antes da cerimônia.

— Eu sou o professor aqui — protestou ele. — E acho que deve aprender alguns números e depois algumas frases básicas.

— Pelo amor de Deus, ensine.

Continuamos nosso caminho, ele corrigindo minha pronúncia e eu rindo da frustração dele.

A viagem chegou ao fim cedo demais.





# Vinte e dois

*Uma noite em estilo americano?*

— PARIS OBSERVATEUR

**Não demorou muito para** chegarmos à pequena livraria. Aparentemente, Alex havia perguntado para Chadwick de qual livraria eu estava falando. Ele desceu do carro e abriu a porta para mim, algo com o que já estava me acostumando. Um sino tocou quando entramos na loja e eu respirei fundo, curtindo o cheiro de todos aqueles livros. Eu amava meu leitor digital, mas nunca deixava de aproveitar a chance de ler livros de papel.

A mulher atrás do balcão nos cumprimentou em lilariano antes de nos olhar melhor. Ela fez uma rápida reverência e tentei não ficar decepcionada, pois apesar da nossa saída sorrateira, eu ainda era a Duquesa de Rousseau.

— Vossa Alteza. Duquesa de Rousseau. — Ela nos deu um pequeno sorriso. — Posso ajudá-los?

— Samantha está procurando alguns presentes para mandar para os amigos nos Estados Unidos.

— Vi sua loja enquanto passava por aqui hoje cedo e quis voltar. — Olhei em volta do lugar em que estávamos. Havia salas e corredores que pareciam levar para dentro do prédio. — Sempre tenho dificuldade para não entrar em uma livraria.

— Estamos felizes em ter a senhora aqui. — Ela fez um gesto em direção às prateleiras. — Temos uma grande seleção de livros, novos e usados. A maioria deles está em inglês. Há salas no fundo com livros mais antigos. Também temos uma variedade de *souvenirs*, incluindo algumas cerâmicas feitas por minha irmã.

— Obrigada. — Sorri para ela e fui em direção aos livros. Passei a mão sobre as lombadas. Havia vários *best-sellers* recentes. Parei em um exemplar que tinha a palavra *Signed* grudada nele e puxei-o da prateleira. Era a versão britânica de *Fall Guy*, de Liz Reinhardt. Coloquei embaixo do braço e continuei olhando. Jess adoraria este livro. Lemos a versão americana há alguns meses. Procurei mais um pouco pelas prateleiras e encontrei um livro interessante com o título de *Inhale, Exhale*, de Sarah Ross. Peguei aquele para mim. A história se passava nos Estados Unidos e parecia ser bem erótico.

Deixei aquela sala e fiquei andando um pouquinho pelo corredor, olhando para dentro de algumas portas. Uma sala com livros antigos, com capas de couro, me atraiu como uma mariposa atraída pela luz. Respirei fundo, curtindo o cheiro de mofo das páginas antigas. Alex me seguiu para aquela sala e entrou em um dos corredores ao lado de onde eu estava. Parei para ler alguns nomes nas lombadas. Eu não reconhecia o nome de todos os autores, mas hesitei quando cheguei na seção de nomes com a letra A. Procurei entre os livros com cuidado, procurando por um nome em particular.

Quando meus olhos encontraram o nome Austen, engoli em seco e, cuidadosamente, peguei o volume que estava na estante. Abri o livro delicadamente e olhei a data da publicação. Era de 1833. Não era a primeira edição, mas tudo bem. Não havia uma etiqueta com preço, o que me deixava receosa, mas eu não conseguia me afastar daquele livro.

— Que livro é esse? — Alex olhou sobre meu ombro.

— *Orgulho e Preconceito*.

— De que ano? — Ele olhou sobre meu ombro para o título da página. — Primeira edição?

— Não. — Fechei a capa com cuidado. — Mas minha mãe sempre quis ter um exemplar antigo de *Orgulho e Preconceito*. Era seu livro preferido.

— Podemos continuar procurando. Talvez a dona da loja tenha um, ou conheça alguém que tenha.

— Preciso saber o preço, não tem o valor aqui. — Virei o livro para olhar a parte de trás. — Só vim procurar por força do hábito. Nunca vi um exemplar tão antigo. A mamãe ficaria maluca.

— Então leve. — Alex aproximou-se da estante.

— Deve ser muito caro. — Mordi meus lábios.

— Leve assim mesmo. — Alex sacudiu a cabeça. — Você precisa fazer alguma coisa por você mesma.

— Comprar um sorvete ou sapatos novos seria o mesmo que fazer uma coisa por mim mesma. Este livro provavelmente custa mais do que algumas pessoas gastam de supermercado por ano.

— Se você não comprar, eu compro. — Ele endireitou o corpo e esticou a mão.

— O que foi? Não preciso que compre para mim. — Coloquei o livro contra o peito.

— Quem disse que eu ia dar o livro para você? — Ele sorriu e deu um passo em minha direção. — Talvez eu tenha uma paixão secreta por Fitzwilliam Darcy. Nós gostamos da mesma autora. Também preciso comprar um presente para uma pessoa que vai adorar este livro.

— Se eu não comprar, ninguém mais vai comprar. — Apertei os olhos ameaçando-o de brincadeira.

— Verdade?

— Você vai ter que tirá-lo de meus dedos frios e mortos. — Dei um passo para trás e encostei na estante que estava atrás de mim.

— Talvez eu só precise distraí-la até conseguir pegá-lo. — Ele colocou uma mão na prateleira acima da minha cabeça.

— E como pretende fazer isso? — Lambi os lábios.

— Tenho algumas ideias. — Ele colocou a outra mão, aprisionando-me, e então abaixou.

Eu agarrei os livros no peito e meu coração batia contra eles como se fosse um tambor. Alex aproximou sua boca da minha, mas parou a um centímetro de distância. Senti o cheiro de seu perfume e lutei contra minha vontade de aproximar-me ainda mais. Devagar, ele moveu sua boca para a minha bochecha, perto o suficiente para que eu sentisse sua respiração na minha pele. Sua viagem continuou pelo meu queixo até chegar no pescoço. Minha cabeça inclinou-se por vontade própria, deixando que ele tivesse melhor acesso. Uma de suas mãos foi da minha cabeça para a cintura, a manga de sua jaqueta roçava meu braço.

Enquanto ele se movia do meu lado direito para o esquerdo, inclinei a cabeça de novo, meu corpo todo aceso. Eu queria que ele me beijasse. Precisava do beijo dele, e estava em um momento crítico — não dava para esperar mais. Sua outra mão desceu da prateleira para a minha cintura enquanto ele se aproximava, pressionando seu corpo contra o meu. Ele puxou a cabeça para trás e olhou nos meus olhos.

— Quero beijar você, Samantha. — Ele respirou fundo e aproximou-se um pouco mais. — Mas só vou beijar você de novo depois que me pedir.

— O quê? — Levei a cabeça para trás no mesmo instante em que ele puxava o livro de meus braços. — Ei!

Tentei pegar o livro, mas ele o segurou acima da cabeça. Senti a vergonha e a raiva tomarem conta de mim. Ele tinha me deixado daquele jeito só para roubar o livro? O livro que eu tanto queria?

— Seu idiota! — Segurei o braço dele e tentei pegar o livro, mas ele era forte demais.

— Você pode me tentar o quanto quiser, pode se ajoelhar por mim, mas o que eu disse é verdade. Não vou beijar você enquanto não me pedir. — Seus olhos brilharam, cheios de frustração. — Deixei bem claro o que eu quero. Você precisa decidir.

Parei e olhei para ele.

— Você estava certo. Isso é difícil.

— E pretendo fazer o máximo para conseguir o que eu quero.

— Vamos lá. Deixe-me ficar com o livro. — Mudei o assunto. A verdade era que o que eu queria estava superando minhas preocupações.

— Nã-não. Ganhei de maneira justa. Eu estava procurando um presente para uma amiga.

— De maneira justa? Você tirou o livro das minhas mãos.

— Tirei, não foi? — Ele sorriu orgulhoso.

— Tudo bem. Ainda tenho meus outros dois livros, não perdi tudo. — Marchei para fora da sala e para o balcão para pagar pelos livros que tinha escolhido.

A dona da loja perguntou se eu estava gostando de Lilaria e se eu já havia lido algum livro de Reinhardt ou de Ross. Conversamos sobre as autoras e então me afastei para que Alex pudesse comprar o seu livro. Quando ela disse o valor, meus olhos quase saltaram do meu rosto.

— Obrigado. Tenho uma amiga que vai gostar deste livro. — Alex lhe deu calmamente o cartão de crédito e sorriu quando ela entregou a sacola para ele.

— É um prazer atendê-lo, Vossa Alteza. Espero que vocês dois aproveitem o restante da noite. — Ela fez uma reverência rápida enquanto saíamos.

— Para onde vamos agora? — Alex abriu a porta para mim.

— Eu não sei. Não pensei nem que conseguiríamos vir até aqui sem sermos seguidos. — Coloquei a sacola no colo enquanto ele sentava no banco do motorista. — O que as pessoas fazem para se divertir por aqui?

— Tem o cinema.

— Pessoas demais. — Sacudi minha cabeça.

— Então acho que as boates nem pensar. — Ele levantou uma sobrancelha.

— Com certeza. — Franzi a testa. — Que tal um museu?

— Tarde demais. A maioria deles fechou a essa hora. — Ele apertou os olhos. — Poderíamos ir ao zoológico.

— Não, obrigada. — A ideia de encontrar Jeremy me fez encolher.

— É verdade, você já foi lá. Havia uma foto bem bonita sua e de Jeremy no jornal dizendo que vão trabalhar juntos.

— O quê? Eu não vi isso e... Espera um pouco. Você está com ciúme? — Eu virei no banco para olhar para Alex. Era triste, mas aquele pensamento provocou uma bolha de excitação no meu peito. — Que boa mudança de assunto com essa opção do zoológico.

— Eu deveria sentir ciúme? — Ele virou-se para o outro lado e ligou o carro. — Você deixou bem claro que quer alguém normal, que não quer ser o centro das atenções. E Jeremy adoraria mais do que tudo ter uma namorada da família real.

— Ei! Em primeiro lugar, não quero nada com o Jeremy. — Eu não havia contado a ele que Jeremy tinha dado em cima de mim. — Em segundo lugar, estamos no carro da sua ex-namorada, o que é realmente um lugar estranho para se ter essa conversa. E, em terceiro lugar, não quero alguém normal, quero ser normal. Só quero ser eu. E não a duquesa americana. Só quero ser a Sam.

— Você não é só qualquer coisa. — Ele subiu um pouco a voz, depois fechou a boca por um tempinho. Ele saiu do estacionamento

e dirigiu em direção à cidade. — Você não é só qualquer coisa. Até mesmo “Só Sam” é alguém especial.

Olhei para ele e meu coração se acelerava. Eu queria dizer alguma coisa, qualquer coisa, mas minha boca não se movia. O medo tomou conta de mim e minha mente lutava contra meu coração. Eu queria Alex. Tinha medo do que aquilo significava, e aonde aquilo ia dar.

Abri a boca e fechei. Abri a boca de novo e fechei. Nenhum de nós dois disse nada mais, apenas ficamos em silêncio. Eu não fazia a menor ideia de onde estávamos indo, mas também não perguntei. Por fim, Alex parou em um pequeno restaurante que não estava muito cheio.

— Vamos comer alguma coisa. — Ele saiu do carro e veio para o meu lado. Desci do carro e o segui para dentro do restaurante. Tudo estava escrito em lilariano: a placa, o cardápio, as palavras em uma embalagem que achei que fosse catchup.

O homem atrás do balcão disse algo amigável para Alex e depois para mim. Nós havíamos conversado sobre as frases básicas usadas para cumprimentar as pessoas, por isso tentei dizer “Prazer em conhecê-lo.” O homem riu e seu sorriso aumentou.

— O prazer é meu — respondeu ele em inglês.

Alex olhou para mim e sacudiu a cabeça.

— Talvez seja melhor contratarmos um professor de verdade. Você acabou de dizer “Não é um prazer conhecê-lo”.

— Desculpa. — Eu fiz uma careta.

— São palavras bem parecidas. — O homem fez um gesto indicando a parte de trás do restaurante. — Sentem-se. Vou trazer bebidas.

— Obrigado.

Alex escolheu uma mesa reservada no fundo e tirou o casaco. Coloquei o casaco do lado, no banco, e tentei ficar quieta no lugar. Alex me entregou um dos cardápios.

— Graças a Deus tem fotos. — Olhei aliviada para as fotos.

— Eu não deixaria você pedir algo ruim.

— Claro, claro.

— Bom, não muito ruim. — Ele riu e aliviou um pouco da tensão que pairava sobre meus ombros.

— Então, este é o hambúrguer do qual Cathy falou? — Olhei as fotos e tentei entender algumas descrições. — *Laitu?*

— Alface. — Ele colocou seu cardápio sobre a mesa. — E, sim, este é o melhor hambúrguer de Lilaria. Achei que talvez depois dessa semana toda talvez você gostasse de comer uma comida que estivesse acostumada.

Eu sorri, pois ele tinha razão. Pedimos nossa comida e voltamos às minhas aulas de lilariano. Eu estava precisando seriamente aprimorar a língua.

— Sinto como se estivesse tentando rachar de estudar.

— Rachar de estudar? — Ele levantou uma sobrancelha.

— Tipo, passar a noite estudando. Guardar toda a informação possível antes de fazer uma prova importante. — O garçom trouxe nossa comida e foi atender outra mesa.

— Ah. — Ele pegou um pouco de fritas.

— Realmente estou despreparada.

— Acho que precisamos repensar. — Ele franziu a testa. — Se tivéssemos mais tempo, você aprenderia com facilidade, mas não há problema algum em contratarmos alguém com mais prática para ajudar você.

— Mas e a aposta? Eu ganhei!

— Eu ainda vou ajudar.

— Ah, não. Você não vai escapar dessa com tanta facilidade. Eu quero o desenho.

— Você nem sabe o que eu estava desenhando. — Ele riu.

— Isso não importa. Uma aposta é uma aposta.



— Tudo bem. — Ele tomou um gole de água.

— Tudo bem? — Franzi a testa. — Simples assim?

— Você está certa. Não posso pagar o que devo, então preciso pagar de outra forma. — Ele comeu o restante do hambúrguer enquanto eu o observava.

— Tudo bem. — Dei mais uma mordida no meu hambúrguer e pensei a respeito. — O que você estava desenhando?

— Você vai ver.

— Você é frustrante.

— Eu avisei.

Revirei os olhos. Ele tinha dito que eu iria detestá-lo se não terminasse na cama dele.

As pessoas que estavam no restaurante começaram a nos reconhecer e estavam olhando para nós. Alex jogou um dinheiro na mesa e levantou-se. Vestiu o casaco e esticou a mão para me ajudar a levantar.

— Está na hora de irmos embora daqui.

Passeamos pela cidade e Alex me mostrou alguns lugares que não tínhamos visto na noite anterior. Depois de um tempo, estávamos de volta ao palácio. O guarda acenou para nós pelo portão e Alex parou nos fundos perto da cozinha enquanto eu tentava adivinhar o que ele estava desenhando.

— Um pássaro.

— Não. — Ele sacudiu a cabeça.

— Um avião?

— Não é um avião e também não é o Super-Homem. — Ele segurou a porta da cozinha para eu passar.

— Kyle com chifres de diabo?

Ele riu.

— Agora você me deu uma boa ideia.

Passamos pela cozinha e então fomos até o meu quarto e olhei para o corredor.

— Talvez devêssemos ir pegar o desenho agora para que você não tente sumir com ele.

— Você está procurando uma desculpa para ir até o meu quarto?  
— perguntou Alex.

— Se fosse isso o que eu queria era só arrastar você para dentro do *meu* quarto. — Mordi meus lábios. Os olhos dele se viraram para a minha boca e pensei em pedir. Pensei em pedir para ele me beijar. Pedir para ele entrar no meu quarto. Pedir para ele deixar que eu me perdesse nele.

— Você terá que esperar. Eu mandei o desenho ser emoldurado.

— Ah. Não sabia que era algo que você queria guardar. — Tirei os olhos dele. — Você não precisa dar o desenho para mim, se significa alguma coisa para você.

— Eu quero que fique com ele.

Toquei o colar e olhei para ele.

— Obrigada pela noite de hoje. É a primeira vez que me sinto eu mesma desde que cheguei aqui.

— Seja você, Samantha. Ninguém pode pedir mais do que isso.

Fiquei na ponta dos pés e dei um beijo no rosto dele. Fiquei ali por um momento, sentindo seu cheiro antes de entrar no meu quarto.

Quando fechei a porta, encostei-me nela e respirei fundo. Eu estava em apuros.



# Vinte e três

*O homem da sua vida é um príncipe?*

— THE JOLENE WATERS SHOW

**Os dois dias que** se seguiram foram meio parados, a não ser pela reunião que tive com Duvall, quando ele, bravo, me disse que eu não podia fugir dos seguranças de novo. Becca também não estava muito feliz. Tive que explicar que não achei que precisava de segurança para dar um pulinho na livraria, mas eles não amoleceram. As únicas partes interessantes foram os almoços que tive com Cathy em uma pequena mesa colocada num canto da cozinha. Ela me contou as fofocas sobre as pessoas da realeza e sobre algumas celebridades locais. Também tinha bastante informação sobre os eventos que iriam acontecer e sobre as instituições de caridade.

— E a política? Sei que os membros da realeza não votam ou concorrem a cargos, mas existe algo que eu precise saber?

— Mais do que tudo, você faz o jogo político se estiver sempre no centro das atenções. Respostas vagas, sorrisos, e esperando para que o melhor aconteça. Qualquer outra coisa que fizer pode se voltar contra você. — Cathy mordeu o sanduíche.

— Então, qual é exatamente a nossa função? — Tomei o refrigerante que eu havia encontrado na despensa.

— Nós recebemos dignitários, aconselhamos o parlamento, lideramos projetos de instituições de caridade e cuidamos de nossas próprias terras. Quando algo trágico acontece em nossas terras, é nossa função tentar ajudar. Algumas vezes ajudamos com dinheiro, outras com relacionamentos ou simplesmente estendendo uma mão amiga. — Ela parou e pensou por um minuto. — Na verdade, somos muito ocupadas. Pode parecer que você está fazendo uma porção de coisas que não importam neste exato momento, mas não pense assim. Pense nisso como uma rede de relacionamentos. Você está construindo uma base com pessoas que talvez possam ajudar no futuro.

— E, por outro lado, também preciso ajudá-los de alguma maneira. — Pensei a esse respeito. — Ah, meu Deus, Cathy. Esta é uma péssima função para mim. Sou péssima em guardar minhas opiniões. Costumo deixar as pessoas muito bravas, e não faço isso sem querer. É um milagre eu ter chegado ao final desta semana sem ter chateado ninguém.

— Você está brincando comigo? Você é americana e todos esperam que seja direta e adorável.

— Ah, isso é ofensivo. — Sacudi a cabeça. — Existem muitos americanos que recuariam para não ofender alguém. Só não sou um deles.

— Exatamente. E as pessoas gostam disso. Eles acham que isso é revigorante.

Suspirei e quase cuspi o refrigerante que tinha na boca.

— Revigorante. Está bem.

— De verdade. Ouvi dizer que deu um fora em Jeremy e ainda assim ele queria que você apresentasse o programa dele. — Ela levantou a batata frita no ar. — Ele achou ótimo você ser tão transparente e direta. Sem ficar pisando em ovos.

— Jeremy é um cara estranho e prefiro enfiar um *spork* no olho a apresentar seu programa de televisão.

— Um *spork* ? Ela virou a boca.

— Aquela colher esquisita que parece um garfo.

— Você é louca. — Ela sorriu. — Consigo entender por que Alex está tão apaixonado.

— Como? — Olhei para os lados para ver se alguém estava escutando, mas a pessoa mais próxima de nós estava lavando pratos do outro lado da copa.

— Ah. Eu não sou cega, Sam.

— Somos apenas amigos. — Olhei para minha comida.

— Por quê? — Ela empurrou meu prato com o dedo para que eu olhasse para ela.

— O quê?

— Por que são só amigos? Você está usando o colar que ele deu, ele cuida de você como se fosse uma mãe urso e a química entre vocês é óbvia. — Ela apertou os olhos. — É por causa da Melissa? Você não faz ideia do quanto aquilo magoou Alex.

— Não, não é por isso. — Franzi a testa. — É que tem tanta coisa acontecendo. Não acho que conseguiria lidar com um relacionamento em um momento como este.

— Então, é por causa do seu pai?

— Não. Sim. Em parte. É por causa de tudo. Estou tentando aprender sobre isso tudo. — Fiz um gesto indicando a cozinha. — Além disso, vou embora logo e papai vem para cá também. Ele vai precisar de mim.

— É só isso? — Ela olhou para mim e eu fiz uma careta.

— Quando era criança você fez aulas para aprender a conseguir o que queria?

— Não mude de assunto, Samantha. Qual é a verdade? — Ela inclinou o corpo para frente.

— Eu acabei de dizer.

— Você acha que o seu pai iria querer que você deixasse escapar alguma coisa, alguém, que te ama por causa dele? Toda essa mudança é assustadora. Eu entendo. Mas pode ser boa, também. Você não enxerga porque está vivendo isso, mas, para nós, que estamos observando, é óbvio que você nasceu para esta função, para esta vida.

Mordi o lábio enquanto pensava no que ela estava dizendo.

— Isso é bastante profundo para ser dito por uma garota de 18 anos de idade.

— Posso ter uma vida privilegiada, mas não significa que não tenho perspectiva alguma. — Algo em seus olhos mudou e eu vi uma garota muito mais velha olhando para mim.

— Eu tenho medo — disse eu rapidamente. Talvez se eu dissesse aquilo em voz alta ele se tornasse menos real.

— Do quê, exatamente?

— Alex. Não seria uma aventura. Não seria simples ou fácil. Se eu me permitisse, eu iria terminar magoada e isso apareceria em todos os jornais e em todas as páginas de fofoca.

— Por que acha que Alex magoaria você? — Ela se sentou novamente. — Ninguém conhece Alex como eu. Quando papai morreu, Alex assumiu o seu lugar e tornou-se o homem da casa. Ele cuidou de mim e de Max. Max tem a clássica síndrome do filho do meio e foi estudar fora assim que pôde, mas todas as decisões que Alex tomou foram pensando em como aquilo nos afetaria. E consigo ver o quanto já se importa com você. Ele nunca faria nada que magoasse você.

— Não de propósito. — Brinquei com meu guardanapo. — Acho que não conseguiria lidar com a curiosidade, com a atenção da imprensa.

— Isso vai acabar depois de um tempo. Ou você vai se acostumar. É exagerado agora, mas nós temos, sim, vidas normais. Saímos de férias e às vezes passamos o domingo na preguiça como todas as outras pessoas do mundo.

Ela não entendia. Havia nascido em um ambiente tão estranho para mim que me fazia sentir como se estivesse sido jogada em outro planeta. E Alex destruiria meu coração. Ele teria que fazer isso quando chegasse a hora de assumir o trono. Eu havia lido o suficiente no “Guia da Monarquia para Leigos” e sabia que ele teria que se casar com alguém com sangue nobre que pudesse ajudá-lo a governar o país.

— Você está maquinando coisas. Posso ouvir o barulho de seu cérebro trabalhando. — Ela se inclinou e abaixou a voz. — Sabe o que eu acho? Acho que está preocupada com o que aconteceria caso tudo desse certo. Alex vem com uma bagagem enorme. Ser o príncipe da coroa não é nem de perto tão divertido quanto parece ser nos livros infantis. A mulher que ele escolher para casar vai se tornar a rainha.

Gemi.

— Exatamente. Eu sou americana, e digo isso em voz alta. Lembra? A adorável estrangeirinha que diz tudo o que pensa? Ninguém me aceitaria como rainha e Deus sabe que eu não ficaria surpresa com isso. Quando penso em ficar com Alex, simplesmente não consigo só pensar em como me sentiria, preciso pensar em como isso afetaria o país inteiro. Se eles me rejeitarem, ele terá que me deixar. E se não me rejeitarem, eu arruinaria tudo.

Cathy sorriu e recostou-se.

— Ele sempre poderá abdicar.

— Meu Deus, Cathy, isso faria eu me sentir pior ainda. — Olhei para ela. — Eu seria o motivo de ele não ser o rei.

— As coisas que preocupam você são exatamente as coisas que mostram que seria uma excelente rainha.

— Você não entende. Foi criada para esse possível futuro. Eu fui criada em um país onde não existem reis ou rainhas. Só de pensar nisso, já fico nervosa.

— Você sabe que você vem de uma família real que já carregou a coroa de Lilaria? — Ela suspirou e pegou seu prato. — Sam, pense bem. Às vezes, todos os nossos planos de vida vão por água abaixo. E você termina fazendo algo com o que nunca sonhou e sabe o que deve fazer?

Eu me levantei e fui com ela até a pia levando meu prato.

— O quê, espertinha?

— Você faz o melhor que pode. Nada é tão bom, ou tão ruim quanto acha que vai ser. É isso que você faz.

Alex havia dito exatamente a mesma coisa para mim. Ela jogou os restos fora e colocou o prato na máquina de lavar louças.

— Mas uma coisa eu digo. Você nunca vai encontrar outro homem que a ame como Alex amaria.

— Então. Me diz uma coisa. Se é tão esperta, então por que sai com o Kyle? Ele é babaca. — Olhei para ela enquanto caminhávamos.

— Ah, eu sei. — Ela deu de ombros. — Eu sei exatamente o que ele quer, mas quando estamos só nós dois, nos divertimos. Posso entender como o mundo funciona, mas isso não significa que eu não queira ser um pouco doidinha.

— Tome cuidado. As coisas podem ficar fora de foco quando estamos vivendo uma situação assim.

— Vou tomar.

A resposta inconsequente não me convenceu de que meu comentário havia afetado seu pensamento. Kyle era perigoso e eu



detestava ver alguém tão doce quanto ela curando as cicatrizes que ele deixaria em seu coração.

— Você vai embora amanhã?

— Sim. Bem cedinho. Acho que vamos de carro. — Encolhi os ombros. — Chadwick já fez minhas malas e enviou-as para a casa.

— Você vai adorar lá. Tem muitas árvores e é silencioso.

— Vi algumas fotos na internet, mas estou realmente ansiosa para chegar lá. — Parei perto do meu quarto.

— O Alex vai também?

— Sim. — Respirei fundo. Eu não havia visto Alex desde nosso passeio pela livraria. Parecia que fazia anos que não nos víamos e eu estava ansiosa, mas também nervosa em vê-lo de novo.

— Anime-se, Sam. — Ela empurrou meu ombro. — Espero um convite para jantar em breve.

— Noite da pizza na minha casa.

— Ideia maravilhosa. — Ela me abraçou rapidamente. — Preciso correr.

— Nos vemos em breve.

Passei o restante da tarde olhando meus e-mails. Já estava quase acabando de conferir minha caixa de mensagens quando um e-mail chegou. Quando vi o endereço eu sorri. Era de Bert, provavelmente me contando algo bobo que Jess havia feito. Cliquei no ícone e quase gritei quando vi as fotos anexadas ao e-mail.

**De:** BERT

**Para:** Sam Rousseau (**PESSOAL**)

**Assunto:** Pergunta Importante!!

Sam,

Eu ia te chamar para vir comigo escolher, mas já que você está em Lilaria estou mandando as fotos. Ela vai me dar um chute no traseiro se eu escolher errado. O que você acha?

Bert

Olhei para as fotos dos anéis e mordi o lábio. Eu estava tão feliz por Jess, mas também estava triste por não ouvir o grito dela quando o recebesse. Olhei para as opções cuidadosamente, tentando identificar aquele que Jess ia gostar e o que ela não ia gostar. Pensei por um minuto sobre alguns deles antes de responder.

**De:** Sam Rousseau

**Para:** BERT

**Assunto:** RE: Pergunta Importante!!

Bert,

Tem que ser o redondo; eles são mais lapidados e vão brilhar mais. E sabemos o quanto Jess adora brilhar!

Parabéns! Estou muito feliz por vocês.

Sam

Apertei o botão "enviar" e fiquei sentada olhando para a tela do meu computador. Eu não estava lá, mas ainda assim tinha conseguido ajudar Bert. Enviei um e-mail rápido para meu pai com fotos que havia tirado com o meu telefone. Olhando para as fotos, percebi o quanto da cidade havia conhecido. Cathy estava certa. Eu precisava parar de pensar nas partes que faziam com que me sentisse mal e deveria aproveitar as coisas que a vida nova me oferecia.

Decidi relaxar durante o restante da noite. Chadwick estava tão ocupado que não havia marcado nada para mim depois do almoço. Era como voltar para casa e não ter nenhuma lição para fazer. Usei a grande banheira e terminei de ler o livro que havia começado a ler no avião. Na verdade, eu estava tão absorta no livro que a água esfriou e precisei sair da banheira. Foi a noite mais tranquila que passei em Lilaria e eu estava feliz por isso. Precisava recarregar

minhas baterias. Eu me sentia como se estivesse entregando pedacinhos de mim para todos que encontrava ou com quem tirava fotos. Depois de um tempo, comecei a me sentir como se fosse a carcaça da pessoa que eu havia sido, e as maravilhas de uma noite de folga estavam tendo resultado.

Adormeci com o leitor digital no peito e não me mexi durante toda a noite.



# Vinte e quatro

*A duquesa americana  
finalmente vai para casa*

— CALIFORNIA TRAVEL AGENTS' ASSOCIATION

**A manhã seguinte foi** bastante agitada. Pela primeira vez desde que eu conhecera Chadwick, ele parecia afobado. Obediente, usei o vestido que ele havia separado para mim no armário e olhei o quarto de hóspedes procurando por algo que pudesse ter deixado para trás. Guardei meu computador e coloquei meu fone de ouvido na mala para levá-lo para o carro. Seria uma viagem de duas horas. Nada muito demorado, mas também não era uma voltinha no quarteirão.

Terminei meu café da manhã enquanto olhava os jornais locais. Felizmente, alguns deles eram em inglês. Infelizmente, minha foto estava na primeira página da maioria deles.

— Como é que eles podem fazer isso? Eles simplesmente noticiam o que querem sem confirmar a informação. — Levantei o jornal que estava lendo. — Eu não estou definhando por causa de um amor que deixei nos Estados Unidos. — Coloquei o jornal na mesa e peguei o outro. — E também não tenho um problema com comida. Veja isto! Este aqui diz que me recuso a comer e que a rainha está preocupada. Este outro jornal traz uma foto minha enfiando um

hambúrguer na boca e me chama de gorducha americana. Qual é a verdade? Sou anoréxica ou gorda?

— O melhor conselho que posso dar é nunca ler os jornais. — Chadwick abriu meu armário.

— Isso é loucura! Eles simplesmente publicam o que faz vender. — Resmunguei e joguei os jornais na lata de lixo ao lado da mesa.

— O que você está fazendo?

— Estou me certificando de que não estamos deixando nada para trás. — Ele abriu as gavetas da mesa de cabeceira.

— Eu já conferi. — Sacudi minha cabeça. — Você está bem? Parece afobado.

— Estou bem. — Seu tom de voz fez minhas sobrancelhas se levantarem. — Não. Não estou bem. Tive uma briga ontem à noite com meu... Amigo. Peço desculpas. Não deveria descontar em você.

— Você quer conversar sobre isso?

— Não temos tempo. — Ele suspirou. — Você está pronta? Acho que vi Alex saindo do quarto da mãe.

— Claro. — Vesti o casaco e peguei minha mochila. — Chadwick, você teria interesse em ter esse emprego permanentemente? Trabalhar para mim? Eu sei que você mora aqui há algum tempo, por isso, se tiver uma vida lá fora e não estiver interessado em se mudar, eu vou entender. — Enrolei meu cachecol em volta do pescoço. — Eu realmente iria entender, mas já me acostumei com seu jeito irritante.

— Você é tão querida. Como eu poderia resistir? — disse Chadwick.

— Então, isso é um sim?

— Já arrumei minhas coisas.

Ele abriu a porta para mim e saímos em direção à entrada principal.

— Mas e se eu não falasse nada?

— Faz parte do meu trabalho estar preparado para tudo.

Ele olhou para a prancheta e um pensamento terrível surgiu em minha cabeça.

— Não foi por isso que você brigou com o seu amigo, não é? — Ele não tirou os olhos de suas anotações. — Chadwick, não vá embora por minha causa. Quer dizer, quero que vá embora por minha causa, mas não quero que deixe algo bom para trás.

— Estou feliz com a decisão que tomei, mas, obrigado. — Ele sorriu para mim. — Além disso, acho que formamos um bom time.

— Também acho. — Franzi a testa enquanto andávamos. — Talvez, talvez o seu amigo pudesse vir conosco. Eu não me importaria, se você estiver preocupado com isso.

— Isso é muito gentil da sua parte, mas esta não é uma opção.

Eu detestava ver meu assessor tão desanimado.

— Bom, se isso mudar, o convite está de pé.

— Muito obrigado. — Ele sorriu para mim, mas ainda parecia triste.

— Desde que eu não encontre vocês de cueca bebendo leite na caixa no meio da noite.

— E se eu colocar o leite em uma xícara? — Chadwick estava começando a se animar e fiquei aliviada.

— Isso é um pouco melhor. E se concordarmos em usar pelo menos calças de pijama ou um roupão para tomar a xícara de leite?

— Você sabe que vou ter um apartamento inteiro para mim? — Ele olhou para mim com um sorriso. — Acho que nos Estados Unidos eles se referem a esse apartamento como sendo o “da sogra”.

— Ainda assim. O seu leite pode acabar e você pode tentar roubar o meu.

— Então acho que o acordo é aceitável desde que se aplique a você também.

— Ei, a casa é minha. — Eu ri. — Não posso prometer.

Esperamos por Alex e seu assessor na entrada. Já o havia visto algumas vezes com Alex, um cavalheiro mais velho e bastante respeitável. Enquanto esperávamos o tempo passar, analisei os quadros pendurados no hall de entrada. Havia peças muito bonitas ali, e algumas delas até me pareceram vagamente conhecidas.

— Sim, sim. Diga a eles que estarei lá na semana que vem. — A voz de Alex chegou aos meus ouvidos e meu coração acelerou. Eu estava começando a me sentir uma adolescente. — Preciso resolver algumas coisas em D’Lynsal depois vou para Paris.

Eu me virei para olhar para ele e ele sorriu. Seus olhos chegaram até mim como se ele fosse um homem no deserto procurando por um copo de água. Meu coração continuou acelerado e observei enquanto ele se aproximava. Ele desligou o telefone rapidamente e guardou-o no bolso.

— Você está pronta para conhecer seu lar?

— Bem pronta.

Nem fiz nenhuma brincadeira. Eu estava mais do que pronta para conhecer o meu lugar, para encontrar o meu caminho. Sem mencionar que, como sempre, a visão de Alex apagava a maior parte do meu vocabulário.

— Então vamos. Ned, vou com a duquesa.

— Claro, senhor. — O homem mais velho balançou a cabeça.

Alex e eu entramos no segundo carro da fila, o primeiro era dos seguranças que pareciam ir conosco para todos os lugares. Chadwick piscou para mim quando entrou no banco de trás do primeiro veículo.

Partimos sem muita festa, exceto pelos repórteres e suas câmeras, sempre presentes ali.

— Hoje eles estão em maior número.

— Você está indo para casa. — Alex olhou para mim. — Eles estão documentando a história.

— E aqui estou eu empolgada para chegar a um lugar onde poderei beber leite da caixa só de calcinhas.

— Você bebe leite da caixa só de calcinha? — Alex riu.

— Você nunca fez isso? Nunca acordou no meio da noite querendo tomar um lanche?

— Sim, mas não me preocupo em colocar a minha cueca. — Ele observou meu rosto enquanto absorvia suas palavras.

— O que você... Ah. — Franzi a testa. — Você não fica com frio?

— Não é tão ruim quando você tem alguém para te esquentar quando voltar para o quarto. — Ele passou os olhos por mim, parando nas minhas pernas, cobertas pelas meias.

— Bem pensado. — Olhei de volta para a janela enquanto ele ria.

No fim, a viagem de carro não foi tão ruim assim. Passamos a maior parte do caminho conversando sobre as minhas terras e, ocasionalmente, interrompidos por ligações telefônicas ou mensagens. Falei com meu pai e fiquei emocionada ao ouvir sua voz mais parecida com ele mesmo. Patricia estava com ele, pedindo para que eu mandasse mais fotos. Eu ri e brinquei com eles enquanto Alex mexia em alguns papéis. Foi agradável, uma viagem tranquila que só parecia um pouco estranha porque nenhum de nós estava dirigindo.

À medida que deixamos a cidade para trás, eu me distraí olhando as colinas e áreas arborizadas que passavam pela janela. Apesar da época do ano, havia verde por todos os lugares, que aparecia por baixo do chão coberto de neve e entre os galhos congelados das árvores. Passamos por pequenas vilas e casas que pareciam surgir do nada. Havia muitas fazendas e cavalos. Cathy estava certa. Embora eu gostasse da cidade, estava adorando o campo.

Por fim, o motorista saiu da estrada principal e nos levou por uma estrada sinuosa. Aninhada entre as árvores, havia uma clareira cercada por casas e lojas. As pessoas estavam enfileiradas pelo



caminho segurando cartazes e flores. Meu coração se encheu de emoção. Eu finalmente estava ali.

As pessoas acenavam enquanto passávamos e eu abaixei minha janela para acenar de volta. O motorista parecia entender que deveria ir mais devagar, pois diminuiu a velocidade do carro drasticamente. Alex abaixou sua janela também e apontava para as construções ou pessoas que estavam do seu lado. Eu não sabia o que esperar. Uma parte de mim esperava que todos eles me detestassem por eu estar voltando, ou pelo menos que fossem indiferentes, mas nunca achei que estariam animados com a minha chegada. Ao nos aproximarmos do que deveria ser o centro da vila, fui surpreendida ao ver um pequeno palco e uma banda tocando música. Parecia uma comemoração de um feriado.

— As crianças não têm aula hoje? — perguntei enquanto acenava para um grupo de jovens.

— A escola está fechada para receber você. — Alex olhou para mim curioso. — Chadwick não contou nada hoje de manhã?

— Talvez ele tenha mencionado alguma coisa. — Chadwick devia estar mais exausto do que eu imaginava, pois havia se esquecido de me contar sobre tudo isso. — Eu devo falar alguma coisa?

— Seria um belo gesto.

— Merda. — Soltei a palavra e ele riu baixinho.

— Não está preparada?

— Acho que vou ter que improvisar. — Olhei para ele com olhos preocupados. — Como é que se diz obrigada mesmo?

Ele disse as palavras algumas vezes enquanto eu acenava e treinava baixinho. Quando paramos no centro, Becca apareceu rapidamente ao lado da porta. Chadwick estava logo atrás dela, mas a um ritmo mais respeitoso. Os seguranças de Alex desceram dos carros que estavam atrás de nós. Fomos levados ao palco onde havia um pequeno pódio e várias pessoas que pareciam ser

importantes. Apertei a mão da mulher que exercia um cargo semelhante ao de um prefeito, mas não conseguia pronunciar o seu título oficial. Felizmente, ela me pediu para chamá-la de Simone. Havia um clérigo e vários outros homens que formavam o conselho local, todos sorrindo e fazendo reverência.

Pessoas faziam reverência para Alex e agradeciam. Todos pareciam estar muito felizes, como se minha chegada e a presença de Alex fossem algo a comemorar. Eu achava aquilo tudo muito estranho. Chadwick entregou-me um papel enquanto a mulher no comando falava com alguém fora do palco.

— Isto é um discurso que escrevi a caminho daqui. Eu me esqueci de contar sobre tudo isso e estou me sentindo péssimo. — Ele sacudiu a cabeça. — Mas não temos tempo para falar sobre isso agora. Dê uma olhada enquanto a Simone fala. É curto e gentil. Tentei pensar como você.

— Parece bom. — Eu sorri para ele, querendo que entendesse que eu não estava brava. Todos cometem erros.

Olhei para o discurso e tentei decorar algumas partes. Eu nunca seria capaz de dizer tudo aquilo sem ler. Se eu tentasse, ficaria travada.

Os repórteres que haviam nos seguido desde o palácio se ajeitaram ao lado das pessoas da cidade, todos esperando para ouvir o que eu tinha para dizer. Ou melhor, o que Chadwick havia escrito para que eu dissesse. A voz de Alex chamou minha atenção e percebi que ele havia se levantado da cadeira ao meu lado e estava falando com a multidão.

— Estou muito feliz por ter conseguido trazer Samantha Rousseau de volta para casa e estou orgulhoso em dizer que ela tem a mesma reputação de sua família. Ela é sensível, leal e inteligente. Não tenho dúvidas de que a Duquesa de Rousseau vai se adaptar muito bem aqui, junto com todos vocês. Estou muito feliz em poder chamá-la

de vizinha e de minha amiga. Então, sem nada a acrescentar, apresento a vocês Samantha, a Duquesa de Rousseau, e o verdadeiro motivo de estarmos todos aqui hoje. — Alex virou-se para mim e sorriu.

Chadwick tossiu e percebi que era a minha vez de falar. Eu me levantei devagar e arrumei a camisa. Os três degraus que levavam ao pódio foram os três degraus mais longos de toda a minha vida. Eu nunca havia me preocupado tanto com medo de tropeçar ou cair. Alex estendeu a mão para mim e eu a segurei. Quando ele me puxou e beijou minhas bochechas, senti meu rosto ficar vermelho e ouvi o barulho de sussurros e câmeras sendo clicadas.

— Relaxe — sussurrou Alex no meu ouvido. — Apenas diga algo simples e seja você mesma.

— Obrigada. — Ele soltou minha mão e sentou-se em seu lugar enquanto fui deixada com a multidão. Eu não tinha como dizer quantas pessoas estavam ali no centro da vila me assistindo, mas me sentia como se estivesse fazendo um discurso para o Estado da União. Apertei o papel na mão, aquele do qual não me lembrava uma palavra sequer, e sorri para a multidão.

— As pessoas usam a palavra “honrada” em discursos de premiação e dizem o quanto são gratas e humildes. Bom, não sei bem como definir o dia de hoje, mas me sinto como se estivesse recebendo um prêmio, e eu me sinto assim: honrada pela recepção de vocês, humilde por fazer parte de um legado tão maravilhoso e grata por Vossa Majestade ter enviado Sua Alteza para me procurar. — Parei, tentando lembrar o que mais eu deveria dizer, e fui surpreendida pelos aplausos. Olhei atordoada para a multidão. — Vou ser rápida porque odeio prender todos aqui no frio, vocês vão virar picolés. — Houve risos na multidão. — Muito obrigada por terem vindo até aqui me conhecer. Estou ansiosa por conhecer e saber mais sobre cada um de vocês.

Com bastante cuidado, eu disse a palavra obrigada em lilariano e torci em silêncio para ter falado direito.

As pessoas se levantaram e bateram palmas. Eu deveria me sentir orgulhosa, mas me senti boba, como se todos estivessem puxando meu saco. Eu me afastei do microfone e deixei Simone apertar minha mão. Ela se virou para a multidão, ainda segurando minha mão, e fez um gesto em minha direção, de novo, enquanto as pessoas aplaudiam. Sem saber o que fazer, acenei com a mão livre e sorri. Depois fui até o lugar onde as outras pessoas estavam em pé. Eles apertaram minha mão como se ainda não tivessem sido apresentados a mim e me disseram o quanto estavam felizes por eu estar de volta. Era bastante surreal e eu não entendia realmente por que eles estavam tão animados. Eu estava começando a achar que nunca iria entender.

As pessoas me pararam quando desci do palco. Houve muitos apertos de mão e sorrisos. Tantos nomes e rostos que eu nunca conseguiria guardar. E durante todo o tempo Alex ficou ao meu lado. Ele era o meu apoio. Todas as pessoas com quem ele falava sentiam-se à vontade. As mulheres praticamente desmaiavam e os homens se sentiam importantes. Quando voltamos para o carro, eu me senti como se tivesse presenciado um lado totalmente novo de Alex.

— Por que está olhando para mim desta maneira? — Ele se ajeitou no banco e levantou uma sobrancelha para mim.

— Estou pensando.

— Sobre como sou incrivelmente sexy? — Ele se virou para mim com um sorriso.

— Como é que arruma espaço na sua cabeça para outra coisa além do seu ego? — Eu ri. — E não, eu estava pensando que você é um excelente príncipe.

— Por quê?

— Deixa as pessoas à vontade e, ainda assim, elas respeitam você. — Eu sorri. — Você é espontâneo.

— Anos de prática. Você não se saiu tão mal assim. — Ele alcançou o bolso do meu casaco e pegou o discurso que Chadwick havia escrito. — Foi aquilo mesmo que Chadwick escreveu para você dizer?

— Eu não conseguia me lembrar de nada. — Estremeci.

— E então você improvisou aquilo? — Alex assobiou apreciando o papal desdobrado. — Uau, isso aqui também não está ruim, mas acho que você acertou em cheio. — Ele leu o papel rapidamente.

— Deve ter sido o discurso mais curto da história. — Olhei para fora da janela e o carro finalmente começou a andar.

— Era exatamente o que precisava dizer. — Ele dobrou o papel e colocou-o de volta no meu bolso. — É exatamente o que as pessoas queriam ouvir.

— Obrigada. — Olhei para ele e apertei o lábio. Seria errado eu fazer o que tinha vontade? Valeria a pena ceder? Quanto mais tempo passava com ele, mais difícil ficava resistir à atração que sentia por ele.

— De nada.

Surpreendentemente, não havia carros nos seguindo, além dos carros dos seguranças, enquanto seguíamos pelas estradas sinuosas. Quando chegamos a uma entrada de carros estreita, com um portão de entrada, o motorista do primeiro carro digitou um código em um pequeno teclado. Ergui o pescoço para tentar enxergar a casa entre as árvores, mas elas eram densas demais.

Eu me levantei do banco e olhei para frente enquanto passávamos pelo portão. Ver a casa pessoalmente significava muito para mim. Era onde eu achava que, finalmente, seria capaz de entender qual era o meu lugar nessa estranha direção que minha vida tinha tomado. As árvores se abriram e fui recompensada com

uma vista de tirar o fôlego. A casa não era realmente uma casa. Com paredes de pedra, mais parecia um castelo.

Deixei escapar uma risada. Eu havia visto fotos, mas elas não faziam jus à realidade. Havia uma grande escadaria que levava a uma porta pesada com estátuas elegantes e pedras lavradas dos dois lados. Havia um pequeno jardim no centro do pátio de entrada e um pouco de neve no topo dos arbustos esculpidos.

— Parece um conto de fadas.

— Seja bem-vinda à sua casa, Samantha. — A voz calorosa de Alex tirou minha atenção da casa. Seu olhar era afetuoso e havia um leve sorriso em seu rosto.

— Obrigada — sussurrei as palavras. Eu queria dizer obrigada por tudo. Por ter vindo comigo, por não sair de perto quando eu o afastava de mim e por ser meu amigo sempre que eu precisava de alguém.

Ele entrelaçou seus dedos nos meus, antes de levar minha mão até a boca e beijar. Sem palavras, nem explicações, não era necessário. Ele disse que não ia me beijar até que eu pedisse, mas esse beijo não contava. Era menos do que o beijo que eu queria ter dado na livraria, mas mais do que podia pedir naquele momento.

Ele saiu do carro e veio abrir a minha porta. Pisei na terra da minha família pela primeira vez, com Alex ao meu lado. Parecia correto ele estar ali. Um arrepio passou pelo meu corpo enquanto olhava os arredores. Há muito tempo meus antepassados moraram ali. Poucas pessoas conseguiam rastrear suas famílias tanto quanto a rainha havia feito por mim.

A porta da frente se abriu e um homem ficou em pé no topo das escadas. Ele era alto, tinha o rosto amável e cabelo grisalho. Subi as escadas com cuidado, com Alex a um passo atrás de mim. O homem à porta fez uma reverência e eu estendi a mão.

— Duquesa de Rousseau, é um prazer conhecê-la. — O homem apertou minha mão rapidamente. — Eu sou Stanley Wessex. — Ele fez um gesto em direção à porta aberta. — Bem-vinda ao lar.



# Vinte e cinco

*Nossa realeza valoriza os lares*

— COLLEGE DAILY

O lado de dentro era muito mais espaçoso do que eu havia pensado. Duas mulheres estavam lá e fizeram uma reverência quando entrei na casa. Stanley me apresentou a elas; a primeira era sua esposa, a cozinheira e a outra mulher magra, chamada Jeanette, era a arrumadeira.

Conversei um pouco com cada uma delas, mas estava louca para ir correndo conhecer a casa. Os móveis eram elegantes, mas nada muito grandioso. Parecia um castelo francês. Depois de pendurarmos nossos casacos, Stanley levou Alex e eu para conhecermos as acomodações. Ele nos mostrou peças importantes e salões que eram usados para ocasiões especiais.

— Dois anos atrás, decidimos reformar as cozinhas e os banheiros. A rainha achou válido fazer esse investimento e agora entendo por quê. Ela devia estar prestes a encontrá-la. — Stanley me mostrou a adorável cozinha, espaçosa o suficiente para que ali fossem preparadas comidas para uma grande festa, mas nada comparado à cozinha industrial do palácio. — Margie gostou muito das mudanças.

— É linda. Gostei dos balcões e das cores suaves das paredes. Acho que eu teria feito exatamente desta maneira.



— Preciso contar isso para Margie. Ela estava preocupada com medo de que não gostasse das escolhas feitas por ela e que não se sentisse em casa.

— Não, eu adorei.

— Fico feliz. — Stanley nos mostrou o salão para jantares formais, o salão de estar e uma sala de estar mais informal. Enquanto subíamos as escadas, ele olhou para mim por sobre o ombro. — Receio que tenhamos feito a maioria das reformas no piso principal. Achamos que, se alguém da família viesse para cá, preferiria opinar sobre os quartos. Existem oito quartos no total, seis banheiros no piso de cima, e dois no piso de baixo.

No topo da escada, havia um espaço com uma mesa e dois corredores em direções opostas.

— A ala direita é, normalmente, usada pela família, e a ala esquerda é deixada para os hóspedes. — Ele começou a andar pelo corredor da direita. — Existem quatro quartos dos dois lados e quatro banheiros do lado da família. O quarto no final do corredor é o seu.

Ele me levou até o final do corredor do lado direito e abriu a porta dupla. O quarto era lindo. Embora os móveis tivessem o estilo antigo, a sensação era mais de antiguidade do que de estar fora de moda. O mobiliário ornado e a decoração eram equilibrados por uma colcha simples, branca, e cortinas transparentes. Aquele quarto tinha o tamanho de toda a ala, e por isso havia muitas janelas e luz natural. Os detalhes sobre a parede e o teto eram lindos. Olhei em volta tentando acreditar que aquilo tudo pertencia a mim.

— E então, que tal? — Alex perguntou da porta. Ele estava encostado na parede com as mãos dentro dos bolsos enquanto me observava.

— É lindo. — Sacudi minha cabeça. — Não acredito que é meu.

— Nós reformamos o banheiro da suíte principal, claro, e os colchões. — Stanley abriu a porta para que eu pudesse ver o banheiro. — Simples e elegante. Se você quiser mudar alguma coisa para ter um estilo mais americano, é bem simples.

— Obrigada, mas está tudo muito lindo mesmo. — Sorri para ele. — Você fez um excelente trabalho cuidando da casa.

— É um prazer. — Stanley sorriu. — Vou deixar vocês olhando tudo por aqui. Tenho certeza de que gostaria de dar uma olhada sem ter alguém grudado nas suas costas. Se precisar de mim, estarei lá embaixo ajudando Margie com a comida.

— Obrigada. — Eu ri, aliviada. Queria mesmo dar uma olhada, mas era estranho fazer isso com alguém observando meus movimentos. Aquela era minha casa, mas não era a minha casa. Como quando você está procurando uma casa para morar e quer olhar dentro dos armários para ver se tem espaço, mas o armário está repleto de pertences de outra pessoa.

— E então? — Alex ainda estava encostado na parede.

— Uau! — Eu ri. — Totalmente surreal.

— Tem uma biblioteca. — Ele se endireitou e fez um gesto para que eu o acompanhasse.

Eu o segui para fora do quarto e fui até a outra ala. Ele parou em uma das portas e me deixou entrar. Girei a maçaneta e fui recompensada com uma linda vista. Do chão ao teto, havia prateleiras repletas de livros, o que deixou minhas pernas bambas.

— Ah, que maravilha. — Entrei na sala e suspirei. Tinha até cheiro de livraria. Mal conseguia esperar para olhar os títulos e ver o que havia ali.

— Achei que você ia gostar. — Ele olhou para os livros. — Parece que vai ter bastante diversão por aqui.

— É como uma caça ao tesouro. — Passei meus dedos sobre a grande mesa no canto. — Não sei o que vou encontrar depois.

— O que está esperando? — Ele gesticulou para a porta.

Mordi o lábio, pensando, antes de tirar meus sapatos e sair correndo. Abri todas as portas, olhando dentro de cada quarto e de cada armário. Alex me seguiu num ritmo um pouco mais lento, mas ria cada vez que eu encontrava algo que me fazia dizer “oh!” ou “ah!”.

— Isso é mesmo meu? — Olhei para Alex de cima de uma cama antiga gigante que estava em um dos quartos de hóspedes.

— É mesmo seu. — Ele colocou a mão na gravura pendurada na parede, na ponta da cama. Meu coração acelerou quando percebi que estávamos nos encarando sobre um colchão bastante convidativo.

— Não consigo parar de pensar que alguma coisa está errada. — Tirei os olhos dele. — Eu sei que isso é real, mas não parece real.

— Mas a casa ajuda?

— Sim. Acho que sim. — Encolhi meus ombros. — Na semana passada, fiquei pensando se poderia simplesmente chegar aqui e me sentir em casa. Que me encontraria aqui.

— Eu não deveria ter pedido para você esperar por mim. Não percebi que estava se sentindo tão desconfortável. — Alex franziu a testa.

— Não, estou feliz por ter vindo comigo. Parece que você precisava estar aqui. — Olhei para ele, torcendo para que entendesse o que eu queria dizer. — E conheci ótimas pessoas na cidade, e aprendi muitas coisas.

— Tudo vai acabar se acalmando.

Eu me forcei a balançar a cabeça. Ali, longe da agitação da cidade, eu quase conseguia acreditar nisso.

— Espero que sim.

— Você está pronta para almoçar? — Ele se afastou da cama. — Preciso ir embora logo. Tenho uma reunião na minha casa e não

posso perdê-la.

— Ah... Claro. — Eu não me mexi. Meu coração palpitou porque percebi que talvez ficasse um longo tempo sem vê-lo. — Você vai voltar logo para a cidade?

— Ainda não decidi. — Ele me olhou com cautela.

— Posso ver você antes de partir? — Minhas mãos estavam suando, e então coloquei meus sapatos no chão e os calcei. Eu não tinha pedido para que ele me beijasse mas, talvez, se desse pequenos passos, no fim eu acabaria pedindo.

— Com certeza virei ver você. — Deu um leve sorriso.

— Ótimo. — Senti o canto dos meus lábios se curvar.

Encontramos todos no andar de baixo, onde Margie servia uma abundante refeição. Foi muito mais descontraído que no palácio e eu consegui relaxar. Stanley sentou-se conosco depois de muita insistência minha, embora Margie tenha se recusado educadamente, preocupando-se em servir toda a comida para nós. Conversamos sobre a propriedade, sobre a vila e sobre os habitantes locais. Discutimos a pesca e a caça na região. Stanley estava ansioso pela chegada de meu pai. Ele era um pescador ávido e estava animado em mostrar a ele seus lugares preferidos.

Chadwick estava mais animado do que nunca. Como um pouco da pompa havia sido deixada de lado, até mesmo ele estava mais relaxado com os protocolos. Quando Margie finalmente trouxe os pratos de sobremesa e um bolo, sentou-se conosco e Chadwick começou a pedir as receitas. Depois de um tempo, Alex olhou para o relógio e olhou sobre o ombro para onde seu assessor estava, sentado no corredor. Apesar de Chadwick ter se sentado conosco, o assessor de Alex alegou que não estava com fome.

— Você precisa ir? — Eu me endireitei na cadeira. Estava rindo de Chadwick.

— Receio que sim. — Alex abaixou a cabeça. — O dever me chama.

— Obrigada por ter vindo conosco. — Eu me levantei e todos os outros se levantaram também. Fui até a porta e Alex me seguiu de perto. Quando chegamos ao corredor, Ned foi andando na frente e saiu pela porta.

— Eu gostei. — Ele se virou para olhar para mim. — Sinto muito ter que ir embora.

— Eu também. — Mordi meu lábio e aproximei-me para beijar seu rosto. Eu me afastei um pouco apenas para olhar nos olhos dele.

Ele olhou para mim, procurando por alguma coisa. Seus dedos tocaram os meus rapidamente antes de ele se afastar e ir embora. Eu o observei pela janela por um tempo antes de voltar e olhar para minha nova casa. Eu podia ouvir as risadas vindo da sala de jantar e algo me pareceu familiar. Eu estava ali em pé curtindo aquele barulho quando entendi o que era. Parecia que eu estava em casa.

Voltei para a sala de jantar e entrei na conversa. Stanley e Margie eram pessoas de conversa fácil e davam informações sobre a casa e os funcionários. Os dois moravam em uma pequena casa do outro lado da calçada. Jeanette tinha um pequeno cômodo em cima da casa deles.

— Onde o coitado do Chadwick vai morar? — Pisquei para o meu assessor. — E Becca. Ela também vai ficar aqui?

— É só desocupar o celeiro. — Chadwick riu.

— Não, não. Tem uma pequena casa atrás da mansão. É bem perto daqui e tem espaço suficiente — disse Stanley. — Já colocamos suas coisas lá. E Becca tem um quarto ao lado dessa casa, nos fundos. É completamente independente e mais próximo da casa por motivos de segurança.

— Agora, se preferir o celeiro, posso arrumar uma das baias. — Margie piscou para Chadwick.

— Acho que vou ficar bem na casa. — Chadwick sacudiu a cabeça. — Parece que seu leite está a salvo, Samantha.

— Assim como os meus olhos. — Eu ri quando Margie e Stanley trocaram olhares sem entender. — É uma longa história.

— O que achou de Lilaria até agora? — Margie cortou um pedaço do bolo e colocou no prato para mim. — Você tem estado nos jornais todos os dias. Imagino que não tenha tido chance de conhecer muita coisa.

— O país é lindo, mas estou ansiosa para que as coisas se acalmem. — Dei uma mordida no bolo. — Também estou ansiosa pela chegada de meu pai. Acho que ele vai gostar daqui.

— Depois que tiver se organizado, podemos conversar sobre os tipos de mudanças que você quer fazer na casa. — Margie sorriu. — Existem muitos artesãos locais.

— Não consigo pensar no que eu gostaria de mudar neste momento. A casa é linda. — Terminei de comer o bolo e espreguicei. — Quero conhecer melhor a cidade e a região.

— Será um prazer mostrar tudo para você — sugeriu Stanley. — Imagino que terá pouco tempo antes de a população começar a pedir seu tempo.

— Você provavelmente está certo, e obrigada, seria bom ter a sua companhia. — Peguei meu prato para levar para a cozinha, mas Margie tirou-o de minhas mãos. — Margie, eu gosto de ajudar.

— Não, senhora. É um prazer fazer isso. Principalmente hoje! — Ela sorriu. — Imagine, finalmente temos uma Rousseau de volta à casa. Hoje é um dia maravilhoso.

— Deve ser estranho. Vocês passaram sua vida inteira aqui e eu simplesmente apareço e então é tudo meu. — Chadwick engasgou com a bebida, mas eu queria esclarecer aquilo desde o começo. — Espero que não estejam chateados. Vou precisar da ajuda de vocês.

— Estamos aqui para ajudar. — Stanley levantou-se e pegou algumas louças. — Eu asseguro de que não há nenhum ressentimento. Cuidar da mansão Rousseau e de suas terras é um trabalho passado há gerações na minha família. É algo que levamos bastante a sério.

— Obrigada. — Peguei algumas louças, já que as mãos de Margie estavam ocupadas demais para pegá-las.

— Você já pensou no que gostaria de fazer hoje à noite? — perguntou Margie. — Quero dizer, para o jantar. Não sabíamos se você iria querer comer aqui ou sair para comer.

— Eu gostaria de desarrumar minhas malas e descansar um pouco. — Olhei para Chadwick para ver se ele não tinha nenhuma outra ideia. Ele balançou a cabeça e eu me senti aliviada. — Na verdade, gostaria de comer apenas um sanduíche e passar um tempo conhecendo a casa.

— Tem certeza, senhora? Posso fazer qualquer coisa que a senhora queira comer. — Margie deu um passo para frente da pia para impedir que eu começasse a limpar.

— Margie já procurou receita de pratos americanos na internet. — Stanley sorriu orgulhoso para a esposa.

— De verdade, um dos meus pratos favoritos é um sanduíche gigante de peru com muito queijo e maionese. — Suspirei. — Comida caseira.

— Então, farei sanduíche de peru. Você tem alguma preferência de horário para comer?

— Margie, eu mesma posso preparar o meu sanduíche. Você não precisa fazer isso. — Franzi a testa. — De verdade. Aviso quando precisar preparar jantares mais rebuscados porque não sei fazer nada na cozinha. Mas consigo preparar um sanduíche de peru.

— Tem certeza, senhora? Eu realmente não me importo.

— Tenho certeza e, por favor, me chame de Samantha. — Margie arregalou os olhos e ouvi Chadwick suspirar.

— Ela está tendo dificuldade para se adaptar ao mundo da realeza — explicou Chadwick.

— Ele está certo. Em todos os lugares onde estive semana passada as pessoas me chamaram de duquesa, senhora ou algum outro título. Apertei milhões de mãos e tirei milhões de fotos. — Parei, tentando encontrar as palavras certas. — Mas aqui? Aqui quero ser a Samantha. Eu até prefiro Sam, mas posso relevar. Só quero me sentir em casa.

Margie sorriu para mim com tristeza.

— Tudo bem, então, Samantha. Vou deixar você preparar o próprio jantar hoje à noite.

— Obrigada.

Eu me senti aliviada por ter resolvido aquele assunto. Conversei um pouco com eles, em pé na cozinha, rindo enquanto me contavam histórias sobre os habitantes locais e seus familiares. Stanley me ofereceu uma taça de vinho e forcei Chadwick a beber uma taça também.

Depois de um tempo, Chadwick e eu saímos andando pela casa, olhando os cômodos. A mistura das piadas maliciosas de Chadwick e o vinho me faziam rir. Quando abri o armário e recebi uma avalanche de cobertores em minha cara quase morri de rir, enquanto Chadwick tentava guardá-los de volta no armário. Segurei sua taça de vinho enquanto ele reclamava baixinho e usava o ombro para tentar fechar a porta. Por fim, acabamos na biblioteca, no andar de cima.

Estávamos apreciando uma pintura quando vi um pacote na mesa. Havia um bilhete preso na fita que prendia o papel marrom.



*Eu queria que tivesse algo aqui que fizesse com que sentisse como se sua mãe estivesse com você.*

*Bem-vinda ao lar.*

-A

Sacudi a cabeça enquanto desembulhava o exemplar de *Orgulho e Preconceito* que havíamos brigado para comprar. Abri o livro e folheei delicadamente as páginas enquanto Chadwick olhava sobre meu ombro.

— Nossa, é *Orgulho e Preconceito*?

— Segunda edição. — Fechei o livro e passei meus dedos na capa.

— Acho que foi um presente de Alex, acertei? — Chadwick foi para trás e estreitou os olhos.

— Por que acha isso? — Olhei pela sala tentando encontrar um lugar onde guardar o livro.

— Primeiro, você não recebeu milhares de convidados hoje. Segundo, esse seu sorriso apaixonado. — Chadwick balançou suas sobrancelhas.

— Quietinho, Chad. — Sim, é um presente do Alex. — Suspirei. — Acho que foi por isso que Ned não almoçou conosco hoje. Ele deve ter vindo até aqui enquanto estávamos comendo.

— Você gosta dele.

— Do Ned? — Eu ri.

— Você gosta do Alex. — Não era uma pergunta. Olhei para Chadwick, pensando no que dizer a ele. Talvez fosse o vinho, mas sentia que podia confiar nele e contar tudo.

— Sim. — Gemi. — Muito. Muito mais do que deveria. Estou começando a não me importar com o fato de ele ser um príncipe.

— Você está bancando a difícil por causa do título dele?

— Não estou bancando a difícil. Que diabos eu faria com um namorado que vai ocupar o trono?

— Que diabos ele faria com uma duquesa americana?

— Dura realidade. — Eu me joguei na antiga cadeira de couro atrás da mesa. — E você resumiu o problema todo em uma única sentença.

— Não entendi. Você gosta dele. Ele gosta de você. Por que lutar contra isso? — Chad recostou-se à mesa. — Você está tornando tudo mais difícil do que deveria ser.

— Talvez. Eu não sei. — Encostei a cabeça na cadeira e fiquei olhando para o teto. — Olha, tem desenhos no teto.

— Você está bêbada. — Ele olhou para o teto. — Uau, alguém colocou papel de parede embaixo da moldura. Isso precisa sair daí.

— É. Alegrinha, não bêbada. — Mas eu estava prestes a ficar bêbada. Por isso não bebo em público. Ele também estava certo sobre o papel de parede.

— Samantha?

— Sim? — Virei minha cabeça para o lado para que pudesse vê-lo.

— O que a sua melhor amiga lhe diria para fazer em relação a Alex? — Ele levou a taça até a boca.

— Jess me diria para não perder a oportunidade. — Ele fez ruídos com a taça na boca e eu ri. — Na verdade, ela já me falou para não perder a chance. Já me disse isso várias vezes.

— Ela parece ser uma mulher esperta.

— Você ia adorar a Jess. — Voltei a olhar para o teto. — O namorado dela me mandou um e-mail com fotos de anéis de noivado. Ele vai pedir sua mão em casamento logo. Primeiro fiquei triste por não estar lá para comemorar com ela, mas então percebi que minha mudança aconteceu em uma boa hora. Eles vão precisar ter seu próprio espaço.

— Tenho certeza de que ela ainda gostaria de ter você lá comemorando com ela. Talvez possam ir comprar o vestido quando ela vier visitar você no verão.

— Ah, meu Deus. Você pode levá-la para fazer compras. Eu mando o meu cartão. Só não me obrigue a ir com vocês.

Ele riu de mim.

— Vou cuidar dela.

— Ótimo. — Mordi o lábio antes de olhar para ele. — Por que brigou com seu namorado?

— É uma história complicada.

— Ah, para com isso! Eu falei, agora você fala. É assim que funciona. — Eu me endireitei na cadeira e tentei fazer meu olhar de cachorro pidão. Ele riu tanto de mim que virou a taça de vinho e precisou usar o paletó para limpar a sujeira que havia feito na mesa.

— Tudo bem, tudo bem. — Ele suspirou. — Tecnicamente, Daniel não pode ser gay.

— Daniel? — Eu me inclinei para frente. — O adorável Daniel, Duque de Minsington?

— O próprio. — Ele suspirou no copo. — Quer outra taça de vinho?

— Por que não? Estou percebendo que vou ouvir uma boa história.

Eu me levantei e nós voltamos para a cozinha. Stanley e Margie já haviam ido embora, mas a garrafa de vinho ainda estava na ilha. Coloquei mais vinho para nós dois e me dirigi à sala íntima. Stanley havia acendido a lareira, e então nós nos sentamos e ficamos observando o fogo.

— Então. Daniel e eu já estamos juntos há anos. Funcionava bem, porque eu morava no palácio e ele, normalmente, vai até a cidade pelo menos duas vezes por mês. — Ele suspirou. — Mas a verdade é

que não dá para continuar do jeito que está. Ele não assume o que é. Tem medo de ser deserdado pela família.

— Eles podem fazer isso? Achei que o casamento gay fosse legalizado em Lilaria.— Coloquei minha taça na mesa.

— Sim, o casamento gay foi legalizado, mas isso não significa que a família dele aprove. — Chadwick continuou olhando para o fogo. — Danny podia enfrentar a família. Eles não podem tirar seu título ou renegá-lo, mas poderiam transformar sua vida em um inferno.

— E isso é o suficiente para mantê-lo afastado?

— Não. Ele fica tentando descobrir uma maneira para não correr risco algum. Nunca quer arriscar e sempre quer tomar todos os cuidados. — Ele tomou mais um gole de vinho. — E estou cansado de esperar.

— Chadwick, você não precisava ter vindo para cá. —Franzi a testa. — Poderia ter ficado lá e pensado no que fazer.

— Não brigamos porque vim morar com você. Eu queria vir. O estado dele fica a apenas uma hora daqui. Brigamos porque estou cansado de toda essa cautela. Não quero ter que manter distância ou só passar um tempo com ele. Quero viver uma vida com ele, e não podemos fazer isso só em um quarto. Bem, tem tantas coisas que podemos fazer num quarto.

— Ah. — Olhei para a taça de vinho. — Mesmo sem o vinho, eu não teria nenhum conselho sábio para dar.

— Ah. Bom, talvez eu tenha. — Ele franziu os lábios ao se virar para olhar para mim. — Você tem alguém que quer ficar aqui com você. Tem ideia do quanto ele precisou mexer na agenda para conseguir vir até aqui com você?

Sacudi minha cabeça.

— Muito. Demais. Ele ligou para várias pessoas pedindo para que fizessem o favor de ir a reuniões no lugar dele. Aquele homem está disposto a fazer qualquer coisa por você. Pare de ser impenetrável.

Pisquei surpresa.

— Desculpe.

— Não peça desculpas para mim. Peça para ele. Todos têm suas bagagens, Samantha. A dele acabou sendo uma bagagem pública. Ele precisa de alguém ao lado dele em quem confie. Precisa de alguém que não o use ou que não o deixe esquecer que ele é humano. — Chadwick esticou a mão e cutucou meu ombro. — Ele precisa de você.

— Você me cutucou. — Olhei para o dedo dele.

— Cutuquei. Eu cutuquei a duquesa. — Ele suspirou. — Esta foi a primeira vez.

— Você acha mesmo que ele precisa de mim?

— Acho que vocês precisam um do outro.

— Ah, meu Deus. — Suspirei. — E se ele machucar meu coração? Vou ficar estampada em todas as capas de revista. A duquesa americana que levou um chute do príncipe.

— Mas não sabe se será você a dar o chute — observou Chadwick.

— E se ninguém chutar ninguém? — Eu disse aquelas palavras bem baixinho.

— Digamos, e se vocês resolverem juntar os trapos e terem adoráveis bebezinhos?

— Eu não tinha pensado em bebês, mas e se nos apaixonarmos? Como será, ele e o seu título? Eu simplesmente não consigo imaginar começar alguma coisa com ele, sabendo que há uma data para terminar.

— Ah, querida. Acho que é tarde demais para se preocupar em se apaixonar. — Ele riu. — E por que isso afetaria o seu título? Você é da realeza. Não existe nenhum motivo para ele não se casar com você. Mas que diabos, o Príncipe de Gales, na Inglaterra, casou-se com uma plebeia. O mundo está mudando.

— Mas, eu? Eu não sou de Lilaria. Não de verdade. — Franzi a testa. Chadwick pensava que era tarde demais para me preocupar em me apaixonar? Não era amor. Era fascinação. Eu gostava dele, sim. Eu o respeitava. Sem dúvida o cobiçava. Mas não era amor. Ainda.

— Pessoas da realeza casaram-se com pessoas da realeza de outros países ao longo de toda a história. A chave é fazer a pessoa sentir-se amada. Deixar claro que eles vêm em primeiro lugar. — Ele disse algo em lilariano e me endireitei na cadeira.

— O que isso significa? — Era exatamente a mesma frase que Alex havia dito no avião depois de me ajudar a colocar o vestido.

— Com amor tudo é possível. — Ele sorriu para mim. — É uma expressão bastante comum por aqui.

— Tudo... — Ouvi aquelas palavras e tentei aplicá-las a Alex e a mim.

— Pense nisso. — Ele se levantou e se espreguiçou. — Eu vou me deitar.

— Obrigada, Chadwick. — Sorri para ele.

— Do quê?

— Por deixar que eu seja eu. — Eu me levantei e o abracei. — Por me cutucar, por conversar comigo.

— Ah, você fica uma boba quando bebe. — Ele riu. — Vá dormir um pouco.

— Eu vou, mas não estou bêbada.

— Boa noite.

Levei nossas taças para a cozinha e passei água nelas antes de subir. Chadwick deve ter mandado alguém desarrumar minhas malas, pois minhas roupas estavam no armário e nas cômodas. Por capricho, peguei uma das camisolas de cetim e passei a mão nela. O vinho havia me deixado com calor e era gostoso sentir seu tecido frio na pele. Escovei os dentes e subi na cama, mas não consegui

me ajeitar. Eu não conseguia tirar da cabeça a frase de Alex. Aquilo poderia ser verdade? O amor era capaz de tudo? Passei os dedos no colar.

Depois de um tempo, decidi ir buscar um copo de água. Em menos de trinta segundos depois de ter saído do quarto, bati o dedo do pé e tive que correr para me apoiar em uma mesinha. Segurei no corrimão da escada e comecei a descer os degraus devagar. Seria muito irônico eles me trazerem de volta para cá e eu cair da escada logo na primeira noite. A luz de um abajur no canto da cozinha era suficiente para eu encontrar os copos. Coloquei um pouco de água e encostei-me no balcão.

Eu estava pensando em fazer um lanchinho já que não tinha conseguido fazer meu próprio sanduíche até então, quando alguém bateu na porta da frente. Meu corpo todo ficou paralisado, menos meu coração, que se acelerou. Coloquei a taça na mesa e fui até a sala de estar. Talvez Chadwick tivesse se perdido a caminho de casa. Mas eu também não era maluca, e peguei a estátua de um busto em cima de uma mesa que ficava ali do lado. Fui até a porta, tentando olhar pela pequena janela no topo, mas não conseguia ver nada.

— Quem é? — gritei.

— Alex.



# Vinte e seis

## *Uma festa do pijama real?*

— LILARIAN TALE

**Se achei que meu** coração batia rápido mais cedo, não se comparava ao que aconteceu quando ouvi a voz dele. Virei a chave e olhei para fora da porta.

— O que está fazendo aqui? — Tirei um pouco dos meus cabelos dos olhos. Ele estava em pé, de calça jeans, uma camiseta escura e uma jaqueta.

— Preciso ir embora amanhã à tarde. — Ele colocou as mãos dentro dos bolsos. — Posso entrar? Está frio.

— Ah, claro. — Abri mais a porta e dei um passo para trás. Ele passou os olhos pelo meu corpo e percebi que estava ali só de camisola.

— O que você ia fazer com isso?

Olhei para a estátua que eu estava segurando e coloquei-a de volta na mesa.

— Sei lá. Acho que ia bater na sua cabeça.

— Ah, estou vendo. — Ele realmente estava vendo alguma coisa. Não tirava os olhos de mim. — Achei que você dormisse de calcinha.

— Era brincadeira. — Franzi a testa.

— Bom, isso também não é ruim. — Ele deu um passo para frente e seus dedos roçaram o tecido que cobria a minha cintura. — Você



estava andando por aqui para pegar um copo de leite?

— De água. — Perdi minha voz e precisei engolir para molhar minha garganta. — Por que você está aqui?

— Eu falei que vinha ver você antes de ir embora. — Ele não tirou a mão da minha cintura e seus dedos provocavam ondas de desejo pelo meu corpo. — E descobri que preciso ir para Paris amanhã à tarde.

— Ah. — Mordi o lábio superior. — Obrigada.

— Eu estava querendo chegar aqui antes de você ir para a cama, mas não esperava encontrá-la vestida assim. — Seus dedos deslizaram um pouco mais para alcançar a alça fina.

— Eu não esperava companhia. — Meus dedos coçavam de vontade de acariciar seu peito.

— O que teria vestido se estivesse esperando companhia?

— Shorts e camiseta, se é que Chadwick deixou algum quando fez minhas malas. Ele detesta esse tipo de roupa e me fez ir às compras. — Respirei fundo quando ele aproximou-se de mim. — Sorte sua.

— Sorte minha. — Senti sua respiração em minha pele e tremi. — Por que você queria me ver, Samantha?

Agora seus dedos tiravam o cabelo do meu ombro e passavam sobre a pele do meu pescoço. Não sei se era o vinho ou o fato de eu não querer mais lutar contra aquilo, mas lancei a sorte aos ventos.

— Me beije.

— Isso não é bem um pedido. — Ele não tirava os olhos dos meus lábios.

— É uma ordem.

— Está mais do que na hora.

Sua boca envolveu a minha enquanto ele abraçava meu corpo. Passei as mãos por seu peito enquanto devolvia seu beijo. Quando me puxou contra seu corpo, gemi de prazer. Girando, ele me

prensou contra a porta da frente e pude sentir a saliência em suas calças pressionando contra meu quadril.

Ele afastou sua boca da minha e beijou meu pescoço. Sua língua passou embaixo da minha orelha, a qual em seguida, ele mordeu suavemente. Deixei a cabeça cair contra a porta e gemi. Ele passava as mãos em minha cintura, descendo para os meus quadris e pelas minhas costas.

— Jesus, não me canso de beijar você. — Ele sussurrou aquelas palavras antes de capturar minha boca em mais um beijo ardente.

Ele não era o único que não se cansava de me beijar. Eu havia aberto a caixa de Pandora e não tinha mais volta. Tirei a jaqueta dos ombros dele e ele me soltou apenas o suficiente para deixar que ela caísse no chão. Suas mãos passaram pelo meu corpo, seus dedos traçavam meus mamilos através do tecido da camisola. O fogo tomou conta da minha pele, cada célula de meu corpo estava acesa com aquele desejo.

Passsei as mãos embaixo de sua camiseta para sentir seus músculos antes de levantá-la para tentar tirá-la de seu corpo. Ele tirou a camiseta rapidamente e jogou-a de lado. A luz da lua entrava pelas janelas, fazendo com que seus olhos brilhassem enquanto ele se aproximava de mim. Ele colocou as mãos em minha bunda e me tirou do chão. Passei as pernas em volta da cintura dele e suspirei aliviada quando ele pressionou seu corpo rígido contra meu ponto de prazer. Sua boca abriu meus lábios e ele me beijou como se estivesse se afogando. Virei meus quadris devagar, curtindo a sensação de tê-lo entre as minhas pernas. E então de novo, com mais força.

— Ah, merda. — Ele parou de me beijar e gemeu no meu pescoço.

— Eu quero você — sussurrei as palavras no ouvido dele enquanto me mexia contra ele. Esqueça a precaução. Esqueça a

força de vontade. Eu queria Alex e não ia mais lutar contra isso.

Ele se afastou da porta, ainda me segurando no colo. Beijeí seu pescoço e ele saiu cambaleando pela casa e subiu as escadas. Quando chegamos ao andar de cima, ele andou com muito mais firmeza e chegamos ao quarto em um segundo. Ele me colocou ao lado da cama e colocou suas mãos em concha no meu rosto.

— Tem certeza de que você quer isto? — Ele respirava pesado e pressionava sua testa contra a minha. — Não tem volta.

— Já falei. — Passei os dedos na calça dele antes de abrir o botão. — Eu quero você, Alex. Quero você todinho. Neste exato momento. Sem joguinhos, sem desejos. — Devagar, abri o zíper antes de puxar e tirar sua calça.

— Você está usando algum método anticoncepcional? Ele tirou os sapatos, tirou a calça e deixou a cueca cair.

— Sim. — Minha respiração ficou presa na garganta. Ele era maravilhoso.

— Devo me preocupar com a sua saúde?

— Está tudo bem. Estou saudável. — Ele olhou para mim com seriedade. — E você?

— Fiz exame depois de terminar com meu último namorado. Está tudo bem.

Ele se aproximou, pegou minha camisola e puxou-a pela minha cabeça. Ele olhou para os meus seios e então para as minúsculas calcinhas pretas que eu estava vestindo.

— Desde que a ajudei a abrir o zíper no avião que tenho vontade de tirar a sua roupa. — Ele colocou uma mão em volta do meu pescoço, levantando a minha cabeça. — Se estivéssemos sozinhos, eu teria rasgado aquele vestido naquela hora. — Seus lábios tocaram os meus em um beijo vagaroso e brincalhão enquanto sua mão livre escorregava pelos meus seios até chegar na cintura. — Foi uma tortura deixá-la no seu quarto naquela noite.

Ele nos levou para trás até que minhas pernas tocaram a cama e nos abaixou com cuidado. O calor da sua ereção contra a minha pele era inebriante. Ele desceu as mãos contornando meus seios enquanto me beijava, e seus dedos acariciavam meus mamilos delicadamente. Gemi e meus quadris se encaixaram nele.

— Tão ansiosa. — Sua risada profunda ecoou em seu peito. Ele mudou de posição para poder escorregar a mão entre nós, esfregando o crescente ponto úmido entre as minhas pernas. — Tão molhada.

Com cuidado, ele desceu minha calcinha pelo meu corpo e me ajudou a tirá-la. Ele voltou deslizando pelo meu corpo, com seu rosto roçando a minha pele. Respirei fundo quando acariciou os pelos entre minhas pernas, mas não parou até chegar no peito. Agarrei seus cabelos quando começou a beijar o bico do meu seio esquerdo. O prazer invadiu meu cérebro e eu só conseguia pensar em uma coisa. Mais. Eu queria mais.

Ele passou a mão entre as minhas pernas e as abriu voluntariamente. Com dedos firmes, ele explorou minhas dobras e enfiou o dedo dentro de mim. Enfiei as unhas no ombro dele e gemi alto.

— Você é linda.

Abri meus olhos e o vi olhando para todo o meu corpo, devagar. Coloquei uma mão entre nós e ele mudou de posição para que eu pudesse tocá-lo também. Passei meus dedos pelo corpo dele, apreciando a maneira como ele respirava fundo enquanto eu fazia aquilo. Depois de um tempo, ele se afastou e passou a boca em meu outro seio e mordeu-o delicadamente. Quando apoiou os joelhos entre minhas pernas, me abaixei para acariciá-lo de novo, bem devagar para conseguir tocar cada parte do corpo dele.

Ele gemeu alto e sentou-se, passando os olhos por todo o meu corpo. Eu estava respirando pesado, mais do que pronta para ele. Eu

me inclinei o suficiente para poder puxar a cabeça dele para encontrar a minha, pois precisava do seu beijo, enquanto ele brincava com minha abertura. Com penosa prudência, ele entrou em mim devagar. Muito mais devagar do que eu queria.

— Uau, você é apertada, Samantha.

Eu não conseguia responder. Minha respiração ficou presa na garganta quando ele finalmente conseguiu entrar. Ele ficou ali parado por um minuto, deixando que me acostumasse com ele, até que me mexi embaixo dele para avisá-lo de que estava pronta. Quando finalmente começou a se mover, eu não conseguia mais pensar. Não conseguia fazer mais nada além de vivenciar aquele momento.

— Ah, Deus — gemi.

Ele trouxe a boca até meu ouvido.

— Alex. Meu nome é Alex, não é Deus. Quero ouvir você dizer o meu nome.

— Ah, Deus. Alex. Alex. — Eu disse o nome dele repetidas vezes, sempre que ele mexia seus quadris.

— Samantha — sussurrou meu nome em meu ouvido e entendi o que ele precisava. Enfiei meus calcanhares na cama e levantei meus quadris para alcançar um ângulo melhor. Ele gemeu alto e acelerou seu ritmo.

— Samantha, não vou conseguir esperar muito mais. — Ele agarrou meu quadril com uma mão, batendo em mim. Aquilo era demais e não consegui esperar.

— Alex! — gritei seu nome enquanto caía na cama imprecável. Ele veio logo atrás de mim, enfiando o rosto no meu ombro. Sua respiração quente fazendo cócegas na minha nuca.

Deitamos ali preguiçosamente, com nossos corações batendo forte. Depois de um tempo, ele mudou de posição para apoiar seu peso em um dos braços enquanto beijava vagorosamente meu

pescoço, no lugar onde o charmoso colar estava colocado. Quando sua boca tocou a minha com um beijo suave e gentil, suspirei de contentamento. Ele finalmente soltou minha boca, mas só para acariciar meu cabelo. Rolando, saiu de perto de mim e me puxou para o seu peito. Segui as linhas de seu rosto com os olhos, apreciando como seus traços formavam sombras à luz da lua. Eu gostava da maneira saciada como ele me olhava, o orgulho e a possessão se misturavam.

— Você está com cara de convencido.

— Eu me sinto um pouco convencido. — Ele riu.

— Não consigo pensar em uma maneira melhor de batizar meu quarto novo.

Ele beijou meu rosto.

— Valeu a pena esperar.

— Talvez não devêssemos esperar tanto tempo para a próxima vez. — Apoiei o queixo na mão e usei meu dedo para acariciar seu queixo.

— Concordo plenamente. — Ele passou a mão em meu cabelo e fechei os olhos. — Mas, neste exato momento, acho que não consigo me mexer.

— Isso pode ser viciante. — Descansei a cabeça em seu peito, apreciando o som das batidas de seu coração.

— Você vai ficar aqui? — perguntei. Eu estava naquele transe entre o acordado e o dormindo.

— O máximo que puder.



## Vinte e sete

*O retorno da duquesa será o arauto  
de novos empregos?*

— LILARIAN DAILY

**O canto dos pássaros** me acordou. Abri os olhos devagar, curtindo a preguiça que permeava meus músculos. Mudei de posição e tentei me desembaraçar dos lençóis quando percebi que estava encostada em Alex.

— Bom dia. — Sua voz ecoou em seu peito. Ele estava apoiado no cotovelo e olhava para mim.

— Ah. — Fiz uma careta e fechei os olhos por causa da luz que entrava pelas janelas. — Isso é esquisito.

— O quê? — Ele riu.

— Você me vendo dormir. Será que vai ser igual àqueles filmes em que transamos e então o cara lindo se revela ser uma pessoa estranha?

— Você faz uns barulhinhos enquanto dorme.

— Não faço, não.

— Como se fosse uma gatinha.

Olhei para Alex.

— Não sou uma gatinha. Estou com sono e aborrecida.

— É bonitinha e sexy.

— Ah, não — gemi. — Você é uma pessoa que gosta das manhãs.

— Hum... — Ele se mexeu para que eu me deitasse de costas e acariciou meu pescoço.

— Vamos ter problemas. — Suspirei quando ele passou a mão na minha barriga.

— Acho que você está certa. — Ele se virou e pude senti-lo pressionando minha perna.

— *Oh boy.*

— Diga isso de novo. — Ele riu enquanto escorregava por baixo dos lençóis, sua boca passava pela minha pele.

— *Oh boy.* — Sua boca cobriu um dos meus seios, sua língua brincava com meus mamilos. — *Oh boy.*

Quando abriu minhas pernas e beijou minha pele, comecei a gemer. Eu estava começando a pensar que havia sido acordada pelo despertador errado durante todos esses anos. Ficou um tempo me saboreando e me lambendo, fechei os olhos e fiquei repleta de satisfação. Quando ele colocou os dedos dentro de mim, meus quadris se mexeram em resposta. Eu estava dolorida, mas de uma maneira boa, como depois de fazer exercício estando parada há algum tempo. Uma coisa era certa, ele fez com que eu me exercitasse.

Ele concentrou toda sua atenção no lugar sensível na parte de cima do monte de Vênus enquanto chegava ao ritmo perfeito. Seus dedos alcançaram o ponto certo e gemi alto. Abaixei a mão, enrolando meus dedos em seu cabelo loiro. Aumentei meus movimentos e ele entendeu a dica. Subiu pelo meu corpo me lambendo e me chupando até sair dos lençóis. Colocou a mão entre nós e esfregou sua masculinidade em mim.

Eu gemi, precisando dele, e ele sorriu presunçosamente.

— Peça.

— O quê? — Minha voz saiu sem fôlego.

— O que não me pediu na noite passada.



Molhei os lábios.

— Por favor, me beije, Alex.

A boca dele cobriu a minha e pude sentir o gosto de nós dois, seus lábios. Sua língua escorregava em minha boca enquanto ele continuava a me provocar embaixo das cobertas. Diminuiu o ritmo apenas para não me fazer gozar, e em seguida tirou. Rosnei frustrada em sua boca. Quando ele fez aquilo de novo, coloquei as mãos em sua bunda e puxei-o. Fiz alguns movimentos antes de ele rir e se afastar.

Ele se sentou e os lençóis caíram atrás dele, permitindo que eu apreciasse aquela visão à luz da manhã. Segurando meus quadris, ele me puxou, levantando-me para que ele pudesse entrar. Minha respiração saiu em um suspiro de prazer quando ele penetrou em mim. Eu me mexi, querendo mais, mas não consegui acertar o ritmo. Estiquei a mão acima da cabeça, coloquei as mãos na cabeceira da cama e empurrei, fazendo com que nós dois gemêssemos.

Passou a mão na minha barriga e entre meus seios antes de segurar minha nuca. Ele me puxou e gemeu, seus quadris em um ritmo vagaroso e na medida certa.

— Eu podia ficar o dia todo olhando para você. — Ele gemeu mais alto e empurrei a cabeceira da cama com mais força, entrando ainda mais nele. — Deus, como isso é bom.

— Samantha. Meu nome é Samantha, não é Deus.

— Samantha. — Ele se inclinou para frente, apoiando-se na mão que antes segurava o meu pescoço. — Samantha, você é uma delícia. — E então começou a falar lilariano e só consegui prestar atenção no som de sua voz.

Nosso ritmo não era rápido ou apressado, e sim constante para alcançar o gozo. Quando sua respiração acelerou, eu estava lá com ele, atingindo o orgasmo enquanto ele entrava ainda mais em mim.

Ele me deitou e rolou para que ficássemos de lado, mas ainda juntos. Era uma sensação agradável e eu gostava de saber que ele ainda estava dentro de mim. Meu corpo ainda sofria tremores de prazer. A mão dele subia e descia preguiçosamente pelo meu braço.

— É uma delícia acordar assim. — Suspirei em seu peito.

— Que bom que ajudei. — Olhei para seus olhos azuis e me diverti com seu sorriso maroto.

— Mas agora quero tirar um cochilo. — Esfreguei a ponta do meu nariz nele.

— Parece uma ótima ideia. — Ele me puxou com mais força. — Infelizmente, preciso ir embora logo.

A decepção tomou conta de mim, embora eu soubesse que ele precisava ir. Fiquei um tempo sem dizer nada, apenas escutando sua respiração e imaginando o que ele estava pensando. A mão dele continuava acariciando minha pele e eu suspirei. Lutei contra os nervos que estavam começando a borbulhar embaixo de minha pele. A constatação de que já estava envolvida demais foi tomando conta de mim devagar.

— Dá tempo de você tomar café da manhã? — Olhei para ele. Não podíamos passar a manhã toda deitados ali, se ele precisava ir embora. E eu precisava fazer alguma coisa além de ficar obcecada por meus medos.

— Tenho tempo para comer. — Seus olhos brilharam para mim. — E para tomar um banho.

Rolei na cama e me levantei, olhando para trás enquanto ia até o banheiro.

— E você está esperando o quê?

Liguei as torneiras e regulei a água até alcançar uma temperatura agradável. Estava conferindo se tínhamos toalhas suficientes quando ele passou a mão em volta da minha cintura. Respirei fundo e segurei suas mãos.

— Suas mãos estão tão frias!

— É por isso que estou tentando esquentá-las.

— Safado. — Eu me afastei dele e abri a porta do chuveiro. Sorri para ele e entrei embaixo da água. Ele veio bem atrás de mim, abriu a torneira e o outro chuveiro começou a funcionar.

— Você já sabe que eu jogo sujo.

Meus sabonetes tinham sido colocados no banheiro, o que era um pouco estranho, mas não fiquei pensando nisso por muito tempo. Coloquei o sabonete líquido na bucha e comecei a esfregar meus braços, mas Alex tirou a bucha de minhas mãos.

Ele não disse nada, apenas começou a passá-la em meu corpo fazendo círculos. Eu tinha achado que já estava mais do que saciada, mas quando ele se ajoelhou para lavar minhas pernas, meus hormônios ganharam vida. Ele olhou para mim, a água escorria de seu cabelo molhado pelos seus ombros e ele levantou um de meus pés e depois o outro. Havia algo gentil em sua expressão enquanto ele me esfregava e isso fez com que meu coração batesse de uma maneira diferente.

Quando terminou, peguei a bucha e fiz a mesma coisa com ele. Esfreguei bem devagar cada pedacinho de seu corpo. Quando coloquei minhas mãos em suas coxas, ele se virou e seu pênis começou a aumentar de tamanho. Alex segurou meus punhos e colocou meus braços em volta de seu pescoço. Ele me beijou devagar antes de encostar a testa na minha.

— Tudo o que eu queria era ficar trancado aqui dentro com você, mas preciso ir para Paris. — Ele entrelaçou os dedos nos meus. — E se continuar fazendo isso não vamos conseguir sair do seu quarto.

— Agora você vai ter vontade de voltar.

Seus olhos penetraram nos meus.

— Não vou conseguir pensar em mais nada.

Por fim, terminamos de nos lavar e nos secamos. Felizmente, havia escovas de dente extras nos armários. Peguei algumas roupas limpas e me vesti enquanto ele colocava de volta a roupa que estava usando na noite passada. Ele ficou ali em pé por um tempo, olhando para o quarto.

— O que foi? — Coloquei uma meia e olhei para ele enquanto ele franzia a testa.

— Acho que minha camiseta está lá embaixo. — Alex olhou para mim e levantou uma sobrancelha.

— Ah. — Percebi que havíamos deixado evidências. — Ah! Vou lá embaixo buscá-la. — Abri a porta, mas alguém havia dobrado e colocado sua camiseta e sua jaqueta arrumadinhas do lado de fora. — Tanta coisa para ninguém ficar sabendo o que aconteceu aqui.

Ele pegou a camiseta e vestiu.

— Eles não vão dizer nada, Samantha.

— Eu sei. — Franzi a testa. — Não estou preocupada com eles.

— É com a imprensa?

— Acabei de chegar aqui e isso seria ainda mais assunto para os tabloides. — Mordi o lábio. — Mas não sou só eu, Alex. Os jornais iriam abusar disso por causa de você. Quer dizer, pode ter problemas por causa disso? — Fiz um gesto mostrando nós dois.

— Sou adulto, ou você ainda não percebeu?

— Isso eu percebi. — Sorri e sentei-me na beirada da cama ao lado dele enquanto ele calçava os sapatos. — Só não quero causar problemas para você.

— As pessoas vão se interessar por nós, aconteça o que acontecer. Nada vai mudar, se estivermos juntos ou não. — Ele olhou para mim com seriedade. — E não existe nenhum motivo para eu ter algum problema por nossa causa.

— Existe “nós”? — Certamente parecia haver um “nós” depois da noite que tivemos. E da manhã. E do banho.

— Você me disse que não fica com ninguém só por uma noite. — Ele tirou um pouco do cabelo molhado do meu rosto. — E, embora o sexo seja fantástico, também não quero ficar com você só por uma noite.

— Então, nós. — Sacudi minha cabeça. — Alex, eu...

— Não complique as coisas. — Ele franziu a testa. — Podemos ser discretos e ver como as coisas caminham.

— Alguém já sabe.

— Não há como fugir disso. As pessoas vão saber, algumas pessoas precisam saber. — Ele não parecia feliz com esse plano e me senti culpada.

— Alex, não é que eu não queira que as pessoas saibam. Só não quero que as pessoas coloquem pressão em cima de nós. Já fui famosa por uma semana e já sei que nunca teríamos sossego. — Segurei a mão dele.

— Eu entendo. — Ele se levantou e me puxou. — Vamos tomar café da manhã, estou morrendo de fome.

Descemos e ouvimos o som de vozes na cozinha. Alex me deu a mão, depois levou nossas mãos até a boca para beijar meus dedos. Quem encontrou as roupas e pôs perto da porta precisava saber o que havia acontecido. Ou pelo menos fazia uma boa ideia. Não havia motivos para tentar esconder.

Chadwick estava sentado na ilha com um prato cheio de comida à sua frente enquanto Margie andava pela cozinha. Margie foi a primeira a nos ver e sorriu.

— Bom dia, Samantha. Senhor. — Ela fez uma rápida reverência. — Não sabia o que vocês queriam para o café da manhã e por isso fiz um pouco de tudo.

Chadwick olhou para nós e sorriu.

— Bom dia.

Peguei um prato na ilha e um pouco de comida.

— Obrigada, Margie. Você não precisava preparar o café da manhã.

— Eu gosto de cozinhar, e adoro ter pessoas novas para quem cozinhar. — Ela sorriu enquanto cortava algumas frutas. — Chadwick me contou que gosta de comer frutas frescas no café da manhã.

— Obrigada. — Eu me sentei ao lado de Chadwick e ele empurrou uma xícara de café em minha direção.

— O que aconteceu com a Samantha mal-humorada de todas as manhãs? Por acaso tem uma garrafa de café no seu quarto? — Ele deu uma mordida na torrada e olhou para mim com olhos inocentes.

— É uma linda manhã. — Dei de ombros e tomei meu café.

— Uma manhã muito linda. — Alex sentou-se à minha frente e sorriu. Olhei para ele por cima da minha xícara, mas aquilo parecia divertilo.

— A primavera está a caminho — disse Margie. Ela estava de costas para nós e por isso não percebeu os olhares que trocávamos.

— Acho que ouvi alguns pássaros hoje pela manhã — disse Alex enquanto comia suas panquecas.

— Fico me perguntando quando as abelhas vão começar a aparecer — disse Chadwick pensativo. — Para polinizar algumas flores e tal.

— Sério? — Olhei para os dois.

— Ignore-os, Samantha. — Margie virou-se para nós. — Vocês acham que são as primeiras pessoas a dormirem juntos? Ou as primeiras pessoas a terem uma noite animada?

Fechei a boca e coloquei a xícara no balcão. Alex tossiu e virou-se para olhar para a mulher.

— Sinto muito se deixamos você em uma posição desconfortável, mas gostaríamos de manter o acontecido entre nós, se possível. Quanto menos pessoas souberem sobre nós, melhor.

— Ah, eu entendo. Foi por isso que guardei suas roupas e coloquei-as perto do quarto.

— Tinha roupas espalhadas por toda a casa? — Chadwick riu. — Jess ficaria orgulhosa.

— Como sabia que Alex estava aqui? — perguntei. — Ele não parecia nem um pouco surpreso.

— A Land Rover dele está lá fora. — Ele sacudiu a cabeça e olhou para Alex. — E Ned me ligou. Eu disse a ele que achava que você tinha vindo para cá bem cedo para ver se Samantha já estava acomodada.

— Obrigado. — Alex balançou a cabeça.

— Claro que não contei a ele que era você quem estava organizando as coisas dela.

— Criei um monstro — Gemi. Chadwick piscou para mim.

— Eu deveria ter ligado o meu telefone hoje pela manhã, mas ainda não queria ter que lidar com isso. — Alex comeu rapidamente sua refeição.

— Por que precisa ir para Paris? — Eu ainda não havia feito essa pergunta para ele. Havia coisas mais importantes para lidar.

— Um dos líderes foi hospitalizado ontem à noite e ele estava escalado para fazer uma grande aparição. Precisam que eu cubra seu posto nesta semana. — Ele recostou-se na cadeira. — É mais uma questão de promoção.

— Festas e angariar fundos? — Empurrei a comida em volta do meu prato.

— Tem uma festa de gala e algumas placas a serem inauguradas. — Ele suspirou. — Acostume-se com a ideia de inaugurar placas. Você vai perder as contas de quantas terá inaugurado antes mesmo deste ano acabar.

— Placas?

— Para comemorar uma coisa ou outra. — Ele coçou o queixo. — Para algumas pessoas, a monarquia é uma instituição fora de moda. Nós temos um pouco mais de influência do que outras famílias reais que ainda restam porque mantivemos a posse das terras que transformaram nosso país no que ele é. Mas, fazemos muito mais do que algumas pessoas percebem. Somos os únicos enviados para reunir pessoas para eventos, para cumprimentar alguém por um trabalho bem feito. Em uma época em que sucessos reais e sinceros normalmente passam despercebidos, somos nós que fazemos com que sejam notados. Se alguém passou cinquenta anos de sua vida dedicando-se para uma instituição de caridade ou uma causa importante, nós os honramos. Se as pessoas acham que estão sendo negligenciadas pelo governo, podem nos pedir para trazer seus problemas para o parlamento.

— Você sabia que Lilaria é considerada um dos países mais felizes do mundo? — Chadwick perguntou para mim.

— Não, eu não sabia. — Terminei meu café. Realmente não havia pensado na monarquia oferecendo apoio e orientação. E então, de novo, como eu era americana, não havia passado muito tempo pensando no que a monarquia fazia. — É quase como se vocês fossem os pais e o país fosse seu filho.

— Você também faz parte disso. — Alex inclinou-se para frente.

— E sabe como dizer se os pais são bons? — perguntou Chadwick.

— Se seus filhos são felizes — disse Margie.

— Exatamente. — Chadwick sorriu.

Alex levantou-se e colocou o prato na pia. Pela expressão em seu rosto era possível dizer que estava na hora de partir, mas ele não queria ir. Encostou-se no balcão e cruzou os braços, olhando para mim enquanto eu terminava de comer.

— Precisa ir?



— Infelizmente. — Ele desencostou do balcão e caminhou em volta da ilha. Eu me levantei, pretendendo levá-lo até a porta, mas ele me puxou e me deu um beijo ali mesmo. Foi um beijo carinhoso, que me deixou sem ar. Demais para manter só entre nós. — Vejo você em breve.

— Tudo bem. — Olhei para ele e não consegui conter o sorriso. Eu ainda estava me repreendendo por não ter dado esses beijos antes.

Ele deu um beijo no meu colar antes de me soltar, e então sorriu para a cozinheira.

— Obrigada pelo café da manhã, Margie.

— O prazer foi meu, senhor.

— Chadwick, é sempre bom ver você. — Alex apertou a mão dele.

— Boa viagem.

Ele colocou a jaqueta enquanto saía e minhas pernas ficaram bambas enquanto eu o observava partir. Eu me sentei e suspirei.

— De nada. — Chadwick mordeu um pedaço de torrada e sorriu para mim.

— Por quê?

— Por minhas palavras de incentivo. Talvez eu devesse me tornar um conselheiro para a vida.

— Ah, boa ideia, já que está prestes a perder seu emprego atual.

— Parece que seu bom humor matutino foi embora junto com o Alex. — Ele sacudiu a cabeça.

— O que vamos fazer hoje? — Tomei um gole do meu café, ignorando-o. — Gostaria de conhecer um pouco mais da propriedade.

— Não marquei nada para os próximos dias para que possa conhecer a região.

— Ótimo. Quero ir até o lago.

Depois do café da manhã, saí com Stanley para conhecer a propriedade. O lago ficava perto da casa, mas era longe o suficiente para achar que meu pai não conseguiria ir até lá caminhando.

— Temos alguma coisa que poderíamos usar para trazer o meu pai até aqui? — Olhei para a água. Era linda.

— Sim, temos um carrinho de golfe que consegue chegar até aqui, se o tempo estiver bom. — Stanley colocou as mãos na cintura. — Também temos alguns móveis que podemos trazer quando a primavera chegar.

— Parece boa ideia. — Andei pela beirada da água. O barulho de um falcão chamou minha atenção para o céu. O dia havia clareado bastante e ficar ali, ao sol, com os pássaros voando acima de minha cabeça me fazia sentir como se finalmente conseguisse respirar de novo.

— O lago também passa pelo estado do príncipe. — Stanley apontou para o horizonte. — Tenho certeza de que a terra foi dividida dessa maneira para que os dois proprietários tivessem acesso à água.

Balancei minha cabeça. Aquilo fazia muito sentido.

— O que mais temos aqui? Conte-me sobre as terras.

— Há algumas trilhas para caminhadas e uma, que circula o lago, para corrida. — Stanley apontou para a entrada. — Jeanette corre bem cedo e eu ando nas trilhas de tempos em tempos para me certificar de que não há nenhum problema.

— Isso é bom. Gosto de correr quando não está muito frio. — Peguei uma pequena pedra e passei meus dedos nela.

— Também temos cavalos. As pistas de caminhada também são ótimas para andar a cavalo.

— Temos cavalos? — Olhei para ele com um sorriso. — Não ando a cavalo desde que eu era uma menininha.

— Temos três. Vamos conhecer os estábulos.

Os estábulos eram arrumados e vários empregados cuidavam dos cavalos. Todos pararam o que estavam fazendo para fazer uma reverência enquanto Stanley me apresentava a eles, e passei algum tempo conversando e perguntando sobre seus empregos. Os cavalos eram maravilhosos e uma das éguas estava com um potrinho.

— Quantas outras pessoas trabalham no estado? — perguntei enquanto andava por um dos jardins.

— Temos dez empregados que trabalham período integral e cinco que trabalham por meio período. Muitos deles trabalham apenas em alguns dias, fazendo um rodízio.

— Nossa! Tudo isso? — Aquilo era intimidante. — Quinze pessoas entrando e saindo da minha propriedade o tempo todo?

— Na verdade, trabalhamos de maneira bastante organizada e esses números incluem Margie e eu. Eu pretendia contratar mais pessoas agora que temos você por aqui. — Stanley pegou um ancinho que estava caído.

— Por que precisamos de mais pessoas?

— Tenho certeza de que você vai oferecer jantares ou eventos para arrecadação de fundos. — Stanley colocou as mãos nos bolsos. — Precisaremos de mais empregados para lidar com o fluxo de pessoas.

— Jantares? Para arrecadar fundos? — Ri e esfreguei meu rosto.

— Você vai acabar se acostumando com tudo isso. — Stanley riu. — Preciso admitir que estou ansioso por tudo o que vai fazer. Acho que este lugar vai ganhar mais vida de agora em diante.

— Eu acho. Vamos ver.

Passamos bastante tempo conversando sobre as coisas que eram feitas. Provavelmente, eu parecia uma boba para ele, mas Stanley respondia a todas as minhas perguntas explicando da melhor maneira possível. Quanto mais andávamos pela propriedade, mais me apaixonava por ela. Havia tanta história ali, e o meu lugar

favorito de todos era uma pequena área perto de uma parede de pedras. As árvores se sobrepunham e eu conseguia enxergar a maior parte da propriedade. Havia um banco de pedra todo gasto e fiquei imaginando que ele havia sido usado por muitas pessoas ao longo dos anos.

Olhei a casa onde Chadwick moraria e também a garagem. Tirei fotos enquanto andávamos. Eu mal conseguia esperar para mandá-las para meu pai e para Jess. Eles iam amar aquele lugar. Cathy havia telefonado para saber como eu estava me arranjando e disse que queria vir me visitar no fim de semana seguinte. Depois de termos andado por tudo, passei o restante do dia abrindo as caixas que havia trazido comigo e tentando fazer o lugar parecer minha casa.

Eu estava sentada no chão do quarto separando livros quando meu telefone tocou. Peguei o telefone no bolso e sorri como uma idiota quando vi que era Alex.

— Alô?

— Já está sentindo a minha falta?

— Não. — Sorri.

— Mentirosa. — Ele riu.

— Você deveria ser examinado por causa desse seu ego gigante. Não é saudável. — Coloquei alguns livros em uma estante que eu havia liberado.

— Acho que é bem merecido.

— Seria. — Eu ri. — Você não está quebrando alguma regra de relacionamento? Como, por exemplo, esperar um dia inteiro antes de ligar?

— O que posso dizer? Estou pensando naquele banho e no quanto queria ter ficado aí.

Perdi a respiração quando a imagem dele embaixo d'água veio à minha mente.

— Bom, eu avisei.

— É verdade.

— Você já chegou em Paris?

— Estou aqui, já inaugurei uma placa, acabei de terminar uma *conference call* e agora voltei para o meu apartamento.

— Você tem um apartamento aí? Seria bom se não precisássemos manter nosso relacionamento em segredo. Sempre quis conhecer Paris.

— Tenho. Fica no sétimo *arrondissement*. — Eu conseguia ouvi-lo caminhando. — Consigo ver a Torre Eiffel do meu quarto.

— Uau. Achei que teria que ficar na embaixada de Lília. — Eu me encostei na cama.

— Gosto de ter meu próprio lugar. Assim, não preciso explicar para ninguém quando me levanto no meio da noite para tomar um copo de leite.

— Nem sei o que te falar. — Comecei a imaginá-lo andando pelado pela casa.

— Eu sei. Venha aqui para me esquentar. — A voz dele tinha um tom sério.

— Acabei de chegar aqui, Alex. E sua irmã vai chegar daqui alguns dias. — Roí minha unha.

— Acho que é melhor assim. A imprensa daqui pode ser cruel. — Ele suspirou. — Sem contar que você é muito espaçosa na cama.

— Não sou!

— E faz uns barulhos esquisitos.

— Você disse que era bonitinho! — Eu ri.

— E sexy. — Ele riu.

Conversamos por um tempo e ele me explicou um pouco sobre os trabalhos internos do FBT e conversei com ele sobre o estado. Nós tínhamos muito para conversar e só desligamos o telefone quando

ele recebeu outra ligação. E eu não via a hora de falar com ele de novo.



# Vinte e oito

*A realeza vai às compras*

— PARIS POST

**No dia seguinte, convenci** Chadwick e Margie a irem comigo até a cidade. Becca foi conosco, caso precisássemos dela, mas achei que era um exagero. O lado bom era que eu não precisava me arrumar para fazer isso e ninguém esperava que eu aparecesse.

Estacionamos o carro em um estacionamento público e fomos a algumas lojas. Eu queria mostrar meu apoio às famílias que tocavam seus negócios, por isso evitei ir a franquias. Quando entramos em uma floricultura, a mulher que estava lá dentro parecia chocada. Chadwick ria para si mesmo enquanto a mulher tentava me presentear com todo buquê que eu olhava. Por fim, comprei flores para o meu quarto e um arranjo para Chadwick, mas só porque insisti em pagar.

— Nossa. Não consigo me lembrar da última vez em que alguém não quis que eu pagasse por alguma coisa.— Coloquei as flores embaixo do braço e fuzei na minha bolsa. — Quando eu comia macarrão com queijo na faculdade, todos queriam que eu pagasse por tudo. Mas agora que tenho dinheiro, preciso forçar as pessoas a receberem. Achei que ia ter que brigar para ela receber!

— Não se preocupe, haverá muitas pessoas que terão prazer em receber o seu dinheiro. — Margie sacudiu a cabeça.

— Você está certíssima. — Chadwick olhou para mim, obviamente pensando em Jeremy, do zoológico.

Na verdade, era um pouco engraçado andar pela cidade. Algumas pessoas não sabiam o que dizer e apenas ficavam olhando para mim enquanto outras falavam sem parar. Eu não sabia se eles faziam aquilo porque estavam nervosos ou porque achavam que talvez aquela fosse a única chance de falar comigo. Margie e Chadwick sempre me ajudavam a sair, quando isso acontecia, mas na maior parte do tempo as pessoas pareciam entender que eu tinha outras coisas para fazer.

Em certo momento, uma mulher com um bebê no carrinho parou para me dar as boas-vindas. E exatamente no momento em que estava me preparando para pagar pela espuma de banho artesanal que segurava, ela me pediu para tirar uma foto com o bebê.

— Claro. — Sorri para a garotinha e me virei para a mãe que ia tirar a foto com o telefone quando senti algo quente em meu braço. Eu não disse nada até que ela terminasse de tirar as fotos, mas não tinha como esconder a mancha molhada no meu casaco.

— Ah, meu Deus! Duquesa, eu sinto muito. Sinto muito mesmo. Vou comprar um casaco novo para a senhora. — A jovem me entregou uma toalha que estava na sacola.

— Está tudo bem! De verdade, não se preocupe com isso. — Não consegui evitar que uma gargalhada escapasse. — Minha primeira foto com um bebê e eu acabo molhada de xixi. É muito engraçado.

— Nunca senti tanta vergonha em toda minha vida. — A jovem estava prestes a chorar.

— Tome, entregue o bebê e tire outra foto. Quando ela crescer você poderá chantageá-la com a foto.

Ela deu uma risadinha.



— Ah, não. Eu não poderia fazer isso com a senhora.

— Apenas me envie um e-mail com as fotos. Meu pai vai achar isso hilário. — Estiquei meus braços para pegar o bebê e fiz uma careta enquanto Chadwick ria. Ele passou para ela seu endereço de e-mail e ela prometeu enviar as fotos naquela noite.

— E se essa foto acabar nos jornais? — perguntou Margie.

— Eu não me importo. Que título eles darão para o artigo? “Fizeram xixi na duquesa?” — Eu ri. — Talvez consiga provar para todos que sou só um ser humano.

— Foi muito legal de sua parte não deixar aquela mãe se sentir tão mal.

— Nah. Foi engraçado. Tipo, quem mais seria molhado de xixi? Isso só acontece comigo. — Tirei meu casaco e a camisa em um provador de uma loja perto dali. — Ou eu seria a mãe cujo filho teria feito xixi em alguém famoso.

— Ainda assim, foi muito legal da sua parte. — Ela me entregou uma camisa por cima da porta.

— Na verdade não é que foi legal. Eu podia ter ficado chateada ou ter achado graça disso. — Abri a porta e saí. — Não havia mais nada a fazer.

O restante do dia correu bem. Comemos em um barzinho da cidade que adorei. Pela primeira vez desde que cheguei ao país me senti experienciando a cultura. As pessoas falavam uma mistura de inglês e lilariano, normalmente na mesma frase. Gostava de ver que os pássaros estavam presentes por ali. Eles estavam pintados em placas e representados em sinos de vento.

O dono do bar veio se apresentar, mas não ficou. As pessoas sorriam para nós e, aparentemente, a história da foto com o xixi já estava começando a se espalhar. Uma das garçonetes era parente do bebê e trouxe para nós uma porção de batatas fritas.

— Sally ficou tão envergonhada, mas muito impressionada com a sua doçura.

— Não fiz nada de mais. — Sacudi minha cabeça.

As pessoas que entravam no bar olhavam para mim e depois fingiam que eu não estava ali. Era perfeito. Quando voltamos para casa eu estava cansada, mas feliz.

Passei a semana trabalhando com Stanley para entender um pouco mais sobre como administrar uma mansão e descobri que aquilo era tão intimidante quanto eu havia imaginado. Selene veio me visitar, mas como ainda não havia restabelecido meu título oficialmente, eu não podia levar nenhum dos casos locais para apresentar no parlamento. Gostei da visita dela e me peguei ansiosa em trabalhar com ela. Ela era uma mulher esperta que adorava sua casa.

Alex ligava todas as noites e me vi cada vez com mais vontade de ouvir sua voz. Apesar de estar bastante ocupado, ele nunca parecia estar frustrado ou bravo, embora eu pudesse perceber o quanto estava cansado. Ele fazia perguntas sobre a mansão e sobre como eu estava me organizando. Quando contei a ele sobre o incidente com o bebê, ele riu tanto que achei que fosse engasgar.

— Não é tão engraçado assim!

— Ah, é engraçado demais. — Ele riu. — E você achou que a melhor coisa a fazer era tirar outra foto?

— Sim. Tipo, o que mais eu poderia fazer? Acenar para ela e ir embora me sentindo horrível? — Encolhi os ombros embora ele não pudesse me ver. — Foi a primeira coisa que surgiu na minha cabeça. Eu queria que ela risse disso tudo.

— E o incidente apareceu nos jornais?

— O jornal da cidade entrou em contato com Chadwick e pediu uma cópia da foto. Parece que Sally, a mãe, disse a eles que precisavam da minha permissão. — Eu ri. — Eles foram sinceros.

— Isso foi correto da parte dela. — Eu podia escutar sua voz ficando mais grossa.

— Acho que sim. — Suspirei. — Vá dormir. Você parece estar exausto.

— Desculpe, o dia hoje foi incrivelmente longo.

— Nos falamos em breve.

— Boa noite.

Mais tarde, depois do banho, coloquei meu telefone para carregar e vi que havia recebido uma mensagem de texto de Alex.

**Alex:** *Estou com saudade.*

Mordi o lábio por um segundo antes de responder.

**EU:** *Também estou com saudade.*

Quando o fim de semana chegou, eu já estava louca para vê-lo de novo. Quase havia me esquecido de que Cathy viria. Só me lembrei porque ela me mandou uma mensagem de texto na sexta pela manhã. Stanley e eu estávamos no jardim da frente discutindo sobre a cerca danificada na última tempestade de neve quando ela chegou. Ela usava jeans e botas, e aquela foi a primeira vez em que a vi tão à vontade.

Ela saiu do carro segurando um pacote. Veio correndo até mim e me abraçou.

— Ei! — Eu a abracei de volta.

— Você está linda. — Ela afastou-se para olhar para mim. — Eu sabia que ia se sentir melhor depois que viesse para cá.

— Estou realmente começando a adorar este lugar. — Eu a levei para dentro e ela me entregou o pacote.

— Bem-vinda ao lar.

— Você não precisava ter se preocupado. — Segurei o pacote nas mãos e examinei a embalagem.

— Imagine. Você não vai conhecer a casa de uma pessoa sem levar um presente. — Ela sorriu para mim. — Abra.

Rasguei o papel. Dentro, havia uma linda escultura de um pássaro. Retirei a escultura e observei os detalhes. Era um esmerilhão pequeno, mas feroz.

— É maravilhoso.

— Dizem que dá sorte. A maioria das casas tem um pássaro em algum lugar. Quando vi que este era um esmerilhão, precisei comprar.

— Obrigada. Eu adorei. — Estendi os braços para abraçá-la. — Onde acha que devo colocá-lo?

— Muitas pessoas os colocam em cozinhas ou escritórios. — Ela deu de ombros. — Mas isso não importa.

— Já sei onde vou colocar. — Eu levei para o andar de cima e coloquei na mesa da biblioteca. — Perfeito.

Mostrei a casa para ela e contei sobre algumas coisas que havia decidido mudar. Embora adorasse toda a história daquele lugar, eu queria que ele tivesse um toque mais pessoal. As mudanças seriam bem pequenas, mas fariam com que me sentisse em casa.

Eu havia convidado Cathy para comermos uma pizza, mas não sabia onde tinha uma pizzaria por ali. Em vez de pedir uma pizza, eu havia comprado todos os ingredientes e estávamos tentando descobrir como fazer uma massa de pizza.

— Você nunca fez isso antes? — Ela olhou para mim através de sua taça de vinho.

— Não pode ser muito difícil. Um pouco de farinha, um pouco de água, amassar. Nós vamos conseguir. — Dei de ombros com indiferença. — Pegue o copo de medida.

Eu havia dito a Margie para tirar a noite de folga para que ficássemos só Cathy e eu ali. Ela olhou para trás para os copos que estavam no balcão e franziu a testa.

— De que tamanho?  
— Como assim?  
— Que copo você quer? Tem quatro copos de medidas aqui.  
— Eu não sei. — Peguei a receita e li. — Três quartos de xícara.  
— Está no sistema métrico. — Ela riu, mas me entregou o copo certo. — Tome.

— Tinha me esquecido disso. — Franzi a testa. — Espero estar fazendo certo.

Quarenta minutos depois estávamos as duas cobertas de farinha e dando gargalhadas. A massa tinha ficado mole e por isso coloquei mais farinha. Mas isso não ajudou em nada. Cathy estava tentando limpar a bagunça do balcão quando a campainha tocou.

— Eu atendo. — Peguei uma toalha a caminho da porta e tentei limpar as mãos. Abri a porta e meu coração começou a bater forte no peito. Alex estava ali com uma pequena mochila e um enorme sorriso.

— Oi.

— Achei que você só chegaria amanhã à noite! — Sorri e dei um passo para trás para que ele pudesse entrar.

— Consegui terminar tudo mais cedo, por isso vim correndo para casa. — Ele deixou a mochila no chão e veio em minha direção.

— É por isso que estava tão cansado na noite passada? — Ele havia roncado a certa altura, mas quando disse isso ele negou.

— Talvez. — Ele tirou o pano das minhas mãos e jogou-o na mesa da entrada. — Valeu a pena.

Ele colocou as mãos em minha cintura e eu me derreti. Quando seus lábios sedentos me beijaram, devolvi o beijo com paixão, devorando seu sabor. Ele gemeu e me pegou nos braços, levantando-me do chão. Não houve nenhuma hesitação quando ele se virou e começou a andar na direção das escadas.

— Agora entendi por que você está tão feliz. — A voz de Cathy fez com que eu me afastasse de Alex. — Não, não. Não parem por minha causa. Vou comer esta pizza horrível sozinha. — A falsidade em sua voz me fez revirar os olhos. Olhei para ela e ri. Havia farinha por todo o seu rosto e massa grudada em seu cabelo. — Engraçado, né? Você não está muito melhor do que isso — apontou Cathy.

Olhei para Alex, que ainda me segurava no colo, e percebi que eu havia sujado o rosto dele de farinha.

— Ah, não. Eu devo estar toda suja!

Eu me mexi e ele me colocou de volta no chão e beijou meu nariz.

— Não me importo.

— Quando foi que isso aconteceu? — Cathy encostou-se na porta da cozinha. — E não acredito que você não me contou.

— Foi no fim de semana passado. — Alex observava enquanto eu pegava a toalha e limpava o rosto.

— Então seu grande plano funcionou.

— Grande plano? — Olhei para Alex.

— Sim, funcionou. — Ele sorriu, completamente despreocupado.

— Ah, era um plano complicado — confessou ela. — Inacreditavelmente intrincado e bem pensado.

— Verdade? — Olhei para ela e para ele.

— Ficar rondando o máximo possível até que você cedesse. — Ele encolheu os ombros.

— E funcionou! — Cathy riu.

Balancei a cabeça com uma risada. Realmente havia funcionado.

— E você vai me dizer por que está toda coberta de farinha? — Alex estendeu a mão e tirou um pedaço de massa do meu cabelo.

— Noite da pizza. — Eu o levei até a cozinha.

— Noite da pizza dos infernos. — Ele assobiou. — Margie vai ter um ataque do coração.

Olhei pela cozinha e me encolhi. Ele estava certo, havíamos feito uma bagunça.

— Puxa.

— Por sorte sou um bom cozinheiro. — Ele passou por mim e começou a trabalhar. Olhei para Cathy, que estava balançando a cabeça.

— Sente-se! Fale. — Ela bateu em uma das cadeiras da ilha. — O que aconteceu?

— Ah... — Não era exatamente uma conversa que eu queria ter com a irmã de Alex, principalmente com ele ali, escutando tudo. — Só percebi que eu estava sendo difícil.

— E como percebeu isso?

— Chadwick me abriu os olhos.

Cathy jogou a cabeça para trás e caiu na gargalhada.

— Preciso me lembrar disso caso você decida repensar as coisas no futuro.

— Preciso agradecê-lo. — Alex piscou para mim sobre o ombro. Suas mãos estavam ocupadas transformando a nossa zona em algo conhecido.

— Achei que tivesse ido para Paris no fim de semana passado. — Cathy pegou um pouco de queijo em uma tigela que estava na ilha e enfiou na boca.

— Eu fui. Fui embora na manhã seguinte. — Alex riu enquanto eu ficava vermelha.

— Então você realmente precisa agradecer a Chadwick. — Ela sacudiu a cabeça. — E eu vou embora logo depois do jantar.

— Mas convidei você para passar o fim de semana! — Franzi a testa.

— Eu preciso voltar pela manhã, de qualquer maneira. E não vou ficar aqui de jeito nenhum com vocês parecendo dois adolescentes tarados. — Ela piscou para mim. — Vou passar a noite em D'Lynsal.

— Eu sei me comportar. — Franzi a testa.

— Eu não. — Alex não tirou os olhos do que estava fazendo.

— Credo. — Cathy fez uma careta. — De verdade, está tudo bem. Você pode se redimir vindo passar uns dias comigo na cidade. Estou cansada do clube do bolinha.

— Cathy, detesto boates e bares. — Sacudi minha cabeça. — Faço qualquer outra coisa.

— Por favor? — Ela olhou para mim com seus olhos grandes e quase desabei.

— Ei! Pare com isso! Sem fazer olhares de piedade.

Alex riu.

— Achei que Tabitha ainda estivesse na cidade.

Meu estômago se apertou quando ouvi o nome da ex dele e precisei esconder meu ciúme. Quem se importava se ela estava no palácio? Alex estava aqui na minha cozinha.

— Não é a mesma coisa. Ela só quer saber do novo namorado.

— E o Kyle? — Apertei meus olhos. — Ele era a pessoa com quem ela normalmente ia às boates.

— É dele que estou falando. — Cathy franziu a testa.

Alcancei a mão dela e segurei. Não era surpresa ela querer alguém para lhe fazer companhia. Era óbvio que, embora soubesse que deveria tomar cuidado, havia se machucado.

— Só não quero parar de fazer as coisas porque não me sinto bem. — Ela suspirou. — Além disso, você vai ter o Alex para afastar os garotos de nós.

— Samantha e eu estamos mantendo sigilo sobre isso por enquanto. — Eu podia perceber a tensão nos ombros de Alex.

— Por quê? — Cathy olhou para mim.

— Só não quero chamar atenção. — Encolhi os ombros. — Ou ter pressão em cima de mim.



— Estamos apenas nos curtindo. — Alex colocou a pizza no forno antes de se virar.

— Ah. — A boca de Cathy virou-se para o lado e eu pude perceber que ela achava que aquilo era uma má ideia. — Isso não vai ficar em segredo para sempre.

— Nós sabemos.— Alex olhou para mim.

Depois do jantar, liguei para Becca e pedi para que ela levasse Cathy para a casa de Alex. Apesar de ter tomado apenas uma taça de vinho, eu não gostava da ideia de ela ir sozinha até lá. Limpei a cozinha, pois não queria deixar toda aquela bagunça para Margie, mas precisei de muita força de vontade para fazer isso. Tudo o que eu queria era arrastar Alex para o quarto. Mas achei que se limpasse a cozinha naquele momento não precisaria me preocupar em fazer isso pela manhã.

Eu estava limpando a ilha quando Alex se mexeu atrás de mim. Colocou as mãos no balcão, uma de cada lado do meu corpo, e acariciou meu pescoço, fazendo com que me arrepiasse inteira. Quando ele se encostou em mim, consegui sentir o quanto estava excitado, e minha respiração se acelerou. Ele puxou o elástico frouxo, deixando meu cabelo cair sobre os ombros.

Eu me inclinei sobre o balcão para conseguir me esfregar nele, e ele gemeu de prazer. Ele me pressionou e quase me deitei no balcão, com o corpo dele sobre o meu. Ele colocou meu cabelo de lado e passou os lábios pelo pescoço até chegar à minha orelha.

— Você está esperando mais alguém esta noite? — Seus dentes morderam minha orelha.

— Não. — A palavra saiu como um gemido enquanto ele se esfregava em mim.

— Ótimo. — Ele passou a mão entre minhas pernas e o balcão e desabotoou minha calça. — Porque acho que não vamos conseguir chegar lá em cima.

Ele colocou as mãos dentro de minha calça e gemi de desejo. Pressionada entre o balcão e ele, eu não tinha mais nada a fazer além de curtir. Minha respiração falhava e meus joelhos estavam perdendo a força. Mexi meus quadris para me esfregar nele e ele gemeu alto.

— Gosto muito dessa calça. — Ele chegou mais perto e beijou meu pescoço. Sua mão segurou meu quadril enquanto ele se movia em um ritmo lento.

Quando ele se afastou de mim, soltei um gemido de decepção. Felizmente, ele estava apenas arrumando espaço e desceu minha calça até meu calcanhar. Engoli em seco começando a me virar, mas ele continuou com as mãos nas minhas costas e eu não conseguia ver o que ele estava fazendo. Quando ouvi o barulho do zíper da calça dele, minha respiração se acelerou e eu não sabia se estava nervosa ou na expectativa.

Ele passou as mãos na minha bunda, apertando delicadamente. Eu nunca havia transado daquela maneira e não sabia o que esperar. Quando ele esticou a mão para me massagear de novo, eu gemi alto. Eu estava nas mãos dele, fraca de tanto desejo.

— Isso é bom? — Ele me apertou para que eu pudesse sentir seu pênis.

Balancei minha cabeça, sem conseguir encontrar a voz. Seus dedos continuaram a me esfregar até que fiquei toda molhada de prazer. Ele colocou o dedo dentro de mim e parei de respirar. Fiquei paralisada e precisei respirar fundo.

— Samantha? — Pude sentir a tensão em suas palavras.

— Estou bem. — Minha voz estava rouca e por isso engoli e tentei falar de novo. — Eu quero você.

Ele me pressionou de novo, mas dessa vez não parou. Devagar, ele entrou em mim centímetro por centímetro e pude sentir suas bolas pressionadas contra meu sexo inchado. Ele gemeu algo em

lilariano e eu respirei fundo. Foi diferente, mas foi bom. Neste ângulo ele entrava em mim por inteiro.

Quando ele saiu, engoli em seco e em seguida choraminguei pedindo que ele voltasse. E logo meus quadris estavam dançando com ele e eu estava gemendo no balcão. Minha respiração quente deixava pequenas nuvens de condensação na pedra fria.

— Alex! — gemi o nome dele em voz alta enquanto ele acelerava o ritmo.

— Senti sua falta. — Ele continuou e senti o orgasmo chegando ao seu pico. Seus impulsos ficaram mais rápidos, e mais rápido, até que não conseguia mais dizer nada. Com um empurrão final, ele gozou dentro de mim e senti o prazer tomar conta de meu corpo. Minhas pernas tremiam de fraqueza e minha respiração ficou pesada.

— Também senti sua falta.



# Vinte e nove

*Um príncipe nas ruas, um fenômeno na cama*

— THE GOSSIP CROWN

**Na manhã seguinte, acordei** com o ronco de Alex. Abri meus olhos para vê-lo dormindo pesado. Eu não queria acordá-lo porque sabia que estava exausto depois da viagem a Paris. Não podia acreditar que ele havia trabalhado tanto só para conseguir voltar mais cedo.

Estudei os traços de seu rosto enquanto ele dormia para guardar todos os detalhes em minha memória. Acho que nunca me cansaria de olhar para ele. O que havia me surpreendido no último mês era o quanto eu adorava ficar com ele. Não achei que seria possível me sentir tão confortável com Alex, mas estava começando a me perguntar como é que tinha vivido tanto tempo sem ele. Meu telefone tocou na mesa de cabeceira e eu me soltei do braço dele com cuidado para ver quem estava ligando.

Quando vi que era o meu pai, rolei na cama e saí do quarto na ponta dos pés.

— Alô?

— Oi, Sam. — Ele parecia cansado e tentei calcular o horário nos Estados Unidos, mas minha cabeça ainda estava devagar demais para fazer cálculos matemáticos. Eu sabia que era cedo demais para uma ligação telefônica.

— O que aconteceu, pai? — Fui até a biblioteca e peguei um dos cobertores no pequeno sofá.

— O médico quer que eu adie minha viagem.

— Por quê? — Roí minha unha, esperando pela má notícia. Não podia ser outra coisa.

— Não houve nenhuma mudança no exame e eles estão me dando um remédio diferente. — Ele parecia tão cansado que meu coração se apertou.

— Então precisamos trazer você para cá mais rápido ainda.

— Eu quero esperar. O remédio faz com que me sinta muito mal.

— Ele suspirou. — Eles disseram que levaria um tempo para me acostumar com ele.

— Papai, por que eles não experimentam outra coisa? — Sacudi minha cabeça com raiva. — Isso é loucura! Eles precisam mudar o tratamento. — Ele ficou um tempo sem dizer nada e eu ouvi sua respiração pesada. — Pai?

— Isto é o melhor para mim agora. Até mesmo o Dr. Bielefeld acha isso.

— Você falou com o Dr. Bielefeld? — Aquilo fez com que eu me sentisse melhor. — Ele está conversando com seus médicos nos Estados Unidos?

— Sim. Eles entraram em contato com ele quando receberam os resultados dos meus exames. Já falei várias vezes com ele. — A voz dele estava tão tensa.

— E por que está acordado a esta hora? Sua voz está horrível.

— Nossa, obrigado, querida. — Ele riu e, por um segundo, pareceu ser ele mesmo.

— Estou falando sério. Por que está me ligando tão cedo?

— Eu queria falar com você antes que seu dia começasse. Sei que está bastante ocupada e não queria atrapalhar ligando mais tarde.

— E o que é que o remédio faz? Quero dizer, por que está se sentindo tão mal?

— O remédio me deixa ruim do estômago. — Ele suspirou. — E tenho dificuldade para dormir.

— Eu vou para casa. — Cocei meu rosto. — Chadwick pode conseguir um voo para mim hoje à noite ou amanhã.

— De jeito nenhum — gritou ele. Fiquei paralisada, surpresa, afinal, ele nunca levantava sua voz. — Eu vou até aí, lembra? — A voz dele se suavizou. — Só preciso esperar o remédio fazer efeito.

— Quero ir até aí. Eu não teria vindo se soubesse disso.

— Eu sei. — O tom de voz dele me fez franzir a testa. — Está tudo bem. Não queria te deixar chateada, mas sabia que iria querer saber.

— E por que a Patricia não me contou? Falei com ela ontem.

— Eu queria contar para você. — Ele soltou um suspiro. — Eu sabia que iria ficar chateada.

— Pois é, estou chateada.

— Não fique. Faz parte do pacote. Ah, você tem alguma foto do quarto da Patricia? Ela estava me perguntando sobre ele ontem.

— Posso tirar algumas fotos. Acho que ela vai gostar dele. — Eu me levantei e andei pela biblioteca. — Boa tentativa de mudar de assunto. Ainda estou preocupada.

— Não fique. — Ouvi enquanto ele se mexia e percebi que devia estar na cama. — Vou tentar dormir. Depois ligo para você.

— Estou com saudade. — Respirei fundo.

— Também estou com saudade, querida.

Desliguei o telefone e fiquei olhando pela janela da biblioteca por um tempinho. O fato de papai estar tão longe partia meu coração. Principalmente com tudo o que estava acontecendo. Respirei fundo e decidi ligar para o Dr. Bielefeld na segunda pela manhã para ver se

havia alguma maneira de trazê-lo para cá o mais rápido possível. E, se não houvesse, eu largaria tudo e iria para casa.

Usando o cobertor para me cobrir, voltei para o meu quarto na ponta dos pés. Alex não havia se mexido, por isso voltei para a cama e me encostei nele. Um sorriso formou-se em seu rosto e ele passou o braço em volta da minha cintura.

— Bom dia.

— Bom dia. — Fechei os olhos e respirei o seu perfume.

— Está tudo bem? — Ele se virou para olhar para o meu rosto.

— Papai me ligou. Os exames dele não estão bons e eles mudaram seu medicamento. — Respirei fundo. — Ele quer esperar um pouco mais para vir para cá, quer ver se seu corpo se acostuma com o remédio primeiro. O remédio faz com que ele se sintam mal.

— Podíamos pegar um voo e ir buscá-lo.

Olhei para ele com o coração um pouco acelerado. O fato de ele ter se incluído nos planos me aqueceu por inteiro. Passei meus dedos no rosto dele e o beijei suavemente.

— Por que você fez isso? — Ele olhou para os meus olhos.

— Por você ser você. — Cheguei ainda mais perto dele. — Ele não quer que eu vá até lá. Acho que está preocupado achando que se eu for para lá ele nunca vai conseguir vir para cá.

— Ele está tão mal assim? — Ele passou a mão em meu cabelo.

— Ele não disse isso, mas estou preocupada. Vou ligar para o médico na segunda e ver o que ele acha. — Suspirei. — O papai parecia bastante azedo.

— Por que não fazemos algo divertido hoje? Para aliviar sua cabeça até segunda. — Ele se apoiou no cotovelo.

— O que pensou em fazer?

— Vamos para D'Lynsal e vou te apresentar aos meus pássaros. — Ele levantou uma sobrancelha. — Vamos passar um pouco de tempo ao ar livre. A previsão é de que o dia esteja agradável hoje.

— Ótima ideia. — Eu me sentei e me virei para ele. — Podemos ir agora?

— Claro.

A mansão de D'Lynsal ficava a menos de uma hora da de Rousseau. Eu curtia o rádio durante a viagem, admirada com a grande variedade de músicas. Alex bancou o guia turístico e apontava para todos os marcos históricos por onde passávamos. Becca e Duvall estavam em um carro atrás de nós, mas parecia que éramos só nós dois ali.

Quando paramos em D'Lynsal, Alex acenou para o guarda que estava ao portão e ele nos deixou entrar. Se eu tinha achado Rousseau de tirar o fôlego, ela não era nada comparada à casa de Alex. Não era uma casa que parecia um castelo, a mansão realmente *era* um castelo.

— Uau. — Eu me inclinei no banco enquanto ele parava o carro. Havia uma torre em um dos cantos com janelas arqueadas e uma bandeira no topo. Bastante parecido com Rousseau, havia uma entrada de carro circular com um jardim no centro. Diferente da casa que agora era minha, aquela era cercada de várias outras edificações.

— Que prédio é aquele? — Apontei para o prédio mais perto da casa.

— As pessoas que trabalham aqui têm seus quartos. — Ele parou na porta da frente. — Então temos alguns galpões para armazenamento e outros para trabalho. Os estábulos ficam atrás da casa.

Um mordomo abriu a porta da frente e nos fez uma reverência. Percebi que ali haveria muito mais pessoas capazes de vender nossa história para a imprensa. Eu me afastei da mão que Alex colocava em minhas costas e sorri para as pessoas que nos cumprimentavam.



Tentei ignorar o olhar que Alex lançou para mim e me concentrei em olhar tudo ao redor.

A casa era incrível. As paredes de pedra do lado de fora também apareciam do lado de dentro e lembravam uma cabana de caça. Embora minha casa fosse grande, eu ainda conseguia encontrar todos os quartos rapidamente. Mas ali, eu não fazia a menor ideia de onde ficava a cozinha, muito menos o banheiro. Fiquei em pé no salão e virei em círculo, olhando para tudo. Alex me observava enquanto eu examinava o esplendor que era sua vida.

— Você cresceu aqui?

— Temos algumas outras casas, mas passei a maior parte da minha infância aqui e no palácio. — Ele fez um gesto para que o seguisse subindo a grande escada. — Tem uma área da família, menor, lá em cima. Estes são mais lugares de passagem para nós, a não ser quando temos algum evento especial.

Pensei na casa minúscula onde eu havia morado com minha mãe antes de ela se casar com meu pai. A casa para a qual nos mudamos para morarmos todos juntos era maior e mais nova, mas ainda assim nada extravagante. Apesar de todos os retratos de pessoas da família pendurados na parede, parecia um lugar impessoal e eu não conseguia imaginar uma criança morando ali.

— Aposto que você nunca jantou assistindo TV.

— Isso não é verdade. Minha avó costumava deixar que comêssemos colocando aquelas mesinhas em frente ao sofá. — Ele sorriu para mim sobre seu ombro. — Ela era viciada em *The Price is Right*.

— Vocês assistem *The Price is Right* aqui? — Eu ri.

— Acho que eram reprises, mas ela não se importava.

Ele me mostrou a sala íntima no andar de cima e uma pequena cozinha. Havia uma sala de TV separada, fato que eu achei divertido. Nos Estados Unidos, a sala íntima era o lugar onde todos

se reuniam para assistir televisão. Quando ele me mostrou seu quarto, eu estava pronta para ficar impressionada. Ele abriu a porta e entrou. Havia uma grande cama com dossel ao longo de uma parede, mas o restante do quarto parecia bastante moderno.

— Estou com ciúme. — Olhei pelo quarto.

— Por quê?

— Não tem nenhum papel de parede aqui.

Ele riu e me levou até o banheiro.

— Espere até você ver a banheira.

— É uma piscina. — Ele estava certo. Cobicei a banheira.

Ele riu quando saímos do quarto e nos dirigimos ao lado de fora. Eu estava tão ansiosa em ver os pássaros que praticamente descii as escadas correndo. Ele me levou para passear nos estábulos, que abrigavam dez cavalos, e para ver as gaiolas. As gaiolas eram muito mais elegantes do que aquelas com as quais trabalhava na faculdade, mas também eram conhecidas.

Os falcões eram maravilhosos. Alex pegou luvas para nós e me trouxe um pássaro.

— Qual é o nome dela? — Olhei para suas penas e seus pés.

— Tweety. — Olhei para ele e sorri.

— Tweety?

— Lembra do garotinho que você conheceu na primeira noite? O Leo?

— Ah. Ele deu a ela o nome de Tweety?

— Eu dei a ela o nome de Talon, mas ele não concordou. Dá para ver quem ganhou.

Eu ri. Ao me lembrar da maneira como Alex estava com as crianças naquela noite, eu me convenci de que Leo não precisou fazer muito esforço para ganhar aquela briga.

— Quer levá-los para fora? — Ele fechou a gaiola e saiu com o seu falcão. — Tweety e Sylvester se dão muito bem juntos.

— De todas as maneiras. — Olhei para Tweety. — Vamos ver o que temos aqui.

Passamos horas lá fora com os pássaros e eu podia ter ficado mais tempo ainda. Havia algo espetacular em ver os pássaros voarem, suas asas abertas enquanto viajavam nas correntes de ar e procuravam por um jogo.

— Meu pai adorava pássaros. — Alex observava enquanto os pássaros varriam a área. — Não consigo me lembrar de uma época em que ele não possuía um pássaro.

— Existe uma liberdade que vem com o voo. — Olhei para ele.

— Exatamente. Nada os prende aqui embaixo, a não ser que eles queiram. — Ele olhou para mim. — Acho que este é um dos motivos pelo qual ele sempre gostou tanto deles. Eles podiam ir para onde quisessem, quando quisessem.

— Ele se sentia preso?

— Não mais do que qualquer pessoa se sente. — Ele encolheu os ombros. — Todos estão presos de certa forma. Trabalho, família, problemas de saúde. Depende do que importa para você. E por isso é tão importante se cercar de coisas que façam você feliz. Às vezes você tem um dia ruim no trabalho, mas vai para casa encontrar a mulher que ama ou praticar o seu hobby preferido, o restante não importa tanto.

Pensei no que ele estava falando enquanto observava os pássaros. Será que foi por isso que ele continuou vindo atrás de mim embora eu insistisse em mantê-lo afastado?

Na hora do almoço, alguém trazendo comida veio dirigindo um carrinho de golfe até onde estávamos e, então, depois de ver os pássaros, passamos algum tempo curtindo o clima agradável enquanto comíamos. Ele me contou sobre sua família e descreveu feriados que passou com nobres circulando por ali. Era óbvio que sua família era muito mais próxima de alguns nobres do que de

outros, mas ainda havia um sentimento de união muito forte entre eles.

— Algum dos nobres têm empregos regulares? Ou vocês focam em incumbências reais? — Dobrei as pernas embaixo de mim no cobertor que havia sido esticado no chão e peguei uma cenoura.

— Muitos de nós temos empregos. Daniel é formado em publicidade, mas ele usa seu diploma mais com a família do que com qualquer outra coisa. Mas acho que faz alguns trabalhos de tempos em tempos. Quando não está bêbado, Kyle estuda administração, mas não faço a menor ideia se um dia vai usar seu diploma. A minha mãe nunca pede para ele ir aos compromissos da coroa, por isso acho que deveria pensar em alguma coisa para fazer da vida.

— E a Cathy? Ela vai começar a faculdade logo.

— Cathy vai fazer História. Desde pequenininha, ela sonha em trabalhar em um museu. — Ele deitou-se no cobertor e olhou para o céu. — O problema é que ela nunca vai conseguir ter um emprego em período integral.

— Por que não? — Eu me deitei ao lado dele, mas mantive distância. Ele segurou minha mão.

— Ela está perto demais do trono. Até que eu tenha filhos, Max e Cathy são os próximos herdeiros e são obrigados a falar em nome da coroa.

— Isso tudo é tão estranho para mim. É como se vocês não fossem pessoas de fato, apenas objetos. — Franzi a testa. — E depois que tiver filhos? Ela poderá ter um emprego? E Max foi fazer faculdade. Ele vai poder fazer alguma coisa com seu diploma?

— Talvez ela consiga, mas provavelmente vai trabalhar com alguma instituição de caridade. A coroa não pode contar com tudo o que é exigido deles, por isso outros nobres são chamados para ajudar. Max e Cathy sempre farão parte das tarefas diárias da monarquia. A faculdade é apenas uma chance para vivermos um

pouco antes de ficarmos imersos nessa vida. — Ele virou a cabeça e olhou para mim. — Mas há muitas vantagens. Não é só trabalho. Não temos que nos preocupar tanto quanto a família real inglesa, o que significa que não precisamos fazer muitas coisas ao mesmo tempo.

— Eu vou ter que fazer alguma coisa para a rainha? — Eu sabia que tinha responsabilidades na vila Rousseau, mas não havia pensado muito mais, além disso.

— Depende. Normalmente, ela escolhe com cautela. — Ele sorriu. — Acho que podemos considerar que ela teria algumas coisas que seriam perfeitas para você fazer.

— Hum. — Olhei de novo para as nuvens e fiquei imaginando se aquilo mudaria, caso nosso relacionamento se tornasse público. Quando pensei em todas as pessoas que seguiriam os meus movimentos, fiquei nauseada. Alex valia a pena. Mais do que valia a pena, mas ainda era algo com o qual eu deveria me acostumar. E havia uma grande parte de mim que se preocupava que talvez nosso relacionamento não durasse muito tempo. E então eu teria que juntar, publicamente, os pedaços de meu coração partido.

— Ainda tem tempo antes de você precisar se preocupar com isso. Ela não pode pedir que assuma alguma tarefa oficial antes da cerimônia de restabelecimento de título. — Ele apertou meus dedos.

— Bom saber. — Comecei a tirar minha mão, mas ele me segurou com mais força.

— Samantha, você não precisa se preocupar com as pessoas daqui. Elas não vão dizer nada. — Ele virou para o lado e levantou a cabeça. — A maioria dos empregados aqui trabalha para nós há gerações. Suas famílias trabalham para a minha família há anos. Eles são como uma extensão da nossa família.

Mordi meu lábio e olhei para ele.

— Estou dificultando as coisas. Eu sei disso. Mas...

— Você está com medo. — Ele beijou meu rosto. — Eu entendo. E vou esperar até que esteja pronta, mas isso não significa que eu goste disso.

— Você não fica chateado com isso? — Franzi a testa. — Que as pessoas vão ficar especulando sobre nós?

— As pessoas sempre especulam sobre casais. — Ele riu.

— Mas não na primeira página dos jornais!

— Isso vai passar. No fim, eles vão descobrir outra coisa para prestar atenção. — Ele encolheu os ombros.

— Só não estou acostumada com isso. — Suspirei. — Vou chegar lá. Prometo.

Devagar, para que eu conseguisse me mexer, ele se inclinou e encostou seus lábios nos meus. A resposta do meu corpo foi imediata, e nem me lembrei de quem poderia estar nos observando. Ele continuou a me provocar dando beijinhos até que mordi seu lábio inferior. E então nos beijamos de verdade. Passei as mãos nos seus cabelos, apreciando a sensação que provocavam em meus dedos.

Quando ele finalmente se afastou, eu me aconcheguei perto dele e ele riu.

— Eu devia beijar você com mais frequência. Fica muito mais fácil concordar com você.

— Feche a boca e me abrace.

Passamos o resto do fim de semana com os pássaros ou conversando sobre a região. Alex sabia muito bem me distrair, mas, à medida que a segunda-feira se aproximava, minha ansiedade aumentava.



# Trinta

## *Um encontro de amor real*

— L.A. DAILY

- **Ele ainda não retornou** minha ligação.

Coloquei meu telefone no bolso e olhei pela janela do carro.

— Samantha, faz duas horas, e ele estava em uma cirurgia. — Chadwick abaixou o jornal para olhar para mim. Havia uma foto de Cathy na página que ele estava lendo. — Eu sei que está preocupada, mas dê um tempo ao cara. Ele não pode sair correndo da sala de cirurgias para falar com você.

— Eu sei. — Suspirei. — O papai estava realmente animado hoje de manhã. Estou começando a achar que é culpa do remédio.

— Sim, ouvi dizer que isso pode acontecer com alguns medicamentos. — Chadwick dobrou o jornal. — Ele vai ligar para você. Você não pode fazer nada agora, então concentre-se no motivo de estar na cidade.

— Reunião com políticos. — Eu me recostei no assento. — Isso vai ser fantástico.

— Respire fundo. É apenas por uma hora e então pode voltar para casa e usar jeans de novo.

— E ir para as aulas de lilariano. — Peguei meu casaco.

— Vai dar tudo certo.

Encontrei com o conselho local de líderes, ouvi o que todos eles faziam e como achavam que eu poderia ajudar. Foi uma manhã interessante e o café da manhã estava delicioso. Simone, a figura do prefeito local, manteve todos focados e nós realmente conseguimos ter um encontro produtivo. Quando eu estava indo embora, ela me puxou para o lado para agradecer pela minha presença.

— Imagina, gostei de ver como as coisas funcionam. Sei que ainda não posso apresentar uma petição ao parlamento em nome do povo, mas se existir alguma coisa que você consiga pensar, me avise. Tenho tempo para analisar, mesmo não podendo fazer muita coisa por enquanto.

— Gosto dessa ideia. Assim poderá ir fundo nisso quando chegar a hora.

— Gosto de estar preparada. — Apertei a mão dela.

— Que maravilha. Espero que não se importe que eu tivesse abordado o assunto, mas acho que talvez não tenha pensado nisso. — Ela se aproximou um pouco mais, ainda segurando minha mão. — Eu sei que você estava preocupada com a maneira como os habitantes locais reagiriam à sua volta para casa e pensei em algo que talvez faça você se sentir melhor. As famílias reais que representam as diferentes províncias normalmente abrem a casa ou fazem festas para os habitantes locais pelo menos uma vez por ano. Isso favorece a conversa e faz com que os moradores se sintam valorizados. Depois que seu título for restabelecido, talvez seja uma boa ideia dar uma festa.

— Vou pensar nisso. Obrigada.

Passei aquela tarde com uma senhora simpática chamada Sra. Rewell, que se recusou a falar em outra língua comigo, além de lilariano. Pensei em me esconder no roupeiro, mas Chadwick ficou de olho em mim. Quando ela foi embora, eu já sabia cantar as letras



do alfabeto com facilidade e contar até vinte. Eu me sentia como se tivesse corrido uma maratona.

Alex havia voltado para a cidade para trabalhar em alguns projetos que precisavam da atenção dele. Ele queria esperar eu falar com Dr. Bielefeld antes de sair, mas insisti que ele fosse. Eu não queria que adiasse coisas importantes só porque eu estava preocupada.

Quando anoiteceu, eu estava muito mal-humorada. Não só porque o médico não havia retornado minha ligação, mas porque eu não conseguia encontrar o meu leitor digital. Quando o telefone tocou, nem olhei para ver quem era.

— Sim? — Eu tirava coisas da minha mochila, torcendo para ter colocado meu leitor digital lá dentro por algum motivo.

— Oi para você também. — Alex riu. — Dia ruim?

— Sim. O médico não me ligou de volta e uma senhora muito simpática passou três horas se recusando a falar inglês comigo. — Sacudi meu casaco, mas nada do leitor digital.

— Sinto muito pelo Dr. Bielefeld não ter ligado de volta. — Sua voz teve que percorrer um longo caminho para me acalmar. — Deve ter acontecido alguma coisa importante.

— Provavelmente. Só quero saber mais sobre os exames do meu pai e sobre o medicamento. — Eu me sentei na cama e suspirei. — Só foi um dia frustrante.

— Imagino. — Ele ficou em silêncio por um tempo. — Você aprendeu um pouco de lilariano?

— Um pouco. Acho que ela está fazendo o trabalho dela.

— Bem, isso é bom. — Ele parecia distraído.

— O que está acontecendo?

— Ah, isso pode esperar.

— Ah, não. Fale logo. — Eu me encostei na cama. O dia não ia nada bem.

— Eu não quero que você fique chateada.

— O que foi? — Meu estômago se apertou.

— Alguém publicou uma foto minha na sua casa.

— Isso não é tão ruim.

— Bom, o título da foto é “Encontro de amantes na realeza”. —

Eu podia perceber a preocupação em sua voz por isso tentei segurar minha resposta imediata. — Samantha?

— Está tudo bem, Alex. — Mordi meu lábio.

— Percebo na sua voz que não está tudo bem.

— Tudo bem.

— Ah, agora sei que o negócio está feio. Não importa a língua que uma mulher fale, quando estas duas palavras são usadas significa que as coisas não estão bem.

Dei uma risadinha.

— De verdade, está tudo bem. Quer dizer, eles não têm certeza de nada. Talvez apenas esqueçam disso.

— Talvez.

— Acho que vou dormir cedo. — Fechei os olhos.

— Tudo bem. Nos falamos depois.

— Boa noite.

Na manhã seguinte, meu telefone tocou durante o café da manhã e, na pressa em atender, quase o derrubei no chão.

— Alô?

— Posso falar com a Duquesa de Rousseau? — perguntou educadamente uma voz com sotaque.

— Sou eu, a Samantha.

— Ah, e aqui é o Dr. Bielefeld. Peço desculpas por não ter retornado sua ligação ontem. Tive uma emergência para resolver.

— Eu entendo. Só queria fazer algumas perguntas sobre o meu pai. Ele disse que a ultrassonografia não mostrou nenhuma mudança

e que ele estava tomando um novo medicamento. — Eu me levantei e saí. — Ele parece estar deprimido.

— Sim, tenho os relatórios dele aqui. O exame do Sr. Thompson não mostrou muita mudança, por isso, depois de falar com seus médicos nos Estados Unidos, decidimos tentar um medicamento que é bem mais poderoso. Ele, provavelmente, vai sentir alguns efeitos colaterais.

— Que tipo de efeitos colaterais?

— Náusea e insônia são os mais comuns, mas talvez também tenha mudança de humor e temperamento.

— Acho que ele está sentindo tudo isso. — Eu me sentei nos degraus que iam da porta da cozinha para o jardim. — Esse remédio é realmente necessário?

— Duquesa, eu não teria sugerido o tratamento se não acreditasse nele.

— Doutor, como ele está? Achei que ele estivesse melhor.

— O câncer sempre nos deixa preocupados, mas estamos fazendo tudo o que podemos. Quando o Sr. Thompson estiver pronto para viajar, eu vou até Rousseau para examiná-lo pessoalmente.

— Estou realmente preocupada. — Eu disse aquelas palavras bem baixinho. — Achei que ele estivesse melhorando e isso é um pouco traumático.

— Samantha, só posso dizer isso. A doença de seu pai nunca foi um caso simples porque levou muito tempo para ser descoberta. A esta altura, só precisamos tentar impedir que ela se espalhe.

— Eu entendo. — Segurei o telefone com força. — Será que vamos conseguir trazê-lo logo para cá?

— Vou ter uma conferência por telefone com os médicos dele amanhã. Eu aviso se tiver alguma novidade.

— Obrigada.

Eu me sentei lá nos degraus e olhei para o quintal. O principal motivo para eu ter decidido vir embora e aceitar meu título era que poderia conseguir assistência médica para o meu pai. Agora eu estava ali e ele estava doente demais para viajar. Eu me inclinei para frente, apoiei os cotovelos nos joelhos e respirei fundo. Eu estava ali agora e havia algumas coisas que tinham dado muito certo. Eu havia feito novos amigos. Cathy era a irmã mais nova que nunca tive e eu sentia como se Chadwick sempre tivesse feito parte de minha vida. E tinha Alex.

Alex era, de longe, a melhor parte de toda essa confusão. Mesmo com toda a mídia e a pressão assustadora do que poderia significar ter um relacionamento com um príncipe, ele valia a pena. No meio de toda aquela confusão, ele fazia com que me sentisse normal. Nós nos falávamos todos os dias e eu sentia falta dele quando não estava ali. Sentia muita falta dele. Respirei fundo, levantei e guardei o telefone na minha calça. Não havia mais como voltar atrás. A parte mais assustadora era que eu não sabia mais se eu queria voltar atrás.

A Sra. Rewell passou a maior parte do tempo, durante a semana, me dando aulas. Na sexta-feira, eu já conseguia falar quase todas as frases que precisaria usar na cerimônia. Houve especulação sobre Alex e eu, mas ninguém disse nada. Na verdade, na última vez em que eu havia visto uma foto de Alex no jornal, o repórter estava especulando se Alex havia voltado a namorar Adriane escondido. Aquilo me magoou, mas eu sabia que não deveria acreditar. Alex havia ido a um evento beneficente que Adriane organizou, mas tinha me convidado. Na verdade, ele me convidava para ir com ele a todos os eventos. Eu é que sempre recusava, pois simplesmente não estava pronta para lidar com a explosão da mídia, que certamente aconteceria quando eu tornasse aquilo oficial. Eu me recusei a olhar

os jornais depois daquilo e até mesmo Chadwick havia parado de ler quando eu estava por perto.

Quando Alex veio no fim de semana, não tocou no assunto de que eu havia recusado seus convites. Em vez disso, passamos bastante tempo relaxando na banheira gigante. Bom, relaxando um pouco. Eu realmente gostava da banheira, não só por causa da hidromassagem, embora fosse muito gostoso.

— Sabe, quando você se imagina transando em uma banheira tudo parece ser romântico e erótico, mas, na prática, você não sabe onde pôr as pernas. E acaba espirrando toda a água. — Fui para o colo dele e passei meus braços em volta de seu pescoço.

— É mesmo? — Ele passou as mãos molhadas nas minhas costas.

— Hum. — Inclinei a cabeça para trás enquanto ele beijava meu pescoço e descia para meus seios. — Mas não nesta banheira.

— Por quê? — As palavras dele estavam abafadas porque ele estava muito ocupado com meus mamilos.

— Porque é tão... — Ele segurou minhas pernas e me levantou para que eu pudesse deslizar para cima do membro.

— Tão o quê? — Ele mordeu minha orelha e puxou delicadamente.

— Grande. — Gemi enquanto ele se mexia embaixo de mim.

O restante de nossa conversa resumiu-se apenas ao nosso som enquanto fazíamos amor. Seus resmungos de desejo respondiam meus gemidos de prazer. Quando finalmente nos encostamos na beirada, uma sensação ofuscante me deixou sem fôlego.

Mais tarde, naquela noite, apagamos na cama dele com os lençóis enrolados em nossas pernas.

— Você vai ficar aqui? — Ele passou os dedos em minhas costas e eu suspirei de satisfação.

— Você quer que eu fique?

— Sim. — Ele não hesitou ao responder.

— Então vou ficar o tempo que você quiser. — Beije seu queixo e me aconcheguei mais perto dele. As noites que eu passava com Alex eram sempre as melhores e eu conseguia dormir com facilidade. Estar com ele acalmava minha ansiedade e minha preocupação constante. Quase não ouvi o que ele disse em seguida.

— Para sempre. — Ele resmungou as palavras de novo entre meus cabelos. — Fique para sempre.

Meu coração se animou e eu sorri enquanto me aninhava mais perto dele. Alex havia encontrado seu caminho para dentro do meu coração apesar de todos os meus esforços para que isso não acontecesse. E eu não poderia estar mais feliz. Quem teria imaginado que o dia em que ele bloqueou minha entrada na biblioteca também mudou todo o curso da minha vida?

A semana seguinte foi praticamente a mesma coisa. Sem novidades a respeito de meu pai, mas ele parecia estar se adaptando ao medicamento. Ele não estava tão mal-humorado e Patricia disse que ele finalmente estava conseguindo comer. O Dr. Bielefeld não havia me telefonado com mais notícias, mas seu assistente me enviara um pacote com possíveis tratamentos para eu dar uma olhada. Também passei bastante tempo com a Simone. Discutimos casos de famílias locais que tinham questões relacionadas a terras ou problemas com impostos, e fiz minha primeira doação depois de ter visto uma casa destruída pelo fogo. Eu tinha pastas cheias de anotações e nomes. Chadwick e eu passamos várias noites procurando programas de computador que fossem fáceis de usar e eficientes. Eu precisava de um sistema para tomar notas e, embora preferisse fazer isso à mão, não gostava da ideia de ter oitocentas pastas de arquivo.

Descobri que gostava da parte de resolver problemas do meu novo emprego. Era um emprego, mas também fazia algo construtivo. A parte mais animada da semana foi quando Jess me

ligou para contar que Bert a havia pedido em casamento. Meu coração ficou muito mais leve depois de ouvir os berros dela. Quando disse a ela para esperar para comprar o vestido quando viesse me visitar achei que meu tímpano ia explodir. Ela não só ficou animada em fazer compras na Europa como supôs, imediatamente, que eu iria acompanhá-la. Não tive coragem de dizer a ela que não iria, por isso decidi que ia engolir aquilo e iria com ela escolher o vestido.

Só quando a sexta-feira chegou é que comecei a me sentir desanimada. Eu havia estado tão ocupada que consegui não me preocupar demais. Infelizmente, Chadwick havia levado bastante a sério a ideia de me deixar livre nos fins de semana. Ele achava que eu merecia um período de folga, como todas as outras pessoas. Normalmente, aquilo seria ótimo, mas Alex havia me telefonado para avisar que não poderia vir me ver neste fim de semana. Ele teria que estar presente em um jantar formal no palácio e não teria tempo de vir e voltar para lá depois.

— Por que não faz alguma coisa? Ligue para Cathy. — perguntou Chadwick durante o almoço. — Você precisa pensar em outra coisa.

— Você está cansado de mim? — Não que eu o culpasse por isso. Eu estava muito mal-humorada. Eu me levantei e coloquei o prato na pia. Margie estava se acostumando com a ideia de comermos na cozinha e eu estava me acostumando com o fato de ela preparar o que eu ia comer.

— Estou cansado de ver você tão frustrada. — Ele jogou o guardanapo no balcão. — Seu pai quer que fique aqui, mas você acha que deveria ficar com ele. Você sente falta de Alex, mas não quer que ninguém saiba que estão juntos. É como se estivesse se torturando.

— Não estou me torturando! — Margie estalou a língua enquanto guardava a comida que sobrou e eu franzi a testa. — Você também

acha que estou sendo uma imbecil?

— Claro que não acho que está sendo imbecil. Acho que está com medo de ver o lado bom. — Ela colocou o prato que estava segurando na geladeira.

— Como assim?

— O homem que você ama também ama você. — Ela estava de costas para mim e por isso não conseguia ver o meu rosto.

— Feche a boca, Samantha. — Chadwick revirou os olhos. — Só você não vê que está apaixonada por ele.

— Como podem saber que estou apaixonada antes mesmo de eu saber? — Cruzei os braços e olhei para ele.

— Porque não estamos vivendo essa história. É mais fácil enxergar quando você não está envolvido.

— E por falar em estar envolvido, como vai a sua história com Daniel?

— Boa mudança de assunto. E nós estamos bem. A irmã dele, Adriane, está ajudando com os pais dele. — Ele se recostou na cadeira. — Acho que ele não tinha entendido o quanto eu estava chateado até que enviei um ultimato a ele.

— Então vocês estão resolvendo as coisas?

— Estamos tentando. Em vez de conversar sobre isso, ele resolveu tomar providências. — Ele sorriu. — Alex disse a ele que a coroa estava garantida e que eles não seriam preconceituosos.

Sorri. Alex e eu havíamos conversado sobre a situação difícil que Daniel estava enfrentando com sua família. Fiquei feliz em saber que ele havia tomado uma posição para ajudar o amigo.

— Então você está sugerindo que eu saia de casa para você poder ir se encontrar com o seu namorado? — Levantei uma sobrancelha e sorri.

— Eu certamente não acharia ruim...



— Tudo bem. Vou ligar para a Cathy. Ela está insistindo sem parar para que eu saia com ela.

Eu não queria ir às boates, mas ela estava insistindo para que eu fosse, e isso também seria uma desculpa para ver Alex.



# Trinta e um

## *Presidente Gregory visita Lilaria*

— LILARIAN DAILY

**Cathy estava me esperando** no palácio. Quando cheguei lá, ela pegou a mala da minha mão e foi direto para o quarto de hóspedes onde eu havia ficado da última vez. Eu tinha mandado Chadwick embora, prometendo a ele que ficaria bem.

Queria fazer uma surpresa para Alex, por isso não contei a ele que viria. Ele deveria estar em uma reunião, mas eu esperava que ele pudesse sair conosco mais tarde. Mesmo que não pudéssemos dar nenhuma demonstração pública de carinho, pelo menos queria passar um tempo com ele. Quando entrei no corredor, a porta do quarto dele estava aberta e eu apressei meus passos. A reunião dele devia ter acabado mais cedo.

Ele estava sentado à mesa com seu computador aberto e uma pilha de papéis. Eu o observei por um minuto, apreciando seu olhar concentrado, antes de bater na porta.

— Samantha? — Ele se levantou e veio rapidamente até mim.

— Oi. — Entrei no quarto e fechei a porta.

Ele me abraçou e me beijou. Tinha sido uma longa semana sem ele por perto.

— O que está fazendo aqui?

— Prometi a Cathy que sairia com ela e pensei em fazer uma surpresa para você e deixá-la feliz ao mesmo tempo. — Passei a mão no rosto dele e senti sua barba começando a crescer.

— Você veio ao palácio para me ver? — Ele levantou minha cabeça. — Eu sei que não quer ir à boate.

— Eu estava com saudade. — Era verdade. O clube era apenas uma desculpa para eu ficar com ele.

— Eu também estava com saudade. — Ele se abaixou e me beijou mais uma vez. — Mas é bem mais difícil manter o segredo por aqui.

— Vamos só tomar cuidado. — Eu me afastei dele. — Além disso, não vou ficar sentada esperando por você. Eu tenho que ir à boate hoje à noite. — Tentei parecer animada. — Na verdade, sua irmã deve estar no meu quarto neste momento, olhando as roupas que eu trouxe.

— Você vai hoje à noite? — Ele olhou para o relógio. — Preciso terminar umas coisas, mas talvez eu possa ir com vocês.

— Acho que é só para as meninas. — Eu ri.

— Bom, vou me despedir antes de você sair. — Ele fez uma careta. — Realmente tenho bastante coisa para fazer.

— Tudo bem. Agora preciso ir antes que ela decida que minhas roupas não estão boas.

— Vá. — Ele deu um tapa na minha bunda quando me virei e eu olhei para ele, chocada. Ele riu e piscou para mim. — Não se assuste se eu aparecer no seu quarto mais tarde.

— Estou contando com isso.

Eu estava certa. Cathy estava olhando as minhas roupas, mas não tentou me convencer a usar outra coisa. Na verdade, ela tinha gostado tanto do vestido que eu havia trazido que estava procurando informações sobre o estilista no meu computador.

— Bem, disponha — brinquei. O vestido era ousado, mas o que mais me deixava nervosa eram os sapatos de salto que eu precisaria

usar com ele.

— Quem escolheu este vestido?

— Por que acha que não fui eu quem escolhi? — Ela ficou olhando para mim. — Foi a Jess.

— A sua amiga que acabou de ficar noiva? — Ela deu um tapinha no queixo. — Ela tem bom gosto. Ela vai comprar o vestido dela quando vier para cá?

— Sim. Tenho certeza de que não vai se importar se você vier conosco. Na verdade, Jess acharia divertido ter uma princesa ajudando nas decisões.

— Parece divertido! — Cathy já estava pronta para a noite. Seu cabelo longo estava preso para cima e ela estava usando um vestido azul curto e sexy, mas apropriado. — Apronte-se! Não queremos que a ala VIP já esteja cheia quando chegarmos lá.

— Achei que faríamos uma entrada triunfal. — Peguei o vestido no cabide e vesti. Depois de ajeitá-lo no corpo, retoquei a maquiagem e peguei os sapatos.

— Tudo bem, vamos fazer uma entrada triunfal. — Ela assobiou.

Coloquei os sapatos e olhei para minha imagem no espelho de corpo inteiro. Era possível ver o colar que Alex havia me dado, apesar do decote na parte da frente. Passei dedos no cabelo para que parecesse despenteado e olhei para ela.

— Aprovado?

— Eu diria que sim. — Ela balançou a cabeça em sinal de aprovação. — Mas precisamos fazer o teste.

Ela segurou minha mão e me arrastou pelo corredor até o quarto de Alex. Ele estava na mesa trabalhando quando ela invadiu o quarto me arrastando atrás dela.

Alex olhou para cima e parou. Seus olhos famintos percorreram meu corpo.

— Que horas vocês vão sair?

— Agora — respondeu Cathy. — Eu só queria que soubesse o que está perdendo.

— Ah, eu não estou perdendo nada. — Ele encostou-se na cadeira, com os olhos presos em mim. — Vou encontrar vocês lá.

— Achei que tivesse que trabalhar. — Sorri.

— Você não pode sair vestida assim sem mim.

— Então é melhor se apressar. — Cathy agarrou minha mão de novo e me puxou pela porta. — Encontro vocês lá.

Revirei meus olhos para ela. Ela estava animada, e eu havia concordado em sair com ela. Havia uma limusine esperando por nós no lugar dos carros normais. Becca estava lá, como sempre, e eu sabia que era melhor não reclamar. Não havia como irmos a um lugar público sem um segurança.

— Você vai adorar esse lugar. O salão fica acima do piso principal, mas tem bastante espaço para dançar. E o dono terá prazer em nos ajudar, se precisarmos fugir de lá.

— Por que precisaríamos fugir de lá?

— Caso a imprensa fique muito em cima de nós. Não que eu ache que teremos qualquer problema. — Cathy sorriu. — Vai ser divertido! Eu não gosto de Tabitha, e agora que Kyle e ela estão juntos, a situação está péssima.

— O que aconteceu? Kyle parecia estar interessado em você.

— Eu disse não para ele. — Suspirou ela. — Falei um não sério. Não o não da paquera.

Eu não sabia se estava entendendo o que ela dizia, mas deixei que ela continuasse falando.

— E então ele seguiu em frente?

— Em questão de segundos. Ele me disse para tomar uma decisão, eu tomei e ele foi embora com a Tabitha. — Ela olhou para suas unhas. — Eu queria não ter ficado tão chateada.

— Ele era seu amigo. — Encolhi os ombros. — Talvez estivesse com a intenção errada, mas era a pessoa com quem você passava o tempo e agora ele foi embora. Isso faz sentido.

— Você está certa. Eu estava tentando entender por que eu estava chateada. Quer dizer, nunca quis nada com ele além de amizade. Nem sei se eu queria tanta coisa com ele.

— Você só queria um amigo. — Suspirei. — Eu entendo isso.

Paramos na frente da boate e meu coração acelerou quando vi todas aquelas pessoas. Um segurança abriu a porta e nos ajudou. Não precisamos esperar na fila, ou mostrar nossa identificação nem pagar ingresso. Entramos imediatamente e uma promotora nos levou para o espaço VIP.

A boate era legal, mas por baixo de todas aquelas superfícies brilhantes era igual a qualquer outra boate. Tinha música alta, álcool e pessoas com necessidade de desabafar. Não que eu fosse contra qualquer destas coisas, mas, quando você as coloca juntas, normalmente o resultado não é bom. Como, por exemplo, acordar ao lado de Jabba the Hutt. Ou ser apalpada por um homem usando gravata-borboleta e calças lilás. Não que alguma dessas coisas já tivesse acontecido comigo. Tudo bem, eu já tinha deixado um cara com gravata-borboleta passar a mão em mim, mas nunca bebi tanto a ponto de confundir Jabba the Hutt com o Brad Pitt.

A área VIP estava lotada. Kyle estava ocupado se agarrando com uma ruiva que presumi que era a Tabitha e várias outras pessoas dançavam no meio do lugar. Becca havia subido atrás de nós, mas parou assim que passou pela porta.

— O que você quer beber? — Cathy me puxou para o bar.

— Um *cosmopolitan*. — Eu só tinha a intenção de dar uns golinhos na bebida.

Cathy pediu nossas bebidas e então colocou duas cadeiras juntas. Ela me apresentou às pessoas que estavam perto de nós, sempre

tomando o cuidado de usar o meu título antes do meu nome. Fui chamada de duquesa americana mais vezes do que consegui contar. Logo que cheguei, achei a música irritante, mas fui me acostumando com ela.

Cathy havia sido puxada para a pista de dança por um dos caras que ela havia me apresentado, e o amigo dele me perguntou se eu queria dançar.

— Acho que vou ficar por aqui mesmo. — Sorri e então olhei para o outro lado, torcendo para que ele fosse embora. Em vez disso, ele sentou do meu lado.

— Você está gostando de Lilaria? — Ele se aproximou um pouco mais e percebi que ele estava tentando olhar dentro do meu vestido.

— Estou adorando. Adoro todas as árvores roxas e folhas rosas.

— É.

Ele estava tão concentrado em meu decote que não escutou uma palavra do que eu disse.

— Qual é o seu nome mesmo? — Eu me afastei mais um pouco dele.

— Gregory. — Ele molhou os lábios e inclinou-se para frente. — Sou o Barão de Dushner.

— Que legal. — Tirei os olhos dele e fiquei me perguntando se aquele cara era de verdade.

— Você deveria vir à minha casa qualquer hora dessas.

— Não vou me esquecer disso. — Continuei dando respostas curtas, torcendo para que ele entendesse a dica.

— Você quer outra bebida?

— Não, é melhor não.

— Se estiver preocupada com a volta para casa, pode ficar no meu apartamento aqui na cidade. — Ele olhou de novo para o meu vestido e senti meu temperamento mudar. Sempre fui a Samantha

educada desde que chegara a Lilaria, mas aquele bundão estava cutucando a onça com vara curta.

— Olhe para cima, cara.

— Se não quer que olhem para você não deveria usar um vestido assim. — Ele esticou a mão e passou o dedo no meu joelho.

— Não estou usando este vestido para você. — Tirei a mão dele de mim. — E se não quiser quebrar seus dedos, é melhor guardar essa mão.

— Só estou tentando conhecer a nova duquesa. — Ela levantou uma sobrancelha. — Ou você só se interessa por príncipes?

— Eu me interesso por homens. — Eu me levantei. — Não por lesmas.

Olhei para os lados procurando Cathy, mas não conseguia mais vê-la. Respirei fundo e fui em direção ao bar. Pelo menos eu podia beber um refrigerante ou uma garrafa de água até ela voltar. Meu telefone vibrou na bolsinha que eu estava carregando e atendi, achando que fosse ela.

— Onde você está?

— Sam? — A voz de Patricia me deixou paralisada.

— Oi. Sou eu. Desculpa, achei que fosse outra pessoa. — Coloquei um dedo no ouvido. — Você está bem?

— Você pode falar? — Ela parecia cansada.

— Espera um pouco. — Olhei para os lados procurando um lugar silencioso, mas não vi nenhum. Becca não estava na escada, por isso eu também não podia perguntar para ela. Desci os degraus e encontrei um banheiro onde a música estava bem mais abafada. — Agora estou conseguindo ouvir você. O que aconteceu?

— É o seu pai, querida. — Eu sabia que a notícia não era boa para ela estar me ligando, mas ainda assim meu coração parou de bater.

— O que aconteceu? — Minha garganta se apertou. — Ele está...



— Não! Não, mas ele não está bem. — Eu podia perceber a tensão em sua voz. — É pior do que a gente imaginava.

— Eu não estou entendendo. Onde ele está? — O pânico tomou conta do meu peito e vi uma das garotas olhando para mim pelo espelho.

— Sam, eu não sabia que ele estava tão mal. Ele nunca deixava a gente ir com ele nas consultas, lembra? — Ela engasgou e precisou de um tempo antes de continuar. — Ele está no hospital. Não consegui acordá-lo.

— Ele está morrendo? — Minha voz saiu em um soluço e cobri a boca com a mão livre. Eu estava no banheiro da boate enquanto meu pai estava morrendo no hospital.

— Sim, querida. Acho que ele sabia, mas não quis que nos preocupássemos.

— Ele sabia e não contou para nós? — sussurrei as palavras. — Por que ele faria isso?

— Só posso imaginar que ele não queria que passássemos todo o tempo pensando nele.

— Estou indo para casa. Vou precisar arranjar um voo, mas vou o mais rápido que conseguir.

Passei as costas da minha mão no nariz e a garota que olhava para mim me deu um pouco de papel. Murmurei um obrigado enquanto ela saía do banheiro, mas eu não estava prestando muita atenção nela. Precisava ir embora.

— Tudo bem. — Ela soluçou. — Sinto muito, querida. Eu simplesmente não sabia.

— Tudo bem, Patricia. Depois ligo para você.

Desliguei o telefone e respirei fundo. Aquilo não me ajudou. As lágrimas caíam pelo meu rosto sem parar. Como é que eu não sabia que ele estava tão mal? Por que o deixei lá?

Liguei a torneira e joguei água no rosto. Eu precisava sair dali. Precisava ir para o aeroporto. Limpei minhas mãos trêmulas e molhadas no vestido, saí do banheiro e abri caminho na multidão. Alguém me deu um empurrão e eu tropecei, mas levantei rapidamente e continuei em frente. O segurança que estava na porta disse alguma coisa, mas eu não ouvi. O lugar estava barulhento demais. Era barulho demais para minha cabeça.

Praticamente caí para fora da porta e fui em direção à fila de pessoas que esperavam do lado de fora. É claro que nosso carro não estava ali, então procurei por um táxi. Os repórteres haviam se aglomerado do lado de fora e as luzes brilhantes de suas câmeras me cegavam enquanto eu tentava decidir que caminho tomar.

- Samantha!
- Duquesa de Rousseau!
- Rousseau!
- Aqui!
- Você está chateada?
- Alguém fez alguma coisa para você?
- Samantha!
- Onde está o Alex?
- Onde está a Cathy?
- O que aconteceu?
- Aqui!
- Sam!

Eu me enfiei no meio das pessoas e tentei me afastar dos repórteres, mas eles vieram logo atrás de mim. Um deles me alcançou e segurou no meu ombro. Eu me soltei dele e continuei andando. Não fazia a menor ideia de onde estava ou para onde estava indo. Quanto mais eu me afastava da boate, mais meu medo alimentava minha raiva.

- Conte o que aconteceu!

— Me deixe em paz! — Olhei para os repórteres, mas eles continuaram a tirar fotos, sem se importar com o meu sofrimento.

— Por que está chorando?

— Samantha!

— Sam!

O cara que havia agarrado meu ombro reapareceu e puxou minha bolsa enquanto apontava a câmera para o meu rosto. Algo dentro de mim estalou e a fúria correu pela minha espinha. Eu me virei, tirei a câmera da mão dele e chutei o saco dele o mais forte que consegui. Ele caiu no chão gemendo e eu me virei e comecei a andar de novo. Meu corpo todo tremia e eu não conseguia parar.

— Samantha! Por que fez isso?

— O que aconteceu?

— Você está com saudade de casa?

Virei a esquina e o salto do meu sapato esquerdo se prendeu em uma grelha. Não consegui recuperar meu equilíbrio e caí. Bati em uma lata de lixo de metal e fez um barulhão. O metal estava oxidado e uma ponta dele cortou a minha perna. Engoli seco quando caí no chão, minha cabeça bateu na parede de tijolos e mais lágrimas começaram a cair. Tentei me levantar, mas meus pés não respondiam. Senti uma forte dor na perna que não estava cortada enquanto a perna machucada latejava. Alguns dos fotógrafos deixaram as câmeras de lado e vieram me ajudar, mas eu os empurrei para longe de mim. Eu não queria que eles me tocassem. Estas pessoas estavam me perseguindo.

Ouvi um barulho de briga no meio das pessoas, olhei para cima e vi Alex dando um soco no rosto de um fotógrafo que não queria sair da frente. O homem caiu e sua câmera se espalhou em centenas de peças pelo chão de concreto. Alguns dos fotógrafos protestaram por causa do tratamento recebido pelo colega, mas a maioria deles simplesmente tirou mais fotos.

— Samantha? — O pânico em sua voz fez minhas lágrimas caírem ainda mais.

Alex se abaixou, examinou rapidamente a minha perna antes de me pegar nos braços. Os fotógrafos ficaram loucos, mas nos deram licença. Enfiei o rosto na camisa dele e tentei conter os soluços que quase não conseguia mais segurar. Estava tudo errado. Meu pai estava morrendo e eu estava sendo perseguida pelos paparazzi. Mesmo com meus olhos fechados, ainda conseguia enxergar as luzes brilhantes das câmeras.

— Estou com você — sussurrou no meu ouvido enquanto passávamos no meio das pessoas. Quando alguém entrou na frente ele praticamente rosnou. — Saia da minha frente. — Ninguém discutiu. Não sei se foi porque ele era o príncipe ou porque ele havia derrubado um cara.

Becca e Duvall estavam lá, afastando os repórteres e os espectadores de perto de nós para que pudéssemos entrar no carro que estava parado na calçada. Becca havia rendido um homem grande e ele estava ajoelhado na frente dela. Um dos membros da segurança abriu a porta do carro.

— Ligue para o palácio. — Alex entrou no carro me levando no colo. — Samantha vai precisar de um médico.

— Temos um kit de primeiros socorros. — Duvall estava no banco da frente e começou a procurar no porta-luvas.

O carro arrancou do meio-fio e acelerou pelas ruas. Continuei com meu rosto na camisa de Alex, sem conseguir parar de chorar. Quando ele colocou a gaze no corte da minha perna, gemi com a boca fechada e tentei me afastar. Ele me acalmou, mas não me soltou.

— Sinto muito. Sinto muito mesmo. — Solucei e tentei me acalmar.

— O que aconteceu?

— Patricia me ligou. — Solucei e precisei de um tempo para conseguir terminar. — Papai está morrendo. Entrei em pânico e saí correndo. Eu estava indo para o aeroporto.

— Samantha. — A voz de Alex estava repleta de dor.

— Ele está morrendo, Alex. Eu o deixei lá, e ele está morrendo. — Escondi meu rosto na camisa de novo. — Como é que posso viver com isso? Eu o deixei.



# Trinta e dois

## *O câncer não perdoa ninguém*

— NEW YORK REPORTS

**Todas as luzes do** palácio estavam acesas e havia um grupo de pessoas esperando por nós quando chegamos. Alex não deixou que ninguém me tirasse do colo dele e me carregou direto para o seu quarto. Ele me deitou na cama e ficou ao meu lado, dizendo a todos que não precisavam ficar, e pedindo que saíssem.

Uma senhora mais velha, do tipo *mignon*, nos seguiu, dando ordens.

— Samantha, eu sou a Dra. Rains. Vamos cuidar de você. — Ela deu um tapinha em meu ombro antes de começar a examinar minha perna.

Chadwick entrou no quarto e foi direto até a cama. Ele tinha lágrimas nos olhos, mas não disse uma palavra, apenas segurou e apertou a mão que Alex não estava segurando.

— Você vai sentir uma picada. Vou dar uma injeção para anestésiar a região. Vai precisar levar pontos. — Tinha uma agulha grossa, mas não me importei. Não sei se eu estava em choque, mas minha mente parecia congelada.

Alguém me entregou um lenço e vi que era a rainha. Ela me olhava com delicadeza, sua voz calma penetrava na névoa que havia tomado conta da minha cabeça.

— Nós vamos cuidar de tudo.

Apertei meus olhos e as lágrimas caíram. Ninguém poderia cuidar da única coisa que realmente importava para mim. Quando abri os olhos de novo, todos haviam saído, menos Alex e a médica. Ele estava sentado ao meu lado, seu rosto duro enquanto observava o trabalho dela. Eu não olhei, não me importava com a minha perna. Quando ela terminou, olhou o tornozelo do pé que havia ficado preso na grade e envolveu-o em uma faixa.

— Tome isso. — Ela me entregou um comprimido e um copo de água.

— O que é isto? — Abri os olhos e tentei me sentar. Senti os pontos e estremei. Alex abaixou-se e ajudou-me a levantar.

— É para dor. Talvez não esteja sentindo nada agora, mas foi um tombo muito grande e sua perna ainda vai doer por alguns dias.

— Não. Eu preciso ir para o aeroporto. — Sacudi a cabeça e me senti tonta. Ela se inclinou para frente e olhou nos meus olhos.

— Você bateu a cabeça quando caiu?

— Eu não sei. — Senti náusea e engoli. — Não estou me sentindo bem.

— Acho que teve uma concussão. — Ela procurou na mala e pegou uma lanterna. Mexeu a lanterna na frente de meus olhos e eu gemi e levantei uma mão. Com dedos delicados, ela apalpou minha cabeça. — Felizmente, nenhum traumatismo ou sangue. Você vai precisar que alguém a acorde de hora em hora. Só quero que entre em um avião depois de examiná-la pela manhã.

— Você não está entendendo. Preciso ir agora. — Tentei me mexer, mas uma tontura me manteve deitada no ombro de Alex.

— Eu estou entendendo. Espere até de manhã e eu venho examiná-la rapidamente. Tome o remédio e durma um pouco. — Ela me entregou o copo de água e ficou observando enquanto eu

tomava o remédio. Depois que tomei, ela se levantou e olhou para Alex. — Você entende que é importante ela não viajar?

Ele balançou a cabeça e eu sabia que estava derrotada. Depois que a médica foi embora, Alex me ajeitou na cama.

— Volto logo.

Fiquei deitada de lado com os punhos embaixo do queixo e tentei entender o que havia acontecido. Alex voltou com uma toalhinha quente, uma camiseta e uma tigela. Depois de trancar a porta, ele me ajudou a tirar o vestido e então começou a limpar o sangue do meu corpo. Eu não havia percebido o quanto sangrara até ele precisar buscar outra toalha. Fiquei olhando para ele enquanto limpava uma mancha do seu rosto. Depois que terminou, ele vestiu a camiseta pela minha cabeça e me deitou embaixo dos cobertores. Ouvei quando ele tirou os sapatos antes de se ajeitar na cama ao meu lado.

Ele não disse nada enquanto chorei. Eu estava repleta de culpa e tristeza. Estava com medo de não conseguir voltar a tempo de ver meu pai de novo. E as lágrimas pareciam não ter fim. Alex acariciava meu cabelo todo o tempo. Eu não fazia ideia de quanto tempo havia ficado ali deitada e chorando, mas, por fim, eu não tinha nada mais para colocar para fora. Eu me sentia vazia, como se tivessem arrancado um pedaço de mim e jogado fora.

— Onde está a Cathy? — Eu já devia ter perguntado dela. Mais uma coisa para me sentir culpada.

— Ela está aqui. — Ele suspirou. — Ela tinha descido para pegar uma amiga e Becca tinha ido atrás dela. Elas não acharam que você sairia da área VIP.

— Eu não estou brava. Só estou preocupada.

— Você está preocupada com elas. — Ele suspirou. — Elas estão bem. Duvido que Cathy volte àquele clube. Nunca a vi tão chateada.



— Sinto muito. — Minha voz estava tão rouca que precisei limpar a garganta antes de falar de novo. — Sinto muito por ter causado tanta confusão.

— Você não fez nada de errado. — Ele acariciou meu cabelo.

— Eu chutei o saco de um fotógrafo.

Ele soltou uma risadinha.

— Essa é a minha garota.

— Preciso mesmo ver meu pai. Apertei a mão do braço que me abraçava. — Embora eu achasse que já tinha chorado tudo o que podia, engasguei de novo. — Eu o deixei quando ele mais precisava de mim.

— Vamos para lá pela manhã.

— Você vai comigo? — sussurrei a minha pergunta.

— Samantha, você nunca mais vai a lugar algum sem mim.

— E quando eu for ao banheiro?

— Tudo bem. Você pode ir a alguns lugares sem mim. — Ele riu.

— Me desculpe por não estar lá.

— Você estava ocupado. — Solucei de novo.

— Tenho uma coisa para você. — Com cuidado, Alex me soltou de seus braços e andou pelo quarto. Quando ele voltou, carregava algo amarrado com um barbante. — Eu ia levar isso para você neste fim de semana, mas não consegui ir até lá, como pretendia. Ele colocou o pacote na cama ao meu lado.

— É o desenho? — Eu me virei para poder alcançar o barbante e abrir o desenho. Embaixo do papel marrom estava o desenho que havia esperado tanto tempo para ver. Lágrimas encheram meus olhos e eu respirei fundo. — Sou eu.

Ele se aproximou e colocou meu cabelo atrás da orelha.

— Tudo bem se você não gostar. Não sou um artista.

— Eu adorei. — Passei meus dedos pelo desenho. Era simples e elegante; ele tinha capturado meu rosto e toda a emoção que estava

sentindo. — Isso foi quando saí do carro, no aeroporto.

— Havia tanta emoção em seus olhos. Você estava com medo e triste, mas também estava determinada. — Ele levantou meu queixo para que eu olhasse para seus olhos. — Foi o momento em que soube que eu estava perdido. Você estava tão forte e linda.

— Me desculpe por querer manter nosso relacionamento em segredo. — Solucei de novo. As palavras dele me deixavam com vontade de chorar, mas por uma nova razão. — Se eu não tivesse escondido, talvez as coisas tivessem sido diferentes.

Ele pegou o desenho da minha mão e colocou ao lado da cama.

— Eu entendi. Não gostei, mas entendi. — Ele chegou mais perto. — Quando vi você coberta de sangue...

— Eu não queria assustar você.

— Nunca tive tanto medo e tanta raiva em toda minha vida. — Ele pressionou o rosto no meu cabelo e respirou fundo. — Não quero perder você e achava que aquilo era o fim. Queria matar todas aquelas pessoas que estavam lá, tirando fotos enquanto você sangrava.

— Também não quero perder você. — Lágrimas saltavam de meus olhos. — Eu perco todo mundo.

— Foi por isso que foi tão teimosa? — Ele me virou delicadamente para poder ver meu rosto.

— Achei que não fosse conseguir me recuperar se você destruísse meu coração. Não com tudo o mais que estava acontecendo. — Um soluço fechou a minha garganta. — Acho que uma parte de mim sempre soube que a situação do meu pai não era boa. E simplesmente achava que não conseguiria perder tanto ele quanto você.

— E por que me perderia?

— Você vai ser rei! Vai precisar ter filhos herdeiros. — Solucei de novo. Quanto mais eu falava, mais as lágrimas me ameaçavam. —

Sei que sou idiota por me preocupar com isso, mas eu sabia que ia acabar me apaixonando por você. Como poderia não me apaixonar? E então você teria que se livrar de mim para casar-se com outra pessoa. E não pode se casar comigo... Eu não passo de uma americana. E sei que estou perdendo o controle, mas por que começar algo se sei que vai acabar? E, e, e...

— Eu não vou me livrar de você. — Ele colocou as mãos no meu rosto. — Você nasceu para mim. Eu soube disso no momento em que a vi enfrentar o *maitre* no restaurante. Você entende isso? É você. Eu amo você. Fiz aquele desenho no momento em que me apaixonei por você.

— Você me ama? — Meu cérebro estava fraco e eu não sabia se era por causa do que ele falava ou por causa do remédio para dor.

— Sim, eu te amo. — Seus olhos penetraram nos meus.

— Eu te amo. — Passei os dedos em suas bochechas. — Você pode me falar isso de novo quando eu não estiver sob efeito do remédio para dor?

— Vou dizer isso todos os dias.

— Talvez duas vezes ao dia? — Senti minhas pálpebras ficarem pesadas.

— Cem vezes ao dia.



# Trinta e três

*Sua Alteza Real Príncipe Alex e a Duquesa de Rousseau partem para os Estados Unidos*

— LILARIAN DAILY

**A manhã seguinte chegou** rapidamente. Eu me senti como se mal tivesse caído no sono e o sol já estava entrando pela janela. O palácio estava movimentado e era surreal pensar que tudo aquilo era por causa da minha família. Havia segurança extra em todos os portões e os fotógrafos e jornalistas haviam sido afastados do local.

Enquanto a médica me examinava, Alex delegava suas tarefas a outras pessoas. Cathy era quem estava pior, com os olhos vermelhos e lacrimejantes sempre que olhava para mim. Embora eu dissesse a ela que não tinha culpa, sabia que ela se sentia culpada. Becca quis demitir-se, o que achei ridículo. Quando disse que ficasse quieta ela deu uma risadinha e prometeu nunca mais me perder de vista de novo. Eu não tinha certeza se aquilo era algo bom ou ruim. Alex recusou-se a sair do meu lado e, já que eu não podia nem pensar em andar, não saímos do quarto dele até chegar a hora de irmos para o aeroporto.

A rainha havia tomado providências para que seu jato nos levasse de volta aos Estados Unidos e ele estava esperando por nós no aeroporto. Chadwick havia ido para Rousseau no helicóptero da

rainha durante a noite para pegar mais roupas para eu levar na viagem. Stanley e Margie haviam mandado comida, o que divertiu a rainha, mas eu gostei. Era isso que se fazia quando alguém estava passando por um momento difícil. Você os alimentava. Era uma tradição em todas as culturas.

Liguei para Patricia a caminho do aeroporto e fiquei aliviada em saber que papai finalmente havia acordado. Falei rapidamente com ele, mas ainda estava cansado demais. Jess e Bert também estavam com ele e aquilo ajudou a aliviar a frustração que sentia em meu coração. Os médicos não davam muita informação, pois, tecnicamente, eles não eram da família, mas pelo menos meu pai não estava sozinho. Aquilo parecia tão estranho para mim. Patricia, Jess e Bert juntos eram a coisa mais próxima que eu tinha de uma família. Eu falei com um dos médicos a caminho do aeroporto, mas as notícias não eram boas.

As células cancerígenas estavam se espalhando e nada do que eles haviam tentado ajudou. Papai se recusara a fazer mais sessões de quimioterapia e decidiu não contar a ninguém a extensão do problema. Era bem a cara dele não querer ninguém preocupado com ele, mas eu fiquei brava. Sentia como se ele tivesse roubado de mim o tempo que eu poderia passar com ele. Confrontei o Dr. Bielefeld sobre a saúde de meu pai, mas suas mãos estavam atadas. Ele nunca passou nenhuma informação falsa, mas, de acordo com a ética entre médico e paciente, respeitou o desejo de meu pai e só contou o que papai permitiu que ele contasse. Desculpou-se por não ter conseguido fazer nada mais e eu acreditei que ele realmente sentia muito.

Dormi durante a maior parte da viagem, ainda me sentindo muito triste por tudo o que havia acontecido na noite anterior. Eu havia torcido o meu tornozelo e, por isso, precisava usar uma cadeira de rodas e uma muleta para curtas distâncias. A imprensa foi à loucura

quando chegamos ao aeroporto e pude sentir a raiva de Alex como uma força física. A noite anterior estaria para sempre marcada em nossas mentes. Eu também estava brava, mas só queria ir embora dali. A rainha estava cuidando da imprensa e eu confiava nela para fazer o que fosse melhor. Seu primeiro movimento havia sido certificar-se de que não haveria nenhuma acusação de agressão contra Alex e eu. Havia fotos provando que o homem que chutei estava me tocando e segurando minha bolsa, o que me dava o direito de me defender.

E quanto a Alex, parecia que o repórter estava errado por bloquear ajuda pessoal a uma pessoa em apuros. Eu não fazia a menor ideia de como aquilo funcionava, mas estava guardando para provocar Alex num outro dia. Eu tinha certeza de que poderia, depois, fazer várias brincadeiras sobre o Cavaleiro da Armadura Reluzente.

Fotógrafos esperavam por nós nos Estados Unidos, mas decidi ignorá-los. Na verdade, nosso pronunciamento oficial era que não havia nenhum pronunciamento oficial naquele momento e que agradecíamos a todos por respeitarem nossa privacidade durante um momento difícil. Eu não falei nem olhei na direção deles, Chadwick foi o porta-voz sempre que houve necessidade de dizer alguma coisa. Após o fiasco na casa noturna, a cidade havia fornecido escolta policial para nós e uma equipe de segurança fora deslocada para o hospital para cuidar do meu pai. Eles não estavam dando espaço algum. Dava a impressão de que precisávamos desse tipo de proteção para evitar que pessoas apontassem armas para nós, não máquinas fotográficas.

Chegamos à entrada principal em uma onda de sirenes e luzes piscando. Jess, Bert e um homem usando um terno esperavam por nós na porta com uma cadeira de rodas. Alex me ajudou a descer do carro e a sentar na cadeira.

— Sua Alteza. Duquesa. Estou no comando do setor de oncologia. Sinto muito conhecê-los em circunstâncias tão tristes. Se eu puder ajudar de alguma maneira, por favor, não hesitem em falar comigo.

— O homem apertou nossas mãos antes de dar espaço para meus amigos.

Com lágrimas nos olhos, Jess me abraçou e então acariciou minha cabeça como se eu fosse um animalzinho doente. Bert inclinou-se e abraçou-me com cuidado, encolhendo-se o corpo ao ver o machucado em minha têmpora esquerda.

— Estou bem, pessoal. São minhas pernas. Principalmente. Eu poderia andar se Alex parasse de reclamar dizendo que estou indo muito devagar.

— Ha, ha. — Ele empurrou a cadeira pela porta e entramos no hall do hospital. Alguns pacientes pareciam surpresos em nos ver ali, mas ninguém nos incomodou. O médico responsável pelo setor de oncologia parecia um embaixador, levando-nos até papai e perguntando se precisávamos de alguma coisa.

— Como está o papai? — Olhei para Jess.

— Ele estava acordado quando descemos. — Ela suspirou. — Sam, ele não está com boa aparência. Você precisa se preparar.

Balancei a cabeça, mas não disse nada. Uma parte de mim estava aterrorizada pensando no que iria ver, mas a outra parte queria ir logo atrás dele. Alguns funcionários nos observavam enquanto passávamos, mas não me incomodaram. Eles não saíam de onde estavam ou tentavam tirar fotos. Nós é que estávamos interrompendo a rotina deles. Eu me sentia como uma pessoa normal. Quem pensaria que um bando de enfermeiras ocupadas e irritadas faria com que eu me sentisse melhor?

Quando chegamos à porta, pedi para Jess parar.

— Não quero entrar aí de cadeira de rodas.

— Eu ajudo você. — Alex passou o braço em volta do meu ombro e me ajudou a levantar.

— Não dissemos muita coisa a ele. Vocês estão em todos os noticiários, mas sei que você não ia querer que ele visse aquilo — explicou Jess.

— Obrigada.

— Vamos esperar aqui fora.

Alex abriu a porta para que eu pudesse entrar primeiro. Ele se mexeu ao meu lado para me ajudar a suportar o meu peso no tornozelo ruim e atravessamos o quarto até chegarmos à cama do hospital. Patricia estava sentada na poltrona, tricotando. Seu rosto estava pálido e seus olhos, vermelhos. Eu a abraçaria depois de ver meu pai. Primeiro ele.

— Pai? — Toquei sua mão, com cuidado para não mexer em nenhum dos tubos ou cordões. Jess estava certa. Ele mal parecia meu pai.

Ele abriu os olhos devagar e deu um leve sorriso.

— Ei, minha garotinha.

Alex puxou um banquinho para que eu pudesse me sentar e então afastou-se para nos dar um pouco de privacidade.

— Como você está? — Dei a mão para ele e segurei as lágrimas que me cegavam.

— Não estou muito mal, não... — Ele apertou minha mão.

— Mentiroso. — Funguei.

— Sinto muito por estar deixando você. — A voz dele era tão baixa que precisei chegar mais perto para ouvir.

— Então não me deixe.

— Eu sabia que era uma causa perdida. Não vou conseguir ganhar essa.

— Por que não me contou? Por que me deixou ir embora quando estava tão mal? — Sacudi minha cabeça. — Eu teria ficado aqui com



você.

— Não. — Ele levantou a voz. — Você precisava viver a vida. Eu não ia deixar você desistir de algo tão maravilhoso por minha causa.

— Eu poderia ter ido a qualquer momento — respondi frustrada. — Seu velho teimoso.

— Sam, eu não queria que me visse morrer. Você consegue entender isso? Eu queria que se lembrasse de mim. De quem realmente fui. Não desta casca podre.

— Você ainda é você. — As lágrimas escorriam pelo meu rosto. — Eu podia ter jogado palavras cruzadas com você e ter roubado o controle da TV depois que caísse no sono.

— Lembre-se das coisas boas, está bem? — Ele levantou a outra mão. Eu me abaixei para que ele tocasse meu rosto e tentei não soluçar. — Você perdeu tanta coisa em tão pouco tempo. Merecia fazer parte de algo duradouro.

— Nossa família é duradoura. — Eu me encostei na palma da mão dele. Fiquei com o coração partido ao sentir como seus dedos estavam frios. — Eu queria ter estado aqui.

— Não. Eu adorei ouvir sobre suas aventuras e ver as fotos que mandou. — A mão dele caiu e ele olhou pelo quarto. — O Alex veio com você?

— Estou aqui, senhor. — Alex veio e ficou atrás de mim.

— Cuide da minha Sam. Ela é mal-humorada, mas alguém precisa amá-la apesar disso — Ele apertou meus dedos e eu revirei os olhos.

— Eu a amo e vou cuidar dela. — Alex abaixou a cabeça. — O senhor tem a minha palavra.

— Ótimo. — Papai sorriu para Alex. — Ótimo.

Seus dedos soltaram minha mão e eu entrei em pânico.

— Pai?

— Só estou cansado. — Ele fechou os olhos e respirou fundo. Ouvi um barulho alto e mordi o lábio. — Eu te amo.

— Eu também te amo.

Não saí do banquinho até os monitores pararem de apitar e os médicos declararem a sua morte. Eu não chorava tanto há anos. A última vez em que chorei daquela maneira foi quando minha mãe morreu no acidente de carro. Quando eles o tiraram do quarto, Alex me puxou para seus braços e me ninou no seu peito. Eu me senti pequena e emocionalmente ferida. Eu me agarrei em Alex porque precisava saber que não estava sozinha.

Enterramos papai ao lado de mamãe em uma linda manhã de quinta-feira. Chadwick tomou todas as providências, fazendo perguntas apenas quando necessário. Os pássaros cantavam nas árvores e o tempo estava bom para não precisar usar um casaco muito pesado. Havia muitas pessoas na cerimônia, a maioria amigos próximos da minha família, pessoas que serviram no serviço militar junto com meu pai e pessoas da faculdade. Os tiras mantiveram os jornalistas bem afastados e mal percebi a presença das câmeras. Fiquei aliviada ao ver que muitas pessoas respeitavam uma cerimônia fúnebre. Havia tantas flores que acabei pedindo para a funerária começar a enviá-las para o hospital. Seria melhor que os vivos as apreciassem. Rose veio de Lilaria para a cerimônia, colocou coroas de flores sobre os túmulos de meus pais e disse algumas palavras em nome da rainha.

Passei a semana mexendo nas coisas de meus pais. Empacotamos muitas coisas para serem enviadas para Rousseau e demos muitas coisas que não precisávamos guardar. Dei a casa para Bert e Jess como um presente de casamento adiantado. Eles nunca mais teriam que se preocupar em pagar aluguel de novo. Eu gostava da ideia de a casa não ficar nas mãos de um estranho. Jess alegraria o lugar e daria vida nova a ele.

Alex e eu ficamos no meu quarto de infância. Eu me divertia em vê-lo andando de um lado para o outro em uma casa normal,

lavando suas mãos na pia da cozinha ou sentando-se na cadeira antiga de meu pai. Fiquei feliz por papai tê-lo conhecido antes de morrer e não sei se eu entendia a importância daquilo até o momento em que acontecera.

As últimas duas semanas fortaleceram nosso relacionamento. Não havia mais dúvidas de como nos sentíamos um em relação ao outro. Eu lidaria com o restante quando chegasse a hora e faria o meu melhor.

— Podemos ficar mais tempo aqui — disse Alex durante o jantar.  
— Talvez pudéssemos dar um jeito para você poder terminar sua pós-graduação aqui. Eu poderia tirar um tempo e ir para Lilaria só para os compromissos mais importantes.

— O Dr. Geller entrou em contato com o amigo dele em Lilaria. Eles estão dando um jeito para que eu termine minha pós-graduação. — Na verdade, eu estava bastante aliviada com aquilo. Quando Dr. Geller falou comigo depois do funeral, meu coração ficou bem mais leve.

— Ainda assim, poderíamos ficar.

— Não. Estou pronta para voltar. — Sacudi minha cabeça.

— Você pode pensar mais sobre isso. — Ele franziu a testa. — Eu sei que você sente falta de casa.

— Minha casa é onde você está. — Cheguei mais perto e peguei na mão dele. — Nada mais importa.



# Trinta e quatro

*Vida longa para a  
Duquesa de Rousseau*

— LILARIAN POST

**Chegara o dia em** que oficialmente me tornaria a Duquesa de Rousseau. Por causa da morte de meu pai, a rainha havia adiado a cerimônia para o verão. E foi melhor assim. Além de ter conseguido adiantar meus estudos, meus amigos também estavam ali. Patricia, Jess e Bert representavam a minha família e estavam sentados na primeira fila.

Eu podia ouvir o barulho das pessoas se reunindo do outro lado das portas e olhei para Alex. Mordi o lábio e esfreguei as mãos.

— Vai dar tudo certo. Você pode falar o que fala enquanto dorme.  
— Ele riu. — Sim, você fala enquanto dorme.

Suspirei e passei a mão em meu vestido. Era um vestido longo, justo no corpo, e cada centímetro dele era coberto com brilhos prateados. Eu estava usando uma faixa verde da família Rousseau sobre meus ombros e a tiara de esmeraldas. Alex segurou minha mão e eu levei meus dedos até seus lábios.

— Pare com essa inquietação. Você está estonteante.  
— Essa tiara pesa uns trinta quilos. — Levantei a mão e toquei-a delicadamente.

— Você fica muito bem com ela. — Ele passou os olhos pelo meu corpo me admirando. — Você parece uma rainha.

— Por favor. Você viu a sua mãe? — Arrumei meu vestido de novo. Ela estava usando um longo que se arrastava atrás dela, uma espada presa na cintura e um diadema que era mais antigo do que o prédio onde estávamos. — Estou tão nervosa. Aonde você vai se sentar? Você nunca me disse. Você vai ficar na frente junto com a sua mãe?

— Onde você quer que eu sente? — Ele deu seu sorriso travesso.

— Onde deve se sentar. — Sacudi a cabeça irritada.

— Agora você está mesmo parecendo uma rainha.

— Alex? Você está estranho. — Levantei a mão e toquei seu rosto.

— Você está bem? Também está nervoso?

— Um pouco. — Ele balançou a cabeça.

— Você só tem que sentar lá. — Eu ri.

— Eu sei, mas quero me sentar com a sua família. — Ele olhou para mim e meu coração parou de bater. Será que ele estava dizendo o que achei que estava dizendo? Ele queria fazer parte da minha família?

— Eles são bastante rígidos com relação a isso. — Mordi meu lábio. — Ocasões muito formais, como esta, têm protocolo.

— Eu sei. — Sem tirar os olhos de mim, Alex ajoelhou-se à minha frente. Meu coração batia tão rapidamente que achei que fosse pular do meu peito. Era um pouco humilhante, mas emocionante vê-lo ali, ajoelhado, olhando para mim. Ele colocou a mão no bolso e tirou uma caixa. Quando abriu a caixa, achei que eu fosse desmaiar, mas não sabia como me levantaria do chão usando aquele vestido, por isso me controlei para ficar em pé.

— Você quer se sentar com a minha família. — Minha respiração estava tão acelerada que comecei a me sentir zozza. Eu sabia que

Alex me amava, que ele via um futuro em nós, mas eu nunca havia pensado que ele me pediria em casamento naquele dia.

— Samantha Ellen Frances, Duquesa de Rousseau, você quer ser minha esposa e rainha? — Seus olhos azuis me fitavam. Amor e devoção brilhavam neles.

— Sim. — Minha voz travou. — Sim, eu quero.

Ele colocou o anel em meu dedo antes de se levantar e me abraçar. Eu o beijei como se não tivesse ninguém em volta. Não me importava quem estava nos vendo ou o que os tabloides publicariam depois. Aquele era o momento mais feliz da minha vida e eu iria vivê-lo.



# Epílogo

## *Os convidados do casamento real*

— MINNESOTA REPORTS

**Horas de conversa fiada**, aperto de mão e inauguração de placas estavam começando a me incomodar. Eu estava mexendo no guardanapo que peguei com um dos garçons que circulavam quando Alex conseguiu cruzar o salão e vir ao meu encontro.

Eu estava melhorando nestes tipos de eventos, mas, quando eles eram tão grandes como aquele, era difícil não me sentir sobrecarregada. Felizmente, Chadwick estava sempre por perto e eu podia contar com ele para me tirar de conversas com estranhos extremamente entusiasmados. Alex também exercia o papel de estar sempre ao meu lado quando podia me ajudar. Infelizmente, era bem comum nos separarmos para socializarmos pelo salão. E aquelas eram as pessoas que faziam doações para o FBT.

— Você parece impaciente — Alex falou no meu ouvido. — Está pronta para me levar de volta para o hotel?

— Estes sapatos estão me matando. — Mesmo eu estando de salto, ele ainda era um pouco mais alto que eu. — E já são quatro da manhã no nosso fuso horário.

— Então não pretende me atacar quando voltarmos para o quarto?

— Eu não sei. Conseguimos sair daqui rapidinho? — Levantei uma sobrancelha.

— Me dê cinco minutos e eu tiro este vestido de você. — Ele colocou a mão em minhas costas e me levou até a saída. Eu sorri, lembrando-me do quanto me divertia quando ele fazia isso, e agora de como me sentia especial. Ele abaixou a cabeça até meu ouvido mais uma vez. — Já disse o quanto gosto deste vestido? — Seus dedos acariciaram o tecido e eu me arrepiei. Mesmo agora, depois de todo esse tempo, eu não conseguia resistir à atração que sentia por ele.

— Só não rasgue este vestido. Eu também gosto dele. — Olhei para ele e mordi o lábio tentando não sorrir. — Ainda estou brava pelo que fez com o vestido preto.

— Hum, aquilo foi um incidente infeliz. — Seus olhos percorreram meu corpo.

Quando nos aproximamos da porta, Chadwick saiu na frente para buscar o carro enquanto nos despedíamos do prefeito.

Quando o carro estacionou perto do tapete, Chadwick fez um sinal com a cabeça para que eu soubesse que aquele era o nosso carro. Alex e eu nos movimentamos para sair, sorrindo para as câmeras que se alinhavam depois dos cordões de isolamento. Consegui tropeçar um pouco em todo aquele tecido em volta das minhas pernas, mas Alex me segurou antes que eu caísse. Eu ri da minha falta de jeito e acenei de leve para os câmeras enquanto tiravam fotos. Mesmo que eles me incomodassem muito, eu havia aprendido bastante a lidar com eles desde a morte de meu pai. Duvall abriu a porta enquanto Alex me ajudou a entrar, e eu lutei com as saias para que não se enroscassem debaixo dos sapatos.

Quando Alex entrou no carro, apertei os olhos para ele.

— Quando concordei com a sua aposta, naquela ocasião, eu não fazia a menor ideia de que era assim que você esperava que eu



passasse a minha semana de trabalho voluntário para a FBT.

— Eu sei. — Alex recostou no banco do carro e levou minha mão até sua boca. — Mas eu tinha um plano.

— Ah, como o seu plano brilhante para fazer com que eu me apaixonasse por você? Ficar no meu pé até eu não ter mais escolha? — Eu ri.

— Exatamente. Eu levaria você a todos estes eventos como minha acompanhante. — Ele me puxou para perto enquanto o carro percorria as ruas de Nova York. — Eu ia ficar no seu pé até você não conseguir mais fugir. Você não teria escolha a não ser sucumbir ao meu charme.

— O seu ego é um monstro assustador. Deveria ter um nome. Podíamos chamá-lo de algo parecido com Darth Gostosinho. — Ele suspirou para mim enquanto eu me aconchegava em seus braços. — Achei que eu ajudaria com os pássaros. Na verdade, estava ansiosa por fazer isso. Quando é que você começou com esses seus planos mirabolantes?

— Logo que percebi o quanto você era teimosa.

— Então, logo no início?

— Sim, bem no início. — Ele riu. — Você está preparada para o casamento?

— Argh. Não me lembre disso. — Estremeci. — O vestido, as flores, as fotos. Vai ser uma tortura. Tenho tanta coisa para fazer e tanta coisa para administrar!

— Ah, para com isso. Você estará linda. — Ele beijou minha testa. — E eu estarei lá.

— Sim, você estará lá. — Olhei para ele. — Rindo de mim e da monstruosidade marrom, o vestido que Jess escolheu para mim.

— Cathy acha que Jess perdeu sua verdadeira vocação pela moda.

— Também acho. — Franzi a testa. — Aquelas duas pareciam um monstro de duas cabeças quando saímos para escolher o vestido de noiva da Jess.

— Pense nisso como um ensaio. — Ele passou o dedo no anel que estava na minha mão esquerda. Eu sempre ficava arrepiada quando ele fazia aquilo, sabendo que logo aquele seria o meu futuro. Saber que ele *queria* fazer parte do meu futuro.

— Eu gostaria que fosse. Sua mãe e sua irmã enlouqueceram. Você viu o que elas querem que eu vista? — Estremeci ao pensar na cauda de dezesseis metros e nas mangas de renda. O vestido devia pesar uns cento e cinquenta quilos.

— Não posso ver os desenhos, lembra? — Ele beijou minha testa. — Parece que você tem a sua própria opinião. Cathy estava falando sobre flores e fitas na semana passada. Ela está horrorizada com sua falta de preocupação com o tecido.

— Nem comece a falar em fitas. — Que maneira imbecil de se gastar dinheiro. Quer dizer, o que vamos fazer com tanta fita depois? Tecnicamente, a rainha ia pagar por uma grande parte da conta, mas eu não ligo. — E ainda estão usando toda aquela história da igreja contra mim. — Usei toda a minha influência para insistir que eu queria me casar ao ar livre. — Nós deveríamos ter fugido.

— O casamento precisa ser do jeito que você quiser também. — Ele levantou meu rosto para que eu olhasse em seus olhos. — Afinal, nossos títulos não importam, o casamento é nosso. De ninguém mais. Poderíamos fugir para Las Vegas neste minuto, se for isso o que você quer fazer.

— Eu sei. — Pressionei meus lábios e suspirei. Eu amava aquele homem. Eu o amava mais do que achei que seria possível. Ele havia se tornado a parte estável do meu universo, parte da minha família. — Mas a sua mãe vai me decapitar.

— Eu não deixaria. — Ele inclinou a cabeça para me beijar e me virei para que pudesse passar a mão no cabelo dele. Respirei seu cheiro e senti seu gosto, sabendo que ele era meu como se fosse meu afrodisíaco. O telefone dele tocou e ele franziu a testa ao atender. Tirou o telefone do bolso do paletó e desligou-o sem olhar, com os olhos focados nos meus.

— Quem era? — Suspirei, tentando não ficar frustrada.

— Eu não sei. — Ele esticou as pernas e eu me aproximei ainda mais. — Não quero saber.

— Mas deve ser importante. — Levantei meu rosto para beijar seu queixo. Ele nunca ignorava um assunto importante, mas tentávamos manter mais ou menos o horário comercial, sempre que possível. Senão, ficaríamos loucos tentando lidar com tudo.

— A única coisa importante neste momento é o que eu estou pretendendo fazer com você hoje à noite. — Ele virou a cabeça para capturar minha boca em um beijo lento e provocante.

Quando me encostei para passar as mãos debaixo do paletó, sorri para ele.

— Precisamos acordar cedo para irmos para Minnesota. Jess vai me matar se eu chegar atrasada.

— Isso pode ser um problema. — Ele colocou a mão atrás do meu pescoço e passou seus lábios no ponto sensível atrás minha orelha. — Porque não pretendo deixar você dormir muito.

— Hum. Acho que consigo lidar com isso. — Eu me inclinei para beijá-lo, mas o carro parou e percebi que havíamos chegado ao hotel. — Você consegue se comportar até chegarmos ao quarto?

Seus olhos rastrearam meu rosto até chegar no decote.

— Consigo me comportar até o elevador, mas não prometo nada depois disso.

Senti meus lábios esboçarem um sorriso.

— Gosto quando você fica assanhado, Príncipe Gostosinho.

— Segure a sua tiara, Duquesa.



# Agradecimentos

*Entra o comercial durante discurso de agradecimento.*

— WRITER QUIRKS

**De Repente** é uma história que está em minha cabeça há anos. Sem a ajuda de algumas pessoas incríveis, não sei se teria conseguido fazer justiça ao livro. Em primeiro lugar preciso agradecer à minha família. Meu marido e minha filha são extremamente pacientes enquanto me perco em meus pensamentos. Minha irmã, que sempre apoiou as ideias aleatórias que surgem em minha imaginação. Ela também me explicou pacientemente sobre a anatomia das aves e falcoaria. Não tenho sorte de ter alguém tão esperta ao meu lado?

Um enorme obrigado a Sarah Ross, por sempre estar disposta a ler os meus projetos. Ela me dá conselhos espetaculares e parece sempre entender o que eu quero dizer com a história. Outro grande obrigado a Erika por tentar responder todas as minhas questões sobre as realezas. Um superobrigado a Elizabeth Hunter, Liz Reinhardt e Steph Campbell por lerem o que eu havia escrito e por me trazerem de volta à Terra, porque todo autor vive momentos de grande loucura enquanto escreve. Um grande obrigado a Heather Self por ler *De Repente* e por sempre acreditar em meus livros (um superobrigado por seus olhos penetrantes também). Obrigada a

Angie Stanton por ser minha colega real. Também preciso agradecer Killian McRae por ser tão motivadora ao meu grupo de escritores — amo vocês, pessoal! Obrigada por sempre me ouvirem e oferecerem ajuda. Preciso agradecer Autumn, da *Autumn Review* por ajudar a divulgar os meus livros. Mandy, da *I Read Indie*, sempre maravilhosa. Ela foi uma das primeiras pessoas a dedicar um tempo para ler meus livros e serei sempre grata a ela. Globug e Hootie: obrigada por todo o apoio e por me fazerem rir! Seus comentários sempre me fazem sorrir.

Um grande obrigado à minha editora Anne. Não sei como consegui convencê-la a trabalhar comigo, mas estou muito feliz por tê-la ao meu lado. Quaisquer erros que encontrem neste livro são meus, e somente meus. Anne é uma excelente editora e às vezes pareço um elefante em uma loja de cristais depois de receber seus comentários de volta.

Também preciso agradecer minha adorável publicista, KP Simmon da Inkslinger PR, por acreditar neste trabalho. Sua fé em minha história tem um grande significado.

Obrigada a todos que dedicaram tempo para ler meus livros. Eu trabalho duro para lhes trazer a melhor história possível e fico emocionada com a quantidade de apoio que meus leitores demonstram. Obrigada a cada um de vocês.



## Sobre a autora

**Nichole Chase** é uma sonhadora.

De verdade, basta perguntar a qualquer um dos professores de matemática que tiveram o infortúnio de ter seu nome em sua lista de chamada. Há anos ela tem histórias e personagens implorando sua atenção, mas, decididamente, ela os deixou de lado para se concentrar em trabalhos mais normais (leia-se chatos).

Bom, não mais! Hoje ela está dando ouvidos às vozes que martelavam em sua cabeça e está escrevendo suas histórias uma atrás da outra. Nos últimos dois anos, ela escreveu *Dark Betrayal Trilogy*, *Flukes* e *De Repente*.

Nichole mora na Georgia do Sul com seu marido, filha levada, cão leal e dois gatos. Quando não está devorando romances, talvez você a encontre escrevendo, pintando, fazendo artesanato ou correndo atrás da filha em volta da casa, fazendo barulhos de monstros.

Se quiser saber mais sobre Nichole e seus projetos, confira seu website. Você também pode assinar a newsletter de Nichole para ser avisado sobre novos lançamentos.

[WWW.NICHOLECHASE.COM](http://WWW.NICHOLECHASE.COM)

[WWW.NICHOLECHASE.BLOGSPOT.COM](http://WWW.NICHOLECHASE.BLOGSPOT.COM)

INFORMAÇÕES SOBRE NOSSAS PUBLICAÇÕES  
E ÚLTIMOS LANÇAMENTOS

[www.editorapandorga.com.br](http://www.editorapandorga.com.br)

